

Motivações, Barreiras e Desafios para o Empreendedorismo Desportivo: O Género Fará a Diferença?

Carla Daniela Moreira da Costa

Tese para obtenção do Grau de Doutor em
Ciências do Desporto
(3^o ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Dina Alexandra Marques Miragaia

Março 2024



Motivações, Barreiras e Desafios para o Empreendedorismo Desportivo: O Género Fará a Diferença?

Carla Daniela Moreira da Costa

Tese para obtenção do Grau de Doutor em
Ciências do Desporto
(3^o ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Dina Alexandra Marques Miragaia

Provas de Doutoramento: 7 de março de 2024

Júri:

Presidente:

Professor Doutor Joaquim Mateus Paulo Serra

Vogais:

Professor Doutor José Jacinto Branco Vasconcelos Raposo

Professor Doutor Daniel Almeida Marinho

Professora Doutora Vera Marisa Dias Pedragosa

Professora Doutora Maria José Carvalho de Almeida

Professora Doutora Dina Alexandra Marques Miragaia

Março 2024

Declaração de Integridade

Eu, Carla Daniela Moreira da Costa, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição D2562 do curso de Ciências do Desporto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 19 /03 /2024

Dedicatória

Ao meu noivo, por estar sempre do meu lado, pelo apoio, pela compreensão, pela paciência e pelas palavras de incentivo e carinho, essencialmente nos momentos em que mais preciso. Foste e és quem mais sofre com os meus desânimos, mas também quem me ampara nos meus declínios!

Aos meus pais, que são os meus Pilares, por me ensinarem o valor do trabalho e da luta, por criarem todas as condições para que eu pudesse concretizar este grande objetivo e por sempre acreditarem em mim.

Ao meu irmão, cunhada, afilhado e sobrinha pelo companheirismo familiar sempre presente. A base familiar é imprescindível para estarmos bem e conseguirmos o sucesso. Só assim somos genuinamente felizes!

Aos meus avós, pela linda família que me proporcionaram, eles é que são os verdadeiros alicerces da nossa família. Sem eles e sem os ensinamentos deles, não teria chegado até aqui.

Agradecimentos

No decorrer desta tese de doutoramento, devo um agradecimento muito grande a todas as pessoas que contribuíram para a realização da mesma, seja pelos ensinamentos, pelo apoio, pelo companheirismo e acima de tudo pelo amor que recebo de todos aqueles que me são próximos.

Em primeiro lugar, queria agradecer à minha querida Professora Doutora Dina Miragaia, por todos os ensinamentos e acima de tudo pelo companheirismo. Não é novidade para si, porque já fiz questão de o dizer, mas queria voltar a salientar que para mim, obter o grau de doutora só faria sentido se a tivesse a si como orientadora! Você foi a grande impulsionadora para eu ter começado este percurso, bem como para terminá-lo. O doutoramento é um ato de empreender, mais do que termos os conhecimentos científicos, é necessário termos uma diversidade de competências para dar resposta a todos os desafios que vão surgindo. E por isso, muito obrigada por ter estado sempre tão presente neste percurso, por ser tão compreensiva, pela sua dedicação fosse a que horas fosse, por me ajudar tanto, ensinar tanto e por nunca largar mão de me ajudar a concretizar este sonho!

Queria também deixar uma palavra de agradecimento ao Professor Doutor Pedro Mota Veiga pela colaboração e ajuda num dos capítulos desta tese. Obrigada pelo profissionalismo e pela disponibilidade em estar presente sempre que precisei!

Agradeço-te imenso a ti, Zé Mário pela compreensão, por acreditares sempre em mim e nas minhas capacidades (até mesmo quando eu duvidava) e por me elevares até ao topo da montanha quando eu desmoronava! Sem ti nada disto seria possível. Só nós sabemos a ginástica que tivemos de fazer em termos familiares para que eu pudesse terminar este objetivo. Mas como nós bem sabemos e acreditamos, tudo irá valer a pena! Obrigada por tudo, meu amor!

Aos meus familiares, aos meus pais, irmão, cunhada, afilhado, sobrinha e avós... um grande obrigada a todos vocês que nunca mediram esforços para me puderem ajudar. Obrigada por estarem sempre presentes para mim! Agradeço-vos por tudo o que sou hoje e pelos valores transmitidos. Sem vocês, nada sou!

Publicações e Comunicações

No decorrer da elaboração da presente tese de doutoramento, resultaram as seguintes publicações científicas:

- **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M. (2024) Implementation of actions by higher education institutions to stimulate sport entrepreneurship. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education. Sport & Tourism Education*, 34, 100485. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2024.100485> (JCR Impact Factor: 3.7)
- **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M., & Veiga, P. M. (2023). Entrepreneurial intention of sports students in the higher education context - Can gender make a difference? *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 32, 100433. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2023.100433>. (JCR Impact Factor: 3.7)
- **da Costa, C. D. M.**, & Miragaia, D. A. M. (2022). A systematic review of women's entrepreneurship in the sports industry: has anything changed? *Gender in Management: An International Journal*, 37(8). <https://doi.org/10.1108/GM-04-2021-0101>. (JCR Impact Factor: 3.7)

Além disso, foram realizadas as seguintes comunicações:

- **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M. “Ações Estratégicas Implementadas pelas Instituições de Ensino Superior para o Estímulo ao Empreendedorismo Desportivo”. Trabalho apresentado em XXXIII Jornadas Hispanolusas de Gestão Científica, Ceuta, Portugal, 2024.
- **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M. “Ações Estratégicas Implementadas pelas Instituições de Ensino Superior para o Estímulo ao Empreendedorismo Desportivo” Trabalho apresentado em IV Congresso Ibérico – XXIV Congresso Nacional de Gestão do Desporto: Governança na Gestão do Desporto: Inovação e Boas Práticas – Associação Portuguesa de Gestão do Desporto (APOGESD), Póvoa de Varzim, Portugal, 2023.

- **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M & Veiga, P. M. “Intenção Empreendedora de Estudantes de Desporto em Contexto de Ensino Superior – O Género Fará Diferença?”. Trabalho apresentado em XXXII Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica, Aveiro, Portugal, 2023.
- **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M. “Barreiras ao Empreendedorismo Feminino no Contexto Desportivo: Será que ainda existem?”. Trabalho apresentado em XXIII Congresso Nacional de Gestão do Desporto: "Lei de Bases e a Gestão do Desporto: 15 anos depois"– Associação Portuguesa de Gestão do Desporto (APOGESD), Leiria, Portugal, 2022.
- **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M. “Empreendedorismo Feminino no Contexto das Organizações Desportivas: Uma Abordagem de Género”. Trabalho apresentado em IV Congresso Ibérico - XXI Congresso Nacional de Gestão do Desporto: Tendências da Gestão do Desporto nos setores Público, Privado e Social – Associação Portuguesa de Gestão do Desporto (APOGESD), Póvoa de Varzim, Portugal, 2020.
- **da Costa, C. D. M.**, Participação no concurso “3 MINUTOS, 1 SLIDE, A TUA TESE”, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 26 de novembro de 2020.
- **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M. "Mulheres Executivas e Empreendedoras: Desafios da sua integração no contexto das Organizações Desportivas". Trabalho apresentado em XXX Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica "cooperação transfronteiriça: desenvolvimento e coesão territorial", Bragança, Portugal, 2020.

Fruto deste trabalho, tivemos a honra de receber os seguintes prémios:

- *Best Paper Award* na categoria de Gestão do Desporto, atribuído ao artigo “Ações Estratégicas Implementadas pelas Instituições de Ensino Superior para o Estímulo ao Empreendedorismo Desportivo” **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M. XXXIII Jornadas Hispanolusas de Gestão Científica, Ceuta, Portugal, 2024.
- *Best Paper Award* na categoria de Gestão do Desporto, atribuído ao artigo “Intenção Empreendedora de Estudantes de Desporto em Contexto de Ensino

Superior – O Género Fará Diferença?”, da **Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M. & Veiga, P. M., XXXII Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica, Aveiro, Portugal, 2023.

- 2º lugar no âmbito dos Prémios de “Investigação sobre a Juventude AEJ 2022” promovidos pelo Instituto Português da Juventude e Desporto (IPDJ), atribuído ao artigo: “*Estudantes Universitários de Desporto e a sua predisposição para a intenção empreendedora: Uma abordagem sobre a equidade de género*”, **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M. & Veiga, P. M., Guimarães, Portugal, 2023.
- Menção Honrosa na categoria Economia, Direito e Gestão do Desporto, no âmbito dos Prémios Ciências do Desporto 2021 atribuídos pelo Comité Olímpico de Portugal & Fundação Millennium BCP, Portugal), atribuída ao estudo “*Empreendedorismo feminino na Indústria do Desporto: realidade ou utopia?*”, **da Costa, C. D. M.**, Miragaia, D. A. M., Coimbra, Portugal.

Resumo

A equidade de género em contextos de natureza organizacional tem sido um tema mundialmente debatido em várias áreas, onde o contexto desportivo não é exceção. Esta realidade é ainda muito expressiva, nomeadamente em circunstâncias onde as mulheres decidem desenvolver iniciativas de natureza empreendedora. Deste modo, as barreiras que estas ainda enfrentam para conseguir empreender é uma realidade que importa resolver. Por essa razão, é fundamental continuar a estudar este fenómeno no contexto desportivo, particularmente no âmbito do empreendedorismo feminino. A literatura tem indicado que a educação para o empreendedorismo pode ter um impacto muito positivo na intenção empreendedora dos estudantes, pelo que é interessante perceber qual a intenção empreendedora dos estudantes dos cursos de desporto. Por outro lado, é também essencial perceber se as Instituições de Ensino Superior demonstram preocupação em promover o empreendedorismo desportivo, em particular o empreendedorismo feminino, com vista a identificar se estas procuram encontrar formas de atenuar as barreiras que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho. Deste modo, neste estudo procurou dar-se resposta às questões levantadas anteriormente, tendo-se percebido que a literatura sobre empreendedorismo feminino no contexto desportivo é escassa. Além disso, foram identificadas barreiras que se podem sistematizar em três níveis, são eles: nível macro, nível meso e nível micro. No caso das barreiras de nível macro que englobam questões como as expectativas sociais, barreiras burocráticas, práticas institucionais, nomeadamente o pensamento negativo e falta de credibilidade por se tratar de uma mulher, foi possível verificar que estas são extremamente complexas de quebrar, uma vez que do ponto de vista social as responsabilidades familiares recaem fundamentalmente sobre as mulheres, dificultando a disponibilidade para estas empreenderem. No que diz respeito às barreiras de nível meso, onde são incluídos nomeadamente os estereótipos, a cultura organizacional, questões de discriminação, menor capacidade financeira ao ponto de afetar a viabilidade de pedidos de empréstimos, apurou-se que ainda existe dificuldade em dar credibilidades às mulheres empreendedoras, seja em relação aos colegas de trabalho, patrocinadores, fornecedores, mas também no que diz respeito às entidades bancárias. Por fim, quanto ao nível micro, onde estão incluídas barreiras que resultam da forma como as mulheres compreendem e valorizam as suas experiências e expectativas do ponto de vista organizacional, a forma como entendem as dinâmicas de poder, de políticas e de procedimentos no contexto organizacional, a falta de habilidades de gestão, menor nível educacional e o excesso de responsabilidades familiares, verificou-se que a educação para o empreendedorismo pode ser fundamental para empoderar as mulheres. Perante as

barreiras identificadas e seguindo as orientações da literatura que apontam que a formação em contexto de ensino superior pode atuar como uma alavanca fundamental para o estímulo do empreendedorismo feminino, procurou estudar-se qual a intenção empreendedora dos estudantes de ensino superior da área do desporto. Os resultados indicaram que os estudantes têm confiança quanto às suas capacidades e competências empreendedoras e estão dispostos a assumir riscos, contudo dizem não ter conhecimento sobre quais os procedimentos práticos a seguir para a implementação de um negócio. Quando analisada a intenção empreendedora de acordo com o género, apurou-se que os estudantes do género masculino demonstram um maior interesse em empreender, mais confiança nas suas habilidades e competências empreendedoras, comparativamente com as mulheres. Por sua vez, do ponto de vista das Instituições de Ensino Superior, foi possível verificar que algumas delas têm vindo a demonstrar preocupação em aplicar estratégias de estímulo ao empreendedorismo desportivo, no entanto, quando o fazem é de forma aleatória. Desta forma, surge a necessidade de adotar diferentes ações estratégicas como a inclusão de unidades curriculares específicas, atividades extracurriculares, disponibilização de um gabinete dedicado ao empreendedorismo, no sentido de promover o empreendedorismo desportivo, e em particular o empreendedorismo feminino. Estes resultados poderão dar suporte ao desenvolvimento de políticas que permitam auxiliar na problemática da equidade de género, bem como incentivar mulheres para desenvolver iniciativas de empreendedorismo desportivo. Além disso, este estudo sugere uma readaptação do método de ensino-aprendizagem no contexto de ensino superior na área do desporto, de modo a adotar práticas pedagógicas mais diversificadas, abrangentes e mais próximas do contexto real do mercado de trabalho. Deste modo, o presente trabalho de investigação contribui para a criação de estratégias de intervenção mais claras e objetivas por parte dos diversos *stakeholders*, para que se possa alcançar uma cultura mais empreendedora, seja nas Instituições de Ensino Superior, como nas organizações e na sociedade em geral. Além disso, são dadas algumas sugestões para que a carreira empreendedora seja vista de igual modo, independentemente do género de quem exerce essa função. Por último, sugere-se que o próprio governo continue a desenvolver mecanismos que permitam o desenvolvimento de uma cultura mais empreendedora e equitativa.

Palavras-chave

Feminino; Género; Mulheres; Desporto; Empreendedorismo; Empreendedorismo Desportivo; Empreendedorismo Feminino; Intenção Empreendedora; Barreiras; Organizações Desportivas; Equidade de género; Discriminação; Programas; Ensino Superior; Educação; Carreiras Profissionais.

Abstract

Gender equality in organisational contexts has been debated worldwide in various areas, including the sports context. This is still relevant, particularly when women decide to develop entrepreneurial initiatives. It is important to break down the barriers still faced in entrepreneurship and to continue studying the phenomenon in sport, particularly regarding female entrepreneurship. The literature indicates that entrepreneurship education can have a very positive impact on students' entrepreneurial intention, and so it is interesting to find out the entrepreneurial intention of students on sports courses. It is also essential to understand whether Higher Education Institutions are concerned about promoting sport entrepreneurship, particularly female entrepreneurship, identifying whether they seek ways to lower the barriers faced by women in the labour market. This study aims to answer these questions, finding that the literature on female entrepreneurship in the sport context is scarce. The barriers identified can be systematized in three levels: macro, meso and micro. Barriers at the macro level include social expectations, bureaucratic barriers, institutional practices, and particularly the negative thought and lack of credibility due to being a woman. It was found that these are extremely difficult to break down, since from the social point of view, family responsibilities fall fundamentally on women, making it difficult for them to run a business. As for barriers at the meso level, including stereotypes, organisational culture, discrimination and lower financial capacity affecting the viability of requesting loans, there is still the difficulty of entrepreneurial women's credibility, in relation to work colleagues, sponsors, suppliers and banking entities. Finally, at the micro level, including barriers resulting from how women understand and value their experiences and expectations from the organisational point of view, how they understand power, political and procedural dynamics in the organisational context, the lack of management skills, lower level of education and an excess of family responsibilities, entrepreneurship education may be fundamental for women's empowerment. Given the barriers identified and following the indications in the literature that training in higher education can act as a fundamental lever in stimulating female entrepreneurship, the aim was to study the entrepreneurial intention of higher education students in the area of sport. The results indicate that students are confident in their entrepreneurial abilities and skills and are prepared to take risks, but say they lack knowledge of the practical procedures to follow in setting up a business. Analysis of entrepreneurial intention according to gender revealed that males show greater interest in being an entrepreneur, greater confidence in their entrepreneurial skills and competences than females. As for Higher Education Institutions, some of them were found to show concern about applying strategies to

stimulate entrepreneurship in sport, but they do so randomly. It is therefore necessary to adopt different strategic actions such as including specific curricular units, extracurricular activities and a department devoted to entrepreneurship, in order to promote sport entrepreneurship, particularly among females. These results could support the development of policies to help in the question of gender equality, as well as encouraging women to develop entrepreneurial initiatives in sport. The study also suggests a re-adaptation of the teaching-learning method in the area of sport in higher education, in order to adopt more diversified, wide-ranging pedagogical practices that are closer to the real labour market. This research contributes to the creation of clearer, more objective intervention strategies by the various stakeholders, so as to achieve a more entrepreneurial culture in Higher Education Institutions, organisations and society in general. In addition, some suggestions are made so that the entrepreneurial career is seen in the same way, irrespective of the gender of the person performing that function. A final suggestion is that the government should continue to develop mechanisms that stimulate a more entrepreneurial and egalitarian culture.

Keywords

Female; Gender; Women; Sport; Entrepreneurship; Sport Entrepreneurship; Female Entrepreneurship; Entrepreneurial Intention; Barriers; Sport Organisations; Gender Equality; Discrimination; Programmes; Higher Education; Education; Professional Careers.

Índice

Dedicatória	vii
Agradecimentos	ix
Publicações e Comunicações	xi
Resumo	xv
Abstract.....	xix
Lista de Figuras	xxiii
Lista de Tabelas	xxv
Lista de Acrónimos	xxvii
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Revisão Sistemática: Empreendedorismo Feminino na Indústria do Desporto – Alguma Coisa Mudou?.....	7
1. Introdução.....	8
2. Metodologia	11
3. Resultados e Discussão.....	14
4. Implicações Práticas e Teóricas.....	32
5. Conclusões, limitações e futuras linhas de investigação	34
6. Referências Bibliográficas	37
Capítulo 3. Empreendedorismo Feminino no Contexto Desportivo: Barreiras Reais Numa Sociedade de Estereótipos!.....	45
1. Introdução.....	47
2. Enquadramento Teórico.....	52
3. Metodologia	57
4. Resultados e Discussão.....	61
5. Implicações Práticas e Recomendações	73
6. Conclusões, limitações e futuras linhas de investigação	75
7. Referências Bibliográficas	77
Capítulo 4. Intenção Empreendedora de Estudantes de Desporto em Contexto de Ensino Superior – O Género Fará Diferença?	85
1. Introdução.....	87
2. Enquadramento Teórico.....	89
3. Metodologia	94
4. Resultados	99
5. Discussão	104
6. Implicações Práticas e Recomendações	110
7. Conclusões, limitações e futuras linhas de investigação	112

8. Referências Bibliográficas.....	114
Capítulo 5. Ações Estratégicas Implementadas pelas Instituições de Ensino Superior para o Estímulo ao Empreendedorismo Desportivo.	119
1. Introdução	120
2. Enquadramento Teórico	121
3. Metodologia.....	124
4. Resultados	127
5. Discussão.....	134
6. Implicações Práticas e Recomendações	139
7. Conclusões, limitações e futuras linhas de investigação	140
8. Referências Bibliográficas.....	142
Capítulo 6. Considerações finais.....	147
7. Referências Bibliográficas Globais	151
Apêndices	169
Apêndice 1	171
Apêndice 2.....	179
Apêndice 3.....	185

Lista de Figuras

Capítulo 1

Figura 1. Modelo conceptual da tese.	4
--------------------------------------	---

Capítulo 2

Figura 1. Modelo PRISMA - Fluxograma do processo de seleção da amostra.	11
---	----

Figura 2. Número de artigos publicados por <i>clusters</i> .	18
--	----

Capítulo 3

Figura 1. Modelo de barreiras ao empreendedorismo feminino.	53
---	----

Capítulo 4

Figura 1. Modelo conceptual.	93
------------------------------	----

Figura 2. Estimativas estandardizadas dos coeficientes de trajetória.	104
---	-----

Lista de Tabelas

Capítulo 1

Tabela 1. Relação entre as questões de pesquisa e os objetivos propostos.	5
---	---

Capítulo 2

Tabela 1. Designação e conteúdo de cada cluster.	13
Tabela 2. Evolução dos artigos publicados por ano e por jornal.	14
Tabela 3. Artigos mais citados.	16
Tabela 4. Análise do tipo e abordagem de investigação utilizada.	20

Capítulo 3

Tabela 1. Caracterização da amostra.	58
Tabela 2. Questões referentes à motivação e às barreiras ao empreendedorismo feminino.	60
Tabela 3. Motivação para o empreendedorismo.	62
Tabela 4. Barreiras de nível macro.	63
Tabela 5. Barreiras de nível meso.	66
Tabela 6. Barreiras de nível micro.	69

Capítulo 4

Tabela 1. Caracterização da Amostra.	95
Tabela 2. Dimensões.	96
Tabela 3. Indicadores de validade do instrumento.	98
Tabela 4. Validade e confiabilidade do construto.	100
Tabela 5. Correlação entre os construtos (raiz quadrada da AVE na diagonal).	102
Tabela 6. Coeficientes Padronizados dos modelos.	103
Tabela 7. Diferenças entre modelos (Feminino – Masculino).	103

Capítulo 5

Tabela 1. Caracterização da amostra.	125
Tabela 2. Temas da Entrevista.	125
Tabela 3. Estímulo ao empreendedorismo desportivo.	127
Tabela 4. Estímulo ao empreendedorismo feminino no contexto desportivo.	132
Tabela 5. Impacto da formação na intenção empreendedora dos jovens universitários.	133

Lista de Acrónimos

APOGESD	Associação Portuguesa de Gestão de Desporto
CBI	<i>Career Barrier Inventory</i>
DGES	Direção Geral do Ensino Superior
UE	União Europeia
EIGE	Instituto Europeu para a Igualdade de Género
GEM	Monitor Global de Empreendedorismo
IPDJ	Instituto Português do Desporto e Juventude
ONGs	Organizações não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PRISMA	<i>Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses</i>
TEA	Taxa de Atividade Empreendedora
UC	Unidade Curricular

Capítulo 1. Introdução

Na atualidade não se vive de todo uma cultura empreendedora, sendo que o pouco empreendedorismo existente é visto como um fenómeno masculino (Agarwal, 2018; Agarwal & Agrawal, 2018; Chatterjee, 2019; Shastri, 2019; Tripathi & Singh, 2018; Wu, Li, & Zhang, 2019). Deste modo, de acordo com a literatura, verifica-se que independentemente do setor de atividade, o empreendedorismo está associado a uma figura masculina, traduzindo-se assim em taxas de empreendedorismo feminino muito baixas (Moreira, Marques, Braga, & Ratten, 2019; Rugina, 2019; Yadav & Unni, 2016).

Esta temática tem levado ao envolvimento de vários tipos de organismos, como são os casos da Organização das Nações Unidas (ONU), o Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE) e o Monitor Global de Empreendedorismo (GEM), no sentido de encontrarem soluções para esta problemática. Atualmente, o envolvimento de mulheres em iniciativas empreendedoras tem sido residual, implicando o desenvolvimento de diversos planos de ação. De acordo com o GEM (Bosma & Kelley, 2019), a desigualdade de género no que diz respeito à taxa de atividade empreendedora (TEA) ainda está bem presente nos dias de hoje, indicando que em muitos países da Europa a TEA das mulheres é de cerca de 5%.

No caso concreto de Portugal, onde foi aplicado o presente estudo, também se continua a verificar desigualdade de género no envolvimento em atividades empreendedoras. No que diz respeito à TEA, o género masculino continua em destaque com 16%, face ao género feminino com um valor de 9.9% (GEM, 2019). Por outro lado, no que diz respeito ao número de mulheres executivas a ocupar cargos superiores nas maiores empresas cotadas em bolsa, dados de 2021 indicam que apenas 16.3% trabalham a esse nível (PORDATA, 2021). Apesar de não serem conhecidos registos públicos sobre o número de mulheres empreendedoras no contexto desportivo, face ao valor global, não é expetável que esse número seja muito elevado. Contudo, em outros contextos desportivos é possível apurar a diferença de participação entre homens e mulheres, nomeadamente ao nível da prática de desporto federado, tendo-se verificado que em 2022, estavam inscritos nas Federações Desportivas Portuguesas 483 829 praticantes, dos quais 70.4% eram homens (INE, 2022).

Apesar dos esforços verificados pelos diferentes organismos a nível mundial, no sentido de encontrarem soluções para esta problemática, a realidade é que ainda se está muito aquém do que é o desejável (EIGE, 2020).

Apesar de a indústria do desporto ser considerada uma área atrativa do ponto de vista empreendedor, pelo impacto que tem ao nível social e pela sua polivalência de intervenção, desde a área da saúde, turismo, treino, mas também relativamente a equipamentos de treino, roupas desportivas e equipamentos laboratoriais de análise do rendimento desportivo (Cardella, Hernández-Sánchez, & Sánchez-García, 2021), ainda assim existe um longo caminho a percorrer. Por essa razão, a comunidade científica tem indicado que o género masculino assume o domínio, sendo que as mulheres enfrentam imensas barreiras quando pretendem empreender (Micelotta, Washington, & Docekalova, 2018; Turkmen, 2015).

Essas barreiras poderão estar presentes em diversas dimensões e afetar as mulheres das mais variadas formas (Burton & Leberman, 2017; Turkmen, 2015). Além disso, o *timing* de resolução poderá depender do nível de complexidade a que pertence cada barreira, bem como da relação existente com as barreiras de outros níveis. Posto isto, seria fundamental sistematizar as barreiras identificadas pelas mulheres do ponto de vista da iniciativa empreendedora e organizar uma estrutura multinível, com informação clara e objetiva de modo a auxiliar de forma mais pragmática a definição de estratégias de ação que possibilitem resolver/minimizar as barreiras em um determinado nível (Turkmen, 2015).

Posto isto, uma das formas de atenuar essas barreiras pode passar pela componente formativa. São vários os estudos que têm sugerido que a formação em ensino superior pode ter uma grande influência no estímulo e no aumento da intenção empreendedora, em particular melhorar os níveis de envolvimento do empreendedorismo feminino (Bretones & Radrikan, 2018; Gavurova, Belas, Kotaskova, & Cepel, 2018; Torres & Garcia, 2017).

No estímulo da intenção empreendedora dos estudantes, é necessário ter em conta que são muitas as variáveis que podem influenciar a intenção empreendedora, como a questão do género, família e contexto social (Bretones & Radrikan, 2018; Gavurova et al., 2018). Por sua vez, diversos estudos têm indicado que os estudantes do género masculino demonstram mais confiança quanto às suas capacidades empreendedoras, mais interesse e uma maior tendência para iniciarem os seus próprios negócios quando comparados com as estudantes mulheres (Gutiérrez, Pérez, & Galicia, 2018; Liñán, 2008; Ndofirepi, Dzansi, & Rambe, 2018; Torres & Garcia, 2017; Vlad, Toma, & Gavrutã, 2020; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015).

Deste modo, perante este tipo de comportamento as Instituições de Ensino Superior têm um papel basilar na dinâmica social e económica de qualquer país, bem como no processo de mudança de paradigma ao nível cultural das próximas gerações, nomeadamente em relação aos estereótipos profissionais para homens e mulheres (da Costa, Miragaia, & Veiga, 2023; González-Serrano, González-García, Carvalho, & Calabuig, 2021; Miragaia & Soares, 2017; Sauder, Mudrick, & DeLuca, 2018; Ullah & Skelton, 2016). Além disso, o ensino superior através dos seus currículos, programas educativos e práticas pedagógicas pode ser um catalisador de transferência de conhecimentos e de desenvolvimento de competências cruciais, no que diz respeito ao empreendedorismo desportivo, em particular o empreendedorismo feminino, uma vez que permite que as estudantes ganhem mais autonomia, autoconfiança e proatividade, auxiliando assim de forma inequívoca na promoção de uma cultura mais empreendedora e também mais equitativa (Almobaireek & Manolova, 2013; Bretones & Radrigan, 2018; Gutiérrez et al., 2018; Parris, Troilo, Bouchet, & Peachey, 2014; Renart Vicens, Vall-llosera Casanovas, Saurina Canals, & Serra, 2022).

Desta forma, as Instituições de Ensino Superior podem ter um impacto fundamental na carreira profissional dos seus estudantes, uma vez tratar-se de uma instituição marcante num momento da vida em que os alunos têm de tomar decisões importantes sobre as suas carreiras profissionais (da Costa et al., 2023).

No entanto, a literatura tem indicado que há uma necessidade de readaptar os currículos formativos no sentido de promover mais o empreendedorismo desportivo através de práticas pedagógicas mais ajustadas aos desafios dos mercados atuais (Eesley & Lee, 2021; Naqvi, Matriano, & Alimi, 2022), sensibilizando inclusivamente os docentes para a necessidade de utilizarem uma abordagem pedagógica mais compatível com as novas dinâmicas laborais (Cualheta & Abbad, 2021; Mei & Symaco, 2022).

Face ao exposto e tendo como foco de estudo o contexto desportivo, o **objetivo geral** deste trabalho é o de compreender as barreiras e as expectativas que as mulheres encontram do ponto de vista da iniciativa empreendedora. Importa ainda entender a intenção empreendedora dos estudantes de ensino superior após a conclusão da sua formação, bem como perceber de que forma as Instituições do Ensino Superior abordam este fenómeno nas suas ações estratégicas. Na Figura 1 é apresentado o modelo conceptual da tese, resultante da fundamentação teórica realizada e a partir da qual, em que foi possível definir os seguintes objetivos e questões de

pesquisa:

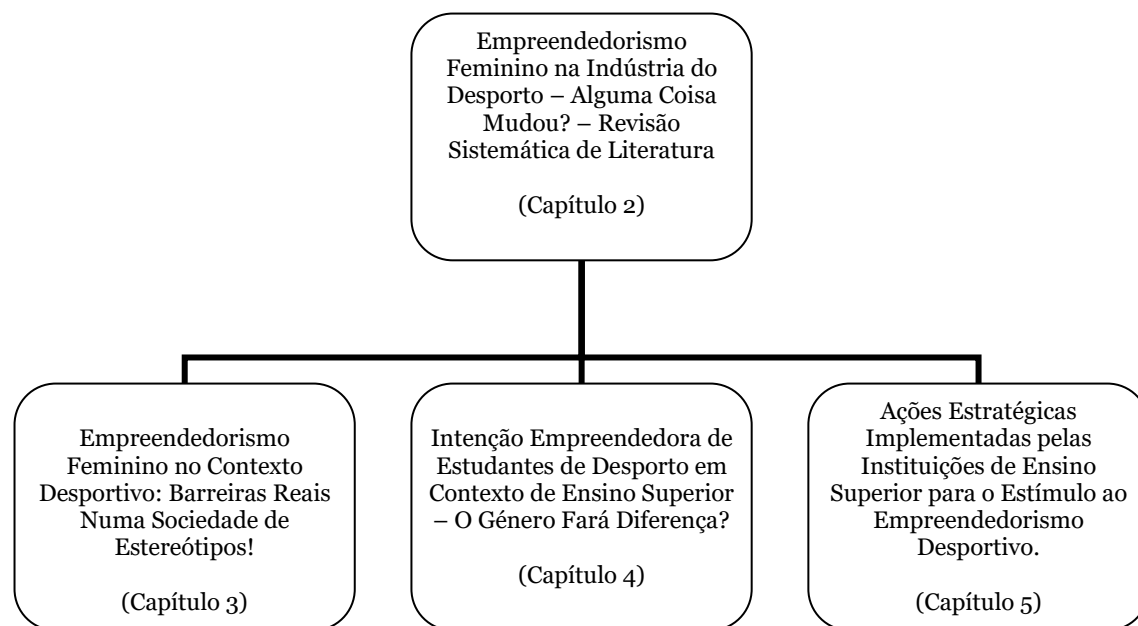


Figura 1. Modelo conceptual da tese.

Deste modo, o objetivo geral será decomposto em quatro estudos, sendo que a relação entre os objetivos propostos e as questões de pesquisa associadas podem ser visualizadas na Tabela 1.

Objetivo 1 - Elaborar uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de fazer um levantamento do estado da arte sobre o papel da mulher no âmbito das organizações desportivas, particularmente em relação à sua iniciativa empreendedora (Capítulo 2 - Revisão Sistemática: Empreendedorismo Feminino na Indústria do Desporto – Alguma Coisa Mudou?).

Objetivo 2 - Identificar e analisar as barreiras identificadas por mulheres envolvidas em iniciativas de empreendedorismo desportivo (Capítulo 3 - Empreendedorismo Feminino no Contexto Desportivo: Barreiras Reais Numa Sociedade de Estereótipos!).

Objetivo 3 - Analisar a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior no âmbito do desporto (Capítulo 4 - Intenção Empreendedora de Estudantes de Desporto em Contexto de Ensino Superior – O Género Fará Diferença?).

Objetivo 4 - Identificar e analisar as linhas de ação implementadas pelas Instituições de Ensino Superior sobre as questões de equidade de género, particularmente no âmbito do incentivo ao empreendedorismo desportivo (Capítulo 5 - Ações Estratégicas

Implementadas pelas Instituições de Ensino Superior para o Estímulo ao Empreendedorismo Desportivo).

Tabela 1. Relação entre as questões de pesquisa e os objetivos propostos.

	Capítulo 2	Capítulo 3	Capítulo 4	Capítulo 5
Objetivos	Elaborar uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de fazer um levantamento do estado da arte sobre o papel da mulher no âmbito das organizações desportivas, particularmente em relação à sua iniciativa empreendedora.	Identificar e analisar as barreiras identificadas por mulheres envolvidas em iniciativas de empreendedorismo desportivo.	Analisar a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior no âmbito do desporto.	Identificar e analisar as linhas de ação implementadas pelas Instituições de Ensino Superior sobre as questões de equidade de género, particularmente no âmbito do incentivo ao empreendedorismo desportivo.
Questões de Investigação	De que forma o empreendedorismo feminino, no contexto das organizações desportivas, tem sido investigado pela comunidade científica? Quais são os <i>clusters</i> temáticos desenvolvidos pela comunidade científica em torno do empreendedorismo feminino? Quais as tendências de investigação sugeridas pela comunidade científica, para cada um dos <i>clusters</i> temáticos identificados?	Quais as barreiras identificadas por mulheres envolvidas em iniciativas de empreendedorismo desportivo?	Qual o nível de intenção empreendedora dos estudantes de ensino superior da área do desporto? Será que a mesma difere de acordo com o género?	Quais as linhas de ação implementadas pelas Instituições de Ensino Superior no sentido de promover o empreendedorismo desportivo, em particular no género feminino?
Metodologia	Revisão sistemática.	Estudo Qualitativo: Entrevista semiestruturada.	Estudo Quantitativo: Questionário.	Estudo Qualitativo: Entrevista semiestruturada.
Amostra	19 artigos.	30 mulheres empreendedoras.	332 alunos de Licenciatura em Desporto (Portugueses).	21 coordenadores de Licenciatura da área do Desporto, integrados em Instituições de Ensino Superior Portuguesas (pública e privada).

Capítulo 2. Revisão Sistemática: Empreendedorismo Feminino na Indústria do Desporto – Alguma Coisa Mudou?

Resumo

A equidade de género no âmbito do empreendedorismo feminino tem sido um tema mundialmente debatido em várias áreas, onde o contexto desportivo não é exceção. Atualmente, são imensas as barreiras que as mulheres enfrentam para conseguir empreender. Deste modo, o objetivo deste estudo é o de fazer uma revisão sistemática da literatura, para analisar de que forma o empreendedorismo feminino no contexto das organizações desportivas tem sido investigado pela comunidade científica. Através das bases de dados Web Of Science e Scopus, foram obtidos 19 artigos, que se agruparam em quatro clusters temáticos: Formação & Empreendedorismo; Desporto & Desenvolvimento de Competências Empreendedoras; Barreiras ao Empreendedorismo; e Empreendedorismo Social. Os resultados indicam que apesar de todos os esforços que têm vindo a ser feitos, as barreiras ao empreendedorismo feminino ainda são muitas. Curiosamente, verificou-se que a prática de atividade física ajuda no desenvolvimento de competências e habilidades que poderão ser fundamentais na atitude empreendedora. Para além disso, foi possível verificar que o empreendedorismo social pode ser utilizado como forma de resolver algumas questões de equidade de género. Por sua vez, a formação em contexto de ensino superior, é apontada como uma alavanca fundamental para o estímulo do empreendedorismo feminino. Estes resultados poderão dar suporte ao desenvolvimento de políticas que permitam auxiliar na problemática da equidade de género e incentivar mulheres para as iniciativas de empreendedorismo desportivo.

Palavras-chave

Empreendedorismo; Empreendedorismo Feminino; Género; Feminino; Barreiras; Ensino Superior; Empreendedorismo Social; Desporto.

1. Introdução

Ao longo das últimas décadas a desigualdade e discriminação do género feminino tem sido um tema mundialmente debatido, no sentido de se encontrarem ferramentas estratégicas que permitam incentivar um maior envolvimento das mulheres, nomeadamente em alguns contextos de natureza empresarial/organizacional (Bosma & Kelley, 2019). Face ao exposto, é fundamental continuar a estudar o fenómeno da desigualdade de género do ponto de vista da iniciativa empreendedora.

De acordo com a literatura, o empreendedorismo tem sido entendido como um fenómeno masculino, reforçando assim a necessidade de se entenderem as razões associadas ao baixo número de mulheres empreendedoras (Agarwal, 2018; Agarwal & Agrawal, 2018; Chatterjee, 2019; Shastri, 2019; Tripathi & Singh, 2018; Wu et al., 2019). São vários os estudos que têm abordado a questão do empreendedorismo feminino, uma vez tratar-se de um tema que afeta transversalmente várias áreas do saber (Moreira et al., 2019; Rugina, 2019; Tripathi & Singh, 2018; Wu et al., 2019; Yadav & Unni, 2016).

Segundo Tripathi e Singh (2018), para as mulheres conseguirem ser empreendedoras de sucesso, a sociedade e os governos têm de fazer esforços em conjunto de modo a superar os obstáculos relacionados com o género, nomeadamente pela falta de motivação, dificuldade em conciliar a vida profissional e familiar, falta de experiência, falta de apoio financeiro, falta de conscientização da sociedade, e inclusivamente o medo de falhar. Deste modo e com vista a impulsionar o empreendedorismo feminino, torna-se fundamental continuar a identificar as barreiras que estas encontram, de modo atenuar esta discrepância. Nesse sentido, vários estudos têm aplicado o *Career Barrier Inventory* (CBI) com o objetivo de identificar as barreiras profissionais percebidas pelas mulheres e conseqüentemente, ajudar a definir as estratégias mais eficazes para resolver esse problema (Osituyo, 2018; Swanson, Daniels, & Tokar, 1996; Swanson & Tokar, 1991).

Face ao exposto, a literatura tem apontado que uma das formas de atenuar essas barreiras pode passar pela componente formativa das novas gerações. De acordo com Santos, Marques e Ferreira (2018), é essencial desenvolver habilidades empresariais desde cedo, principalmente no género feminino, propondo que esta aprendizagem seja desenvolvida desde o ensino básico. Deste modo, são vários os estudos que têm afirmado que as Instituições de Ensino Superior têm uma grande influência no

estímulo à atitude empreendedora (Behroozi, 2012; Bretones & Radrigan, 2018; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015), pois de acordo com Torres e Garcia (2017), quanto maior o grau de escolaridade, maior a taxa de empreendedorismo.

Contudo, também em estudos desenvolvidos com estudantes de ensino superior se tem verificado uma maior propensão dos homens para a atitude empreendedora, comparativamente com as mulheres. Várias as investigações têm indicado que os homens são mais confiantes e parecem ter uma maior tendência para iniciar negócios do que as mulheres (Bretones & Radrigan, 2018; Gavurova et al., 2018; Ndofirepi et al., 2018; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015). Na mesma linha de pensamento também Canizares e Garcia (2013), referem que as mulheres têm menos probabilidade de criar empresas, concluindo que apenas uma em cada cinco mulheres do ensino superior, considera a possibilidade de desenvolver uma ação empreendedora.

Deste modo, as Instituições de Ensino Superior têm um papel formativo muito importante no processo de equidade de género, nomeadamente pela sua missão de transferência de conhecimento e de ferramentas de trabalho, com vista a estimular a autoconfiança das mulheres, para que estas sintam um maior encorajamento para empreender (Bretones & Radrigan, 2018; Torres & Garcia, 2017; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015). Por essa razão, é necessário continuar a estudar de que forma as Instituições de Ensino Superior estão a incentivar o empreendedorismo feminino (Gavurova et al., 2018; Ndofirepi et al., 2018).

Face ao exposto, é possível verificar que a desigualdade de género no âmbito da iniciativa empreendedora é transversal a vários setores, onde o contexto desportivo não é exceção (Gonzalez-Serrano, González-García, & Moreno, 2019; V. Ratten & Miragaia, 2020). Apesar da área do desporto ser vista como um setor viável para jovens empreendedores, as mulheres continuam com mais dificuldades em criar empreendimentos, comparativamente com os homens (Micelotta et al., 2018; Turkmen, 2015).

Tal como em outros contextos, também a literatura no âmbito do desporto tem sugerido que uma das formas de minimizar as barreiras que as mulheres enfrentam no empreendedorismo, pode passar pela formação em contexto de ensino superior (Miragaia & Soares, 2017; Ullah & Skelton, 2016). Deste modo, a formação nas áreas do desporto deve ser analisada, uma vez que as Instituições de Ensino Superior têm uma função relevante nas mudanças culturais das próximas gerações, nomeadamente em

relação aos estereótipos profissionais para homens e mulheres (Miragaia & Soares, 2017; Sauder et al., 2018).

Face ao exposto, o objetivo do presente estudo é o de procurar responder a uma questão de investigação central:

Q1: De que forma o empreendedorismo feminino, no contexto das organizações desportivas, tem sido investigado pela comunidade científica?

De modo a sistematizar a compreensão sobre o objetivo central, este estudo procurará ainda dar resposta às seguintes questões:

Q2: Quais são os *clusters* temáticos desenvolvidos pela comunidade científica em torno do empreendedorismo feminino?

Q3: Quais as tendências de investigação sugeridas pela comunidade científica, para cada um dos *clusters* temáticos identificados?

2. Metodologia

O presente estudo foi estruturado tendo por base uma revisão sistemática e seguindo o protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-analyses - PRISMA* (Moher, Liberati, Tetzlaff, & Altman, 2009), sendo que através da Figura 1 é possível observar o processo de seleção da amostra.

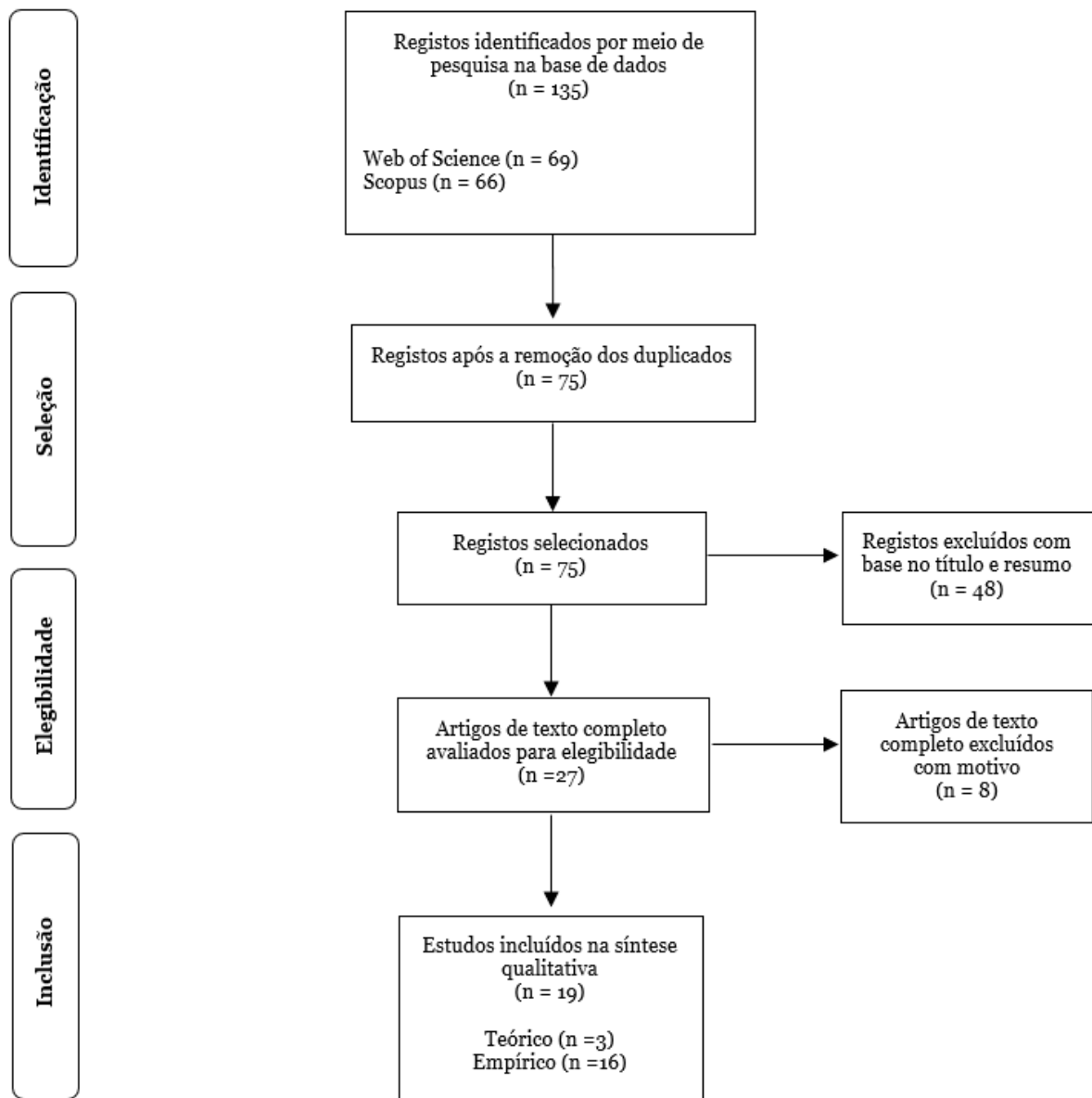


Figura 1. Modelo PRISMA - Fluxograma do processo de seleção da amostra.

2.1 Recolha de Dados

Numa primeira fase, foram feitas pesquisas nas bases de dados *Web of Science* e *Scopus*. Estas são duas bases de dados de grande referência na comunidade científica, pela indexação ISI e SCOPUS de cada uma das revistas associadas, sendo uma garantia

de rigor no processo de revisão de cada um dos estudos publicados. O processo foi iniciado nos dias 18 e 19 de março de 2021.

Foram vários os critérios de seleção utilizados, nomeadamente a equação da pesquisa formada pela combinação das seguintes palavras-chave: i) “*entrepreneur* AND woman AND sport**”; ii) “*entrepreneur* AND gender AND sport**”; iii) “*entrepreneur* AND female AND sport**”. Para além disso foram ainda considerados os seguintes requisitos: estudos publicados apenas em idioma inglês e classificados como artigo ou revisão. No caso da base de dados *Web of Science*, foi selecionada a opção *Web of Science Core Collection*. Em ambas as bases de dados e após a introdução das palavras-chave, seguiu-se a opção “tópico”, uma vez que permite que a base de dados procure as respetivas palavras-chave em três campos essenciais dos artigos (título, resumo e palavras-chave), aumentando assim a probabilidade de encontrar mais estudos sobre o tópico. Para identificar as citações de cada artigo, foi feita a pesquisa no Google Académico (20 de junho de 2023).

2.2 Identificação de *Clusters* e Análise de Dados

Com vista a selecionar os estudos, a partir de uma leitura do título e resumo de todos os artigos, fez-se uma análise de modo a manter apenas aqueles que se referissem a questões de empreendedorismo feminino no contexto do desporto. No que se refere aos artigos que suscitaram dúvidas em termos de inclusão, houve necessidade de fazer uma leitura mais aprofundada, tendo sido feita a leitura integral do documento.

No sentido de identificar quais os clusters temáticos desenvolvidos em torno do tema central (empreendedorismo feminino no contexto desportivo), cada investigador fez a leitura independente de cada um dos estudos. Deste modo, foi feita a leitura integral dos artigos e debatidos os resultados até se chegar a um consenso sobre os critérios para determinar a alocação de cada artigo a um determinado cluster. De modo a garantir a exclusividade, foi decidido que cada artigo poderia ser incluído unicamente em um cluster. Com base nessas diretrizes, quatro clusters temáticos foram identificados (Tabela 1), aos quais foi atribuída a seguinte designação: i) Formação & Empreendedorismo; ii) Desporto & Desenvolvimento de Competências Empreendedoras; iii) Barreiras ao Empreendedorismo; e ainda iv) Empreendedorismo Social.

Tabela 1. Designação e conteúdo de cada *cluster*.

Designação do <i>cluster</i>	Conteúdo
Formação & Empreendedorismo	Aborda questões relacionadas com as intenções e expectativas dos estudantes de ensino superior da área de desporto de se tornarem empreendedores. Inclui também estudos sobre a educação para o empreendedorismo e sobre a influência das Instituições de Ensino Superior no aumento do empreendedorismo feminino.
Desporto & Desenvolvimento de Competências Empreendedoras	Fala sobre o facto de as mulheres usarem a sua experiência enquanto atletas para desenvolverem a sua intenção empreendedora.
Barreiras ao Empreendedorismo	Aponta algumas das barreiras que as mulheres enfrentam para conseguirem empreender, nomeadamente questões de natureza cultural e dificuldades em obter apoios financeiros.
Empreendedorismo Social	Trata de organizações, que se envolveram na resolução de problema sociais, como por exemplo, a desigualdade de género. Este tipo de iniciativas permite que essas organizações criem valor social. Trata-se de uma abordagem de empreendedorismo considerado como um caminho viável a seguir na economia competitiva que se vive nos dias de hoje.

Posteriormente, após selecionados os artigos, foi elaborada uma tabela no Microsoft Excel onde se criou uma base de dados com os artigos selecionados, contemplando as seguintes variáveis: nome do jornal; ano; autores; título; resumo; tipo de manuscrito (teórico ou empírico); *clusters* temáticos; citações de cada um dos artigos; a tipologia de metodológica utilizada (quantitativa/qualitativa); e ainda a abordagem seguida (nomeadamente: questionário, etnografia, grupos focais, observação, entrevista, estudo de caso).

A partir dessa base de dados foram produzidos diversos *outputs* em forma de tabelas e figuras de modo a permitir analisar de forma mais objetiva a quantidade de publicações ao longo dos anos, os jornais que mais publicaram sobre o tema, o número de citações de cada artigo, os autores que mais publicaram, a percentagem de artigos teóricos e empíricos, as metodologias de investigação utilizadas, bem como a distribuição dos artigos por cada *cluster* temático. No que se refere aos *clusters* identificados, através de uma análise de conteúdo, foram ainda evidenciados os resultados de cada um dos respetivos estudos, bem como as pistas para futuros trabalhos de investigação sugeridas em cada um deles.

3. Resultados e Discussão

Após a análise de todos os dados, a amostra final resultou num total de 19 artigos, sendo que 16 deles são de natureza empírica, e 3 estudos seguiram uma abordagem teórica. Apesar da amostra não ser muito vasta, os resultados mostraram que a publicação de artigos científicos sobre esta temática foi aumentando progressivamente ao longo dos anos. Como pode ser visto através da Tabela 2, enquanto, entre 2000-2005 apenas foi publicado um artigo, verificou-se ainda que no período entre 2006-2010 não se registaram publicações, já entre os anos 2011-2015 foram publicados cinco artigos. Por fim, entre os anos 2016-2020 é possível verificar o registo de treze artigos.

No que se diz respeito aos jornais que publicaram estudos sobre esta temática, destacam-se o *International Entrepreneurship and Management Journal* e o *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, onde foi possível identificar o registo de 2 publicações, ao contrário dos restantes jornais onde foi identificada apenas 1 publicação durante o período em análise.

Tabela 2. Evolução dos artigos publicados por ano e por jornal.

Jornal	2000- 2005	2006- 2010	2011- 2015	2016- 2020	Total
International Entrepreneurship and Management Journal			1	1	2
Journal of Entrepreneurship and Public Policy				2	2
Advances in Environmental Biology			1		1
Anthropologist			1		1
Entrepreneurship Theory and Practice				1	1
European Sport Management Quarterly				1	1
Gender in Management				1	1
Gender, Place and Culture			1		1
International Journal of Advanced Science and Technology				1	1
International Journal of the History of Sport				1	1
International Review for the Sociology of Sport				1	1
International Review on Public and Nonprofit Marketing				1	1
Journal of Physical Education and Sport				1	1
Journal of Small Business and Entrepreneurship				1	1
Journal of Sport Management	1				1
Social Behavior and Personality				1	1
Sport Management Review			1		1
Total	1	0	5	13	19

No que se refere aos autores que mais publicaram sobre esta matéria, de um total de 55 autores que estudaram este tema, apenas três deles têm duas publicações, sendo que

esses três autores participaram nessas mesmas duas publicações (Grimaldi-Puyana, Gálvez-Ruiz, Sánchez-Oliver, & Fernández-Gavira, 2019; Sánchez-Oliver, Gálvez-Ruiz, Grimaldi-Puyana, Fernández-Gavira, & García-Fernández, 2019), e os restantes 52 autores apenas têm uma publicação.

Na Tabela 3 pode observar-se o resultado dos artigos mais citados, dando a indicação dos estudos que evidenciaram um maior impacto na comunidade científica.

Tabela 3. Artigos mais citados.

Título do Artigo	Autor(es) (Ano)	Citações
▪ Entrepreneurial intentions: is education enough?	do Paco et al. (2015)	257
▪ The 'Girl Effect' and martial arts: social entrepreneurship and sport, gender and development in Uganda	Hayhurst (2014)	169
▪ Do entrepreneurial alertness and self-efficacy predict Chinese sports major students' entrepreneurial intention?	Hu e Ye (2017)	69
▪ Industry Gender Imprinting and New Venture Creation: The Liabilities of Women's Leagues in the Sports Industry	Micelotta et al. (2018)	57
▪ Top athletes' psychological characteristics and their potential for entrepreneurship	Steinbrink et al. (2020)	53
▪ Returning the 'social' to social entrepreneurship: Future possibilities of critically exploring sport for development and peace and social entrepreneurship	McSweeney (2020)	47
▪ Entrepreneurial passion amongst female athletes	Ratten e Miragaia (2020)	40
▪ Entrepreneurial and intrapreneurial intentions of sports science students: What are their determinant variables?	Gonzalez-Serrano et al. (2018)	31
▪ Action sports athletes as entrepreneurs: Female professional wakeboarders, sponsorship, and branding	Parris et al. (2014)	29
▪ Is self-employment liberating or marginalizing? The case of women consultants in the fitness and sport industry	Rehman e Frisby (2000)	27
▪ Intentions of entrepreneurship in sports science higher education: gender the moderator effect	Grimaldi-Puyana et al. (2019)	17
▪ New ways of sports entrepreneurship in the university	Sánchez-Oliver et al. (2019)	14
▪ Physical activity level as a booster of entrepreneurial intention: a social innovation approach	Rodrigues et al. (2019)	11
▪ Entrepreneurial leadership in Middle East sport businesses The impact of gender differences in cultural values	Megheirkouni et al. (2020)	10
▪ Designing Diana: Female Sports Entrepreneurs and Equestrian Innovation	Munkwitz (2018)	8
▪ Sport entrepreneurs' performance in business	Kauppinen e Escamilla-Fajardo (2020)	7
▪ A field study aiming to determine entrepreneurial profiles of university students (Examples of Dumlupinar University - Inönü University)	Acet et al. (2014)	7
▪ The effect of women entrepreneur problems on self-entrepreneurship characteristics	Turkmen (2015)	5
▪ Risk attitude and financial awareness of inter-collegiate athletes	Gakhar e Bhawna (2020)	3

Destaca-se o estudo do Paço et al. (2015) com 257 citações. É interessante notar que este artigo compara os atributos e comportamentos psicológicos associados ao empreendedorismo, bem como as intenções empreendedoras entre alunos do género feminino de uma escola de negócios, e alunos do género masculino de uma escola de desporto. Curiosamente, os resultados identificados pelos autores são inesperados, uma vez que na escola de negócios, onde a educação para o empreendedorismo é um dos conteúdos de formação, esperava-se um maior nível de intenção empreendedora por parte dos alunos. Contudo, são os alunos da escola de desporto que evidenciam uma maior tendência para iniciar um negócio, e por vezes, negócios de risco. Este estudo permite concluir que existem muitos outros fatores que influenciam as intenções empreendedoras, para além da formação e educação, como por exemplo, aspetos genéticos, ambientais, culturais e a variável género.

Também o estudo de Hayhurst (2014), se distingue pelo número elevado de citações (N = 169). Este estudo retrata o desporto como sendo uma ótima ferramenta para o desenvolvimento de assimetrias ligadas às questões de género, particularmente com o objetivo de promover a equidade de género e a autonomia das mulheres. Além disso, os autores concluem que o empreendedorismo social é uma iniciativa a desenvolver nos dias de hoje.

Ainda na Tabela 3 pode verificar-se que os estudos de Hu e Ye (2017) e Micelotta et al. (2018), apesar de serem relativamente recentes já contam com 69 e 57 citações, respetivamente. O primeiro estudo afirma que as Instituições de Ensino Superior chinesas incentivam os alunos de desporto a seguirem o caminho do empreendedorismo, sendo esta uma boa solução para o mercado competitivo dos dias de hoje. Concluíram que as alunas obtiveram pontuações mais baixas no que diz respeito à intenção empreendedora comparativamente com os alunos do género masculino. Também se verificou que os alunos que já tinham experiência empresarial, tinham uma pontuação significativamente maior do que os que não tinham essa experiência (Hu & Ye, 2017). Já o segundo estudo, analisa como a persistência de valores culturais, crenças, normas e orientações associadas à masculinidade ou feminilidade presentes nas estruturas e práticas da indústria, afetam o empreendedorismo feminino (Micelotta et al., 2018).

É interessante salientar que dos quatro estudos mais citados, dois deles abordam questões de Formação (do Paço et al., 2015; Hu & Ye, 2017), sugerindo que a comunidade científica tem demonstrado interesse nesta temática, no sentido de

incentivar o espírito empreendedor através da formação, nomeadamente por via das Instituições de Ensino Superior.

Os resultados apresentados permitem responder à primeira questão de investigação (Q1). Posteriormente, através da análise de conteúdo dos estudos foi possível identificar quatro *clusters* temáticos. Na Figura 2 pode observar-se a distribuição dos artigos por cada um dos *clusters* definidos, bem como a percentagem de publicações em cada um deles, respondendo assim à segunda questão de pesquisa (Q2).

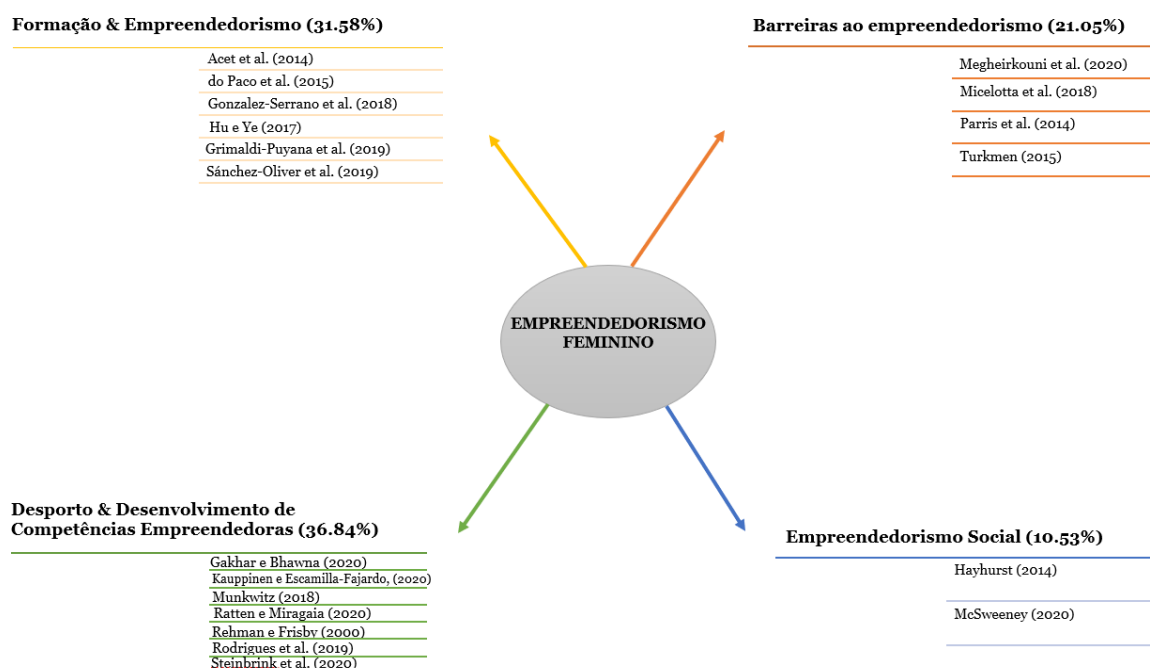


Figura 2. Número de artigos publicados por *clusters*.

Face ao exposto, é possível verificar que de um total de 19 artigos, o *cluster* “Desporto & Desenvolvimento de Competências Empreendedoras” foi o mais investigado (36.84%), o que significa que os investigadores têm estudado cada vez mais de que forma o desporto poderá contribuir para o desenvolvimento de competências empreendedoras. Pode inclusivamente verificar-se que muitos dos artigos deste *cluster* são bastante recentes. Por sua vez, a “Formação & Empreendedorismo” foi o segundo *cluster* mais estudado (31.58%), notando-se um aumento de artigos publicados ao longo do período em análise. Estes dados apontam para o facto de a comunidade científica se ter interessado mais por esta área, evidenciando que os investigadores têm procurado encontrar ferramentas para melhorar o empreendedorismo feminino através da formação, utilizando as Instituições de Ensino Superior como catalisadores dessa mudança. Verificou-se também que o *cluster* “Barreiras ao Empreendedorismo” apresenta uma percentagem de 21.05%, mostrando a preocupação da comunidade

científica em procurar perceber exatamente quais as barreiras relacionadas com o empreendedorismo feminino, com vista a auxiliar na resolução deste problema. Por fim, o *cluster* “Empreendedorismo Social” apresenta uma percentagem de 10.53%, que embora não seja muito elevada, é notório que tem havido algum interesse em estudar de que forma o empreendedorismo social poderá influenciar o empreendedorismo feminino.

Outro elemento importante de analisar e que permite auxiliar futuras investigações sobre esta temática, passa pelo levantamento do tipo de metodologias e abordagens utilizadas pelos investigadores até ao momento (Tabela 4).

Tabela 4. Análise do tipo e abordagem de investigação utilizada.

Clusters	Tipo de Investigação	Abordagem de Investigação	Tipo de Amostra	Nº de Amostra	Autores
Formação & Empreendedorismo	Qualitativo	Análise descritiva	Estudantes de Desporto e Empreendedorismo	769 M * e 239 F *	Sánchez-Oliver et al. (2019)
			Estudantes de Desporto de diversas Faculdades	247 M e 232 F	Acet et al. (2014)
	Quantitativo	Questionário	Estudantes homens de uma Escola de Desporto	286 M e 729 F	do Paço et al. (2015)
			Estudantes mulheres de uma Escola de Negócios		
			Estudantes Universitários de Desporto	257 M e 107 F	Hu e Ye (2017)
			Estudantes Universitários de Desporto	182 M e 96 F	Grimaldi-Puyana et al. (2019)
		Estudantes Universitários de Desporto	140 M e 43 F	Gonzalez-Serrano et al. (2018)	
Desporto & Desenvolvimento de Competências Empreendedoras	Qualitativo	Grupos Focais Entrevistas Observação	Consultoras de fitness	13 F	Rehman e Frisby (2000)
			Atletas	10 F	Ratten e Miragaia (2020)
			Atletas de hipismo	**	Munkwitz (2018)
	Quantitativo	Questionário	População em geral	707 M e 603 F	Rodrigues et al. (2019)
			Empreendedores no setor do desporto	53 M e 53 F	Kauppinen & Escamilla-Fajardo (2020)
			Atletas e não atletas	53 M e 57 F	Steinbrink et al. (2020)
		Atletas universitários	59 M e 25 F	Gakhar & Bhawna (2020)	
Barreiras ao Empreendedorismo	Qualitativo	Análise de dados secundários	Páginas web, artigos online, artigos de jornais de agências locais e nacionais, artigos de revistas desportivas, artigos académicos, dissertações, programas de rádio e livros.	1057	Micelotta et al. (2018)
			Empreendedores das ligas femininas	6 M	Micelotta et al. (2018)
			Atletas profissionais de <i>wakeboarders</i>	12 F	Parris et al. (2014)
	Quantitativo	Questionário	Empreendedoras no setor do desporto	279 F	Turkmen (2015)
			Empreendedores no setor do desporto	145 M e 96 F	Megheirkouni et al. (2020)
Empreendedorismo Social	Qualitativo	Etnografia	Tese de doutoramento	1	Hayhurst (2014)
		Revisão de literatura	Artigos científicos	**	McSweeney (2020)

*M = Masculino; F = Feminino; ** Sem informação

Deste modo, na Tabela 4, é possível observar quais as metodologias que têm vindo a ser mais utilizadas pelos investigadores em cada um dos *clusters* analisados, verificando-se que a análise quantitativa é a opção predominante, sendo a utilização do questionário o instrumento mais frequente. Quanto ao tipo de amostra, no *cluster* “Formação & Empreendedorismo” esta é composta maioritariamente por estudantes (homens/mulheres) de desporto. Já no *cluster* “Desporto & Desenvolvimento de Competências Empreendedoras” a amostra é composta principalmente por mulheres. Nos restantes *clusters* verifica-se uma maior variedade quanto ao tipo de amostra utilizada, desde empreendedores, atletas, entre outros.

Seguidamente serão analisados os quatro *clusters* temáticos identificados, no que se refere aos resultados obtidos, bem como a indicação de futuras linhas de investigação apontadas pelos respetivos autores, respondendo assim à terceira questão de pesquisa (Q3). Este tipo de análise permitirá fazer um retrato sobre os *gaps* da literatura, permitindo que a comunidade científica possa prosseguir com a análise deste importante fenómeno social e económico.

3.1 Cluster - Barreiras ao Empreendedorismo

São inúmeras as barreiras que as mulheres enfrentam quando pretendem empreender. De acordo com Turkmen (2015), existem vários obstáculos que podem afetar o auto-empresendedorismo feminino no setor desportivo, destacando-se o ambiente social, económico, financeiro, organizacional, ambiental, educacional e inclusivamente microambiental. Os resultados deste *cluster* corroboram os obstáculos encontrados em estudos que aplicam o *Career Barrier Inventory* (CBI) (Osituyo, 2018; Swanson et al., 1996; Swanson & Tokar, 1991), sugerindo que independentemente do setor de atividade, as mulheres têm dificuldade acrescida em progredir profissionalmente.

Tal como foi identificado em estudos desenvolvidos em outros setores de atividade (Tripathi & Singh, 2018), na indústria do desporto, culturalmente, continua a associar-se o empreendedorismo ao género masculino (Megheirkouni et al., 2020; Turkmen, 2015). Deste modo, os problemas ao nível do ambiente social resultam do facto de as mulheres empresárias viverem numa sociedade patriarcal. Atualmente, em muitos países, a mulher ainda tem como função cumprir com os seus deveres domésticos, sendo muito complicado para elas participar em atividades de empreendedorismo sem a permissão do homem da casa (Megheirkouni et al., 2020; Turkmen, 2015). Os mesmos resultados são apresentados em estudos de outros setores de atividade, afirmando que é muito importante que as mulheres tenham as mesmas oportunidades

que os homens no que diz respeito ao empreendedorismo, uma vez que estas também poderão contribuir para o desenvolvimento e crescimento económico nacional e para a prosperidade dos países (Lashgarara, Roshani, & Omid, 2011; Minniti & Arenius, 2003; Yaghoubi & Ahmadi, 2010).

Deste modo, a persistência de valores culturais, crenças, normas e orientações associadas à masculinidade na indústria do desporto continuam a influenciar negativamente o empreendedorismo feminino (Megheirkouni et al., 2020; Micelotta et al., 2018). Por essa razão Zahra, Wright, e Abdelgawad (2014), apresentam no seu estudo, recursos e restrições para quem procura tomar uma iniciativa empreendedora, onde o género pode ser um entrave.

Micelotta et al. (2018), concluíram que quando na indústria do desporto existe masculinidade hegemônica, é muito difícil as mulheres serem bem-sucedidas, seja no papel de atletas ou de empreendedoras. Deste modo, as indústrias com uma forte masculinidade hegemônica exigem abordagens cuidadosas, sendo indispensável ter em consideração tempo e recursos que serão necessários para as mulheres lutarem pelos seus empreendimentos e enfrentarem as mudanças culturais existentes, tal como se verifica no estudo de Schell e Rodriguez (2000).

Uma vez que o desporto é muitas vezes associado a atributos e valores que socialmente são associados ao género masculino (por exemplo: excitação, competitividade, firmeza), também no contexto dos negócios, as mulheres empreendedoras são desvalorizadas. Enquanto que em alguns casos o género é visto como uma distinção positiva, pelo contrário, para os empreendimentos femininos, torna-se altamente prejudicial (Micelotta et al., 2018).

De acordo com Turkmen (2015), ao nível do microambiente, o maior problema identificado, resulta da ausência de outras empresárias que possam liderar e/ou ser um modelo para as mulheres que pretendem empreender, bem como a falta de apoio da família, principalmente do marido. Outros estudos semelhantes descobriram que a superação desses problemas permitirá que as mulheres empreendedoras ganhem autoconfiança, e com o apoio da família terão mais motivação (Alam, Fauzi, Jani, & Omar, 2011; Barbieri, 2003; Greve & Salaff, 2003).

Quanto aos problemas enfrentados pelas mulheres empreendedoras a nível económico, sabe-se que estas enfrentam vários tipos de barreiras, sendo que uma delas passa pela

credibilidade que os próprios fornecedores lhes dão quando estas compram produtos para as suas empresas (Turkmen, 2015). Este problema de discriminação de género foi igualmente identificado no estudo de Singh (2012). O mesmo acontece ao nível dos patrocinadores, uma vez que na indústria desportiva a maior parte dos patrocinadores são do género masculino, existindo a ideia de que são eles que estabelecem as regras. Deste modo, se as mulheres não conseguirem patrocínios torna-se mais difícil obter vantagem competitiva e também pagar todas as despesas inerentes às suas atividades empresariais (Parris et al., 2014).

Posto isto, também a falta de financiamentos continua a ser uma batalha difícil de vencer. As mulheres têm mais dificuldade em conseguir capital para os seus negócios, quando comparadas com os homens. Atualmente, projetos da União Europeia (UE), créditos bancários e políticas governamentais apoiam as mulheres empreendedoras na obtenção de capital (Turkmen, 2015). Contudo, a este respeito, alguns estudos verificaram a existência de discriminação quando se trata de atribuir créditos bancários a mulheres empresárias, tendo sido necessário recorrer a processos judiciais para resolver este tipo de problema (Blanchard, Zhao, & Yinger, 2008; Turkmen, 2015). Também no estudo de Micelotta et al. (2018), se verificaram problemas financeiros. Neste caso, estes podem ser resultado de má administração e armadilhas estratégicas, levando ao fracasso do empreendedorismo feminino.

Por sua vez Parris et al. (2014), explicam que na modalidade de *Wakeboard*, para os praticantes conseguirem ganhar a vida com o desporto, têm de procurar seguir uma carreira empreendedora, contudo, essa é uma missão difícil, principalmente para as mulheres. Os autores mencionam ainda que o género masculino pode ganhar até quatro vezes mais do que o género feminino, evidenciando que a desigualdade de género a nível de salários ainda está bem presente nos dias de hoje.

De acordo com Turkmen (2015), também no ambiente organizacional, no setor do desporto, as mulheres enfrentam muitas barreiras. Quando se vive numa sociedade patriarcal e se tem uma mulher como gerente ou chefe, os problemas surgem. Os trabalhadores do género masculino têm dificuldade em reconhecer e aceitar a coordenação e comunicação colocada pelas mulheres. Outros estudos, na área do desporto, também chegaram às mesmas conclusões (Burton, 2015; Koca & Öztürk, 2015; Pape, 2019).

Adicionalmente, a educação e os currículos pouco enriquecedores das mulheres empreendedoras também são apontados como sendo um fator prejudicial, quando comparadas com os homens empreendedores. Para além disso, as próprias organizações desportivas também não facilitam a vida às mulheres empreendedoras, uma vez que não dão a ajuda e apoio necessário, nem as informam sobre as inovações que ocorrem no setor. Seria também importante que as mulheres se ajudassem umas às outras e comunicassem conhecimento e experiências sobre empresas inovadoras, contudo também não o fazem (Turkmen, 2015).

3.1.1 Futuras linhas de investigação

Da análise ao *cluster* “Barreiras ao Empreendedorismo” e de acordo com Micelotta et al. (2018), sugere-se a necessidade de desenvolver mais estudos teóricos e empíricos, nomeadamente sobre como as barreiras culturais derivadas de normas, valores, crenças e orientações associadas ao género, podem influenciar a criação de novos empreendimentos. Os autores sugerem ainda que seria interessante comparar os empreendimentos bem-sucedidos e os malsucedidos, entre homens e mulheres, de modo a procurar perceber-se o que leva a resultados diferentes. Além disso, seria importante investigar processos de criação de novos empreendimentos em indústrias estigmatizadas, ou seja, investigar os determinantes, processos, estratégias e resultados do empreendedorismo desenvolvido em condições extremas.

Por sua vez, Parris et al. (2014), sugerem o desenvolvimento de estudos com o objetivo de perceber de que maneira o setor do desporto se pode tornar mais sustentável, de modo a tornar o desporto financeiramente atraente para ambos os géneros, mas com especial reforço para as mulheres, dada a problemática da equidade. Sugere-se ainda, perceber de que maneira as mulheres podem ajudar o desporto à medida que se ajudam a elas próprias enquanto empreendedoras, bem como estudar de que maneira os media conseguirão ajudar e fazer a diferença no desporto, especificamente em relação às mulheres.

Também é sugerida a elaboração de uma estrutura analítica multinível das barreiras que as mulheres podem enfrentar em iniciativas empreendedoras no desporto. Uma estrutura sistematizada em três níveis (Macro-Meso-Micro), adaptando o modelo sugerido por Burton e Leberman (2017), sobre a mulher na gestão do desporto, incorporando um nível macro, onde se abordem questões como as expectativas sociais e práticas institucionais; um nível meso, que estude estereótipos, cultura organizacional e questões de discriminação; e, por fim, um nível micro, com um foco numa abordagem

mais individual, como as experiências, expetativas, empoderamento, política e procedimentos.

3.2 Cluster - Desporto & Desenvolvimento de Competências

Empreendedoras

São vários os autores que afirmam que existe uma relação entre a prática da atividade física e o desenvolvimento da intenção empreendedora. Deste modo, tem sido apontado que cada vez mais as mulheres aproveitam a sua experiência enquanto praticantes de algum tipo de desporto, para se tornarem empreendedoras, tornando-se assim agentes de mudança significativas (P. Jones & Jones, 2014; Liu, Srivastava, & Seng Woo, 1998; Munkwitz, 2018; V. Ratten & Miragaia, 2020; Rehman & Frisby, 2000; Rodrigues et al., 2019).

Tal é sugerido, uma vez que através da prática desportiva é possível desenvolver algumas competências psicológicas e cognitivas pessoais, essenciais para a atividade empreendedora, como por exemplo a autonomia, bom desempenho, tolerância ao risco, liderança e gestão do stress (Gakhar & Bhawna, 2020; Steinbrink et al., 2020) Também Marques, Ferreira, Rodrigues e Ferreira (2011), num estudo desenvolvido com estudantes universitários, concluíram que a prática de ioga permite treinar um conjunto de atributos psicológicos e cognitivos essenciais para um perfil empreendedor.

Assim sendo, é essencial desenvolver e impulsionar a atividade física na sociedade e nas organizações, não só para melhorar a saúde e bem-estar das pessoas em geral, mas também por ser benéfico para o desenvolvimento do empreendedorismo e inovação social (Artamonov, Osipova, Averyasova, Shutova, & Lubyshev, 2019; Kauppinen & Escamilla-Fajardo, 2020; Lau, Hsu, Acosta, & Hsu, 2014; Rodrigues et al., 2019). Deste modo, são inúmeros os benefícios associados à prática de atividade física para a pessoa em si, pelo contributo positivo que pode dar ao nível da saúde, do stress, da ansiedade e do bem-estar (Brinkley, McDermott, & Munir, 2017; Egawa et al., 2020). Mas também a nível organizacional, uma vez que vários estudos têm apontado para a sua contribuição na melhoria das relações de trabalho em equipa, da confiança, e ainda das habilidades de comunicação (Brinkley et al., 2017; Egawa et al., 2020; Holt, Kingsley, Tink, & Scherer, 2011).

Por outro lado, de acordo com Rehman e Frisby (2000), muitas mulheres que desempenhavam funções de *personal trainers*, conseguiram tornar-se empreendedoras e criar o seu negócio como consultoras de *fitness*. De acordo com os autores, o feedback dessas mulheres foi positivo, pois conseguiram uma maior compensação financeira e inclusivamente mais tempo para a família, considerando-se assim mais felizes. Note-se que de acordo com Moore e Buttner (1997), os fatores que mais motivam as mulheres a tornarem-se empreendedoras são a autorrealização e a contribuição social.

Também Munkwitz (2018), verificou que durante o início do século XIX, a participação das mulheres na modalidade de hipismo aumentou drasticamente à medida que estas iam obtendo aprovação social. Algumas destas mulheres, pela paixão que tinham pelo desporto, tornaram-se empreendedoras nesse mesmo setor. Um grupo fez-no para benefício pessoal através da criação do seu próprio negócio, outras apenas para melhorar este desporto e incentivar outras mulheres a participar nesta modalidade. De acordo com o autor, apesar da concorrência, a paixão pelo desporto, a inspiração de criar algo inovador e melhorar o desporto para todas as mulheres, foram motivações comuns a todas as empreendedoras envolvidas no estudo.

Deste modo, uma vez que a prática de atividade física pode influenciar a intenção empreendedora, Rodrigues et al. (2019) sugerem algumas medidas que podem ser tomadas para melhorar o empreendedorismo feminino. Referem que as organizações sejam elas públicas ou privadas podem promover programas de atividade física, uma vez que estas poderão ser uma mais-valia para ajudar no desenvolvimento de habilidades empreendedoras como a liderança, autonomia, autoestima, resiliência e habilidades sociais. Além disso, também as Instituições de Ensino Superior poderão desempenhar um papel muito importante na promoção do empreendedorismo e intenção empreendedora, uma vez que também estas podem promover o incentivo à prática de atividade física, de modo a auxiliar no desenvolvimento das competências acima mencionadas.

3.2.1 Futuras linhas de investigação

No que diz respeito à relação entre a prática de atividade física e o desenvolvimento de níveis da intenção empreendedora, verificou-se que ainda existe muito trabalho a fazer para se perceber exatamente como se processa este fenómeno, uma vez que a cultura de diferentes países pode influenciar essa relação.

A prática desportiva pode levar ao desenvolvimento de competências empreendedoras, contudo, em função do contexto cultural em que se vive, também a relação das mulheres com a prática desportiva é diferente. Deste modo, a investigação deve ser feita no sentido de se estudar com mais detalhe de forma que se pode desenvolver a intenção empreendedora em diferentes contextos e culturas, uma vez que ainda existem muitos preconceitos culturais em relação às mulheres empresárias. Além disso, seria interessante estudar a paixão empreendedora de homens e mulheres atletas, para se perceber com mais clareza se existem diferenças em função do género. Para tal, sugerem-se amostras mais representativas e de natureza internacional, métodos de pesquisa mistos e a utilização de uma abordagem longitudinal (V. Ratten & Miragaia, 2020).

Uma vez que alguns estudos indicaram que através do treino personalizado, algumas mulheres criaram o seu próprio negócio, ainda que nem todas tenham sido bem-sucedidas, torna-se necessário identificar as barreiras estruturais que impedem mulheres de diferentes idades, sociedades, com diferentes níveis de escolaridade de participar e ter sucesso enquanto empreendedoras. Tendo em conta que foi através da prática desportiva que estas mulheres se tornaram empreendedoras, seria importante comparar as experiências das mulheres que criaram o próprio negócio, com as experiências de mulheres que trabalham em contextos laborais mais tradicionais na indústria do desporto. De acordo com os autores esta poderia ser uma forma de perceber com mais detalhe qual a importância da prática de atividade física no desenvolvimento de competências empreendedoras (Rehman & Frisby, 2000).

Por sua vez Rodrigues et al. (2019), ao investigarem se o envolvimento na atividade física influencia a intenção empreendedora, apontaram como futuras linhas de investigação a necessidade de se realizarem estudos que permitam comparar grupos com diferentes níveis de atividade física (por exemplo: ginásios, clubes de futebol, basquetebol, natação). Uma outra sugestão passa por investigar as razões de as mulheres terem intenções empreendedoras mais baixas do que os homens, procurando perceber-se a razão pela qual os homens consideram o empreendedorismo mais atraente do que outras profissões. Sugerem ainda aplicar o estudo a estudantes de ensino superior, de forma a perceber-se de que forma o envolvimento na prática de atividade física influencia a atitude empreendedora. Por fim, sugerem ainda que se estude a importância de as organizações desenvolverem iniciativas de incentivo à prática desportiva, uma vez que, são imensos os benefícios associados, não só a nível de

saúde e bem-estar dos seus trabalhadores, mas também a nível de intenção empreendedora.

3.3 Cluster - Empreendedorismo Social

O desporto pode ajudar no desenvolvimento de competências associadas ao empreendedorismo social, de modo a responder a questões sociais que estão por resolver (Constantin, Stanescu, & Stanescu, 2020; Hayhurst, 2014; Pellegrini, Rialti, Marzi, & Caputo, 2020; Peterson & Schenker, 2018). Deste modo, o empreendedorismo social é visto como uma estratégia viável para a sobrevivência humana, principalmente numa economia que se apresenta como sendo cada vez mais competitiva e instável. Contudo, é fundamental perceber de que maneira as empresas sociais empregam estratégias inovadoras, garantindo soluções sustentáveis para questões sociais, onde se inclui a problemática da equidade de género (Hayhurst, 2014; McSweeney, 2020).

Segundo McSweeney (2020), o empreendedorismo social tem despertado cada vez mais o interesse da comunidade científica, principalmente na área do desporto. Tal como se verifica em outros estudos, esta abordagem tem sido vista como uma forma de mudança, em direção a novas formas organizacionais. Além disso, as organizações desportivas direcionadas para intervenções de empreendedorismo social têm tido um efeito muito positivo na comunidade (Bjarsholm, 2017; Pellegrini et al., 2020).

Deste modo, segundo Hayhurst (2014), os programas de desporto podem ajudar as mulheres a desenvolver um conjunto de capacidades, de modo a melhorar a sua confiança, tornando-as mais diligentes na criação de oportunidades de emprego através do empreendedorismo social. Desta forma, as mulheres através do desporto poderão tornar-se empreendedoras e ajudar a resolver problemas sociais, como a violência doméstica e outros perigos de abuso. Aliás, em muitos países, as mulheres nem têm hipótese de decidir aspetos relacionados com o seu bem-estar, tem um baixo nível de escolaridade, poucas habilidades e portanto, poucos conhecimentos para melhorar as suas vidas (S. Jones, 2011).

Para além dos benefícios já mencionados anteriormente, o envolvimento das mulheres em programas de empreendedorismo social permitem a concretização de outros objetivos, nomeadamente a possibilidade de poderem vir a ser contratadas como treinadoras, terem o apoio de patrocinadores, ou até mesmo conseguirem desenvolver o seu próprio empreendimento. Este tipo de oportunidades representa para muitas mulheres a possibilidade de aumentarem o seu poder sobre decisões económicas que

afetam as suas vidas e dos seus familiares, nomeadamente pela possibilidade de passarem a ser autónomas financeiramente, de modo a poderem comprar bens necessários para a sua sobrevivência. Deste modo, a participação das mulheres em programas desportivos poderia contribuir para que elas ficassem mais fortes fisicamente e mentalmente, podendo ainda incrementar a sua reputação perante a comunidade (Hayhurst, 2014).

3.3.1 Futuras linhas de investigação

Apesar do empreendedorismo social ser visto como um caminho viável e sustentável a seguir nos dias de hoje, é possível verificar que ainda existe falta de estudos que permitam perceber melhor a relação entre o desporto e o empreendedorismo social, bem como as implicações desta abordagem na perspetiva do género (Hayhurst, 2014; McSweeney, 2020).

O empreendedorismo social tem sido muito estudado na vertente da gestão e negócio, contudo, são necessários mais estudos sobre empreendedorismo social e desporto. Também seria importante estudar melhor as relações complexas das mudanças sociais, sustentabilidade e inovações que ocorrem no empreendedorismo social. Além disso, realizar estudos em contexto organizacional e de negócios, em diferentes culturas, classes e envolvendo ambos os géneros seria uma mais-valia (McSweeney, 2020).

Também Hayhurst (2014), sugere que em estudos futuros sejam exploradas as implicações e consequências socioeconómicas, culturais e políticas que o empreendedorismo social tem para com as mulheres empreendedoras. Seria interessante perceber melhor como é possível aumentar a independência, criatividade e inovação através do empreendedorismo social.

3.4 Cluster - Formação e Empreendedorismo

Com o passar dos anos, o mercado de trabalho tem-se tornado cada vez mais competitivo, sendo que a comunidade científica tem entendido as Instituições de Ensino Superior como fundamentais no processo de estímulo à atitude empreendedora (Gonzalez-Serrano et al., 2018; Grimaldi-Puyana et al., 2019; Hu & Ye, 2017; Sánchez-Oliver et al., 2019).

Gonzalez-Serrano et al. (2018), distinguem dois tipos de comportamento empreendedor e afirmam que ambos devem ser promovidos em contexto de ensino superior. Consideram assim ser fundamental conhecer as motivações que levam os

estudantes de ensino superior de desporto a ter intenções intraempreendedoras e empreendedoras, de modo a prepará-los da melhor forma para o mercado de trabalho que está em constante mudança. Consideram intenções intraempreendedoras, como sendo habilidades relacionadas com a criatividade, resolução de problemas e descoberta de oportunidades, defendendo a abordagem de que planos estratégicos são uma boa ferramenta para desenvolver essas mesmas competências. Já no caso das intenções empreendedoras, devem ser realizadas atividades que promovam essa atitude, quer em relação ao empreendedorismo, quer ao controlo do comportamento empreendedor. As estratégias apontadas para esse objetivo passam pelo conhecimento de experiências empreendedoras do setor desportivo.

Do mesmo modo, outros estudos realizados fora do contexto desportivo também afirmam que é essencial desenvolver habilidades empresariais desde cedo, principalmente no género feminino, propondo que esta aprendizagem seja aplicada desde o ensino básico (Behroozi, 2012; Bretones & Radrigan, 2018; Santos et al., 2018; Torres & Garcia, 2017; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015).

Atualmente, as Instituições de Ensino Superior assumem uma posição estratégica na sociedade, uma vez que são vistas como condutores da mudança. Estas instituições podem desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento da cultura empreendedora (Grimaldi-Puyana et al., 2019), nomeadamente pela realização de ações que promovam o empreendedorismo, de modo a incentivar e desenvolver habilidades empreendedoras em estudantes e professores, tentando assim criar um ambiente de cultura empresarial (Sánchez-Oliver et al., 2019).

Na literatura é possível identificar várias destas iniciativas. Sánchez-Oliver et al. (2019), sintetizam a experiência de um projeto designado por “*EmprendeSport*”, aplicado a estudantes de desporto e empreendedorismo. O objetivo passou por ajudar a elaborar políticas que estimulem a atividade comercial das universidades que procuram promover o espírito empreendedor dentro de um contexto de ensino superior. Verificou-se que a realização deste programa resultou em um incentivo para os estudantes desenvolverem novas ideias e inovarem nas suas vidas diárias.

Também num estudo desenvolvido por do Paço et al. (2015), em que compararam as intenções empreendedoras entre alunas de uma escola de negócios e alunos de uma escola de desporto, aconteceu o inesperado. Em vez de as intenções empreendedoras serem maiores na escola de negócios onde a educação para o empreendedorismo é mais

aprofundada, verificou-se que os alunos da escola de desporto tinham maior tendência para iniciar um negócio. Deste modo, o mesmo acontece em outras indústrias onde alguns estudos têm indicado que os estudantes do género masculino têm uma maior intenção empreendedora e parecem ser mais confiantes do que as mulheres (Bretones & Radrigan, 2018; Gavurova et al., 2018; Ndofirepi et al., 2018; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015). Contudo, para além de as alunas do género feminino continuarem a apresentar uma intenção empreendedora mais baixa, o mesmo acontece aos alunos de ambos os géneros que não tenham experiência empresarial anterior (Hu & Ye, 2017).

Posto isto, a formação parece não ser suficiente para influenciar as intenções empreendedoras. Os aspetos genéticos, económicos, socioculturais, psicológicos, de género, entre outros, podem influenciar, ou não, a intenção e a decisão de uma pessoa se tornar empreendedora (do Paço et al., 2015).

No entanto, o desporto parece trazer alguns benefícios para a capacidade de empreender. Acet et al. (2014), desenvolveram um estudo com o objetivo de determinar perfis de empreendedorismo de estudantes universitários que receberam educação para o empreendedorismo em diferentes faculdades e departamentos. Deste estudo, conclui-se que o nível de intenção empreendedora não diferiu de acordo com as variáveis género e idade. Contudo, os alunos que praticavam atividade física e tinham uma estrutura psicológica de maior relacionamento social, mais extrovertidos e ativos, demonstraram ter um nível de intenção empreendedora mais alto. Além disso, verificou-se que a intenção empreendedora dos alunos da Escola de Educação Física e Desporto depende do corpo docente e do departamento. Assim sendo, pode concluir-se que a educação para o empreendedorismo e a promoção da atividade física deve fazer parte do sistema educacional das Instituições de Ensino Superior, tendo em conta que aumenta a probabilidade de os estudantes se tornarem empreendedores (Acet et al., 2014; Rodrigues et al., 2019).

Também Grimaldi-Puyana et al. (2019), reforçam a ideia de que as Intuições de Ensino Superior podem ser agentes de mudança cultural e uma boa estratégia no que diz respeito ao incentivo ao empreendedorismo, principalmente no setor desportivo. Verificaram ainda que apesar de existir uma maior relação entre desejo e intenção empreendedora nos homens, quando observada a relação entre viabilidade e a intenção empreendedora, nesse caso, o relacionamento era maior nas mulheres. Posto isto, neste estudo em particular, o género não foi considerado um fator moderador da intenção empreendedora, apresentando resultados semelhantes para os dois grupos.

Deste modo, vários autores sugerem iniciativas que devem ser desenvolvidas pelas Instituições do Ensino Superior (Acet et al., 2014; Grimaldi-Puyana et al., 2019), e que passam pela realização de cursos e palestras onde os oradores sejam mulheres líderes de empresas, para assim aumentar a relação entre desejo e intenção empreendedora das mulheres. Por outro lado, sugerem também que sejam criados cursos e seminários para incentivar políticas destinadas a promover a relação entre viabilidade e intenção empreendedora nos estudantes. De um modo geral, a comunidade científica refere que o sistema educacional deverá ser configurado nesta direção com o objetivo de que os estudantes de ensino superior tenham um bom potencial empreendedor, sendo assim, uma mais-valia para o país e a sociedade (Acet et al., 2014; Grimaldi-Puyana et al., 2019).

3.4.1 Futuras linhas de investigação

O interesse sobre o empreendedorismo desportivo no ensino superior está em constante crescimento, contudo, são necessários mais estudos qualitativos e quantitativos (Sánchez-Oliver et al., 2019). Além disso, são necessários mais estudos para se entender exatamente qual a relação entre a educação focada no empreendedorismo e o sucesso de novos empreendimentos. Seria interessante desenvolver estudos longitudinais, de modo a perceberem-se as atitudes empreendedoras dos alunos, antes e depois dos programas de incentivo ao empreendedorismo (do Paço et al., 2015).

Uma outra sugestão para pesquisas futuras, passa por aumentar as variáveis demográficas e o número da amostra, para se conseguir uma explicação mais racional para esta problemática de género, bem como aplicar estes estudos a uma variedade de países. Por fim, seria interessante analisar as intenções empreendedoras dos alunos de Ciências do Desporto e alunos de outras áreas de conhecimento (Gonzalez-Serrano et al., 2018; Grimaldi-Puyana et al., 2019; Hu & Ye, 2017).

4. Implicações Práticas e Teóricas

No que diz respeito às implicações teóricas, este estudo contribui para uma melhor compreensão das barreiras ao empreendedorismo feminino, em particular no setor do desporto, bem como para identificar abordagens que possam contribuir para a sua redução (educação; empreendedorismo social, desporto e desenvolvimento de

competências). Concluiu-se que as barreiras de carreira identificadas são transversais a vários setores, sugerindo a necessidade de continuar a desenvolver mecanismos para melhorar o envolvimento das mulheres nas iniciativas empresariais. Deve-se insistir nesse avanço, uma vez que os principais resultados indicam que as barreiras culturais/sociais são difíceis de quebrar. Aqui, as mudanças são lentas, influenciando um sistema complexo de outras variáveis que parecem determinar o papel da mulher na sociedade. Portanto, do ponto de vista teórico, é fundamental continuar a desenvolver modelos que possam orientar a pesquisa empírica, a fim de encontrar mecanismos de intervenção eficazes para o processo de igualdade de género. Face ao exposto, este estudo demonstra a necessidade de definir um quadro analítico multinível (Macro-Meso-Micro) das barreiras que as mulheres podem enfrentar nas iniciativas empreendedoras no desporto. Uma sistematização multinível pode ser uma contribuição interessante para auxiliar vários *stakeholders* no processo de tomada de decisão, particularmente por meio da análise das repercussões que uma variável em um nível pode ter para as variáveis nos outros níveis.

Estes resultados são ainda essenciais para as organizações desportivas uma vez que também elas devem encarar a Instituições de Ensino Superior como um *stakeholder* fundamental para a sua sustentabilidade. Deste modo, também as organizações desportivas podem sinalizar um conjunto de necessidades formativas que são sentidas do ponto de vista do mercado. Esta colaboração é fundamental uma vez que não basta fazer formação para estimular a iniciativa empreendedora, sendo também necessário garantir que as competências adquiridas permitem lidar de forma eficiente com os constrangimentos do mercado.

Face ao exposto, este estudo permite auxiliar no desenvolvimento de políticas que permitam auxiliar na problemática da equidade de género e incentivar mulheres para iniciativas de empreendedorismo desportivo. Deste modo, a comunidade científica deve continuar a estudar esta temática de modo a resolver este problema social, uma vez que, as mulheres também podem acrescentar valor para a economia e prosperidade dos países por via das suas iniciativas empreendedoras.

5. Conclusões, limitações e futuras linhas de investigação

O presente estudo procurou fazer o levantamento do estado da arte sobre a forma como o empreendedorismo feminino no contexto das organizações desportivas tem sido investigado pela comunidade científica. Apesar de não ter sido identificado um número de estudos muito expressivo sobre esta temática (N=19) durante o período entre 2000-2020, ainda assim é notório que o interesse da comunidade científica tem aumentando progressivamente. Foi possível identificar que este tópico está agrupado em quatro *clusters* temáticos: Formação & Empreendedorismo, Desporto & Desenvolvimento de Competências empreendedoras; Barreiras ao Empreendedorismo e Empreendedorismo social.

Conclui-se que apesar de todos os esforços que têm vindo a ser feitos, as mulheres continuam a enfrentar imensas barreiras quando pretendem empreender, sendo que o alcance da equidade de género está muito aquém do que é desejável. Este estudo pode ter implicações práticas para a sociedade, as organizações e o mercado em geral, na medida em que reforça a necessidade de se desmistificarem os estereótipos existentes de que as mulheres não são capazes de empreender.

Também as mulheres devem entender que existem muitas barreiras no momento de empreender, contudo, é importante não desistir de as quebrar. A própria sociedade é muitas vezes um entrave, uma vez que atribui aos homens, melhores capacidades e habilidades para empreender. Deste modo, também ao nível político, os governos têm uma função fundamental neste trabalho de equilíbrio na equidade de género. Face ao exposto, o governo deve continuar a definir medidas estratégicas para o estímulo e desenvolvimento do empreendedorismo feminino, nomeadamente por via de incentivos financeiros, apoio logístico, legislação reguladora, de modo a incrementar a motivação das mulheres para empreender.

Para além disso, a prática de atividade física pode ajudar no desenvolvimento de competências e habilidades que poderão ser fundamentais no momento de empreender. Desta forma, é importante que as organizações procurem incentivar a prática desportiva, uma vez que, são imensos os benefícios associados, não só a nível de saúde e bem-estar, mas também a nível de intenção empreendedora. As próprias mulheres devem envolver-se na prática desportiva, uma vez que os dados apontam para a sua capacidade de desenvolver competências úteis para a ação empreendedora, tais como: autonomia, bom desempenho, tolerância ao risco, liderança, gestão do stress e

da ansiedade, aumento da confiança, autoestima, resiliência, bem como pela melhoria de habilidades sociais e de comunicação.

Posto isto, também foi possível verificar que o empreendedorismo social pode ser utilizado como uma forma de resolver algumas questões de equidade de género. Através de iniciativas de empreendedorismo social no âmbito do contexto desportivo, as mulheres poderão conseguir desenvolver capacidades e habilidades que mais tarde as podem vir a ajudar em iniciativas próprias e de utilidade social. O envolvimento de mulheres em iniciativas de empreendedorismo social pode tornar-se em iniciativas de empreendedorismo feminino, nomeadamente no desenvolvimento de intervenções que permitam a resolução de várias problemáticas, como as questões de violência doméstica e outros tipos de abuso. Posto isto, este estudo permite às organizações, ao governo e às mulheres, perceberem que através do empreendedorismo feminino e do desporto poderão resolver muitos problemas sociais, principalmente em países pouco desenvolvidos, onde às mulheres é atribuído unicamente o trabalho doméstico e às quais não é dada a possibilidade de emancipação.

Conclui-se ainda que a educação para o empreendedorismo pode fazer a diferença no desenvolvimento da intenção empreendedora. Deste modo, as próprias Instituições do Ensino Superior podem ser vistas como condutores de mudança, na medida em que por via dos seus planos de formação podem desenvolver competências que permitam estimular a intenção empreendedora das suas estudantes. Por outro lado, também estas instituições têm a função de auxiliar na mudança das correntes de pensamento, mostrando assim às novas gerações a necessidade de se mudar a abordagem sobre as questões do género, no âmbito da sociedade em geral e no contexto empresarial em particular. Posto isto, este estudo pode ser bastante útil para as Instituições de Ensino Superior, uma vez que salienta a importância de se refletir sobre os currículos e práticas pedagógicas, no sentido de desenvolver um conjunto de competências que permitam estimular as iniciativas empreendedoras das mulheres estudantes. Isto é, fornecer educação empreendedora eficaz para desenvolver a eficácia e agilidade dos alunos na execução de tarefas específicas e na identificação de oportunidades de negócios em potencial. Também foi possível concluir que a educação para o empreendedorismo, marketing e gestão desportiva, pode incluir como ferramenta pedagógica a prática de atividade física e desporto, por se tratar de uma boa forma de treinar *soft skills* essenciais ao desenvolvimento de iniciativas empreendedoras.

Do ponto de vista das limitações, é importante mencionar que a própria natureza deste tipo de estudo acaba naturalmente por influenciar os resultados obtidos, nomeadamente pelos critérios de inclusão definidos no processo de seleção dos estudos (por exemplo: bases de dados, equação de pesquisa, língua, escolha de tipo de fontes), acabando por ter implicações diretas no número de amostra obtido. Assim sendo, uma das limitações que pode ser assinalada é o número da amostra de artigos obtidos e que em futuros trabalhos de investigação pode ser alargado, caso sejam incluídos outros critérios de seleção. Desta forma, sugere-se que sejam desenvolvidos mais estudos sobre esta temática, utilizando outras bases de dados, outros idiomas e a consulta de outras fontes como, livros e capítulos de livros, dado que a investigação sobre este fenómeno ainda é muito restrita. Constatou-se que apesar de os temas do empreendedorismo em geral, e do empreendedorismo feminino em particular, serem mais estudados pela comunidade científica, ao focarem especificamente no contexto desportivo, os estudos são residuais.

Uma vez que esta pesquisa revelou significativamente menos publicações com uma base qualitativa, é importante considerar essa abordagem no futuro. A abordagem qualitativa é um importante recurso metodológico, uma vez que a utilização de entrevistas, por exemplo, é uma excelente forma de explorar o "porquê" de alguns fenómenos. Principalmente em estudos desse tipo, onde é natural que as amostras sejam em quantidades mais reduzidas.

Do ponto de vista de futuras linhas de investigação, seria interessante estudar o empreendedorismo feminino em países com diferentes culturas, crenças, contextos e valores, porque estes aspetos podem fazer a diferença no que diz respeito às intenções empreendedoras. Além disso, seria importante identificar as barreiras que impedem as mulheres empreendedoras de ter sucesso como no contexto das organizações desportivas. Também a educação para o empreendedorismo deve ser investigada uma vez que as Instituições de Ensino Superior parecem fazer a diferença na intenção empreendedora e escolha de carreira das estudantes de desporto, assim sendo, sugere-se que esta relação seja analisada com mais detalhe no futuro. Por fim, seria benéfico procurar identificar e analisar as linhas de ação das Instituições de Ensino Superior relativamente a questões da equidade de género, particularmente no âmbito do empreendedorismo desportivo.

6. Referências Bibliográficas

- Acet, M., Serdar Yücel, A., Kalkavan, A., & Yilmaz, N. (2014). A field study aiming to determine entrepreneurial profiles of university students (Examples of Dumlupinar University - İnönü University). *Advances in Environmental Biology*, 8(12), 178-188.
- Agarwal, S. (2018). Why research is needed in women entrepreneurship in India: a viewpoint. *International Journal of Social Economics*, 45(7), 1042-1057. doi:10.1108/IJSE-07-2017-0298
- Agarwal, S., & Agrawal, V. (2018). Motivational and success factors: through the lens of women entrepreneurship. *International Journal of Management and Enterprise Development*, 17(4), 307-328. doi:10.1504/IJMED.2018.10017520
- Alam, S., Fauzi, M., Jani, M., & Omar, N. A. (2011). An Empirical Study of Success Factors of Women Entrepreneurs in Southern Region in Malaysia. *International Journal of Economics and Finance*, 3(2), 166-175. doi:10.5539/ijef.v3n2p166
- Artamonov, D. V., Osipova, E. B., Averyasova, Y. O., Shutova, T. N., & Lubyshev, E. A. (2019). Benefits of kyokushinkai karate for business school students. *Teoriya i Praktika Fizicheskoy Kultury*, 2019(11), 37-39.
- Barbieri, P. (2003). Social Capital and Self-Employment. *International Sociology*, 18(4), 681-701. doi:10.1177/0268580903184003
- Behroozi, M. (2012). Survey on university role in preparation graduated students in to entrepreneurs universities towards a conceptual framework: Iran's Perspective. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 46, 2414-2418. doi:10.1016/j.sbspro.2012.05.495
- Bjarsholm, D. (2017). Sport and Social Entrepreneurship: A Review of a Concept in Progress. *Journal of Sport Management*, 31(2), 191-206. doi:10.1123/jsm.2017-0007
- Blanchard, L., Zhao, B., & Yinger, J. (2008). Do lenders discriminate against minority and woman entrepreneurs? *Journal of Urban Economics*, 63(2), 467-497. doi:10.1016/j.jue.2007.03.001
- Bosma, N., & Kelley, D. (2019). *Global Entrepreneurship Monitor - GEM*. Retrieved from <https://www.gemconsortium.org/report/gem-2018-2019-global-report>
- Bretones, F. D., & Radrigan, M. (2018). Attitudes to entrepreneurship: The case of Chilean and Spanish university students. *Ciriec-Espana Revista De Economia Publica Social Y Cooperativa*, 94, 11-30. doi:10.7203/ciriec-e.94.12668

- Brinkley, A., McDermott, H., & Munir, F. (2017). What benefits does team sport hold for the workplace? A systematic review. *Journal of Sports Sciences*, 35(2), 136-148. doi:10.1080/02640414.2016.1158852
- Burton, L. J. (2015). Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research. *Sport Management Review*, 18(2), 155-165. doi:10.1016/j.smr.2014.02.004
- Burton, L. J., & Leberman, S. (2017). An evaluation of current scholarship in sport leadership: Multilevel perspective. In L. J. Burton & S. Leberman (Eds.), *Women in Sport Leadership: Research and practice for change* (pp. 16-32). NY: Routledge.
- Canizares, S. M. S., & Garcia, F. J. F. (2013). Women and Entrepreneurship: An Analysis in the Spanish University Context. *Revista De Ciencias Sociales*, 19(1), 140-153.
- Chatterjee, N. (2019). A structural model assessing key factors affecting women's entrepreneurial success. *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies*, 11(1), 122-151. doi:10.1108/JEEE-08-2016-0030
- Constantin, P. N., Stanescu, R., & Stanescu, M. (2020). Social entrepreneurship and sport in Romania: How can former athletes contribute to sustainable social change? *Sustainability (Switzerland)*, 12(11), 1-15. doi:10.3390/su12114688
- do Paco, A., Ferreira, J. M., Raposo, M., Rodrigues, R. G., & Dinis, A. (2015). Entrepreneurial intentions: is education enough? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(1), 57-75. doi:10.1007/s11365-013-0280-5
- Egawa, J., Hochi, Y., Iwaasa, T., Togashi, E., Inaba, K., & Mizuno, M. (2020) The effects of university students' physical activity experience on communication skills and anxiety. *Vol. 970. AHFE International Conference on Social and Occupational Ergonomics, 2019* (pp. 358-366): Springer Verlag.
- Gakhar, D. V., & Bhawna, D. (2020). Risk attitude and financial awareness of inter-collegiate athletes. *International Journal of Advanced Science and Technology*, 29(4 Special Issue), 1098-1106.
- Gavurova, B., Belas, J., Kotaskova, A., & Cepel, M. (2018). Management of education concepts in the field of entrepreneurship of university students in the Czech Republic. *Polish Journal of Management Studies*, 17(2), 52-62. doi:10.17512/pjms.2018.17.2.05
- Gonzalez-Serrano, M. H., González-García, R. J., & Moreno, F. C. (2019). Analysis of the effects of entrepreneurship in sport management. Is gender a conditioning factor? *Materiales Para La Historia Del Deporte*(18), 147-159.

- Gonzalez-Serrano, M. H., González-García, R. J., & Pérez-Campos, C. (2018). Entrepreneurial and intrapreneurial intentions of sports science students: What are their determinant variables? *Journal of Physical Education and Sport*, 18, 1363-1372. doi:10.7752/JPES.2018.S3202
- Greve, A., & Salaff, J. W. (2003). Social Networks and Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 28(1), 1-22. doi:10.1111/1540-8520.00029
- Grimaldi-Puyana, M., Gálvez-Ruiz, P., Sánchez-Oliver, A. J., & Fernández-Gavira, J. (2019). Intentions of entrepreneurship in sports science higher education: gender the moderator effect. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 8(1), 147-162. doi:10.1108/JEPP-03-2019-105
- Hayhurst, L. M. C. (2014). The 'Girl Effect' and martial arts: social entrepreneurship and sport, gender and development in Uganda. *Gender, Place and Culture*, 21(3), 297-315. doi:10.1080/0966369X.2013.802674
- Holt, N. L., Kingsley, B. C., Tink, L. N., & Scherer, J. (2011). Benefits and challenges associated with sport participation by children and parents from low-income families. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(5), 490-499. doi:10.1016/j.psychsport.2011.05.007
- Hu, R., & Ye, Y. (2017). Do entrepreneurial alertness and self-efficacy predict Chinese sports major students' entrepreneurial intention? *Social Behavior and Personality*, 45(7), 1187-1196. doi:10.2224/sbp.6356
- Jones, P., & Jones, A. (2014). Attitudes of Sports Development and Sports Management undergraduate students towards entrepreneurship: A university perspective towards best practice. *Education and Training*, 56, 716-732. doi:10.1108/ET-06-2014-0060
- Jones, S. (2011). Girls' secondary education in Uganda: assessing policy within the women's empowerment framework. *Gender and Education*, 23(4), 385-413. doi:10.1080/09540253.2010.499854
- Kauppinen, A., & Escamilla-Fajardo, P. (2020). Sport entrepreneurs' performance in business. *European Sport Management Quarterly*, 24. doi:10.1080/16184742.2020.1846577
- Koca, C., & Öztürk, P. (2015). Gendered perceptions about female managers in Turkish sport organizations. *European Sport Management Quarterly*, 15(3), 1-26. doi:10.1080/16184742.2015.1040046
- Lashgarara, F., Roshani, N., & Omidi, M. (2011). Influencing factors on entrepreneurial skills of rural women in Ilam City, Iran. *African journal of business management*, 5(14), 5536-5540. doi:10.5897/AJBM11.623

- Lau, H. H., Hsu, H. Y., Acosta, S., & Hsu, T. L. (2014). Impact of participation in extra-curricular activities during college on graduate employability: an empirical study of graduates of Taiwanese business schools. *Educational Studies*, 40(1), 26-47. doi:10.1080/03055698.2013.830244
- Liu, J., Srivastava, A., & Seng Woo, H. (1998). Transference of skills between sports and business. *Journal of European Industrial Training*, 22(3), 93-112. doi:10.1108/03090599810207935
- Marques, C., Ferreira, J. J., Rodrigues, R., & Ferreira, M. (2011). The contribution of yoga to the entrepreneurial potential of university students: A SEM approach. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7, 255-278. doi:10.1007/s11365-010-0157-9
- McSweeney, M. J. (2020). Returning the 'social' to social entrepreneurship: Future possibilities of critically exploring sport for development and peace and social entrepreneurship. *International Review for the Sociology of Sport*, 55(1), 3-21. doi:10.1177/1012690218784295
- Megheirkouni, M., Thirlwall, A., & Mejhirkouni, A. (2020). Entrepreneurial leadership in Middle East sport businesses The impact of gender differences in cultural values. *Gender in Management*, 35(2), 167-188. doi:10.1108/gm-01-2019-0006
- Micelotta, E., Washington, M., & Docekalova, I. (2018). Industry Gender Imprinting and New Venture Creation: The Liabilities of Women's Leagues in the Sports Industry. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 42(1), 94-128. doi:10.1177/1042258717732778
- Minniti, M., & Arenius, P. (2003). *Women in Entrepreneurship: The Entrepreneurial Advantage of Nations: First Annual Global Entrepreneurship Symposium : United Nations Headquarters, April 29, 2003*: Verlag nicht ermittelbar.
- Miragaia, D. A. M., & Soares, J. A. P. (2017). Higher education in sport management: A systematic review of research topics and trends. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 21, 101-116. doi:10.1016/j.jhlste.2017.09.001
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS medicine*, 6(7), e1000097. doi:10.1371/journal.pmed.1000097
- Moore, D. P., & Buttner, E. H. (1997). *Women Entrepreneurs: Moving Beyond the Glass Ceiling*: SAGE Publications.
- Moreira, J., Marques, C. S., Braga, A., & Ratten, V. (2019). A systematic review of women's entrepreneurship and internationalization literature. *Thunderbird International Business Review*, 61(4), 635-648. doi:10.1002/tie.22045

- Munkwitz, E. (2018). Designing Diana: Female Sports Entrepreneurs and Equestrian Innovation. *International Journal of the History of Sport*, 35(7-8), 745-766. doi:10.1080/09523367.2018.1544125
- Ndofirepi, T. M., Dzansi, D. Y., & Rambe, P. (2018). An Exploratory Study on the Gender-Based Differences in Entrepreneurial Intention and Its Antecedents amongst Students of a South African University of Technology. *Southern African Business Review*, 22(1), 1-28. doi:10.25159/1998-8125/4345
- Osituyo, O. O. (2018). Deliberate ceiling for career progress of female public service employees: A contemporary transformation trend in South Africa. *Journal of International Women's Studies*, 19(3), 172-186.
- Pape, M. (2019). Gender Segregation and Trajectories of Organizational Change: The Underrepresentation of Women in Sports Leadership. *Gender & society*, 34(1), 1-25. doi:10.1177/0891243219867914
- Parris, D. L., Troilo, M. L., Bouchet, A., & Peachey, J. W. (2014). Action sports athletes as entrepreneurs: Female professional wakeboarders, sponsorship, and branding. *Sport Management Review*, 17(4), 530-545. doi:10.1016/j.smr.2013.12.005
- Pellegrini, M. M., Rialti, R., Marzi, G., & Caputo, A. (2020). Sport entrepreneurship: A synthesis of existing literature and future perspectives. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16, 795 - 826 doi:10.1007/s11365-020-00650-5
- Peterson, T., & Schenker, K. (2018). Social entrepreneurship in a sport policy context. *Sport in Society*, 21(3), 452-467. doi:10.1080/17430437.2017.1346618
- Ratten, V., & Miragaia, D. (2020). Entrepreneurial passion amongst female athletes. *Journal of Small Business and Entrepreneurship*, 32(1), 59-77. doi:10.1080/08276331.2018.1551460
- Rehman, L., & Frisby, W. (2000). Is self-employment liberating or marginalizing? The case of women consultants in the fitness and sport industry. *Journal of Sport Management*, 14(1), 41-62. doi:10.1123/jsm.14.1.41
- Rodrigues, R., Marques, C. S., Esteves, D., Brás, R., Santos, G., Gouveia, A., . . . Marques, V. (2019). Physical activity level as a booster of entrepreneurial intention: a social innovation approach. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, 17, 121 - 133. doi:10.1007/s12208-019-00227-1
- Rugina, S. (2019). Female entrepreneurship in the Baltics: formal and informal context. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 11(1), 58-74. doi:10.1108/IJGE-05-2018-0055

- Sánchez-Oliver, A. J., Gálvez-Ruiz, P., Grimaldi-Puyana, M., Fernández-Gavira, J., & García-Fernández, J. (2019). New ways of sports entrepreneurship in the university. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 8(1), 5-21. doi:10.1108/JEPP-07-2019-110
- Santos, G., Marques, C. S., & Ferreira, J. J. M. (2018). What are the antecedents of women's entrepreneurial orientation? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 14(4), 807-821. doi:10.1007/s11365-017-0481-4
- Sauder, M. H., Mudrick, M., & DeLuca, J. R. (2018). Perceived barriers and sources of support for undergraduate female students' persistence in the sport management major. *Sport Management Education Journal*, 12(2), 69-79. doi:10.1123/smej.2017-0025
- Schell, L. A. B., & Rodriguez, S. (2000). Our Sporting Sisters: How Male Hegemony Stratifies Women in Sport. *Women in Sport and Physical Activity Journal*, 9(1), 15-34. doi:10.1123/wspaj.9.1.15
- Shastri, S. (2019). Motivations and challenges of women entrepreneurs. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 39(5/6), 338-355. doi:10.1108/IJSSP-09-2018-0146
- Singh, R. (2012). Women entrepreneurship issues, challenges and empowerment through self help groups: An overview of himachalparadesh. *International Journal of Democratic and Development Studies.*, 1(1), 45-58. doi:RCMSS/IJDDS/12004
- Steinbrink, K. M., Berger, E. S. C., & Kuckertz, A. (2020). Top athletes' psychological characteristics and their potential for entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16(3), 859-878. doi:10.1007/s11365-019-00612-6
- Swanson, J. L., Daniels, K. K., & Tokar, D. M. (1996). Assessing Perceptions of Career-Related Barriers: The Career Barriers Inventory. *Journal of Career Assessment*, 4(2), 219-244. doi:10.1177/106907279600400207
- Swanson, J. L., & Tokar, D. M. (1991). Development and initial validation of the Career Barriers Inventory. *Journal of Vocational Behavior*, 39(3), 344-361. doi:10.1016/0001-8791(91)90043-L
- Torres, A. I. Z., & Garcia, A. M. V. (2017). *Employment of Young University Students through Entrepreneurship*. Paper presented at the Proceedings of the 13th European Conference on Management, Leadership and Governance, London, United Kingdom
- Tripathi, K. A., & Singh, S. (2018). Analysis of barriers to women entrepreneurship through ISM and MICMAC: A case of Indian MSMEs. *Journal of Enterprising*

- Communities-People and Places in the Global Economy*, 12(3), 346-373.
doi:10.1108/jec-12-2017-0101
- Turkmen, M. (2015). The effect of women entrepreneur problems on self-entrepreneurship characteristics. *Anthropologist*, 20(3), 643-650.
doi:10.1080/09720073.2015.11891768
- Ullah, H., & Skelton, C. (2016). Social reproduction of gender hierarchies in sports through schooling in Khyber Pakhtunkhwa. *Asia Pacific Journal of Education*, 36(1), 131-144. doi:10.1080/02188791.2014.924389
- Wu, J., Li, Y., & Zhang, D. (2019). Identifying women's entrepreneurial barriers and empowering female entrepreneurship worldwide: a fuzzy-set QCA approach. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 15(3), 905-928.
doi:10.1007/s11365-019-00570-z
- Yadav, V., & Unni, J. (2016). Women entrepreneurship: research review and future directions. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 6(1), 12.
doi:10.1186/s40497-016-0055-x
- Yaghoubi, N. M., & Ahmadi, F. (2010). Factors affecting the women entrepreneurship in industrial section. *European Journal of Social Sciences*, 17(1), 88-95.
- Zahra, S. A., Wright, M., & Abdelgawad, S. G. (2014). Contextualization and the advancement of entrepreneurship research. *International Small Business Journal*, 32(5), 479-500. doi:10.1177/0266242613519807
- Zarate-Hoyos, G. A., & Larios-Meono, F. (2015). The role of universities and other institutions in successful entrepreneurship: Some insights from a literature review. *Propósitos Y Representaciones*, 3(2), 289-317.
doi:10.20511/pyr2015.v3n2.82

Capítulo 3. Empreendedorismo Feminino no Contexto Desportivo: Barreiras Reais Numa Sociedade de Estereótipos!

Resumo

Em pleno século XXI, ainda são imensas as barreiras sentidas pelas mulheres no momento de empreender. Desta forma, este estudo tem como objetivo identificar as barreiras identificadas por mulheres empreendedoras no contexto desportivo. Foi feito um estudo qualitativo, através da aplicação de uma entrevista semiestruturada a 30 mulheres empreendedoras de diversas áreas do desporto. Para além da identificação das motivações para o empreendedorismo, a entrevista abordou barreiras sistematizadas em três níveis: nível macro (sociais/culturais e legais, burocráticas e regulamentares), nível meso (organizacionais e financeiras/económicas) e por fim, nível micro (individuais, educacionais e microambientais). Os resultados indicam que as motivações mais apontadas passam pela necessidade de obterem um maior rendimento e autorrealização. Quanto às barreiras de nível macro, percebeu-se que as questões sociais/culturais têm uma grande influência na carreira das mulheres, nomeadamente pela associação que por norma lhes é atribuída em relação às responsabilidades familiares. Apresentam ainda dificuldade em dominar componentes regulamentares e legais envolvidas nos processos de empreendedorismo. No que se refere às barreiras de nível meso, foi possível identificar que os homens não aceitam de forma positiva a comunicação e coordenação proveniente das mulheres. Já do ponto de vista financeiro, foi possível aferir que estas ainda estão muito dependentes da família e do marido. Por fim, sobre as barreiras de nível micro, apurou-se que o facto de culturalmente ser inculcada a ideia de que as mulheres são o elo mais fraco, acaba por se refletir nos seus níveis de autoconfiança, influenciando assim a sua predisposição para arriscar profissionalmente. Do mesmo modo, também a necessidade de formação no âmbito do empreendedorismo foi apontada como sendo uma fragilidade que deve ser colmatada. Os presentes resultados têm implicações no processo de tomada de decisão, nomeadamente ao nível da criação de políticas governamentais que permitam ajudar nas questões de equidade de género.

Palavras-chave

Empreendedorismo; Desporto; Mulheres; Barreiras; Organizações Desportivas; Equidade de género; Discriminação.

1. Introdução

Atualmente, falar de barreiras ao empreendedorismo feminino já não deveria ser tema de discussão. Contudo, nos mais diversos setores de atividade, as mulheres continuam a enfrentar imensos obstáculos, principalmente no momento de empreender (Cooke & Xiao, 2020; Miragaia, Ferreira, & da Costa, 2021; Njaramba, Chigeza, & Whitehouse, 2018; Patra & Lenka, 2020; Shakeel, Li, & Gohar, 2020). Apesar de diversas entidades, como são o caso de Organizações não Governamentais - ONGs (Lenka & Agarwal, 2017), nomeadamente a Organização das Nações Unidas (ONU), o Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE) e o Monitor Global de Empreendedorismo (GEM), estarem a fazer um grande esforço para encontrarem soluções para esta problemática, ainda assim, existe um vasto campo de intervenção a ser feito. Note-se que segundo o Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE, 2020), se se continuar a este ritmo, a UE irá demorar pelo menos 60 anos até alcançar a igualdade total de género.

Recentemente um relatório do Eurostat (2020), referiu que na UE, apenas 29.6% dos membros da administração de topo são mulheres. Também em termos salariais as evidências indicam que apesar de a evolução ser positiva nos últimos anos, ainda existe muito trabalho a fazer. Em 2019 na UE, os ganhos médios brutos por hora das mulheres foram em média 14.1% inferiores aos dos homens (Eurostat, 2021).

Por sua vez, vários estudos têm analisado as barreiras que as mulheres tendem a encontrar nas suas carreiras profissionais, tendo concluído que independentemente do setor de atividade, estas têm dificuldade acrescida em progredir profissionalmente, comparativamente com os homens (Osituyo, 2018; Swanson et al., 1996; Swanson & Tokar, 1991).

Adicionalmente a este cenário, percebe-se que o envolvimento das mulheres em iniciativas empreendedoras tem sido residual (Rabbani, Khan, Abey, & Rahiman, 2020; Turkmen, 2015; Wu et al., 2019). Apesar dos esforços que têm vindo a ser feitos pelos governos e ONGs no desenvolvimento de programas e políticas de incentivo ao empreendedorismo feminino, no sentido de sensibilizar a sociedade para a igualdade de direitos entre os homens e mulheres, e dar apoio psicossocial para ajudar a aumentar a autoestima e a confiança das mulheres, a verdade é que o seu efeito na prática ainda é pouco impactante, uma vez que estas continuam a enfrentar muitas barreiras e discriminação na sociedade (Lenka & Agarwal, 2017; Rabbani et al., 2020).

A literatura tem indicado de forma inequívoca que não é dada a mesma credibilidade às mulheres que têm motivação para desenvolver uma iniciativa empreendedora, bem como aos negócios desenvolvidos por estas, sendo entendidas à partida como fracassadas (Ahl, 2006; Anggahegari, Yudoko, Rudito, Mulyaningsih, & Ramadani, 2021; Dean, Larsen, Ford, & Akram, 2019; Stead, 2017). Esta situação é ainda mais agravada, quando se trata de mulheres empreendedoras inseridas em minorias étnicas, não tendo liberdade de seguir as suas próprias normas e valores (Verduijn & Essers, 2013). Esta dificuldade de obtenção de credibilidade individual e comercial, bem como a necessidade de serem reconhecidas e aceites como empreendedoras, tem levado muitas mulheres a chegarem ao ponto de negociarem com os homens a progressão destes para lugares de topo, com a finalidade de conseguirem aceder a redes empreendedoras que estes possuem (Stead, 2017). Esta perceção de que a ação empreendedora é mais associada aos homens, resulta de uma ideia socialmente generalizada de que estes são mais racionais e propensos a assumir riscos (Ahl, 2006; Ahl & Marlow, 2012; de Bruin, Brush, & Welter, 2006; Dean et al., 2019). Por outro lado, a literatura também tem evidenciado o impacto que a divisão das tarefas familiares e domésticas têm no empreendedorismo feminino (Hughes & Jennings, 2019; Stead, 2017), uma vez que as mulheres tendem a procurar um equilíbrio entre a vida profissional e pessoal/familiar quando decidem abrir um negócio (Adkins, Samaras, Gilfillan, & McWee, 2013).

Contudo, apesar de existirem mais homens a tomar iniciativas empreendedoras, importa mencionar que os próprios media e a cultura tradicional enraizada na sociedade não são fatores a favor da mulher, nem da equidade de género. A visibilidade dada às mulheres é muito baixa, sendo transmitida a ideia de que estas são menos capazes de liderar iniciativas empreendedoras, afetando assim, pela negativa, a sua autoconfiança. É sabido que uma atitude de confiança sobre uma ideia para empreender, pode conduzir mais facilmente a uma ação empreendedora de sucesso (de Bruin et al., 2006; Henry, Foss, & Ahl, 2016; Ramoglou, Gartner, & Tsang, 2020).

Posto isto, o empreendedorismo não pode ser analisado através de uma perspetiva de neutralidade de género, porque essa não é a realidade (Ahl & Marlow, 2012). O género é moldado por estruturas sociais que influenciam as perceções, atitudes e comportamentos da sociedade, bem como o próprio comportamento da pessoa em termos de desempenho empresarial. Portanto, uma mulher pelo seu género, já está associada a uma determinada identidade.

Se por um lado este processo de mudança já era difícil, com o aparecimento da pandemia COVID-19, a preocupação aumentou, uma vez que, a desigualdade de género agravou-se ainda mais. Nomeadamente com o regime de teletrabalho, as mulheres começaram a sofrer mais pressão, tendo em conta que as responsabilidades familiares e as tarefas de cuidar dos filhos/netos/pessoas mais velhas e/ou pessoas com deficiência, recaíram fundamentalmente sobre elas (Cooke & Xiao, 2020; Waismel-Manor, Wasserman, & Shamir-Balderman, 2021). Este comportamento tende a acontecer porque as mulheres são mais propensas a serem expostas à pressão de conflitos entre trabalho e família (Chauhan, 2021). Outro dos impactos negativos da pandemia no empreendedorismo feminino, refletiu-se a nível financeiro, nomeadamente por se ter verificado uma maior dificuldade em obter empréstimos bancários, principalmente para as microempresas, ou para quem pretendia iniciar uma empresa (Cooke & Xiao, 2020). Contudo, um recente relatório do GEM (2021), menciona que o empreendedorismo contribui para a criação de emprego, crescimento económico dos países e agrega valor à sociedade. Ou seja, o empreendedorismo pode servir como uma das alavancas para desbloquear a recuperação económica mundial. Aliás, segundo de Bruin, Brush e Welter (2006), apesar das dificuldades, as mulheres empreendedoras evoluem e expandem mais rapidamente os seus negócios, bem como demonstram contribuir significativamente para a inovação, emprego e criação de riqueza económica. No entanto, de acordo com o presente relatório, na Europa e no Norte da América, apenas 1 em cada 20 mulheres iniciou um novo negócio, ou mantém o seu negócio ativo (GEM, 2021).

O empreendedorismo tem vindo a ser estudado desde há muitos anos, sendo que na sua globalidade o conceito empreendedorismo assenta nas seguintes linhas orientadoras: i) envolve a criação ou expansão de um negócio; ii) implica a capacidade de assumir riscos e falhas; e acima de tudo passa pelo iii) talento de identificar, avaliar e explorar novas oportunidades (Alstete, 2002; Muhumad, 2016; Turkmen, 2015). Contudo, um empreendedor não tem de ser, obrigatoriamente um gestor, ou o fundador de uma empresa, podem igualmente ser pessoas que desenvolvem novas formas de comercializar bens e/ou serviços (Muhumad, 2016; Shane & Venkataraman, 2000). Como se pode verificar, o empreendedorismo é essencial para a sociedade, sendo que esta abordagem nem sempre está associada a fins lucrativos. Um exemplo disso é o empreendedorismo social que consiste na criação de impactos positivos na sociedade, nomeadamente através do trabalho desenvolvido em organizações sem fins lucrativos. O empreendedorismo social engloba assim atividades e iniciativas benéficas para a sociedade (Klarin & Suseno, 2022), podendo ser definido como atividades e/ou

processos, com o objetivo de descobrir, definir e explorar oportunidades para a mudança e/ou a melhoria social, com vista a aumentar a riqueza social, através da criação de novos empreendimentos ou gerir organizações de forma inovadora. Posto isto, as organizações que têm como principal objetivo o retorno financeiro e a maximização de lucro, não são incluídas no conceito de empreendedorismo social (Benz, 2009; Bjarsholm, 2017; Valero, Saitgalina, & Black, 2021; Zahra, Gedajlovic, Neubaum, & Shulman, 2009).

Uma vez que este caminho parece tão duro para as mulheres, é importante pensar na motivação que leva algumas delas a seguirem iniciativas empreendedoras, entendendo assim as razões que as levam a querer abrir os seus próprios negócios, ou assumir uma atitude empreendedora nos seus locais de trabalho (Al-Ghazali, Yusoff, & Sadib, 2013; Muhumad, 2016). De acordo com a literatura (Muhumad, 2016; Orhan & Scott, 2001), as razões que levam as mulheres a desenvolver iniciativas empreendedoras resulta de um sistema complexo de motivações, interações e necessidades que influenciam o seu comportamento, funcionando como fatores de impulso (*push factors*) e/ou fatores de oportunidade (*pull factors*). De acordo com alguns autores, as mulheres tornam-se empreendedoras por necessidade, para obterem a sua própria fonte de rendimento e serem independentes (Muhumad, 2016). Por sua vez Al-Ghazali, Yusoff e Sadib (2013), concluem que a obtenção de lucro é o fator motivacional mais importante, seguido da motivação pela realização pessoal. Pode dizer-se que as motivações podem ser classificadas como tendo estímulos de origem negativa ou positiva. São consideradas de origem negativa quando existe pressão que faz com que as mulheres persigam as suas ideias de negócios, tais como, desemprego, insatisfação com o emprego existente, a necessidade de ganhar mais dinheiro e o desejo de um horário mais flexível que permita ter mais tempo para cuidar da família. Positivas, quando estão motivadas para conseguir a autorrealização, independência, autonomia, ser o próprio “patrão”, ter um trabalho agradável, adquirir riqueza, estatuto social e poder (Alstete, 2002; Orhan & Scott, 2001).

Deste modo, de Bruin, Brush e Welter (2007) reforçam a ideia de que é preciso entender o progresso que tem sido feito no empreendedorismo, tendo em consideração a relação entre os indivíduos e o meio ambiente. Face ao exposto, é possível verificar que a desigualdade de género no empreendedorismo é uma temática que afeta vários setores, onde o contexto desportivo não é exceção.

O desporto ocupa um papel de extrema relevância na sociedade, conseguindo ser muito impactante na vida das pessoas através da criação de valor social. Posto isto, percebe-se que, o empreendedorismo social está muitas vezes interligado ao empreendedorismo desportivo, pela influência benéfica que ambos têm para a sociedade (Bjarsholm, 2017; Hammerschmidt, Kraus, & Jones, 2022). Ao tratar-se de um fenómeno reconhecido mundialmente, com influência direta na qualidade de vida das populações, o desporto torna-se assim num contexto altamente desafiador, nomeadamente pela sua polivalência em termos de campos de intervenção, sobretudo no âmbito da saúde, entretenimento, lazer, competição, turismo e educação. Uma vez que se trata de uma área aliada à evolução tecnológica e à inovação (Huertas González-Serrano, Jones, & Llanos-Contrera, 2020; V. Ratten, 2011), torna-se assim, num grande impulsionador do empreendedorismo. Por outro lado, também as próprias características associadas ao papel dos desportistas, tais como a ambição, pragmatismo, resiliência e o compromisso, acabam por ser competências indispensáveis ao perfil empreendedor, tornando o contexto do desporto um ótimo espaço de treino para futuros empreendedores (Hemme, Morais, Bowers, & Todd, 2017; Hindle et al., 2021).

Desta forma, o empreendedorismo desportivo pode ser definido como a identificação e exploração de oportunidades para a criação de valor, por meio do desporto (Hammerschmidt et al., 2022), sendo que a sua relevância e atratividade começa a despertar um maior interesse de investigação, por parte da comunidade científica (Huertas González-Serrano et al., 2020; Pellegrini et al., 2020), nomeadamente no âmbito do empreendedorismo feminino (da Costa & Miragaia, 2022). Contudo, neste caso específico a literatura sobre mulheres empreendedoras no contexto do desporto é muito escassa, destacando-se a necessidade de estudar formas de quebrar as inúmeras barreiras que estas encontram no momento de empreender (da Costa & Miragaia, 2022). Este *gap* na literatura sugere a necessidade de se desenvolverem mais estudos neste sentido.

Face ao exposto, este estudo tem como objetivo analisar as barreiras identificadas por mulheres empreendedoras no contexto desportivo.

2. Enquadramento Teórico

2.1 Empreendedorismo Feminino no Contexto Desportivo

Apesar de o contexto desportivo ser visto como um setor viável para jovens empreendedores (Gonzalez-Serrano et al., 2019) também aqui as mulheres continuam com mais dificuldades comparativamente com os homens (Hindman & Walker, 2020; Micelotta et al., 2018; Miragaia et al., 2021). Alguns autores afirmam que seja qual for o setor de atividade, o empreendedorismo é dominado pelo género masculino e que estes são mais inclinados para empreender, quando comparados com as mulheres. Muitas são as causas que podem levar a tal afirmação (Mehtap, Pellegrini, Caputo, & Welsh, 2017).

Posto isto, a Figura 1 representa inúmeras barreiras que as mulheres enfrentam quando pretendem empreender no setor desportivo, podendo sistematizar-se em barreiras individuais (Patra & Lenka, 2020), sociais, educacionais, microambientais, financeiras, económicas, organizacionais (comunicação e coordenação) e burocráticas (Turkmen, 2015).

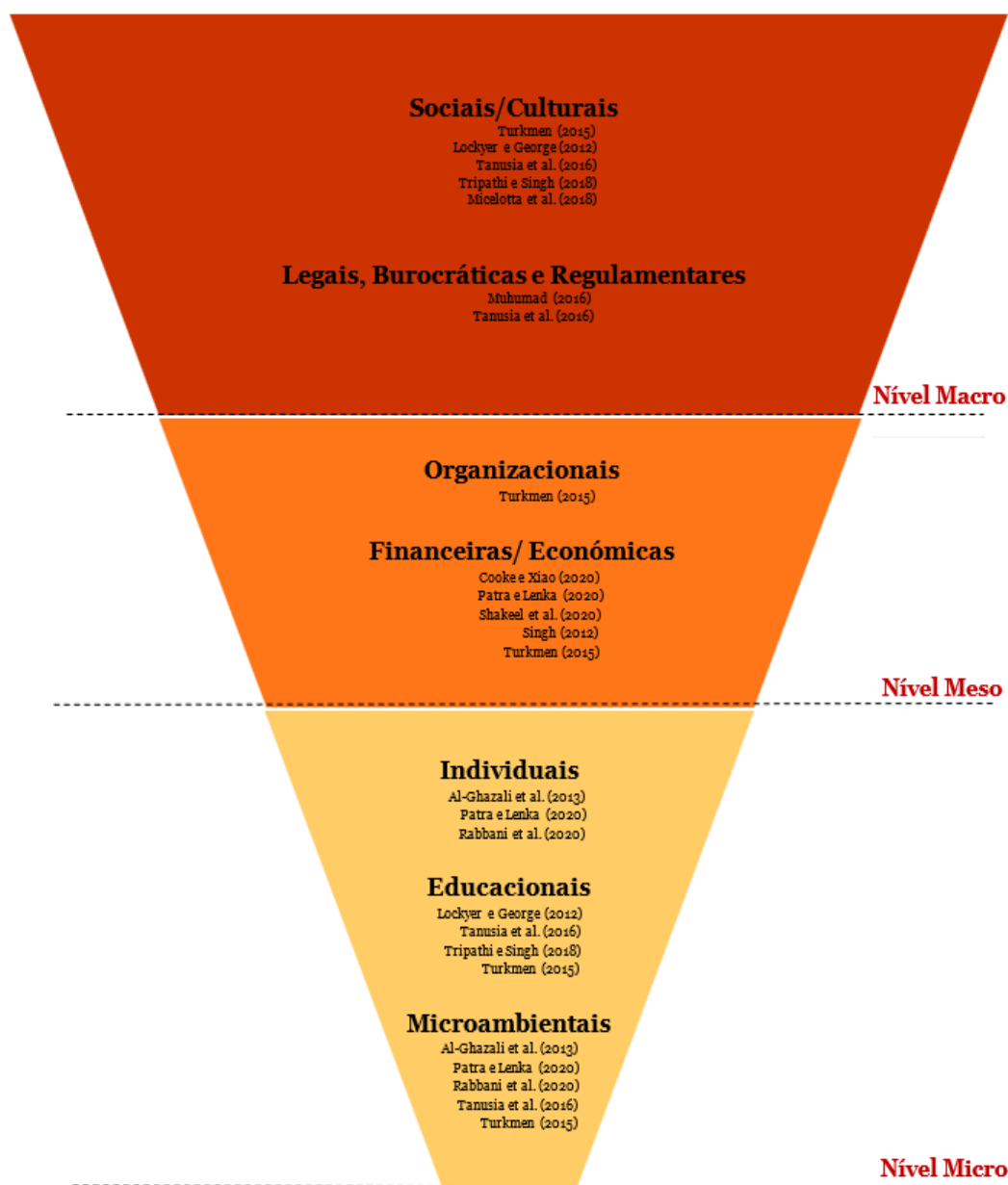


Figura 1. Modelo de barreiras ao empreendedorismo feminino.

Através da Figura 1 é possível verificar que a abordagem proposta por Burton e Leberman (2017), através de uma análise multinível (Macro-Meso-Micro), desenvolvida no âmbito das mulheres na liderança desportiva, pode adaptar-se às barreiras que estas podem encontrar nas iniciativas de empreendedorismo desportivo. Deste modo, podem ser consideradas barreiras sistematizadas em três multiníveis: i) nível macro (barreiras sociais/culturais e legais, burocráticas e regulamentares), englobando questões como as expectativas sociais, barreiras burocráticas, práticas institucionais, nomeadamente o pensamento negativo e falta de credibilidade por se tratar de uma mulher; ii) o nível meso (barreiras organizacionais e financeiras/económicas), onde são incluídos nomeadamente os estereótipos, a cultura organizacional, questões de discriminação, menor capacidade financeira ao ponto de

afetar a viabilidade de pedidos de empréstimos; e por fim, iii) nível micro (barreiras individuais, educacionais e microambientais), onde estão incluídas barreiras que resultam da forma como as mulheres compreendem e valorizam as suas experiências e expectativas do ponto de vista organizacional; a forma como entendem as dinâmicas de poder, de políticas e de procedimentos no contexto organizacional; a falta de habilidades de gestão; menor nível educacional e o excesso de responsabilidades familiares (Modarresi, Arasti, Talebi, & Farasatkah, 2017).

2.1.1 Barreiras de Nível Macro

As barreiras sociais/culturais continuam a ser um grande entrave ao empreendedorismo feminino. Culturalmente, a mulher continua a estar associada às responsabilidades familiares e aos deveres domésticos, tais como cuidar da casa e dos filhos (Lockyer & George, 2012; Turkmen, 2015). Note-se que atualmente em alguns países, a mulher ainda tem de ter a permissão do homem para se envolver em alguma atividade, principalmente em negócios, uma vez que prevalece a ideia de que a mulher que ganha dinheiro já não será submissa à autoridade do marido, que é o “chefe de família” (Lockyer & George, 2012; Tanusia, Marthandan, & Subramaniam, 2016; Tripathi & Singh, 2018; Turkmen, 2015).

Assim sendo, verifica-se que apesar de todos os esforços que têm vindo a ser feitos para conseguir mudar a mentalidade da sociedade, as barreiras a nível cultural, inevitavelmente irão demorar muitos anos a ser quebradas. A persistência de valores culturais, crenças, normas e orientações associadas à masculinidade no empreendedorismo afeta todas as áreas (Cooke & Xiao, 2020; Lenka & Agarwal, 2017; Osituyo, 2018). A indústria do desporto, em especial, é muito afetada por esta herança cultural, uma vez tratar-se de uma área onde existe masculinidade hegemônica, tornando muito difícil as mulheres serem bem-sucedidas, seja no papel de atletas ou de empreendedoras (Micelotta et al., 2018).

Além disso, também as questões legais, burocráticas e regulamentares não estabelecem um ambiente favorável para o sucesso empreendedor das mulheres. Por norma, como as mulheres têm menos experiência e oportunidades, acabam por ter maior dificuldade em aceder às informações, refletindo-se numa maior dificuldade em conhecer os procedimentos regulamentares e legais no processo de gestão e/ou implementação de uma organização (Muhomad, 2016). Deste modo, uma vez que por norma as mulheres não ocupam com tanta frequência cargos de gestão de topo nas organizações, estas

acabam por ter menos experiência, refletindo-se numa maior dificuldade em fazer crescer os seus negócios (Muhumad, 2016; Turkmen, 2015).

2.1.2 Barreiras de Nível Meso

Também a nível organizacional, as mulheres têm mais dificuldades em gerir as suas equipas, nomeadamente ao nível da comunicação e coordenação, isto porque, os colaboradores do género masculino têm dificuldade em reconhecer as mulheres como chefes e em aceitar as suas ordens (Turkmen, 2015). Essa discriminação também se verifica ao nível financeiro/económico. De acordo com a literatura estas têm mais dificuldade em conseguir capital para os seus negócios, quando comparadas com os homens, verificando-se inclusivamente discriminação por parte das entidades bancárias em conceder créditos, principalmente para pequenas empresas. Este tipo de obstáculo implica que estas iniciem os seus negócios com as suas economias pessoais, ou com a ajuda financeira dos seus familiares (Cooke & Xiao, 2020; Patra & Lenka, 2020; Shakeel et al., 2020; Turkmen, 2015). Esta dificuldade de apoio é visível em outras circunstâncias, nomeadamente na relação com fornecedores e patrocinadores, que também não lhes dão a devida credibilidade, tendo em conta que esta é uma área dominada por homens (Singh, 2012; Turkmen, 2015).

2.1.3 Barreiras de Nível Micro

Para além de barreiras de nível macro e meso, diversos estudos têm apontado para o facto de as barreiras individuais também acabarem por ser um grande entrave na iniciativa empreendedora. Muitas mulheres sentem uma diversidade de barreiras psicológicas levando-as a ter a perceção de que não são capazes deste tipo de iniciativa, uma vez que têm falta de confiança na sua eficácia, na sua capacidade de tomada de decisão e no desenvolvimento de um pensamento inovador (Al-Ghazali et al., 2013; Patra & Lenka, 2020). Contudo, uma vez que uma das grandes motivações das mulheres empreendedoras passa pela realização pessoal, é necessário quebrar/enfraquecer as barreiras a nível individual para que estas se sintam realizadas e se sintam estimuladas a assumir uma atitude empreendedora (Al-Ghazali et al., 2013).

Para além das barreiras individuais, as questões educacionais também não são favoráveis ao desenvolvimento do empreendedorismo feminino. Vários estudos têm continuado a apontar para o facto de as mulheres serem vistas apenas como donas de casa, e como tal, estas não investem o seu tempo na educação e desenvolvimento dos seus currículos (Lockyer & George, 2012; Turkmen, 2015). De acordo com a literatura a

educação é um fator muito importante para quem pretende empreender, sendo que o baixo envolvimento das mulheres na sua formação pode afetar negativamente as suas intenções empreendedoras. Deste modo, as mulheres acabam por ficar prejudicadas ao apresentarem currículos mais frágeis (Lockyer & George, 2012; Tanusia et al., 2016; Tripathi & Singh, 2018; Turkmen, 2015).

De acordo com a literatura, as barreiras individuais e educacionais podem resultar de barreiras de nível microambiental. A família costuma ser uma das maiores barreiras para as mulheres empreendedoras, pois, estas continuam a ter um papel fundamental nas tarefas familiares, no papel de mãe e esposa. O apoio da família, em especial do marido e amigos, bem como a ajuda nas responsabilidades familiares poderia gerar efeitos muito positivos na motivação interna das mulheres, para que estas dedicassem mais tempo a iniciar e orientar os seus negócios (Turkmen, 2015). Além disso, a existência de mulheres empreendedoras que sejam vistas como um modelo para as que pretendem empreender, poderia ser uma mais-valia. Esses modelos de referência poderiam ajudar no equilíbrio entre o trabalho e a família, principalmente no início de carreira, mas, infelizmente, nem sempre se verifica, o que dificulta todo o processo ao nível do microambiente (Al-Ghazali et al., 2013; Tanusia et al., 2016; Turkmen, 2015).

Deste modo, quando se analisam as barreiras, elas não são todas do mesmo tipo, sendo que a relação que umas podem ter sobre as outras pode ser diferente, dependendo do nível a que pertencem. Para além disso, através dessa análise multinível poderá ser mais clara e objetiva a definição de estratégias de ação para resolver/minimizar as barreiras de determinado nível (Burton & Leberman, 2017). Face ao exposto, é fundamental continuar a estudar e perceber as barreiras sentidas pelas mulheres empreendedoras no sentido de se continuarem a desenvolver mecanismos que permitam alcançar a equidade de género. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é identificar as barreiras encontradas por mulheres empreendedoras no contexto desportivo.

3. Metodologia

3.1 Caracterização do contexto e amostra

No que diz respeito à amostra, este estudo contou com a participação de 30 mulheres com intervenção empreendedora em Portugal (Tabela 1). Uma vez que o empreendedorismo não passa apenas pela criação de negócios mas também pela capacidade de identificar os problemas e encontrar soluções para uma sociedade melhor, neste estudo foram incluídas mulheres que tenham criado os seus próprios negócios em qualquer tipo de contexto desportivo (por exemplo: lojas de roupa, criação de marcas, ginásios, espaços dedicados ao treino personalizado), bem como mulheres dedicadas ao empreendedorismo social na área do desporto, nomeadamente em organizações desportivas culturalmente muito masculinizadas, como é o caso do futebol, hóquei, automobilismo e desportos de combate.

Tabela 1. Caracterização da amostra.

Código	Ocupação	Idade	Tempo*
E1	Health club	31	1 ano
E2	Health club	29	9 meses
E3	Health club	35	10 meses
E4	Health club	30	3 anos
E5	Health club	30	3,4 anos
E6	Health club	28	1,5 anos
E7	Health club	28	7 meses
E8	Health club	34	5 anos
E9	Box de Crossfit	29	5 anos
E10	Loja roupa desportiva	52	7 anos
E11	Loja online de roupa fitness	37	1,6 anos
E12	Administradora de um grupo de ginásios, Presidente de uma Federação e Dirigente de uma Associação Desportiva	57	22 anos
E13	Membro da direção executiva de uma Federação, Diretora de uma Federação na modalidade feminina. Treinadora/Selecionadora nacional, Membro de uma comissão Mulheres e Desporto do Comité Olímpico de Portugal	43	10 anos
E14	Diretora Desportiva da UE de uma modalidade desportiva, diretora de atividades de uma Federação e membro de uma comissão Mulheres e Desporto do Comité Olímpico de Portugal e Atleta Olímpica	49	10 anos
E15	Presidente da uma Federação	54	12 anos
E16	Presidente de uma Federação	44	5 anos (Presid.) 7 anos (Diretora)
E17	Vice-presidente de uma Federação e Ex-atleta	44	10 anos
E18	Ex-diretora executiva da uma liga desportiva portuguesa	49	6 anos
E19	Piloto de Automobilismo – Ralis, Presidente de uma comissão Mulheres e Desporto do Comité Olímpico de Portugal	57	30 anos
E20	Treinadora	46	13 anos
E21	Treinadora nacional, dirigente numa associação desportiva, criou uma escola de uma modalidade desportiva e Atleta olímpica	48	2 meses
E22	Criadora de uma escola de uma modalidade desportiva, Treinadora da Seleção e Atleta Olímpica	40	10 anos (Diretora)
E23	Desenvolveu trabalhos relacionados com a organização de eventos, Atleta olímpica	62	20 anos
E24	Subdiretora de uma Faculdade de Ensino Superior de Ciências do Desporto e Educação Física, membro da comissão executiva do Comité Olímpico de Portugal e Atleta Olímpica	41	5 anos
E25	Múltiplos cargos associados ao dirigismo desportivo e Atleta Olímpica	47	20 anos
E26	Professora Universitária e vogal do Conselho de Disciplina de uma Federação	57	10 anos
E27	Membro de direção de ONGs Desportivas, Diretora dos Serviços desportivos de uma Universidade	32	5 anos
E28	Diretora do departamento de desporto de uma Câmara Municipal	51	4 anos
E29	Cofundadora de um projeto que prepara os atletas para a sua carreira após o desporto, trabalhando as competências adquiridas ao longo da carreira desportiva	37	4 anos
E30	Envolvida na implementação de um projeto social relacionado com o desporto	41	1 ano

* Tempo de permanência no cargo

As participantes tinham idades compreendidas entre os 28 e os 62 anos, sendo a idade média de 43 anos. Verificou-se que 40% das mulheres entrevistadas estão envolvidas na indústria do *fitness*, as restantes 60% ocupam funções variadas, tais como treino desportivo, criação de escolas e outros projetos, bem como participação em cargos de

empreendedorismo social (Tabela 1). As áreas de atuação, são muito diversas, nomeadamente no âmbito da indústria do *fitness*; modalidades coletivas como o futebol, o andebol e o hóquei; e ainda modalidades individuais como o automobilismo e desportos de combate.

3.2 Instrumento

Foi seguida uma abordagem qualitativa, através da aplicação de uma entrevista semiestruturada (Tabela 2; Apêndice 1), desenvolvida com base em vários estudos (Akehurst, Simarro, & Mas-Tur, 2012; Movahedi & Yaghoubi-Farani, 2012; Patra & Lenka, 2020; Tripathi & Singh, 2018).

Vários pressupostos foram seguidos para definir a estrutura da entrevista, que foi organizada com um total de 91 questões. Considerando o contexto específico de análise era expectável um número de participantes relativamente pequeno, deste modo, era importante reunir informação com um grande nível de detalhe. Por essa razão foi necessário conhecer detalhes da amostra tendo sido incluídas 13 questões de caracterização da amostra. Em um estudo desta natureza era importante entender as motivações que estas mulheres tiveram para a iniciativa empreendedora, uma vez que esta informação ajudaria a entender o perfil das mulheres envolvidas no estudo. Por essa razão esta dimensão agrupou 21 questões. Com vista a ter uma perspetiva holística deste fenómeno, o estudo assentou num modelo teórico (Figura 1) composto por 3 níveis (Marco-Meso-Micro). De modo a conseguir uma análise mais detalhada e específica, foram definidas questões para cada um dos níveis, a sua agregação resultou em 57 questões. Por fim, importa mencionar que para definir a estrutura da entrevista foi importante analisar a literatura da qual foram identificados vários estudos quantitativos e qualitativos, alguns deles desenvolvidos com recurso ao instrumento “questionário” (Tabela 2). Esse referencial foi fundamental para estruturar a entrevista e organizar os temas e subtemas.

Tabela 2. Questões referentes à motivação e às barreiras ao empreendedorismo feminino.

Tema	Subtema	Nº	Autores
Motivação para Empreender	Pressão para empreender	2	Orhan e Scott (2001); Muhumad (2016)
	Autorrealização/Autonomia	4	Alstete (2002); Orhan e Scott (2001)
	Empreendedora por natureza (inata)	6	Akehurst et al. (2012)
	Reconhecimento e herança	4	Akehurst et al. (2012)
	Ambição económica e profissional	2	Akehurst et al. (2012)
	Habilidades gerenciais	2	Akehurst et al. (2012)
Barreiras de nível macro	Sociais/Culturais	9	Lockyer e George (2012); Micelotta et al. (2018); Movahedi e Yaghoubi-Farani (2012); Tanusia et al. (2016); Tripathi e Singh (2018); Turkmen (2015); Yaghoubi-Farani (2012)
	Legais, Burocráticas e Regulamentares	5	Muhumad (2016); Tanusia et al. (2016)
Barreiras de nível Meso	Organizacionais	4	Turkmen (2015)
	Financeiras/Económicas	9	Cooke e Xiao (2020); Patra e Lenka (2020); Shakeel et al. (2020); Singh (2012); Turkmen (2015)
Barreiras de nível Micro	Individuais	9	Al-Ghazali et al. (2013); Patra e Lenka (2020); Rabbani et al. (2020)
	Educacionais	8	Lockyer e George (2012); Movahedi e Yaghoubi-Farani (2012); Tanusia et al. (2016); Tripathi e Singh (2018); Turkmen (2015); Yaghoubi-Farani (2012)
	Microambientais	13	Al-Ghazali et al. (2013); Patra e Lenka (2020); Rabbani et al. (2020); Tanusia et al. (2016); Turkmen (2015)

3.3 Procedimento de recolha dos dados

No sentido de identificar mulheres empreendedoras no contexto desportivo, e uma vez que não existe uma base de dados pública com esta informação, optou-se por contactar 3 entidades de referência nacional: 1) a entidade governamental responsável pelo desporto em Portugal (Instituto Português do Desporto e Juventude - IPDJ); 2) o Comité Olímpico de Portugal (COP), uma vez que depois da carreira desportiva é usual os/as atletas desenvolverem empreendimentos no âmbito do desporto que praticaram; e finalmente 3) a Associação Portuguesa de Gestão de Desporto (APOGESD), no sentido de sugerirem mulheres com os requisitos necessários para o estudo. Posteriormente foi feito o contacto via email para confirmar a disponibilidade dessas mulheres em participarem no estudo. Antes de iniciar cada entrevista, foi dada informação sobre o teor da investigação e garantida a confidencialidade dos dados. A entrevista só prosseguiu depois de ter sido dado o consentimento informado por parte

de cada uma das participantes. O estudo foi elaborado de acordo com os critérios éticos da Declaração de Helsinkí (Association, 2013) e os padrões éticos na pesquisa em Ciências do Desporto e do Exercício Físico (Harriss, MacSween, & Atkinson, 2019). Com base nas recomendações de Riessman (2008), os participantes foram incentivados a falar livremente e com o mínimo de interrupções.

Foram realizadas um total de 30 entrevistas através da plataforma online zoom, com duração de aproximadamente 60 minutos cada uma, no período entre janeiro e março de 2022. Com a finalidade de ampliar o número de amostra, no final de cada entrevista foi solicitado o contacto de outras mulheres para posterior envolvimento no estudo. As entrevistas foram gravadas, com a devida autorização, para posteriormente serem transcritas. Numa fase seguinte, foi analisado e organizado o conteúdo de acordo com o tema e subtema e retiradas as frases representativas.

3.4 Análise de dados

Depois de transcritas as entrevistas, foram preparadas tabelas organizadas por temas e subtemas, onde foram incluídas todas as respostas das participantes. O facto de a entrevista incluir muitas questões não representou um problema para a análise, uma vez que o nível de desagregação das variáveis pelas diversas perguntas ajudou na clareza de categorização das respostas dadas pelas participantes envolvidas. Numa fase seguinte, foi analisado e organizado o conteúdo de acordo com o tema e subtema e retiradas as frases representativas (Tabela 3 à Tabela 6).

4. Resultados e Discussão

Para além das barreiras identificadas pelas participantes, foi possível identificar numa primeira fase o que as motivou a desenvolver uma atitude ou iniciativa empreendedora. As respostas mais representativas poder ser consultadas na Tabela 3.

Tabela 3. Motivação para o empreendedorismo.

Tema	Subtema	Respostas Representativas
Motivação para o empreendedorismo	Pressão para empreender	<i>“... o falecimento do meu marido, foi o que me fez ficar com o negócio, se não, não ficaria...” (E10)</i>
		<i>“O facto de estar desempregada e querer contribuir com coisas úteis para a sociedade” (E6)</i>
		<i>“O desemprego também impulsionou para avançar com o meu projeto” (E29)</i>
		<i>“... fui despedida, tinha que arriscar e acho que era a altura para arriscar porque depois seria mais difícil, com filhos...” (E3)</i>
		<i>“Tinha acabado de ficar desempregada e surgiu a ideia de abrir um negócio à minha medida...” (E2)</i>
	Autorealização/ Autonomia	<i>“Sim, a autorrealização, autonomia e saber que ia ter um trabalho mais agradável também foi uma motivação para mim” (E12)</i>
		<i>“Obriguei-me... a enfrentar os meus medos. E afinal o medo era só da minha cabeça, não havia razões para ter medo, fui ganhando confiança e fui percebendo que de facto há muitos medos que existem na nossa cabeça que não são reais. Nós somos muito mais capazes do que aquilo que pensamos. Eu queria mostrar a toda a gente que era capaz, essa foi a minha grande motivação durante estes anos todos, fazer aquilo que era impossível” (E19)</i>
	<i>“... realmente o mundo dos negócios está feito para os homens... não é não é bonito ser dito não é bonito pensar ... não é de seres homem ou mulher e acho que isto me esta a dar uma estaleca muito grande nesse sentido de ter de ir buscar mais... comprei uma catrefada de livros para ler, mais formações para não ser “comida viva” neste ponto porque infelizmente hoje em dia ... se te puderem passar a perna passam, temos que ter bons amigos, temos que ter vontade essencialmente muita determinação...” (E2)</i>	
	Inato	<i>“É um bocadinho nato, desde sempre fui muito empreendedora” (E18)</i>
	Trabalho / Família	<i>“A motivação foram os meus filhos, eu dava aulas e saía sempre muito tarde e decidi abrir um negócio para estar mais perto de casa, mais perto dos meus filhos e ter uma maior flexibilidade de horários” (E12)</i>
		<i>“... a nossa flexibilidade de horários também é muito importante” (E22)</i>
	Ambição económica e profissional	<i>“Para mim o mais difícil foi adaptar-me novamente ao mercado de trabalho onde o salário era muito baixo e não há perspectiva de crescimento. Então isso motivou-me a ter o meu próprio negócio” (E11)</i>
		<i>“Necessidade de ganhar mais dinheiro” (E9)</i>
		<i>“Foi mesmo a questão do dinheiro e a liberdade, de poderes gerir os teus horários” (E5)</i>
		<i>“... foi das primeiras contas que fiz. Pelo menos não ia ter de dar X % do meu trabalho a outra pessoa” (E4)</i>
		<i>“... puder receber todo o dinheiro que é cobrado, não ter de dar uma X %” (E2)</i>
		<i>“Trabalhava muito e tinha de dar uma % de dinheiro à empresa, agora não, o valor é todo para mim” (E2)</i>

Várias são as tipologias de respostas que foram apresentadas sobre as motivações que levaram estas mulheres a desenvolver uma atividade/atitude empreendedora (Tabela 3). Foi possível verificar que a necessidade de obter um maior rendimento, muitas

vezes impulsionada pela questão do desemprego, bem como ter mais independência financeira e pessoal, ao nível dos horários, foram as motivações mais relatadas. Este registo já tinha sido identificados em outros estudos (Al-Ghazali et al., 2013; Muhumad, 2016): *“Foi mesmo a questão do dinheiro e a liberdade, de poderes gerir os teus horários”* (E5).

Também a motivação pela autorrealização foi um dos fatores apontados na tomada de decisão de empreender, como forma de combater a ideia de que as mulheres não são tão capazes, tal como é indicado em outros estudos (Al-Ghazali et al., 2013): *“Obrigui-me... a enfrentar os meus medos. E afinal o medo era só da minha cabeça, não havia razões para ter medo, fui ganhando confiança e fui percebendo que de facto há muitos medos que existem na nossa cabeça que não reais”* (E19).

Deste modo, é possível perceber que as motivações para empreender são muito variadas, no entanto, independentemente da motivação para iniciar o negócio, ou para ter um perfil empreendedor, verificou-se que a maior parte das entrevistadas enfrentaram barreiras de diferentes níveis ao longo da sua carreira profissional.

De seguida, serão apresentados os resultados referentes às barreiras ao empreendedorismo, tendo como referência os níveis macro, meso e micro (Figura 1, Tabela 2).

4.1 Barreiras de Nível Macro

O nível macro engloba barreiras: sociais/culturais; legais, burocráticas e regulamentares, que parecem ainda estar bem presentes na sociedade contemporânea, tal como pode ser verificado nos testemunhos apresentados na Tabela 4.

Tabela 4. Barreiras de nível macro.

Tema: Barreiras de Nível Macro
Subtema: Sociais/Culturais
<i>“Eu sempre senti mais dificuldade do que ele (o sócio), sentia que o levavam sempre mais a sério do que a mim, não sei se pelo facto de ele ser homem e também ele próprio já ter uma postura mais homem, mais séria do que a minha, mais assertivo...”</i> (E8)
<i>“... tive que ser confrontada com esta falta de credibilidade...”</i> (E19)
<i>“Uma mulher ali? Temos de ir falar com o Presidente, isto não tem jeito nenhum, uma mulher a treinar homens...”</i> (E26)
<i>“Aqui os homens são muito machistas, mas não é o homem, infelizmente é a mãe do homem que educou o homem assim... a minha sogra, quando eu cheguei, diz ela assim: eu vou-te ensinar a passar roupa porque o meu filho gosta que passe assim”</i> (E11)

“Existe uma discriminação até com a idade... sentia que me passavam à frente sem qualquer tipo de razão aparente, oportunidades que eram dadas a um homem, em especial um homem mais velho” (E16)

“Uma vez fui a um ginásio fazer a apresentação do meu serviço e o dono do ginásio diz: Quem é dona da marca? quem é a responsável? e eu digo: sou eu! e ele: mas o seu marido não a ajuda?... mas você é que desenvolveu tudo?... mas não é possível” (E11)

“Tens mulheres que têm capacidade tanto para liderar como para fazer outras tarefas de casa, só que a mulher é vista como aquela que cuida da criança, aquela que protege, enquanto, o homem é visto como aquele que tem de trabalhar! e a nossa sociedade está toda voltada para isso ... muitas mulheres desistem porque preferem ter a vida familiar a ser empreendedoras” (E17)

“Ainda existe muito essa ideia, de que a mulher não vai ser capaz de erguer um negócio, de suportá-lo, porque não vai ter capacidade financeira, porque há muito aquela ideia de que o homem é que ganha muito dinheiro ... Desde antigamente, até aos dias de hoje, foi muito incutido a nós, mulheres, que nós não somos capazes, que nós não vamos conseguir e, portanto, eu acho que chega a uma altura em que a barreira é nossa, é que tantas vezes nos disseram que não éramos capazes que acreditamos nisso e não tentamos, portanto, eu acho que a barreira é pessoal e é da mulher” (E7)

“Eu acho que essa ideia tem de acabar, quando é a mulher acho que temos que fazer ouvir-nos mais, quando é um homem a falar parece que um homem aceita logo o que um homem diz, quando é uma mulher parece que temos que estar a argumentar mais algumas questões! e a mim já me aconteceu várias vezes isso, eu mostro o meu ponto de vista e ficam na dúvida e depois um homem, um colega dizer exatamente aquilo que eu disse e já não se põe em causa” (E22)

“Eu acho que uma mulher de negócios ainda não é vista como um homem de negócios” (E4)

“... há uns anos nota-se claramente a ideia de que o homem trabalha, e a mulher é submissa a ele. Agora nem tanto” (E9)

“Estamos a trabalhar para que as coisas realmente melhorem a esse nível e que haja realmente essa igualdade de género, de vencimentos, de ganharem a mesma coisa, ainda se verificam diferenças, em termos de contratação, às vezes no privado... a mulher fica grávida e vai perder tempo, isto às vezes ainda faz parte da escolha da seleção das pessoas para o trabalho...” (E28)

“Na nossa sociedade ainda impera muito o papel da mãe e ela sim, é altamente sobrecarregada. Os cargos de direção executiva são cargos que pedem muito tempo e a verdade é que nós vemos que a maioria das mulheres que se dedicam a isto... não têm filhos, têm uma família pequena ou que têm poucas responsabilidades na sua profissão, porque a mãe é que tem de ir buscar os miúdos à escola, ... é preciso ir levá-los à atividade desportiva... depois é preciso cuidar da roupa e do jantar e prepará-los para o dia seguinte. As tarefas domésticas e familiares ainda são muito pouco divididas” (E25)

“Aconteceu uma vez numa prova, o pai de um atleta ter entrado dentro da zona de competição... eu tinha dito ao senhor que ele tinha que sair... ele disse-me: eu não falo com mulheres...” (E15)

“As mulheres são as primeiras a não aceitar uma chefia feminina... acho que não ficam satisfeitas com o sucesso das outras mulheres... acho que o problema começa nas próprias mulheres...” (E29)

“O que acontece com alguma regularidade é eu ir para reuniões...e se eu for acompanhada com um homem mais velho pedem-me a mim para tirar apontamentos. Agora dou-me luxo de não levar nada, nem sequer uma folha de papel nem esferográfica, já para dar a entender que não sou secretária...” (E16)

“... eles fazem uma coisa que eu acho abominável, ... há as mesas dos presidentes e depois a mesa das mulheres dos presidentes... uma vez, sentaram-me na mesa das mulheres e achavam que estavam a fazer-me um favor... que me sentassem no lugar dos presidentes, porque eu não estava ali na condição de mulher, estava lá na condição de presidente” (E16)

Subtema: Legais, burocráticas e regulamentares

“É mais difícil para as mulheres, no setor masculino, muitas vezes os negócios são tratados em jantares à noite, por exemplo, e nós mulheres muitas vezes temos de ir para casa fazer o jantar, temos os filhos, temos a família, e isso é extremamente difícil. Essa parte social... é mesmo assim que se passa no mercado, muitas vezes os grandes negócios são feitos à mesa do café, já não é de agora, é do passado agora há que tentar mudar e fazer esta mudança” (E23)

“Eu já nem vou tanto pela burocracia, se calhar já vou mais é pelos custos, porque a burocracia esta associada a custos, cada papel tem um custo...se isso fosse mais simplificado certamente existiriam mais projetos” (E29)

“Considero e acho que isso muitas vezes faz com que as pessoas queiram e até tenham ideias muito boas, mas acabam por cair por terra por não conseguirem acompanhar aquilo que é exigido. É o que eu digo, tenho o negócio há 1 ano e acho que se não tivesse ajudas com conhecimento direto na câmara, o meu processo ainda estava a ser analisado e íamos ver se abria...” (E1)

“Sim, é surreal, eu não tinha a noção. São precisas muitas licenças, muitas coisas pagar, muita tralha até ter um espaço aberto ao público... muitas licenças para nada...” (E2)

No que diz respeito às barreiras de nível macro (Tabela 4) relativas às questões culturais e sociais, foi possível perceber que estas têm um impacto muito grande na tomada de decisão das mulheres empreendedoras, uma vez que os costumes e tradições existentes continuam a não favorecer a igualdade de género. Os relatos foram evidentes expressando que a mulher continua a estar associada às responsabilidades familiares e aos deveres domésticos, tais como cuidar da casa e dos filhos. Tal resultado foi igualmente identificado por outros estudos (Hughes & Jennings, 2019; Lockyer & George, 2012; Stead, 2017; Turkmen, 2015).

Deste modo, expressões como *“uma mulher de negócios ainda não é vista como um homem de negócios”* (E4), evidencia uma clara perceção de que a discriminação de género neste contexto ainda existe. Note-se que, atualmente em muitos países, a mulher ainda está dependente da autorização do homem para se envolver em algum tipo de atividade profissional (Lockyer & George, 2012; Tanusia et al., 2016; Tripathi & Singh, 2018; Turkmen, 2015).

Os relatos do presente estudo permitiram ainda identificar que dependendo do setor de atividade, parecem existir diferenças nas barreiras ao nível do empreendedorismo/perfil empreendedor. No âmbito da indústria do fitness, as mulheres empreendedoras parecem ter uma aceitação mais facilitada, comparativamente com outras mulheres que estão envolvidas em atividades no âmbito do futebol, automobilismo, hóquei e desportos de combate. A razão de isto acontecer poderá estar relacionada com os estereótipos sociais, uma vez que existem modalidades desportivas associadas ao género masculino, em que tanto os atletas, como os dirigentes são maioritariamente homens, e neste caso, o caminho para as mulheres torna-se mais difícil.

Ainda no âmbito macro, no que diz respeito às barreiras legais, burocráticas e regulamentares, as mulheres manifestaram ter mais dificuldades: *“É mais difícil para as mulheres, no setor masculino muitas vezes os negócios são tratados em jantares à noite, por exemplo, e nós mulheres muitas vezes temos de ir para casa fazer o jantar, temos os filhos, temos a família, e isso é extremamente difícil. Essa parte social... é*

mesmo assim que se passa no mercado, muitas vezes os grandes negócios são feitos à mesa do café, já não é de agora, é do passado agora há que tentar mudar e fazer esta mudança” (E23).

Tal como afirma Muhumad (2016), normalmente, as mulheres têm uma menor rede de contactos comerciais, maior dificuldade em aceder às informações, menos conhecimento de como lidar com a burocracia governamental e menos poder de negociação. Deste modo, a componente social também se reflete no sucesso empreendedor das mulheres e no crescimento dos seus negócios, chegando ao ponto de negociar com os homens para serem reconhecidas e aceites como empreendedoras (Stead, 2017).

4.2 Barreiras de Nível Meso

No que diz respeito ao nível meso, onde estão incluídas as barreiras organizacionais e financeiras/económicas, pode verificar-se que ainda existem muitos entraves (Tabela 5).

Tabela 5. Barreiras de nível meso.

Tema: Barreiras de Nível Meso
Subtema: Organizacionais
Considera que os homens têm dificuldade em reconhecer e aceitar a coordenação e comunicação colocada pelas mulheres?
<i>“sempre tive chefes homens e depois tive um chefe mulher, e quando assim foi, as coisas só andaram para a frente porque ela é assim com punho porque se ela não fosse assim, não ia ser ouvida, ... é mais difícil para as mulheres” (E2)</i>
<i>“... em reuniões com outras pessoas dirigentes de Federações e eu sendo dirigente, davam mais tempo de antena aos mais velhos... pronto e a mim às vezes era a correr, eu sentia que tinha que falar rápido, senão, não conseguia mostrar o meu ponto de vista” (E25)</i>
<i>“Nestes cargos de gestão ... é mais normal ouvir uma voz masculina, ... podemos estar vários seres humanos com a cabeça baixa, surge o tom de voz de um homem ... e as pessoas levantam o olhar, se surge o tom de voz relacionado mais com a parte feminina só vão levantar o olhar ou só vão realmente disputar interesse se a pessoa for muito incisiva e muito perspicaz...” (E20)</i>
<i>“Mesmos nos cargos de gestão, por vezes, é preciso contratar alguém para uma determinada função e há uma mulher e um homem por vezes, diz-se: ... prefiro homem ... depois vai gerar aqui um bocadinho mais de confusão e os homens não ligam ao pormenor e a coisa é mais fluida” (E20)</i>
Sentiu que estava preparada para atividade a que se dedicou? Ou necessitava de mais informação/formação empresarial?
<i>“Se tivessem ensinado em criança que eu podia liderar, que eu podia chefiar, se me dessem oportunidade de praticar, por exemplo, os trabalhos da escola, nós sermos líder do nosso grupo, assim a gente aprendia a gerir, mas nós não temos essas oportunidade, como somos meninas ficamos ali sossegadas num canto, diziam: porta-te bem, não corras, não te portes como um rapaz, enquanto que os rapazes são incentivados a ser corajosos, a ter uma grande destreza, a montar e a desmontar...” (E19)</i>
<i>“O homem não está ainda mentalizado ainda para ser comandado por o sexo feminino... vamos conquistando o espaço...” (E23)</i>

“Acho que atualmente já temos excelentes exemplos de mulheres empreendedoras, mas os lugares de chefia ainda pertencem aos homens... Sempre fui vice-presidente e porquê? ... Tentei várias vezes e a resposta era: ah não, é indiferente, é só um cargo! ... Para chegar a cargos de topo é bem mais difícil para as mulheres” (E21)

Subtema: Financeiras/Económicas

Considera que muitas vezes, as mulheres dependem, financeiramente, do suporte financeiro do marido ou do pai?

“Casa-te com um homem rico que ele sustenta-te e tu só tens que limpar a casa, antigamente era assim” (E2)

“Coitadas de algumas mulheres se fossem a depender delas” (E10)

“... não é só financeiramente, as mulheres dependem dos homens em muitas áreas porque não nos ensinaram a ser independentes, somos ensinadas a pedir ajuda e a não resolver os nossos problemas...” (E19)

“Na nossa sociedade ainda prevalece a ideia de que o homem é que ganha para a casa” (E3)

Conhece alguma situação em que os salários das mulheres eram mais baixos do que os dos homens, para as mesmas funções?

“Por natureza, o homem ganha mais do que a mulher, mas cabe-nos a nós também essa luta. Muitas vezes têm de depender financeiramente dos ordenados dos maridos e é por isso que infelizmente muitas mulheres sujeitam-se a muitas coisas porque não lhe são dadas as mesmas condições” (E23)

“Eu era a treinadora que tinha mais formação académica e era a que recebia menos porque diziam que eu era a mais nova e só passados 6 anos de lá estar é que igualaram o meu salário ao dos outros treinadores” (E21)

“Lembro-me aqui há uns anos que eu passei a ser selecionadora nacional a ganhar menos que o antigo selecionador que estava, que era um homem” (E13)

“O meu marido também é jogador profissional e em termos monetários não se compara o que ele ganha com o que eu ganho, então quando alguma coisa acontecia, não podia ser ele a ficar em casa, tinha de ser eu...” (E30)

“Numa empresa onde trabalhei, uma pessoa que fazia o mesmo trabalho que eu, recebia quase mais 400 € do que eu, sendo eu uma mulher e essa pessoa um homem. É ridículo, é frustrante e aliás eu tinha o dobro dos estudos do que essa pessoa, só que essa pessoa tinha mais anos de casa do que eu” (E7)

“Vim mais tarde a descobrir que a pessoa que me antecedia ganhava quase mais 30% do que eu...” (E16)

Alguma vez sentiu falta de credibilidade por parte dos patrocinadores/fornecedores, por se tratar de uma mulher?

“A mulher ... já tem que ter um estatuto para a levarem a sério e um homem basta ter aquela posição, parece que com um bom argumento é credível, a mulher não basta só ter o argumento, parece que vai ficar sempre ali alguma desconfiança” (E22)

“A desculpa é sempre: o desporto masculino atrai mais patrocinadores, vende mais, mas vende mais porquê?? é vendido à melhor hora televisiva, porque é vendido com os melhores slogans, porque é vendido pelos melhores profissionais...” (E16)

“Pelo facto de ser mulher, sempre tive mais dificuldade em conseguir outros apoios, tive que provar que merecia esses patrocínios, trabalhar muito para que achassem que eu era um bom investimento... nós temos que nos esforçar muito mais para conseguir o mesmo que os homens conseguem, de outra forma não vamos lá, não conseguimos” (E19)

“Mesmo enquanto atleta sentia que havia mais apoios para os homens. A visibilidade do Desporto ainda é muito dos homens e depois isso acaba por se refletir consequentemente nas empresas, quando o patrocínio implica visibilidade é para os homens” (E24)

Sobre as barreiras deste nível, foi possível perceber a necessidade de uma cooperação conjunta da sociedade, do governo e das indústrias, nomeadamente na indústria do desporto, onde ainda há muito trabalho a fazer para que a mulher como empreendedora seja vista com bons

olhos, e lhe reconheçam capacidade de coordenação e comunicação no local de trabalho (Burton, 2015; Koca & Öztürk, 2015; Pape, 2019; Turkmen, 2015). A nível organizacional, os homens parecem não aceitar bem as ordens e a comunicação das mulheres, não sendo dada a mesma credibilidade e o mesmo valor à sua voz.

Os próprios colegas de trabalho acabam por não colaborar neste sentido: “...quando é uma mulher acho que temos que fazer ouvir-nos mais, quando é um homem a falar parece que um homem aceita logo o que um homem diz, quando é uma mulher parece que temos que estar a argumentar!” (E22). No contexto específico do treino desportivo, também se vão verificando situações caricatas: “Aconteceu uma vez numa prova, o pai de um atleta ter entrado dentro da zona de competição... eu tinha dito ao senhor que ele tinha que sair... ele disse-me: eu não falo com mulheres...” (E15).

Importa também destacar que as mulheres ainda enfrentam alguns entraves no que diz respeito à credibilidade dada por parte dos patrocinadores/fornecedores, tal como identificado em outros estudos (Singh, 2012; Turkmen, 2015): “Pelo facto de ser mulher, sempre tive mais dificuldade em conseguir outros apoios, tive que provar que merecia esses patrocínios, trabalhar muito para que achassem que eu era um bom investimento...” (E19).

Também a nível financeiro/económico, as mulheres ainda continuam muito dependentes da sua família e do seu marido, sendo que a maior parte das mulheres envolvidas no presente estudo obtiveram ajuda financeira de familiares, não recorrendo a empréstimo bancário: “... não é só financeiramente, as mulheres dependem dos homens em muitas áreas porque não nos ensinaram a ser independentes, somos ensinadas a pedir ajuda e a não resolver os nossos problemas...” (E19).

4.3 Barreiras de Nível Micro

Por fim, as barreiras de nível micro, que tratam as barreiras individuais, educacionais e microambientais continuam a ter um impacto significativo na perceção que a mulher ocupa na sociedade e no meio familiar, ainda que os resultados comecem a apontar para mudanças positivas neste sentido (Tabela 6).

Tabela 6. Barreiras de nível micro.

Tema: Barreiras de Nível Micro

Subtema: Individuais

Considera que o empreendedorismo é uma atividade masculina?
“Eu acho que os homens são mais interessados do que as mulheres, ao nível do empreendedorismo. Demonstram mais interesse. Não quer dizer que sejam mais capazes. Eles demonstram mais interesse em criar, construir... eu noto que os homens mais... São mais ambiciosos” (E9)

“As mulheres que estão à frente de altos cargos, empresárias... eu acho que têm desafios, eles também têm como é óbvio, mas elas têm desafios acrescidos... parece que precisamos sempre de convencer a segunda vez ou terceira... e depois passado uns tempos dizem: ah final tinhas razão...” (E13)

“... o que sinto é que a mulher é mais ponderada, no geral, prefere ter as coisas mais certas e se calhar arrisca menos porque porque pode correr bem ou menos bem e depois fica com uma mão atrás e outra a frente e pode tirar um pouco da sua independência que já ganhou” (E20)

Subtema: Educacionais

Considera que as suas responsabilidades familiares a impediram/impedem de investir mais na sua formação?
“Não conseguem investir tanto nelas porque depois chegam a casa e não têm tempo, nem paciência para dispensar e puder investir na carreira” (E1)

“Eu acho que há mais mulheres como atletas, mas, como dirigente menos, por causa da parte familiar porque de facto a parte familiar ainda obriga muito a exigência da mulher... a mulher é que fica quando o bebé está doente, a mulher é que tem que ir buscar o meu filho à escola...” (E15)

“Eu ainda tenho uma pessoa em casa que me diz que a minha responsabilidade é estar a olhar pelo menino... Somos gerações diferentes, mas depois ele acaba por fazer as coisas” (E13)

Qual a sua opinião sobre falta de apoio das mulheres para com outras mulheres, na partilha de conhecimentos e experiências?
“Eu acho que as mulheres têm mais dificuldade na partilha de conhecimento do que os homens e eu vejo isso, não só na parte do empreendedorismo, mas também nas equipas, vejo como as mulheres são com as mulheres e como os homens são com os homens, mas isso da experiência que eu tenho, não quer dizer que isso seja generalista... Acho que há sentimentos negativos por parte das mulheres com as mulheres que acabam por não se ajudarem” (E8)

“Quando tinha um coordenador homem, ele tentava ajudar muito mais, do que, quando tinha uma coordenadora mulher” (E1)

“As mulheres no geral não se ajudam” (E5)

“A maioria das mulheres são muito conflituosas e parece que o sucesso dos outros lhes faz confusão” (E3)

Caso tenha tido formação no âmbito do empreendedorismo, considera que reuniu as competências necessárias para responder aos desafios que tem de enfrentar?
“Sem dúvida que teria ajudado... acho que é importante tu teres noção daquilo que terás de saber se alguma vez quiseres ter um negócio próprio...” (E2)

“Vê-se muitas mulheres a tirarem, academicamente, formação em gestão do desporto, mas eu não sei se elas, em termos profissionais, conseguem tão facilmente as mesmas oportunidades que os homens” (E16)

Subtema: Microambientais

Dedica a mesma quantidade de tempo para cuidar da família tal como o seu parceiro?
“O que eu vejo é esta falta de conciliação do casal, estar em harmonia com os dois não é fácil, principalmente com filhos” (E23)

“... o fardo de adaptar a vida para a vida familiar ... cai muito mais sobre as mulheres comparativamente aos homens” (E16)

Existem outros aspetos familiares que interferem na sua carreira?
“Os meus pais detestaram as minhas escolhas de vida, tive muitos mais problemas com os meus pais do que com os meus parceiros... A pressão familiar de casa que infelizmente ainda não apoia a mulher no sentido autónomo como apoia um homem. Um homem muda de país ou faz outra coisa qualquer é um herói, uma mulher decide viver sozinha e sair da casa dos pais só porque lhe apetece, já é um problema,

isso é um estigma social. Foi muito complicado eles aceitarem o meu estilo de vida e as minhas decisões... se fosse um homem não seria colocado nesse tipo de pressão... O próprio desapoio familiar faz com que muitas mulheres desistam porque não se sentem reconhecidas como os homens, não são nem apoiadas, não são celebradas, nem as próprias vitórias são celebradas da mesma forma com que são celebradas as vitórias dos homens. Vamos aceitando isso como sendo o normal quando na realidade não é” (E16)

“Eu lembro-me que, quando partia a cabeça da boneca, levava logo uma sapatada da minha mãe porque estava a estragar e atualmente, essa preocupação de não estragar ficou enraizada, eu ainda hoje às vezes sinto-me ridícula quando uma caneta se encrava, por exemplo e eu não consigo tirar o bico... E eu penso, estúpida, mas era tão fácil porque é que não consegui? O medo de partir, o medo de estragar, estas coisas ficam muito enraizadas, e os rapazes são incentivados ao contrário, monta, desmonta e parte e faz um figurão e é aplaudido pelos pais e pela família porque conseguiu fazer uma proeza, nos não, é lavar bem a loiça, vestir a boneca e despir, e ficamos cingidas e portanto na atividade desportiva, ainda hoje, eu sinto que quando é preciso aprender a fazer qualquer coisa, eu aprendo tal como o meu marido mas eu preciso de investir mais... portanto exige sempre mais esforço da minha parte, essas coisas são evidentes se pararmos para pensar, só que nem pensamos...” (E19)

Sente que, por ser mulher tem responsabilidades familiares acrescidas?

“Sem dúvida que permanece essa ideia, antigamente era diferente, mas a partir da altura em que as mulheres começaram a entrar no mercado de trabalho verificou-se que os homens não entraram no “mercado” familiar, de fazer também as tarefas domésticas e, portanto, as mulheres ficaram com duas tarefas, faltou esse equilíbrio.” (E19)

Concorda que há ausência de mulheres empreendedoras como modelo para outras mulheres?

“Eu acho que ainda há poucas mulheres empreendedoras... sem dúvida, e acho que elas poderão ser o foco determinante de mudar o caminho de muita gente ...” (E2)

“Sim, gostava de houvesse mais para conseguirmos ajudar-nos umas às outras. Não tens nada onde te agarrares e que te mostre que é possível, e se houvesse mais mulheres empreendedoras iria ajudar” (E1)

“Acho que sim porque acima de tudo precisamos de modelos para nos inspirarmos... Eu acho que o mais importante é isso, é um exemplo, porque nós precisamos de modelos, assim agora as pessoas já não partem do princípio de que não é possível...” (E19)

De modo geral as mulheres são mais ponderadas no que diz respeito ao empreendedorismo, enquanto os homens são mais propensos ao risco (Ahl, 2006; Ahl & Marlow, 2012; de Bruin et al., 2006; Dean et al., 2019), tal como é expresso por uma das participantes envolvidas: “... o que sinto é que a mulher é mais ponderada, no geral, prefere ter as coisas mais certas e se calhar arrisca menos...” (E20).

Por outro lado, a decisão de empreender requer o dispêndio de muito tempo, sendo que nos dias de hoje, muitas das tarefas e responsabilidades familiares ainda recaem sobre as mulheres: “Sem dúvida que permanece essa ideia, antigamente era diferente, mas a partir da altura em que as mulheres começaram a entrar no mercado de trabalho verificou-se que os homens não entraram no “mercado” familiar, de fazer também as tarefas domésticas e, portanto, as mulheres ficaram com duas tarefas, faltou esse equilíbrio” (E19). Deste modo, continua a não se verificar um equilíbrio na divisão de tarefas familiares e domésticas, o que não ajuda, uma vez que as mulheres sempre que decidem empreender, têm de ter em conta o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal/familiar (Adkins et al., 2013; Hughes & Jennings, 2019; Stead, 2017).

Além disso, a questão da aposta na sua educação/formação também merece alguma reflexão. Inconscientemente, a forma como se educam as crianças é um espelho da sociedade adulta, sendo urgente refletir-se sobre isso: *“Se tivessem ensinado em criança que eu podia liderar, que eu podia chefiar, se me dessem oportunidade de praticar, por exemplo, os trabalhos da escola, nós sermos líder do nosso grupo, assim a gente aprendia a gerir, mas nós não temos essas oportunidade, como somos meninas ficamos ali sossegadas num canto, diziam: porta-te bem, nãourras, não te portes como um rapaz, enquanto que, os rapazes são incentivados a ser corajosos, a ter uma grande destreza, a montar e a desmontar...”* (E19).

Se uma menina opta por brincar numa vertente mais de aventura, correr, saltar, jogar futebol, já não é vista com bons olhos e isso reflete-se na vida adulta, podendo afetar a sua confiança e a sua tomada de decisão, o que pode colocar em causa o sucesso do empreendedorismo feminino (Al-Ghazali et al., 2013; de Bruin et al., 2006; Henry et al., 2016; Patra & Lenka, 2020; Ramoglou et al., 2020): *“Eu lembro-me que, quando partia a cabeça da boneca, levava logo uma sapatada da minha mãe porque estava a estragar e atualmente, essa preocupação de não estragar ficou enraizada... O medo de partir, o medo de estragar, estas coisas ficam muito enraizadas, e os rapazes são incentivados ao contrário, monta, desmonta e parte e faz um figurão e é aplaudido pelos pais e pela família porque conseguiu fazer uma proeza, nós não, é lavar bem a loiça, vestir a boneca...”* (E19).

Deste modo, é possível perceber-se que as dificuldades acrescidas que as mulheres empreendedoras enfrentam, acabam por se tornar num ciclo vicioso, ou seja, se a maior parte das responsabilidades familiares recaem sobre as mulheres, isso vai fazer com que elas fiquem com menos tempo para investir na sua formação (Lockyer & George, 2012; Turkmen, 2015). Deste modo, a formação em contexto de ensino superior, particularmente no âmbito da gestão do desporto, pode ser uma das formas de minimizar as barreiras que as mulheres enfrentam no empreendedorismo (Miragaia & Soares, 2017; Ullah & Skelton, 2016). Assim, o sistema educativo também pode afetar o envolvimento de mulheres em atividades empreendedoras, atuando como um catalisador para encorajar as mulheres, promover o conhecimento, habilidades e capacidades necessárias (Hums, 2010; Mehtap et al., 2017; Rabbani et al., 2020). Uma vez que as barreiras nível micro estão também relacionadas com a falta de autoconfiança e autoeficácia, ou seja, sentirem que não são capazes, é fundamental encontrar estratégias de ação que as incentivem a participar em programas de desenvolvimento de habilidades, que podem ser realizados por mulheres empresárias

bem-sucedidas, ajudando desta forma a desenvolver a capacidade de tomada de decisão, o pensamento inovador, aumentar o interesse empreendedor, no sentido de formar uma cultura empreendedora que as ajude a superar as barreiras sociais.

Quanto às barreiras microambientais, verificou-se que as famílias ainda veem o papel da mulher na sociedade de uma forma muito tradicional não estando preparadas para ver uma mulher como empreendedora e a lutar pelos seus sonhos a nível profissional: *“Foi muito complicado eles aceitarem o meu estilo de vida e as minhas decisões, foi mesmo muito complicado... em vez de pensar em casar e ter filhos, isto era o que estava na cabeça do meu pai, se eu fosse um homem não seria colocado nesse tipo de pressão”* (E16).

Os dados sugerem que um maior apoio e incentivo por parte da família poderia ajudar nas responsabilidades familiares, bem como fazer uma grande diferença na motivação das mulheres, tal como afirma Turkmen (2015). No que diz respeito ao apoio de outros, os resultados permitiram ainda perceber que existe muita falta de apoio das mulheres para com outras mulheres, na partilha de conhecimentos e experiências: *“... a maioria das mulheres são muito conflituosas e parece que o sucesso dos outros lhes faz confusão”* (E3).

Por fim, e apesar de se verificarem pequenas mudanças, a verdade é que nos dias de hoje, ainda se sente a ausência de mulheres empreendedoras que possam ser vistas como um modelo para outras, alguém que mostre que é possível, uma vez que pode ser difícil imaginar aquilo que não se consegue ver. A existência de *role models* poderia ser uma mais-valia (Al-Ghazali et al., 2013; Tanusia et al., 2016; Turkmen, 2015), tal como mencionado por uma das entrevistadas: *“Acho que sim, porque acima de tudo precisamos de modelos para nos inspirarmos... Eu acho que o mais importante é isso, é um exemplo, porque nós precisamos de modelos, assim... as pessoas já não partem do princípio de que não é possível...”* (E19).

Por outro lado, ao longo destes últimos anos foi incutida a ideia às mulheres de que elas não seriam capazes de empreender, nem iriam ter capacidade financeira para tal, então, com o passar do tempo, chega a um ponto em que elas acreditam que realmente não é possível: *“... eu acho que chega a uma altura em que a barreira é nossa, é que tantas vezes nos disseram que não éramos capazes que acreditamos nisso e não tentamos, portanto, eu acho que a barreira é pessoal e é da mulher”* (E7).

Contrariamente aos homens, estes sempre foram empoderados e isso reflete-se na atualidade: *“Eu acho que os homens são mais interessados do que as mulheres, ao nível do empreendedorismo. Demonstram mais interesse. Não quer dizer que sejam mais capazes. Eles demonstram mais interesse em criar, construir, e claro que há mulheres que também, mas eu noto que os homens mais... São mais ambiciosos”* (E9).

Desta forma, deveria haver a possibilidade de homens e mulheres empreendedores de sucesso orientarem as mulheres que desejam iniciar um negócio, servindo de modelos (Tanusia et al., 2016), ajudando de igual forma outras mulheres e criando um espírito de entreajuda, que nem sempre existe: *“As mulheres são as primeiras a não aceitar uma chefia feminina... acho que não ficam satisfeitas com o sucesso das outras mulheres”* (E29).

Finalmente, ao nível da educação, é ainda sugerido que *“estas questões devem ser faladas e ensinadas na escola, que devem ajudar as jovens a crescer com as ideias claras do que é que as motiva... por isso é que os estereótipos vão passando de geração em geração, sem se questionar”* (E19). Por outro lado, *“... a formação académica é muito importante, mas é necessário também o desenvolvimento de soft skills, como a resiliência, adaptabilidade, entre outros...”* (E13).

5. Implicações Práticas e Recomendações

Face ao exposto é fundamental perceber o que pode ser feito para empoderar as mulheres. São vários os estudos que indicam a necessidade de uma intervenção imediata dos órgãos de política, implementando práticas de combate às barreiras de iniciativas empreendedoras por parte das mulheres (Modarresi et al., 2017; Rabbani et al., 2020). Estes problemas poderiam ser minimizados com legislação que tratasse homens e mulheres de forma justa, eliminando leis que discriminem as mulheres. Uma vez que as mulheres têm mais dificuldades em empreender, o governo poderia facilitar os regulamentos e ajudar nos empréstimos e licenças, criar associações de mulheres empreendedoras com a finalidade de se apoiarem umas às outras, redes ou organizações não governamentais com o intuito de fornecer ajuda no aconselhamento e apoio (Tanusia et al., 2016). Inclusivamente, Al-Ghazali et al. (2013) e Rabbani et al. (2020), sugerem algumas estratégias no sentido de ajudar na independência financeira das mulheres, como por exemplo, permitir uma participação igual em todos os assuntos económicos, seja em casa ou no trabalho, a criação de infraestruturas educacionais e

financeiras para promover o empreendedorismo feminino, financiar pesquisas de mercado, garantir que os pedidos de empréstimo são tratados de forma rápida e justa, criando, se necessário, instituições dedicadas à obtenção de empréstimos bancários e de processos judiciais.

Deste modo é possível perceber-se que é fundamental que sejam criadas mais oportunidades para o empoderamento das mulheres, para que estas tenham mais oportunidades em termos de educação, política, infraestruturas, estatuto social e de emprego (Patra & Lenka, 2020; Rabbani et al., 2020). Um trabalho conjunto por parte das instituições governamentais, da sociedade (mudança de mentalidades), a cooperação das indústrias e organizações profissionais, poderia gerar ótimos resultados (Al-Ghazali et al., 2013; Lenka & Agarwal, 2017; Modarresi et al., 2017; Patra & Lenka, 2020; Rabbani et al., 2020).

Assim sendo, são várias as recomendações que as entrevistadas deixaram como forma de incentivar, motivar, inspirar e empoderar outras mulheres, tais como: “... *persistência, nós aprendemos em desporto que o nosso corpo tem que ser treinado e até ver os resultados levam um tempo considerável e na vida é igual (E24); saber exatamente aquilo que queremos, por exemplo, num GPS, temos que colocar o ponto de partida e todos os pormenores do ponto de chegada, número de porta, nome da rua, etc., senão, o nosso destino será muito vago (E4); não desistir, é preciso ter noção que os empreendedores provavelmente já fecharam muitos negócios, já falharam muitas vezes e nós temos que aprender a aceitar isso e aprender com essa derrota, às vezes é preciso dar um passo atrás para dar dois à frente (E29)*”. Além disso, referem a importância de haver algum tipo de “... *aconselhamento psicológico porque se estamos bem, conseguimos ser mais assertivas, dominantes... e ter algum tipo de ajuda de profissional, de alguém que esteja por dentro da área, que sirva como um modelo, porque quando se está sozinha, é muito difícil evoluir e ter alguém que consiga falar e ajudar é muito importante*” (E9).

Além disso, recomenda-se que haja uma sensibilização maior, por exemplo, em contexto académico e através dos próprios media, sobre a igualdade de género. Atualmente, muitas mulheres têm uma vida profissional, no entanto essa emancipação ainda não é muito bem aceite pela sociedade. Sabe-se que o número de mulheres empreendedoras em contexto desportivo é residual e que muitas vezes, a credibilidade que lhe é dada fica aquém do esperado. Assim sendo, sugere-se que “*role models*” se

façam ouvir e apresentem o seu testemunho, como modo de incentivar e motivar outras mulheres a tomarem uma atitude empreendedora.

6. Conclusões, limitações e futuras linhas de investigação

Este estudo teve como objetivo identificar as barreiras identificadas por mulheres empreendedoras no contexto desportivo. Foi possível concluir que existem barreiras de nível macro, meso e micro.

Deste modo, as barreiras de nível macro, que dizem respeito particularmente às questões de natureza social/cultural, legal, burocrática e regulamentar, são extremamente difíceis de quebrar, uma vez que implicam mudanças lentas e que influenciam um sistema complexo de outras variáveis que parecem determinar o papel da mulher na sociedade. Um dos elementos que foi possível apurar resulta da perceção social de que as responsabilidades familiares são diretamente imputadas às mulheres. Este é um ponto fulcral, uma vez que a partir do momento que uma mulher toma a decisão de empreender, sabe que esta iniciativa vai implicar a dedicação de muito tempo para a sua vida profissional. Contudo, nem sempre parece existir compreensão, flexibilidade e interajuda por parte da família. Também a falta de experiência no mundo dos negócios parece refletir-se num baixo conhecimento sobre a burocracia governamental e poucas redes de contactos.

No que diz respeito ao nível meso (organizacionais e financeiras/económicas), foi possível concluir que ainda existe dificuldade em dar credibilidade às mulheres com perfil empreendedor. Estas manifestam uma maior dificuldade em ser ouvidas, e indicam a necessidade de um maior esforço para conseguir ganhar credibilidade no contexto organizacional e na relação com os patrocinadores e fornecedores. Foi ainda possível concluir que financeiramente estas também sentem dificuldades.

Por fim, no que se refere a barreiras de nível micro (individuais, educacionais e microambientais), verificou-se que a educação para o empreendedorismo em contexto de ensino superior é fundamental para aumentar a sua autoconfiança. Deste modo, será necessário fornecer ferramentas às jovens estudantes, para que estas possam abrir os seus horizontes, nomeadamente no sentido de as encorajar e incentivar a serem quem elas sonham ser.

Do ponto de vista teórico, foi ainda possível concluir que a sistematização baseada numa abordagem multinível pode ser um interessante contributo para auxiliar diversos stakeholders no processo de tomada de decisão, particularmente pela análise que podem fazer sobre as repercussões que uma variável de um nível pode ter, nas variáveis dos outros níveis. Deste modo, as barreiras identificadas estão interligadas, contudo, poderão demorar *timings* diferentes a ser atenuadas ou quebradas. No caso das barreiras macro, estas poderão demorar décadas a ser resolvidas, uma vez que resultam de estereótipos muito enraizados na sociedade. Contudo, ao nível meso e micro, existem componentes que podem ter uma intervenção mais imediata, sendo fundamental intervir estrategicamente.

Importa ainda mencionar que em qualquer estudo o número de amostra condiciona a metodologia e o tipo de tratamento e análise dos dados. Deste modo, uma das limitações a apontar neste estudo passa pela quantidade de mulheres incluídas. Desta forma, como futuras linhas de investigação, sugere-se que sejam desenvolvidos mais estudos sobre esta temática, tentando obter a uma amostra maior. O envolvimento de mais participantes possibilitará a utilização de métodos mistos com vista a interpretar os resultados sobre outras perspetivas. Seria também interessante em estudos futuros fazer a inclusão de homens no sentido de analisar a sua perceção sobre o empreendedorismo feminino no contexto desportivo. Além disso, de acordo com os resultados, existem mulheres que acabam por não aceitar de forma positiva uma chefia feminina, não mostrando satisfação com o sucesso de outras mulheres, este também pode ser um caminho interessante a ser investigado. Por outro lado, os resultados apontaram para o facto de as barreiras serem diferentes em função do setor de atividade, pelo que se sugere que estudos futuros procurem identificar se existem diferentes barreiras no âmbito do empreendedorismo comercial ou social e se diferem de acordo com o contexto desportivo. Em suma, do ponto de vista teórico é fundamental continuar a desenvolver modelos que permitam orientar a investigação empírica, no sentido de se conseguirem encontrar mecanismos de intervenção eficientes para o processo de equidade de género.

7. Referências Bibliográficas

- Adkins, C., Samaras, S., Gilfillan, S., & McWee, W. (2013). The Relationship between Owner Characteristics, Company Size, and the Work-Family Culture and Policies of Women-Owned Businesses. *Journal of Small Business Management*, 51(2), 196-214. doi:10.1111/jsbm.12014
- Ahl, H. (2006). Why Research on Women Entrepreneurs Needs New Directions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(5), 595-621. doi:10.1111/j.1540-6520.2006.00138.x
- Ahl, H., & Marlow, S. (2012). Exploring the dynamics of gender, feminism and entrepreneurship: advancing debate to escape a dead end? *Organization*, 19(5), 543-562. doi:10.1177/1350508412448695
- Akehurst, G., Simarro, E., & Mas-Tur, A. (2012). Women entrepreneurship in small service firms: Motivations, barriers and performance. *Service Industries Journal*, 32(15), 2489-2505. doi:10.1080/02642069.2012.677834
- Al-Ghazali, B. M., Yusoff, R. M., & Sadib, M. A. (2013). Women entrepreneurs in Bahrain: Motivations and barriers. *Jurnal Teknologi (Sciences and Engineering)*, 64(2), 139-143. doi:10.11113/jt.v64.2251
- Alstete, J. W. (2002). On becoming an entrepreneur: An evolving typology. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 8(4), 222-234. doi:10.1108/13552550210436521
- Anggahegari, P., Yudoko, G., Rudito, B., Mulyaningsih, H. D., & Ramadani, V. (2021). Female social entrepreneurship in Indonesia: a critical literature review. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 43(3), 315-331. doi:10.1504/WREMSD.2020.10032334
- Benz, M. (2009). Entrepreneurship as a non-profit-seeking activity. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 5(1), 23-44. doi:10.1007/s11365-006-0031-y
- Bjarsholm, D. (2017). Sport and Social Entrepreneurship: A Review of a Concept in Progress. *Journal of Sport Management*, 31(2), 191-206. doi:10.1123/jism.2017-0007
- Burton, L. J. (2015). Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research. *Sport Management Review*, 18(2), 155-165. doi:10.1016/j.smr.2014.02.004
- Burton, L. J., & Leberman, S. (2017). An evaluation of current scholarship in sport leadership: Multilevel perspective. In L. J. Burton & S. Leberman (Eds.),

- Women in Sport Leadership: Research and practice for change (pp. 16-32). NY: Routledge.
- Chauhan, P. (2021). Gendering COVID-19: Impact of the pandemic on women's burden of unpaid work in India. *Gender Issues*, 38(4), 395-419. doi:10.1007/s12147-020-09269-w
- Cooke, F. L., & Xiao, M. (2020). Women entrepreneurship in China: where are we now and where are we heading. *Human Resource Development International*, 24(1), 104-121. doi:10.1080/13678868.2020.1842983
- da Costa, C. D. M., & Miragaia, D. A. M. (2022). A systematic review of women's entrepreneurship in the sports industry: has anything changed? *Gender in Management: An International Journal*, 37(8). doi:10.1108/GM-04-2021-0101
- de Bruin, A., Brush, C. G., & Welter, F. (2006). Introduction to the Special Issue: Towards Building Cumulative Knowledge on Women's Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(5), 585-593. doi:10.1111/j.1540-6520.2006.00137.x
- de Bruin, A., Brush, C. G., & Welter, F. (2007). Advancing a Framework for Coherent Research on Women's Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 31(3), 323-339. doi:10.1111/j.1540-6520.2007.00176.x
- Dean, H., Larsen, G., Ford, J., & Akram, M. (2019). Female entrepreneurship and the metanarrative of economic growth: A critical review of underlying assumptions. *International Journal of Management Reviews*, 21(1), 24-49. doi:10.1111/ijmr.12173
- EIGE. (2020). Gender Equality Index 2020 Digitalisation and the future of work.
- Eurostat. (2020). SDGs & me: Gender equality. Retrieved from <https://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-eurostat-news/-/edn-20210918-1>
- Eurostat. (2021). Ganhos brutos por hora das mulheres 14,1% abaixo dos homens Retrieved from <https://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-eurostat-news/-/edn-20210308-2>
- GEM. (2019). Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras de Portugal - Global Entrepreneurship Monitor. Retrieved from <https://www.gemconsortium.org/file/open?fileId=50925>
- GEM. (2021). Global Entrepreneurship Monitor - Global Report.
- Gonzalez-Serrano, M. H., González-García, R. J., & Moreno, F. C. (2019). Analysis of the effects of entrepreneurship in sport management. Is gender a conditioning factor? *Materiales Para La Historia Del Deporte*(18), 147-159.

- Hammerschmidt, J., Kraus, S., & Jones, P. (2022). Sport Entrepreneurship: Definition and Conceptualization. *Journal of Small Business - Canada*, 32(2), 1-10. doi:10.53703/001c.31718
- Hemme, F., Morais, D. G., Bowers, M. T., & Todd, J. S. (2017). Extending sport-based entrepreneurship theory through phenomenological inquiry. *Sport Management Review*, 20(1), 92-104. doi:https://doi.org/10.1016/j.smr.2016.07.005
- Henry, C., Foss, L., & Ahl, H. (2016). Gender and entrepreneurship research: A review of methodological approaches. *International Small Business Journal*, 34(3), 217-241. doi:10.1177/0266242614549779
- Hindle, K., Viala, C., Hammerschmidt, J., Kraus, S., Jones, P., & Calabuig, F. (2021). Converting sporting capacity to entrepreneurial capacity: A process perspective. *European Journal of International Management*, 15(2/3), 197-213. doi:10.1504/EJIM.2021.10029617
- Hindman, L. C., & Walker, N. A. (2020). Sexism in Professional Sports: How Women Managers Experience and Survive Sport Organizational Culture. *Journal of Sport Management*, 34(1), 64-76. doi:10.1123/jsm.2018-0331
- Huertas González-Serrano, M., Jones, P., & Llanos-Contrera, O. (2020). An overview of sport entrepreneurship field: a bibliometric analysis of the articles published in the Web of Science. *Sport in Society*, 23(2), 296-314. doi:10.1080/17430437.2019.1607307
- Hughes, K. D., & Jennings, J. E. (2019). A legacy of attention to embeddedness in gendered institutions. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 12(1), 53-76. doi:10.1108/IJGE-04-2019-0085
- Hums, M. A. (2010). The Conscience and Commerce of Sport Management: One Teacher's Perspective. *Journal of Sport Management*, 24(1), 1-9. doi:10.1123/jsm.24.1.1
- INE. (2022). *Desporto em Números 2022 - Instituto Nacional de Estatística* Retrieved from https://www.ine.pt/ine_novidades/DesportoEmNumeros2022/34/index.html
- Klarin, A., & Suseno, Y. (2022). An Integrative Literature Review of Social Entrepreneurship Research: Mapping the Literature and Future Research Directions. *Business & Society*, 0(0), 1-47. doi:10.1177/00076503221101611
- Koca, C., & Öztürk, P. (2015). Gendered perceptions about female managers in Turkish sport organizations. *European Sport Management Quarterly*, 15(3), 1-26. doi:10.1080/16184742.2015.1040046

- Lenka, U., & Agarwal, S. (2017). Role of women entrepreneurs and NGOs in promoting entrepreneurship: case studies from Uttarakhand, India. *Journal of Asia Business Studies*, 11(4), 451-465. doi:10.1108/jabs-07-2015-0088
- Lockyer, J., & George, S. (2012). What women want: Barriers to female entrepreneurship in the West Midlands. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 4(2), 179-195. doi:10.1108/17566261211234661
- Mehtap, S., Pellegrini, M. M., Caputo, A., & Welsh, D. H. B. (2017). Entrepreneurial intentions of young women in the Arab world Socio-cultural and educational barriers. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 23(6), 880-902. doi:10.1108/IJEER-07-2017-0214
- Micelotta, E., Washington, M., & Docekalova, I. (2018). Industry Gender Imprinting and New Venture Creation: The Liabilities of Women's Leagues in the Sports Industry. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 42(1), 94-128. doi:10.1177/1042258717732778
- Miragaia, D. A. M., Ferreira, J. J. M., & da Costa, C. D. M. (2021). What Are Workers' Perceptions of Women's Organizational Leadership? *Journal of the Knowledge Economy*. doi:10.1007/s13132-021-00857-z
- Miragaia, D. A. M., & Soares, J. A. P. (2017). Higher education in sport management: A systematic review of research topics and trends. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 21, 101-116. doi:10.1016/j.jhlste.2017.09.001
- Modarresi, M., Arasti, Z., Talebi, K., & Farasatkah, M. (2017). Growth barriers of women-owned home-based businesses in Iran: an exploratory study. *Gender in Management*, 32(4), 244-267. doi:10.1108/gm-03-2016-0069
- Movahedi, R., & Yaghoubi-Farani, A. (2012). Analysis of the barriers and limitations for the development of rural women's entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 15(4), 469-487. doi:10.1504/IJESB.2012.046476
- Muhumad, A. (2016). Challenges and motivations of women entrepreneurs in somali region of Ethiopia. *Istanbul Journal of Sociological Studies-Sosyoloji Konferanslari*(54), 169-198.
- Njaramba, J., Chigeza, P., & Whitehouse, H. (2018). Barriers and challenges experienced by migrant african women entrepreneurs in north Queensland, Australia. *Entrepreneurship and Sustainability Issues*, 5(4), 1054-1068. doi:10.9770/jesi.2018.5.3(25)
- Orhan, M., & Scott, D. (2001). Why women enter into entrepreneurship: an explanatory model. *Women in Management Review*, 16(5), 232-247. doi:10.1108/09649420110395719

- Osituyo, O. O. (2018). Deliberate ceiling for career progress of female public service employees: A contemporary transformation trend in South Africa. *Journal of International Women's Studies*, 19(3), 172-186.
- Pape, M. (2019). Gender Segregation and Trajectories of Organizational Change: The Underrepresentation of Women in Sports Leadership. *Gender & society*, 34(1), 1-25. doi:10.1177/0891243219867914
- Patra, B. C., & Lenka, U. (2020). Barriers to entrepreneurial intentions of women: Nominal group technique, analytic hierarchy process, and scientometric approach instigating the necessity of policy intervention. *Journal of Public Affairs*, 22(2), 1-12. doi:10.1002/pa.2429
- Pellegrini, M. M., Rialti, R., Marzi, G., & Caputo, A. (2020). Sport entrepreneurship: A synthesis of existing literature and future perspectives. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16(3), 795-826. doi:10.1007/s11365-020-00650-5
- PORDATA. (2021). Fundação Francisco Manuel dos Santos - Estatísticas sobre Portugal e Europa. Retrieved from [https://www.pordata.pt/Europa/Mulheres+em+quadros+superiores+\(percentagem\)-3564-5124](https://www.pordata.pt/Europa/Mulheres+em+quadros+superiores+(percentagem)-3564-5124)
- Rabbani, M. R., Khan, S., Abey, J., & Rahiman, H. U. (2020). Analysis of critical barriers to women entrepreneurship in bahrain: An exploratory study. *International Journal of Scientific and Technology Research*, 9(3), 4044-4048.
- Ramoglou, S., Gartner, W. B., & Tsang, E. W. K. (2020). "Who is an entrepreneur?" is (still) the wrong question. *Journal of Business Venturing Insights*, 13, e00168. doi:10.1016/j.jbvi.2020.e00168
- Ratten, V. (2011). Sport-based entrepreneurship: towards a new theory of entrepreneurship and sport management. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(1), 57-69. doi:10.1007/s11365-010-0138-z
- Shakeel, M., Li, Y. K., & Gohar, A. (2020). Identifying the Entrepreneurial Success Factors and the Performance of Women-Owned Businesses in Pakistan: The Moderating Role of National Culture. *SAGE Open*, 10(2), 1-17. doi:10.1177/2158244020919520
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. *The Academy of Management Review*, 25(1), 217-226. doi:10.2307/259271
- Singh, R. (2012). Women entrepreneurship issues, challenges and empowerment through self help groups: An overview of himachalparadesh. *International*

- Journal of Democratic and Development Studies., 1(1), 45-58.
doi:RCMSS/IJDDS/12004
- Stead, V. (2017). Belonging and women entrepreneurs: Women's navigation of gendered assumptions in entrepreneurial practice. *International Small Business Journal*, 35(1), 61-77. doi:10.1177/0266242615594413
- Swanson, J. L., Daniels, K. K., & Tokar, D. M. (1996). Assessing Perceptions of Career-Related Barriers: The Career Barriers Inventory. *Journal of Career Assessment*, 4(2), 219-244. doi:10.1177/106907279600400207
- Swanson, J. L., & Tokar, D. M. (1991). Development and initial validation of the Career Barriers Inventory. *Journal of Vocational Behavior*, 39(3), 344-361. doi:10.1016/0001-8791(91)90043-L
- Tanusia, A., Marthandan, G., & Subramaniam, I. D. (2016). Economic empowerment of malaysian women through entrepreneurship: Barriers and enablers. *Asian Social Science*, 12(6), 81-94. doi:10.5539/ass.v12n6p81
- Tripathi, K. A., & Singh, S. (2018). Analysis of barriers to women entrepreneurship through ISM and MICMAC: A case of Indian MSMEs. *Journal of Enterprising Communities-People and Places in the Global Economy*, 12(3), 346-373. doi:10.1108/jec-12-2017-0101
- Turkmen, M. (2015). The effect of women entrepreneur problems on self-entrepreneurship characteristics. *Anthropologist*, 20(3), 643-650. doi:https://doi.org/10.1080/09720073.2015.11891768
- Ullah, H., & Skelton, C. (2016). Social reproduction of gender hierarchies in sports through schooling in Khyber Pakhtunkhwa. *Asia Pacific Journal of Education*, 36(1), 131-144. doi:10.1080/02188791.2014.924389
- Valero, J. N., Saitgalina, M., & Black, R. A. (2021). Understanding the Nature of Non-Profit Incubators with Other Sector Incubators in the Founding of Social Change Organisations by Social Entrepreneurs. *Journal of Social Entrepreneurship*, 1-20. doi:10.1080/19420676.2021.1977975
- Verduijn, K., & Essers, C. (2013). Questioning dominant entrepreneurship assumptions: the case of female ethnic minority entrepreneurs. *Entrepreneurship & Regional Development*, 25(7-8), 612-630. doi:10.1080/08985626.2013.814718
- Waismel-Manor, R., Wasserman, V., & Shamir-Balderman, O. (2021). No Room of her Own: Married Couples' Negotiation of Workspace at Home During COVID-19. *Sex Roles*, 85(11-12), 636-649. doi:10.1007/s11199-021-01246-1
- Wu, J., Li, Y. K., & Zhang, D. R. (2019). Identifying women's entrepreneurial barriers and empowering female entrepreneurship worldwide: a fuzzy-set QCA

approach. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 15(3), 905-928. doi:10.1007/s11365-019-00570-z

Zahra, S. A., Gedajlovic, E., Neubaum, D. O., & Shulman, J. M. (2009). A typology of social entrepreneurs: Motives, search processes and ethical challenges. *Journal of Business Venturing*, 24(5), 519-532. doi:10.1016/j.jbusvent.2008.04.007

Capítulo 4. Intenção Empreendedora de Estudantes de Desporto em Contexto de Ensino Superior – O Género Fará Diferença?

Resumo

O empreendedorismo tem vindo a ser apontado como uma abordagem fundamental para a resolução de um conjunto de problemas sociais e económicos. Por essa razão, importa compreender que fatores influenciam a intenção empreendedora, nomeadamente em momentos da vida das pessoas onde têm de tomar decisões sobre as suas carreiras profissionais. Deste modo, o objetivo do presente estudo é o de analisar a intenção empreendedora de estudantes de ensino superior, particularmente da área do desporto, bem como analisar se essa intenção empreendedora é afetada pelo género. Foi feito um estudo quantitativo, através da aplicação de um questionário a 332 alunos de licenciatura na área do Desporto disponibilizadas em Instituições de Ensino Superior portuguesas. Os resultados indicam que os estudantes têm confiança e mantêm-se positivos quanto às suas capacidades e competências empreendedoras, sentem uma grande atração e satisfação por esta opção profissional e estão dispostos a assumir os riscos associados à atividade empreendedora. Quando analisada a intenção empreendedora de acordo com o género, apurou-se que os estudantes do género masculino demonstram um maior interesse em empreender, mais confiança nas suas habilidades e competências empreendedoras comparativamente com as mulheres. No que diz respeito à valorização que a sociedade atribui à carreira empreendedora verificou-se que esta dimensão influencia negativamente a intenção empreendedora das mulheres. Este resultado não é surpreendente, na medida em que ao nível da sociedade as mulheres empreendedoras ainda não são vistas com bons olhos, havendo o estigma de que essa é uma carreira a ser desempenhada por homens. Deste modo, este estudo sugere uma reflexão sobre a educação para empreendedorismo e a necessidade de uma atualização dos currículos no âmbito do desporto, com vista a contribuir para um aumento das taxas empreendedoras, em particular no género feminino.

Palavras-chave

Empreendedorismo; Empreendedorismo Feminino; Educação, Formação, Carreiras Profissionais.

1. Introdução

Atualmente, as barreiras encontradas na carreira profissional ainda são imensas, particularmente quando se trata de mulheres. Apesar de se estar a atravessar uma fase de transformação sobre o papel da mulher na sociedade, ainda assim, existe um longo caminho a percorrer, uma vez que algumas dessas barreiras ainda estão muito enraizadas (Osituyo, 2018; Swanson et al., 1996; Swanson & Tokar, 1991). Deste modo, incentivar as mulheres a serem mais autónomas na criação do seu próprio emprego pode ser importante no processo de criação da sua própria independência profissional. Contudo, a literatura tem identificado inúmeras barreiras ao empreendedorismo feminino, que podem ser sistematizadas em vários níveis (macro, meso e micro), onde se incluem as barreiras sociais/culturais e legais; burocráticas e regulamentares; organizacionais e financeiras/económicas; bem como de natureza individual, educacional e microambiental (Osituyo, 2018).

Deste modo, uma das formas de atenuar essas barreiras, pode passar pela formação das mulheres, incentivando-as a melhorar as suas competências no âmbito do empreendedorismo (Ndou, Mele, & Del Vecchio, 2019). Torna-se assim fundamental fornecer ferramentas que lhes permitam ganhar mais autonomia, para que estas possam sentir autoconfiança para criar o seu próprio emprego, obtendo assim a sua própria fonte de receita (Almobaireek & Manolova, 2013; Gutiérrez et al., 2018). No que diz respeito às barreiras educacionais, alguns autores têm afirmado que a formação em ensino superior poderá ser um caminho estratégico a seguir, com vista a combater a tendência atual de baixas taxas de empreendedorismo feminino e ajudar no combate ao desemprego (Bretones & Radrigan, 2018; Torres & Garcia, 2017). Outros estudos afirmam ainda que é essencial desenvolver habilidades empresariais nas mulheres desde cedo, propondo que esta aprendizagem seja desenvolvida desde o ensino básico (Santos et al., 2018). Independentemente da fase em que essa aprendizagem se inicia, vários estudos têm verificado que quanto maior o nível de escolaridade, maiores são as taxas de empreendedorismo (Behroozi, 2012; Bretones & Radrigan, 2018; Santos et al., 2018; Torres & Garcia, 2017; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015).

Posto isto, parece ser evidente que as Instituições de Ensino Superior têm um papel formativo muito importante no processo de promoção do interesse pelo empreendedorismo feminino, nomeadamente, pela sua missão de transferência de conhecimento para aprimorar as habilidades e atitudes empreendedoras dos seus alunos. Vários autores têm indicado que é necessário ampliar as experiências

educacionais, para que os alunos se tornem mais aptos e confiantes, com vista a desenvolverem as suas habilidades e terem mais sucesso nos seus empreendimentos (Gavurova et al., 2018; Gutiérrez et al., 2018; Marques, Santos, Galvão, Mascarenhas, & Justino, 2018). Deste modo, é fundamental que o incentivo ao empreendedorismo promovido pelas Instituições de Ensino Superior, nomeadamente através dos programas educativos focados neste âmbito, sejam uma experiência abrangente e diversificada, fortalecendo as emoções e as atitudes dos alunos por via de uma aprendizagem mais prática, e tendo em conta as diferenças de género (Dutta, Li, & Merenda, 2011; Islam, Bokhari, & Abalala, 2018; Ndofirepi et al., 2018).

Deste modo, a comunidade científica tem-se debruçado sobre o estudo da intenção empreendedora dos jovens que estão ainda em formação no contexto de ensino superior, no sentido de aferir a sua predisposição para a iniciativa empreendedora (Bretones & Radrikan, 2018; Gutiérrez et al., 2018; Ndofirepi et al., 2018). Contudo, tem-se verificado que as intenções empreendedoras dos estudantes, muitas vezes, são diferentes em função do género. Essa diferença parece justificar-se pela maior confiança e interesse por parte dos estudantes do género masculino, refletindo-se numa maior tendência para estes iniciarem os seus próprios negócios (Bretones & Radrikan, 2018; Gavurova et al., 2018; Ndofirepi et al., 2018; Vlad et al., 2020; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015). De acordo com alguns estudos, as estudantes, maioritariamente iniciam uma iniciativa empreendedora por necessidade, enquanto, os estudantes homens são motivados pela questão financeira e pela procura do sucesso (Almobaireek & Manolova, 2013; Gutiérrez et al., 2018).

Tal como em outros contextos, também no âmbito do desporto a formação em contexto de ensino superior tem sido apontada como uma alavanca fundamental para estimular o empreendedorismo feminino (da Costa & Miragaia, 2022; Miragaia & Soares, 2017; Sauder et al., 2018).

Deste modo, o objetivo do presente estudo é o de analisar a intenção empreendedora de estudantes de ensino superior, particularmente da área do desporto, bem como analisar se essa intenção empreendedora é afetada pelo género.

2. Enquadramento Teórico

O empreendedorismo desportivo tem vindo a ser considerado como uma opção atrativa e sustentável para muitos jovens, tendo em conta a diversidade dos mercados desportivos e do papel este ocupa na sociedade (González-Serrano et al., 2021; Parris et al., 2014; Vanessa Ratten, 2010). A diversidade da indústria do desporto engloba inúmeras áreas de atuação, quer no âmbito do treino desportivo, da recreação e lazer, do turismo, da reabilitação física, entre outras (Campos-Izquierdo, González-Rivera, & Taks, 2016), sendo possível atuar nestas áreas por conta própria, ou por conta de outrem. No entanto, também no contexto das organizações desportivas, as mulheres ainda continuam sub-representadas, apontando a literatura para a existência de uma preferência por gerentes do género masculino (Koca & Öztürk, 2015; Miragaia et al., 2021).

Posto isto, também neste contexto as Instituições de Ensino Superior podem ser ótimos canais de conduta para promover a mudança e criar uma maior cultura empreendedora (Grimaldi-Puyana et al., 2019; Sánchez-Oliver et al., 2019). Deste modo, no âmbito do desporto a literatura tem sugerido que uma das formas de fomentar o espírito empreendedor, pode passar pela inclusão de disciplinas específicas que promovam as habilidades e competências empreendedoras (Miragaia & Soares, 2017). Isto é, fornecer ferramentas para que os estudantes se sintam preparados para desenvolver um projeto empreendedor e estimular a sua autoconfiança para esse tipo de iniciativas (Sánchez-Oliver et al., 2019; Serrano et al., 2016). Assim sendo e com base na literatura, surge a necessidade de perceber se o controlo de comportamento, isto é, se a capacidade e a confiança que os estudantes têm para empreender influencia a intenção empreendedora, sendo assim, são levantadas as seguintes hipóteses:

H1a): O Controlo de Comportamento influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H1b): O Género modera a relação entre o Controlo de Comportamento e a Intenção Empreendedora.

A sugestão de criar uma maior cultura empreendedora em contexto de ensino superior e a inclusão de disciplinas específicas sobre o empreendedorismo, resultam da necessidade de se procurarem desfazer alguns estereótipos e comportamentos antiéticos nos jovens ainda em formação, sejam eles homens ou mulheres (Lara-Bocanegra, Bohórquez, Grimaldi-Puyana, Gálvez-Ruiz, & García-Fernández, 2020;

Miragaia & Soares, 2017). A literatura sugere ainda que o papel destas entidades formadoras é fundamental para estimular a autoestima das mulheres, nomeadamente na perceção que estas têm sobre a sua identidade, capacidades/habilidades empreendedoras, bem como pela sua autoeficácia (Almobaireek & Manolova, 2013; Bretones & Radrigan, 2018; Gutiérrez et al., 2018; Liñán, 2008; Ndofirepi et al., 2018; Torres & Garcia, 2017; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015). Deste modo, importa perceber se a intenção empreendedora pode ser influenciada pela forma como os estudantes percebem as vantagens e desvantagens de uma carreira empreendedora, bem como a perceção que têm das suas habilidades empreendedoras. Por essa razão importa testar as seguintes hipóteses:

H2a): As Atitudes Pessoais influenciam positivamente a Intenção Empreendedora.

H2b): O Género modera a relação entre as Atitudes Pessoais e a Intenção Empreendedora.

Apesar de os cursos em contexto de ensino superior sobre empreendedorismo, criação de empresas, ou outras áreas relacionadas com negócios serem fatores influentes para a escolha do desafio empreendedor, existem outras variáveis que influenciam e motivam os estudantes (Almobaireek & Manolova, 2013; Bretones & Radrigan, 2018), nomeadamente fatores de natureza individuais, fatores demográficos (como a etnia, idade, género), fatores sociais e familiares (normas subjetivas), os próprios professores, bem como as diferenças culturais que podem modificar a forma como os indivíduos entendem o empreendedorismo (Liñán & Chen, 2009; Marques et al., 2018; Patrisia, Abror, Doriza, & Maulida, 2019). Por essa razão, no que diz respeito às normas subjetivas, também no contexto desportivo se percebeu que a existência de um familiar empreendedor próximo pode influenciar a intenção empreendedora (Lara-Bocanegra, García-Fernández, Gálvez-Ruiz, Grimaldi-Puyana, & Bohórquez Gómez-Millán, 2022). Posto isto, é necessário perceber se a família, amigos e colegas são *stakeholders* importantes no processo de tomada de decisão dos estudantes, influenciando ao ponto de os estimular, ou desmotivar, para uma futura carreira no âmbito do empreendedorismo. Como tal, são levantadas as seguintes hipóteses:

H3a): A Norma Subjetiva influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H3b): O Género modera a relação entre a Norma Subjetiva e a Intenção Empreendedora.

Por sua vez, a literatura sugere ainda que o ensino superior é fundamental no contributo que pode dar para a motivação e sucesso do empreendedorismo, permitindo o desenvolvimento de habilidades formativas e atitudes empreendedores, tais como o reconhecimento de oportunidades, criatividade, resolução de problemas, liderança, comunicação, inovação e networking (do Paço et al., 2015; Liñán, 2008; Ndofirepi et al., 2018). Assim sendo, também seria importante estudar se as habilidades dos alunos no que diz respeito ao desenvolvimento de ideias novas e criativas, afetam a sua intenção empreendedora. Por essa razão são apresentadas as seguintes hipóteses:

H4a): A Inovação influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H4b): O Género modera a relação entre a Inovação e a Intenção Empreendedora.

No que diz respeito às vivências pedagógicas, a literatura tem apontado como sendo uma mais-valia, a possibilidade de os alunos, particularmente as mulheres, vivenciarem no decorrer da sua formação académica experiências em contexto real. Esta experiência, poderá contribuir para um maior encorajamento de criação do seu próprio negócio, uma vez que as pode tornar mais confiantes no domínio das suas aptidões a nível técnico e emocional (Almobaireek & Manolova, 2013; Bretones & Radrigan, 2018; Gutiérrez et al., 2018; Liñán, 2008; Ndofirepi et al., 2018; Torres & Garcia, 2017; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015). Posto isto, é importante analisar se os estudantes têm a preocupação de obter um sentimento de realização e satisfação na sua vida profissional, e se de algum modo este sentimento afeta a sua predisposição para investir numa carreira empreendedora. Desta forma são levantadas as seguintes hipóteses:

H5a): A Necessidade de Realização influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H5b): O Género modera a relação entre a Necessidade de Realização e a Intenção Empreendedora.

Para além disso, de acordo com Hu e Ye (2017), a falta de experiência empresarial, também pode conduzir a uma baixa intenção empreendedora, independentemente do género. Outros estudos apontam ainda que a falta de conhecimento e interesse pelo empreendedorismo são fatores influentes para os baixos níveis de intenção empreendedora e predisposição ao risco (do Paço et al., 2015; Sánchez-Oliver et al., 2019). Por essa razão é fundamental medir a forma como os alunos se posicionam

perante o risco. Deste modo e com base na literatura, são levantadas as seguintes hipóteses:

H6a): A Propensão ao Risco influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H6b): O Género modera a relação entre a Propensão ao Risco e a Intenção Empreendedora.

Importa ainda mencionar que no que diz respeito aos valores sociais e crenças compartilhadas pela sociedade, a literatura tem mencionado que por vezes os *role models* existentes nem sempre são suficientes para atuar como uma inspiração (Islam et al., 2018; Liñán, 2008; Liñán & Chen, 2009), sugerindo por sua vez que a opinião familiar e o modelo parental têm uma influência direta na escolha das carreiras e na perceção que estas têm das suas habilidades e confiança sobre as suas capacidades. Inclusivamente, a literatura tem recomendado a necessidade de se mudar a mentalidade dos pais particularmente em relação às mulheres, no sentido de incentivarem as suas filhas a criarem os seus próprios empregos, em vez de trabalharem por conta de outrem após a sua formação (Islam et al., 2018). Assim sendo, é necessário analisar a valorização que a sociedade atribui à carreira empreendedora, colocando-se as últimas hipóteses:

H7a): A Valorização da Sociedade influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H7b): O Género modera a relação entre a Valorização da Sociedade e a Intenção Empreendedora.

Face ao exposto e partindo do princípio de que a formação influencia a taxa de empreendedorismo, torna-se necessário desenvolver mais estudos que possibilitem compreender as variáveis que afetam a intenção empreendedora e se essa relação difere de acordo com o género (Bretones & Radrihan, 2018; Torres & Garcia, 2017), particularmente no contexto do desporto onde a literatura sobre este tema é escassa. Deste modo, a Figura 1 representa o modelo que se pretende testar.

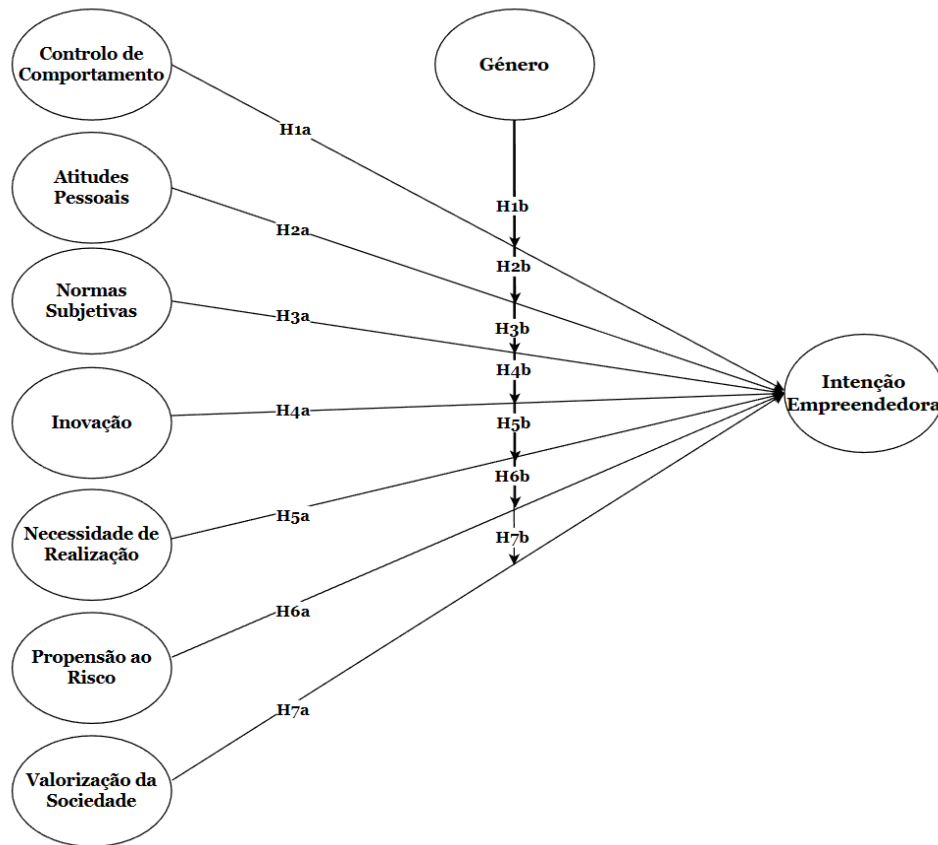


Figura 1. Modelo conceptual.

H1a): O Controlo de Comportamento influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H1b): O Género modera a relação entre o Controlo de Comportamento e a Intenção Empreendedora.

H2a): As Atitudes Pessoais influenciam positivamente a Intenção Empreendedora.

H2b): O Género modera a relação entre as Atitudes Pessoais e a Intenção Empreendedora.

H3a): A Norma Subjetiva influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H3b): O Género modera a relação entre a Norma Subjetiva e a Intenção Empreendedora.

H4a): A Inovação influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H4b): O Género modera a relação entre a Inovação e a Intenção Empreendedora.

H5a): A Necessidade de Realização influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H5b): O Género modera a relação entre a Necessidade de Realização e a Intenção Empreendedora.

H6a): A Propensão ao Risco influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H6b): O Género modera a relação entre a Propensão ao Risco e a Intenção Empreendedora.

H7a): A Valorização da Sociedade influencia positivamente a Intenção Empreendedora.

H7b): O Género modera a relação entre a Valorização da Sociedade e a Intenção Empreendedora.

3. Metodologia

3.1 Caracterização do contexto e amostra

Este estudo contou com a colaboração de 332 alunos de licenciatura na área do Desporto, integrados em 38 Instituições de Ensino Superior portuguesas, públicas e privadas (Universidades e Politécnicos) onde este tipo de oferta formativa é disponibilizado. Uma vez que a área do Desporto é muito diversificada em termos de intervenção profissional, foram incluídos cursos com diferentes designações nomeadamente, licenciatura em Ciências do Desporto, Gestão do Desporto e Atividade Física.

Em relação às características da amostra, esta foi composta por 34.9% de estudantes do género feminino, com média etária de 21.6 ± 4.0 anos, compreendidas entre os 18 e os 49 anos. Quanto à formação, 74.1% frequentavam uma licenciatura numa universidade, com 30.7% estudantes a frequentar o 1º ano, 36.7% a frequentar o 2º ano e 32.5% a frequentar o 3º ano. Do ponto de vista do acesso a disciplinas no âmbito da gestão desportiva ou empreendedorismo nos planos curriculares, foi possível apurar que 16% dos alunos não têm nenhuma disciplina no âmbito da Gestão Desportiva; 49.7% indicaram que têm uma disciplina; 23.2% têm duas e 11.1% têm três ou mais. Sobre o facto de os cursos disponibilizarem nos seus currículos disciplinas de empreendedorismo, 79.2% respondeu que não era o caso. Cerca de metade dos alunos inquiridos (53.0%) não possuíam qualquer familiar proprietário de um negócio. A Tabela 1 apresenta um resumo das principais características da amostra.

Tabela 1. Caracterização da Amostra.

		N	%
Género	Masculino	216	65.1%
	Feminino	116	34.9%
Idade (anos), Média \pm DP (Amplitude)		21.6 \pm 4.0 (18 - 45)	
Instituição	Ensino Politécnico	86	25.9%
	Ensino Universitário	246	74.1%
Ano da licenciatura que frequenta	1º ano	102	30.7%
	2º ano	122	36.7%
	3º ano	108	32.5%
Curso com UC no âmbito da Gestão Desportiva	Nenhuma	53	16.0%
	1 Unidade Curricular	165	49.7%
	2 Unidades Curriculares	77	23.2%
	3 ou mais Unidades Curriculares	37	11.1%
Frequentou essa UC	Não	61	18.4%
	Sim	218	81.6%
Curso com UC de Empreendedorismo	Não	263	79.2%
	Sim	69	20.8%
Famíliares com negócios	Não	176	53.0%
	Sim	156	47.0%

Nota: DP – Desvio Padrão

3.2 Instrumento

Foi seguida uma abordagem quantitativa, através da aplicação de um questionário (Apêndice 2) adaptado de vários estudos (do Paço et al., 2015; Grimaldi-Puyana et al., 2019; Liñán, 2008; Ndofirepi et al., 2018; Vlad et al., 2020), tendo sido utilizada uma escala de *Likert* de 5 pontos (1= total desacordo a 5= total acordo). O questionário foi constituído por um total de 70 questões, estando dividido em 2 partes: i) caracterização da amostra (10 questões); e ii) análise da intenção empreendedora (60 questões). De forma a validar o conteúdo do questionário e no sentido de aferir a compreensão linguística (Escobar-Pérez & Cuervo-Martínez, 2008), este foi encaminhado para dois especialistas, sendo eles investigadores e docentes do Ensino Superior com estudos direcionados para a área do empreendedorismo. Na Tabela 2 estão indicadas as dimensões, o foco de análise, o número de itens colocados no questionário relativos a cada dimensão e ainda os autores que suportaram a elaboração do instrumento.

Tabela 2. Dimensões.

Tema	Foco de análise	Nº	Autores
Intenção Empreendedora	Procura perceber o quanto os alunos desejam tornar-se empreendedores, e se consideram a criação de um negócio como uma prioridade nas suas carreiras profissionais.	10	do Paço et al. (2015) Vlad et al. (2020) Grimaldi-Puyana et al. (2019)
Controlo de Comportamento Empreendedor	Analisa a capacidade, confiança e preparação que os alunos têm para empreender e controlar as atividades da sua própria empresa.	19	do Paço et al. (2015); Ndofirepi et al. (2018)
Atitudes Pessoais	Relaciona-se com a personalidade dos alunos, se eles consideram a carreira empreendedora como satisfatória, atraente, vantajosa, se têm preferência por uma carreira empreendedora e se gostam de assumir a liderança nas diversas iniciativas em que se envolvem.	5	do Paço et al. (2015)
Normas Subjetivas	Procura perceber se a família/amigos e colegas aprovariam a decisão de o estudante ser um futuro empreendedor.	3	do Paço et al. (2015)
Inovação	Mede as habilidades dos alunos para a inovação, ou seja, o desenvolvimento de ideias novas e criativas, bem como a capacidade de identificar oportunidades de negócio.	6	do Paço et al. (2015); Ndofirepi et al. (2018)
Necessidade de Realização	Procura perceber se os alunos têm a preocupação de obter um sentimento de realização e satisfação na sua vida profissional, ou se apenas procuram um trabalho rotineiro que não os desafie.	5	do Paço et al. (2015)
Propensão ao Risco	Mede a forma como os alunos se posicionam perante o risco.	7	do Paço et al. (2015)
Valorização da Sociedade	Analisa a valorização que a sociedade atribui à carreira empreendedora, bem como os estereótipos associados à mesma.	5	Liñán (2008)

3.3 Procedimento de recolha dos dados

No sentido de conseguir chegar ao máximo de participantes, o questionário foi convertido em formato online através da plataforma google drive e enviado o link para os respetivos alunos. No sentido de garantir uma maior disseminação, foi ainda enviado o link para os professores e diretores dos cursos de licenciatura em desporto, com a finalidade de o divulgarem junto dos respetivos alunos. Aquando do envio do questionário, foi também indicado o objetivo do estudo e garantida a confidencialidade e anonimato das respostas. A participação foi voluntária e cada participante assinou o consentimento informado de colaboração nesta investigação no momento de responder ao questionário. A investigação foi desenhada de acordo com os critérios éticos da Declaração de Helsinki (Association, 2013) e os padrões éticos das Ciências do Desporto e Exercício Físico (Harriss et al., 2019). As respostas obtidas foram guardadas num ficheiro Microsoft Excel. A recolha dos dados decorreu entre os meses de junho e julho de 2022. Na fase seguinte, foi analisado e organizado o conteúdo de acordo com as dimensões e as questões de investigação.

3.4 Análise de dados

Com vista à validação das hipóteses, foram utilizados dois modelos de equações estruturais (SEM), sendo utilizado o método dos mínimos quadrados parciais (Partial Least Squares - PLS) como método de estimação, método atualmente bastante disseminado na área das ciências comportamentais (Hair, Howard, & Nitzl, 2020; Wichaisri & Sopadang, 2017). A utilização do PLS-SEM em alternativa aos SEM baseados em covariâncias (CB-SEM), deveu-se aos itens não seguirem a distribuição normal, uma das suposições das características dos dados para ser utilizado CB-SEM (Hair et al., 2020; Hair, Risher, Sarstedt, & Ringle, 2019; Sarstedt, Hair, Cheah, Becker, & Ringle, 2019).

Para confirmar a estrutura fatorial do instrumento utilizado, foi necessário examinar a fiabilidade e validade dos indicadores usados na representação e medição dos conceitos teóricos (Hair et al., 2020; Hair et al., 2019; Sarstedt et al., 2019). A validade de construto é a grandeza pela qual um conjunto de itens reflete o construto teórico latente que pretendem medir e a fiabilidade de um instrumento refere-se à propriedade de consistência e reprodutividade da medida (Hair et al., 2020; Hair et al., 2019; Sarstedt et al., 2019).

No presente estudo a validade dos construtos foi avaliada através de: i) fiabilidade compósita (CR), ($CR > 0.70$), pois não é influenciada pelo número de itens existentes em cada construto, ao contrário do Alpha de Cronbach pois utiliza cargas dos itens extraídas do modelo estimado; ii) validade fatorial (cargas fatoriais superiores a 0.5 idealmente superior a 0.7); iii) validade convergente, através da variância média extraída (AVE), assumiu-se que existia validade convergente quando ($AVE > 0.50$); e iv) validade discriminante, em que a AVE de dois construtos deve ser superior ao quadrado da correlação entre esse dois fatores (Barroso, Carrión, & Roldán, 2010; Fornell & Larcker, 1981; Sarstedt et al., 2019). Na Tabela 3 apresenta-se uma síntese dos critérios para a análise da validade e fiabilidade do instrumento de recolha de dados utilizado.

Tabela 3. Indicadores de validade do instrumento.

Estatística	Valores de referência
Validade Fatorial	≥ 0.5 , idealmente ≥ 0.7
Validade convergente	$AVE_j \geq 0.5$
Validade Discriminante	$AVE_j \geq R^2$
Confiabilidade Composta	$CR \geq 0.7$
Alfa de Cronbach	≥ 0.60

Com vista à avaliação global do modelo estrutural e respetiva validação das hipóteses H1a, H2a, H3a, H4a, H5a, H6a e H7a, examinou-se o ajuste global do modelo estimado, as estimativas do coeficiente de caminho e respetiva significância estatística com base no *bootstrap* e o coeficiente de determinação (R^2) (Benitez, Henseler, Castillo, & Schuberth, 2020). Com base no modelo estrutural foi calculado um indicador entre 0 e 100 para cada estudante e para cada construto. Na estimação dos modelos estruturais, para determinação das estatísticas t, e respetiva significância estatística, aplicou-se o procedimento de *bootstrapping* (com uma amostra de 2000 bootstraps). Para a validação das hipóteses H1b, H2b, H3b, H4b, H5b, H6b e H7b foi utilizada uma análise multigrupo.

Como os diversos itens utilizados para recolher os dados foram de autorresposta e respondidos ao mesmo tempo pelos participantes, a variação comum (*common method variance*) pode ser um problema. Essa questão surge porque as variáveis incluídas no estudo são derivadas da perceção do entrevistado, sendo que o mesmo tipo de escala é utilizado em todo o questionário onde diferentes construtos são medidos ao mesmo tempo pelo mesmo questionário. Como alguns dos procedimentos utilizados neste estudo podem promover a existência de variância de método comum, foi realizado o teste de fator único de Harman. O teste de Harman mostrou que a variância da primeira componente é de 32.2%, sendo inferior ao limite de 50% da variância total. Todos os cálculos foram efetuados recorrendo aos softwares SmartPLS versão 3.3.2 (Ringle, Wende, & Becker, 2015).

4. Resultados

4.1 Validade e fiabilidade do construto

Na Tabela 4 visualizam-se os resultados referentes às estatísticas descritivas, fiabilidade e validade dos construtos latentes para o modelo. Para todos os construtos, as cargas fatoriais, e a fiabilidade compósita apresentam valores acima dos limites exigidos de 0.5 e 0.7, respetivamente. Exceto para o construto alusivo à valorização da sociedade que apresentava um valor de construtos a AVE um pouco inferior (AVE = 0.45).

Tabela 4. Validade e confiabilidade do construto.

Item	Média	DP	Amplitude	Factor loadings	CR	AVE
Intenção Empreendedora	53.8	23.9	0 - 100		0.938	0.628
Estou pronto(a) para fazer qualquer coisa para ser empreendedor(a)	3.0	1.1	1 - 5	0.743		
O meu objetivo profissional é tornar-me empreendedor(a)	2.7	1.2	1 - 5	0.844		
Farei todos os esforços para iniciar e administrar a minha própria empresa	3.1	1.3	1 - 5	0.897		
Estou determinado(a) a criar uma empresa no futuro	3.0	1.3	1 - 5	0.899		
Já pensei muito seriamente em começar uma empresa	2.9	1.4	1 - 5	0.793		
Desejo enfrentar novos desafios	4.1	0.9	1 - 5	0.568		
Desejo proporcionar a criação de empregos para terceiros	3.3	1.2	1 - 5	0.807		
Pretendo ser o meu próprio patrão (ter independência)	3.6	1.2	1 - 5	0.797		
Neste período o empreendedorismo é uma preocupação para mim	2.6	1.3	1 - 5	0.735		
Controlo do Comportamento	52.9	24.3	0 - 100		0.957	0.557
Começar uma empresa e mantê-la em funcionamento seria fácil para mim	2.6	1.0	1 - 5	0.716		
Estou preparado(a) para iniciar uma empresa	2.1	1.1	1 - 5	0.719		
Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa	2.3	1.0	1 - 5	0.756		
Conheço os detalhes práticos necessários para iniciar uma empresa	2.1	1.1	1 - 5	0.638		
Sei como desenvolver um projeto empreendedor	2.3	1.1	1 - 5	0.702		
Se eu tentasse iniciar uma empresa, teria uma alta probabilidade de sucesso	2.6	1.0	1 - 5	0.795		
Acredito que posso criar maneiras de melhorar os produtos/serviços existentes para um novo negócio	3.1	1.1	1 - 5	0.812		
Acredito que posso criar produtos/serviços que satisfaçam necessidades não atendidas dos clientes	3.2	1.1	1 - 5	0.831		
Acredito que posso inspirar aqueles com quem trabalho ao compartilhar a minha visão de negócios	3.3	1.1	1 - 5	0.776		
Acredito que posso realizar análises de mercado relacionadas com o início de um novo negócio	2.8	1.1	1 - 5	0.801		
Acredito que consigo identificar oportunidades de financiamento para um novo empreendimento	2.7	1.1	1 - 5	0.830		
Acredito que consigo identificar uma boa equipa de gestão para desenvolver um negócio	3.1	1.1	1 - 5	0.784		
Acredito que posso construir uma equipa para me auxiliar no desenvolvimento de um negócio	3.2	1.1	1 - 5	0.809		
Acredito que posso desenvolver relações comerciais com pessoas chave	3.2	1.1	1 - 5	0.777		
Acredito que sou tolerante a mudanças inesperadas que podem ocorrer na gestão de negócios	3.3	1.0	1 - 5	0.730		
Acredito que sou persistente perante contratemplos que possam ocorrer na gestão de negócios	3.4	1.1	1 - 5	0.725		
Acredito que posso trabalhar de forma produtiva, mesmo em situações de pressão	3.7	1.0	1 - 5	0.607		
Tenho confiança na minha capacidade de realização de tarefas/objetivos	3.9	0.9	1 - 5	0.551		
Atitudes Pessoais	48.3	20.2	0 - 100		0.916	0.689
Ser empreendedor(a) implica mais vantagens do que desvantagens para mim	3.2	1.0	1 - 5	0.759		
A carreira de empreendedor(a) é atraente para mim	3.1	1.2	1 - 5	0.930		
Ser empreendedor(a) trar-me-ia uma grande satisfação	3.2	1.2	1 - 5	0.910		
Entre várias opções profissionais, prefiro ser empresário(a)	2.7	1.2	1 - 5	0.848		
Em situações pouco claras, gosto de tomar decisões e assumir a “liderança”	3.5	1.1	1 - 5	0.675		

Motivações, Barreiras e Desafios para o Empreendedorismo Desportivo: O Género Fará a Diferença?

Norma Subjetiva (Se decidisse criar uma empresa, as pessoas em seu ambiente próximo aprovariam essa decisão?)	76.9	20.7	0 - 100		0.886	0.721
Sua família próxima	4.1	1.0	1 - 5	0.815		
Seus amigos	4.2	0.9	1 - 5	0.899		
Seus colegas	3.9	1.1	1 - 5	0.832		
Inovação	64.0	18.9	14.3 - 100		0.904	0.653
Gosto de mudar a forma como as coisas são feitas	3.7	0.8	1 - 5	0.767		
Enquanto os outros não veem nada de anormal no meio envolvente, eu consigo identificar oportunidades de negócios	3.2	1.1	1 - 5	0.858		
Sou capaz de contornar as dificuldades através de habilidades estratégicas	3.4	0.9	1 - 5	0.809		
Acredito sempre que há maneiras novas e melhores de fazer as coisas	3.9	0.9	1 - 5	0.769		
Acredito que posso pensar de forma criativa e inovadora nos negócios	3.6	1.0	1 - 5	0.833		
Necessidade de Realização	72.6	16.7	13.9 - 100		0.758	0.517
Tenho prazer em responder aos desafios, pois a competição faz-me trabalhar mais arduamente	3.8	0.9	1 - 5	0.843		
Eu não gosto de um trabalho bem pago, se não posso obter dele um sentimento de realização e satisfação	3.6	1.0	1 - 5	0.560		
Quando faço algo, não quero apenas que seja feito, mas feito com excelência	4.2	0.8	1 - 5	0.726		
Propensão ao Risco	51.0	19.9	0 - 100		0.859	0.604
Estou disposto(a) a assumir altos riscos para altos retornos	3.1	1.0	1 - 5	0.805		
Não me importo de trabalhar em condições de incerteza, desde que isso me traga uma probabilidade razoável de ganhos	3.0	1.0	1 - 5	0.776		
Não tenho medo de investir o meu dinheiro em um empreendimento cujos dividendos eu calculei	2.9	1.1	1 - 5	0.814		
Estou disposto a correr um risco, apenas se a probabilidade de sucesso for de 60% ou mais	3.1	1.0	1 - 5	0.710		
Valorização da Sociedade	55.4	16.5	7.8 - 100		0.710	0.450
No meu país, o papel do empreendedor na economia é geralmente subvalorizado	3.2	1.0	1 - 5	0.694		
A maioria das pessoas no meu país considera inaceitável ser um empreendedor	2.7	1.0	1 - 5	0.636		
No meu país, é comum pensar-se que os empresários tiram vantagem dos outros	3.9	1.0	1 - 5	0.680		

Para testar se os construtos eram suficientemente diferentes entre si, a validade discriminante foi inspecionada usando o critério de Fornell e Larcker (1981), que exige que a AVE de um construto seja maior que o quadrado da sua maior correlação com qualquer construto (Tabela 5). Face aos resultados, observa-se que em geral, os diversos construtos possuem níveis elevados de fiabilidade, bem como validade fatorial, validade convergente e validade discriminante, podendo-se considerar válidos e fiáveis para serem utilizados.

Tabela 5. Correlação entre os construtos (raiz quadrada da AVE na diagonal).

	1. CC	2. AP	3. NS	4. IN	5. NR	6. PR	7. VS	8. IE
Controlo do Comportamento	0.746							
Atitudes Pessoais	0.715	0.830						
Norma Subjetiva	0.273	0.258	0.849					
Inovação	0.671	0.628	0.287	0.808				
Necessidade de Realização	0.442	0.436	0.273	0.574	0.719			
Propensão ao Risco	0.528	0.534	0.204	0.501	0.384	0.777		
Valorização da Sociedade	0.316	0.290	0.145	0.326	0.287	0.266	0.671	
Intenção Empreendedora	0.711	0.767	0.247	0.596	0.442	0.523	0.255	0.793

4.2 Teste de hipóteses

Na Tabela 6 apresentam-se os resultados alusivos ao modelo estrutural com vista à validação das hipóteses H1a, H2a, H3a, H4a, H5a, H6a e H7a. Analisando os resultados, constata-se que existe um impacto positivo estatisticamente significativo do Controlo do Comportamento na Intenção Empreendedora ($\beta = 0.25$; $p < 0.001$), sendo possível confirmar a hipótese H1a). Em termos da H2a), observa-se que existe um impacto positivo com significância estatística das Atitudes Pessoais na Intenção Empreendedora ($\beta = 0.55$; $p < 0.001$), validando-se esta hipótese. No que respeita à H6a), constata-se que existe um impacto positivo estatisticamente significativo da Propensão ao Risco na Intenção Empreendedora ($\beta = 0.07$; $p < 0.05$), confirmando-se igualmente esta hipótese.

Relativamente às hipóteses H3a (Norma Subjetiva influenciar positivamente a Intenção Empreendedora), H4a (Inovação influenciar positivamente a Intenção Empreendedora), H5a (Necessidade de Realização influenciar positivamente a Intenção Empreendedora) e a H7a (Valorização da Sociedade influenciar positivamente a Intenção Empreendedora), não se observou qualquer associação estatisticamente significativa, não sendo possível confirmar estas hipóteses.

Tabela 6. Coeficientes Padronizados dos modelos.

	β	EP	p
H1a Controlo do Comportamento	0.25	0.06	0.000**
H2a Atitudes Pessoais	0.55	0.05	0.000**
H3a Norma Subjetiva	0.00	0.04	0.452
H4a Inovação	0.02	0.05	0.324
H5a Necessidade de Realização	0.06	0.04	0.084
H6a Propensão ao Risco	0.07	0.04	0.032*
H7a Valorização da Sociedade	0.03	0.04	0.236

Nota: * p < 0.05; ** p < 0.01; β – Coeficientes Padronizados; EP – Erro Padrão

Na Tabela 7 são apresentados os resultados da análise multigrupo para realizar comparação entre os alunos do género masculino e feminino no que respeita ao efeito dos diversos construtos na Intenção Empreendedora e respetivas hipóteses (H1b, H2b, H3b, H4b, H5b, H6b e H7b).

Tabela 7. Diferenças entre modelos (Feminino – Masculino).

	Feminino β	Masculino β	Diferença	p
H1b Controlo do Comportamento	0.12	0.33	-0.22	0.034*
H2b Atitudes Pessoais	0.60	0.48	0.12	0.117
H3b Norma Subjetiva	-0.04	0.05	-0.09	0.140
H4b Inovação	0.11	0.00	0.11	0.160
H5b Necessidade de Realização	0.11	0.02	0.09	0.160
H6b Propensão ao Risco	0.08	0.07	0.01	0.452
H7b Valorização da Sociedade	-0.02	0.12	-0.14	0.046*

Nota: * p < 0.05; β – Coeficientes Padronizados

Deste modo, é possível observar que relativamente ao impacto do Controlo Comportamental na Intenção Empreendedora (H1b), nas estudantes do género feminino esse impacto é significativamente inferior quando comparado com os estudantes do género masculino (Diferença = -0.22; p < 0.05). Em termos do efeito da Valorização da Sociedade na Intenção Empreendedora (H7b), constata-se que nas mulheres esse impacto é significativamente inferior ao dos estudantes homens (Diferença = - 0.14; p < 0.05). Estes resultados corroboram as hipóteses H1b e H7b). Quanto ao impacto dos restantes construtos na Intenção Empreendedora (H2b, H3b, H4b, H5b, H6b), não se observaram diferenças com significância estatística entre os modelos para as estudantes do género feminino e os estudantes do género masculino (Figura 2).

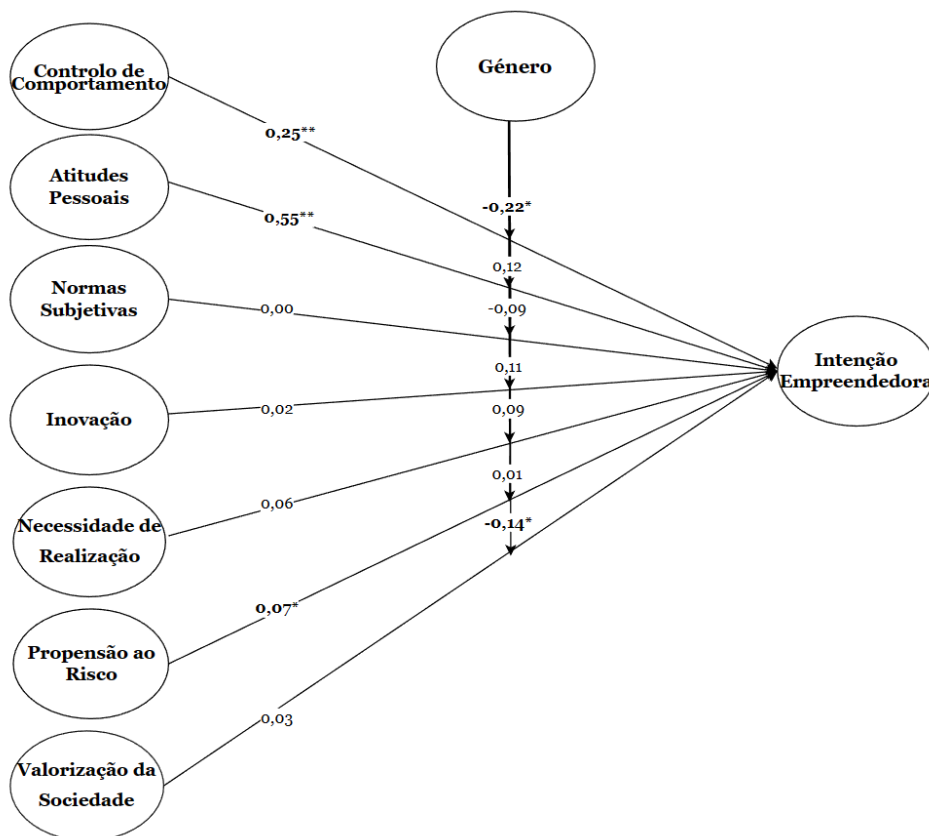


Figura 2. Estimativas estandardizadas dos coeficientes de trajetória.

5. Discussão

A formação em ensino superior tem sido considerada um catalisador para aumentar a intenção empreendedora e melhorar os níveis de envolvimento do empreendedorismo feminino (Bretones & Radrikan, 2018; Torres & Garcia, 2017). Sendo que o contexto desportivo não é exceção (Koca & Öztürk, 2015; Miragaia et al., 2021), importa encontrar formas de incrementar o empoderamento feminino, nomeadamente através do vetor formativo. Contudo, existem áreas científicas e profissionais mais atrativas para homens ou mulheres, em resultado de um conjunto de dinâmicas sociais em torno do género, como são o exemplo de inúmeras atividades profissionais ligadas ao desporto. Essa tendência também se verifica no presente estudo, consolidando a ideia de que nos cursos de desporto, o número de mulheres é por norma inferior ao número de homens. Posto isto, se o número de mulheres formadas na área do desporto é menor comparativamente ao de homens, tendencialmente haverá uma maior probabilidade de existirem menos mulheres empreendedoras na indústria do desporto. Note-se que a literatura tem dado fortes evidências sobre a influência da formação em ensino superior e o aumento das taxas empreendedoras. Contudo, no futuro,

esta análise deve ser feita de forma mais minuciosa, uma vez que existem áreas do desporto que são tendencialmente mais procuradas por homens e outras por mulheres, bem como existem setores de atividade no desporto que podem ser mais propensos para as iniciativas empreendedoras do que outros, como é o caso da indústria do fitness, comparativamente com as carreiras ligadas ao treino desportivo.

Deste modo, face aos resultados obtidos foi possível apurar que independentemente do género as dimensões “controlo de comportamento”, “atitudes pessoais” e “propensão ao risco” influenciam positivamente a “intenção empreendedora”, confirmando-se assim as H1a; H2a e H6a.

No que diz respeito ao “controlo de comportamento” (H1a), esta dimensão está relacionada com a confiança nas próprias capacidades para criar uma empresa e desenvolver um projeto empreendedor. É natural que se um estudante tem a confiança e a perceção de que possui as habilidades e as capacidades necessárias de um empreendedor, também a ideia de criar um negócio parece ser mais viável (Liñán, 2008). Deste modo, os resultados indicam que os alunos parecem ter confiança nas suas capacidades de trabalho e capacidade de realização de tarefas/objetivos, acreditando que podem trabalhar de forma produtiva, mesmo em situações de pressão (Tabela 4). Contudo, apesar de uma manifestação positiva sobre o facto de considerarem que detêm competências inerentes ao desenvolvimento de uma atividade empreendedora, curiosamente manifestaram que não se sentem preparados para criar uma empresa, demonstrando um desconhecimento prático sobre os procedimentos requeridos para este efeito. Esta contradição poderá ser explicada pela ausência de programas educativos mais práticos e também pelo facto de a amostra deste estudo ser composta por alunos de diversas áreas do desporto, podendo não ter formação direcionada para a gestão do desporto, ou não terem disciplinas específicas focadas na vertente empresarial. Contudo, este é um elemento de reflexão do ponto de vista dos programas educativos, face às novas dinâmicas dos mercados de trabalho. Note-se que são vários os autores que têm vindo a sugerir a importância de operacionalizar práticas pedagógicas mais amplas e diversificadas, em que os alunos tenham mais contacto com situações reais (Miragaia & Soares, 2017). Atividades como a criação de um plano de negócios poderão contribuir para um aumento da intenção empreendedora dos estudantes, podendo torná-los mais familiarizados com os procedimentos e conseqüentemente mais confiantes para tomar iniciativas desta natureza (Acet et al., 2014; Dutta et al., 2011; Lara-Bocanegra et al., 2020), independentemente da área de formação.

No âmbito das “atitudes pessoais”, constatou-se ainda que o facto de os alunos olharem para a carreira empreendedora como uma mais-valia, o facto de verem mais vantagens do que desvantagens nessa opção, o sentirem uma grande atração e satisfação por esta opção profissional e o facto de gostarem de assumir a liderança, influencia positivamente a intenção empreendedora (H2a). Claramente que quanto mais atrativa for esta profissão, maior será a intenção empreendedora, tal como apontado por outros estudos (González-Serrano et al., 2021; Parris et al., 2014). Sem dúvida que a indústria do desporto pode tornar-se muito atrativa pela diversidade de profissões que possui, desde contextos como o treino do ponto de vista formal e competitivo, dependentes dos clubes e federações, bem como tantas outras oportunidades de criação de negócio, no âmbito do turismo, saúde e lazer (Campos-Izquierdo et al., 2016; González-Serrano et al., 2021; Parris et al., 2014). Contudo, os estudantes mantêm uma atitude muito passiva relativamente à criação de negócios.

Ainda sobre a dimensão das atitudes pessoais, é importante referir que o item que questiona a vontade de tomar decisões e assumir a liderança foi o mais valorizado, sugerindo que os alunos procuram assumir uma posição de liderança nas situações em que se envolvem. Este facto pode estar relacionado com o envolvimento na prática de atividade física, uma vez que a própria natureza do desporto é catalisadora do desenvolvimento de um conjunto de *soft skills*, como o caso da liderança, proatividade, criatividade e autonomia (Acet et al., 2014; do Paço et al., 2015; Rodrigues et al., 2019; Serrano et al., 2016). Contudo, contrariamente, verificou-se que o item que questiona a preferência pela carreira empresarial foi o menos valorizada, sugerindo que apesar de os alunos gostarem de assumir a liderança nas ações em que se envolvem, não veem o empreendedorismo como um futuro profissional preferencial. Note-se que de acordo com a literatura, as atitudes pessoais dos alunos são muito delineadas tendo em conta a opinião familiar e o modelo parental. Esta relação condiciona a escolha profissional, tendo impacto na perceção que os jovens têm das suas habilidades e na confiança que têm nas suas capacidades (Islam et al., 2018; Liñán, 2008; Liñán & Chen, 2009; V. Ratten & Miragaia, 2020). De salientar que 53% dos alunos inquiridos não possuíam qualquer familiar proprietário de um negócio, o que pode explicar o facto de os estudantes não demonstrarem preferência pela carreira de empresarial. Contudo, esta questão deve ser investigada e validada no futuro, no sentido de se perceber se existe alguma transferibilidade entre esta realidade familiar e a intenção empreendedora dos jovens.

Também a H6a confirma que a “propensão ao risco” influencia positivamente a intenção empreendedora. A atividade empreendedora está sujeita a mais riscos, comparativamente com outras atividades profissionais em que se trabalhe por conta de outrem. Claramente que se os alunos estiverem mais dispostos a assumir e encarar riscos, maior poderá ser a intenção

empreendedora, caso contrário, o medo de arriscar anula a vontade de empreender. Neste estudo, os estudantes demonstraram estar dispostos a assumir altos riscos na expectativa de ter altos retornos (Tabela 4). Deste modo, vários autores têm sugerido que a formação empreendedora pode ajudar nesse sentido, bem como a própria prática de atividade física (Acet et al., 2014; do Paço et al., 2015; V. Ratten & Miragaia, 2020; Serrano et al., 2016) pode ser utilizada como veículo de treino de *skills* importantes para a atitude empreendedora, nomeadamente no treino de uma maior tolerância ao risco, uma vez que promove a confiança, a autoestima e o desenvolvimento de características pessoais e psicológicas como a diminuição dos níveis de ansiedade (Rodrigues et al., 2019).

Contudo, dos resultados obtidos foi possível verificar que existe um conjunto de outras dimensões em que não se verificou existir impacto na intenção empreendedora (H3a, H4a, H5a e H7a). De salientar que os alunos não consideram que ter a aprovação da família, amigos e colegas para avançar num negócio é elemento influenciador da sua intenção empreendedora (H3a). Curiosamente, de todos estes *stakeholders* o que foi mais valorizado foi a aprovação dos amigos. Importa mencionar que muitas vezes a carreira empreendedora não é valorizada por parte das pessoas mais próximas (família, amigos, colegas), o que consequentemente poderá fazer com que os alunos não se sintam tão capazes e apoiados para seguir este caminho (Liñán, 2008). No que diz respeito à oferta formativa dos programas educativos, verificou-se neste estudo que existe pouca oferta de disciplinas sobre gestão desportiva e empreendedorismo o que pode explicar o facto de as H4a, H5a e H7a não se terem confirmado. A H4a está relacionada com a inovação e o desenvolvimento de ideias novas e criativas, bem como com a capacidade de identificar oportunidades de negócio. Portanto, se os alunos não são estimulados nesse sentido, é natural que essa não seja uma variável influente. Também na H5a se confirmou que a necessidade de realização não influencia a intenção empreendedora. Esta tendência pode ser explicada pelo facto de os alunos não serem incentivados para esta alternativa profissional, continuando a considerar mais atrativas as profissões tradicionais do desporto. E por fim, em relação à H7a, pode apurar-se que se nem a sociedade valoriza o empreendedorismo e a carreira empresarial, é natural que os próprios alunos também não se sintam motivados para tal. Por essa razão, já Serrano et al. (2016) afirmavam que para promover a intenção empreendedora, tanto nos alunos do género feminino como masculino, é necessário incluir nos cursos de desporto, unidades curriculares específicas sobre gestão e empreendedorismo.

5.1 Efeito do género na intenção empreendedora

Quando analisada a intenção empreendedora de acordo com o género, foi possível verificar que esta é uma variável que afeta a intenção empreendedora. Sendo que, no caso das mulheres, o impacto das dimensões “controlo de comportamento” e “valorização da sociedade” na intenção empreendedora é significativamente inferior quando comparado com os homens, confirmando-se assim as H1b e H7b. Relativamente à H1b, a mesma tendência já tinha sido verificada em outros estudos, indicando que o género masculino tem um maior controlo de comportamento empreendedor, o que pode indicar que estes são mais motivados para a criação de negócios (Gonzalez-Serrano et al., 2019; Ndofirepi et al., 2018). Também o autorreconhecimento das competências para o “desenvolvimento de novos produtos e serviços” e “habilidades de networking” tendem a ser mais elevadas nos estudantes homens (do Paço et al., 2015), sugerindo que estes são mais confiantes e autónomos do ponto de vista da propensão empreendedora (Gavurova et al., 2018; Lim & Envick, 2013). O presente estudo indica que as jovens mulheres não estão tão confiantes quanto às suas capacidades para desenvolver um projeto empreendedor, sendo que a mesma tendência já tinha sido identificada em outros estudos (do Paço et al., 2015; Gutiérrez et al., 2018; Liñán, 2008; Ndofirepi et al., 2018; Torres & Garcia, 2017) que evidenciaram a necessidade de um maior investimento formativo das mulheres, no sentido de as dotar de um maior empoderamento e de mais aptidão técnica e emocional, para que se sintam mais confiantes para seguir uma carreira empreendedora (Almobaireek & Manolova, 2013; Bretones & Radrikan, 2018; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015). Esta disparidade pode estar relacionada com o facto de os empreendedores que partilham a sua experiência em sala de aula (*role models*), serem muitas das vezes figuras masculinas (Gonzalez-Serrano et al., 2019).

Relativamente ao efeito da “valorização da sociedade” na intenção empreendedora (H7b) o mesmo acontece. Nas estudantes do género feminino esse impacto é significativamente inferior. Também em outros estudos se verificou que o efeito da valorização da sociedade sobre a intenção empreendedora é maior nos homens (do Paço et al., 2015). Posto isto, de acordo com Liñán (2008), a educação para o empreendedorismo pode ser um excelente canal para promover uma cultura mais empreendedora e quebrar alguns estigmas que possam existir ao nível da sociedade em geral, o que fará com que a valorização social sobre o empreendedorismo aumente e consequentemente aumentem os níveis de taxa empreendedora. Neste caso, a intenção empreendedora das mulheres não é tão valorizada do ponto de vista social porque, por norma, estas são incentivadas pela sociedade e pela família a trabalharem por conta de outrem após a sua formação, afetando inevitavelmente a sua confiança e motivação (Islam et al., 2018; Liñán, 2008; Liñán & Chen, 2009).

Contudo, dos resultados obtidos foi possível verificar que existe um conjunto de outras dimensões em que não se confirmou que o género influencia a intenção empreendedora (H2b, H3b, H4b, H5b e H6b). Curiosamente, na dimensão “atitudes pessoais” (H2b) não se verificaram diferenças de acordo com o género. A razão deste resultado pode estar relacionada com a falta de interesse e preferência demonstrada pela carreira empresarial manifestada pelos estudantes em geral. Contrariamente no estudo desenvolvido por do Paço et al. (2015), os resultados indicaram que a ideia de se tornar um empreendedor é mais atraente para os estudantes do género masculino. No que diz respeito às “normas subjetivas” (H3b) ambos os géneros não esperavam ter incentivo da família, amigos e colegas para iniciar um negócio. Note-se que esta falta de incentivo e apoio por parte da família não é benéfica para o aumento dos níveis de empreendedorismo em geral e do empreendedorismo feminino em particular (Lara-Bocanegra et al., 2022; Vlad et al., 2020). Contrariamente, no estudo do Paço et al. (2015) verificaram que o impacto das normas subjetivas foi maior no género feminino. Quanto às dimensões inovação (H4b), necessidade de realização (H5b) e propensão ao risco (H6b) também não se verificaram diferenças entre o género. Contudo, no estudo de Lim e Envick (2013), os homens demonstraram mais interesse em envolver-se em atividades inovadoras, demonstrando uma maior propensão ao risco comparativamente com o género feminino (do Paço et al., 2015; Lim & Envick, 2013). Quanto à necessidade de realização, outros estudos tinham verificado que as estudantes mulheres estavam motivadas para iniciar um empreendimento essencialmente por uma questão de necessidade, nomeadamente como alternativa ao desemprego (Almobaireek & Manolova, 2013; Gutiérrez et al., 2018).

Em suma, através dos resultados apresentados, verifica-se que a intenção empreendedora dos estudantes de desporto continua a ser diferente de acordo com o género. Contudo, ainda há muito trabalho a fazer para alcançar a equidade de género, sendo necessário empoderar as mulheres para que elas se sintam mais confiantes e capazes no mundo do empreendedorismo que habitualmente é dominado pelos homens. A formação em contexto de ensino superior poderá ser um caminho viável a seguir para procurar a igualdade de oportunidades e para contribuir no desenvolvimento de habilidades empreendedoras. Apesar de uma intervenção ao nível educativo não ser suficiente (Dutta et al., 2011; Islam et al., 2018; Vlad et al., 2020), é fundamental utilizar este contexto de forma estratégica, uma vez que é consensual o papel da educação como elemento mobilizador de mudanças sociais e culturais.

6. Implicações Práticas e Recomendações

Face ao exposto é possível perceber que os diferentes níveis de ensino e em particular o ensino superior, devem refletir sobre a importância de fornecer ferramentas no âmbito do empreendedorismo aos seus estudantes dos cursos de desporto. Este tipo de abordagem pode ser fundamental para abrir novos horizontes de carreiras profissionais em torno desta área. Importa ainda que as próprias Instituições de Ensino Superior encontrem formas de intervenção pedagógica que permitam incentivar o empreendedorismo de forma equitativa. Para além da vertente educativa e da sociedade em geral, é também necessário sensibilizar *stakeholders*, tais como os empresários, para a igualdade de oportunidades.

No que se refere aos programas educativos das Instituições de Ensino Superior, particularmente em relação ao incentivo ao empreendedorismo feminino no contexto desportivo, sugere-se que as práticas pedagógicas sejam ricas em experiências e contextos práticos para preparar os alunos para o mercado de trabalho, principalmente se optarem pela criação de um negócio próprio. As Instituições de Ensino Superior devem assim promover o envolvimento no mercado de trabalho real, através de uma aprendizagem experimental, por via de estágios curriculares que permitam fortalecer diferentes competências, nomeadamente no âmbito da gestão de negócios, bem como incluir nos programas educativos dos cursos de desporto, disciplinas no âmbito da gestão, empreendedorismo e plano de negócios (Acet et al., 2014; Dutta et al., 2011; Grimaldi-Puyana et al., 2019; Lara-Bocanegra et al., 2020; Lara-Bocanegra et al., 2022; Miragaia & Soares, 2017; Serrano et al., 2016).

A partir das próprias Instituições de Ensino Superior devem ser promovidos espaços de partilha de conhecimento, realização de cursos e palestras onde os oradores sejam mulheres líderes de empresas. Esta proximidade com os alunos permitirá que eles conheçam exemplos concretos de empreendedorismo, estimulando a partilha de preocupações e experiências que os permitam ajudar no início da aventura empresarial (Lara-Bocanegra et al., 2022). Este tipo de iniciativas pode influenciar positivamente a relação entre desejo e intenção empreendedora das mulheres (Acet et al., 2014; Dutta et al., 2011; Grimaldi-Puyana et al., 2019; Lara-Bocanegra et al., 2020; Miragaia & Soares, 2017).

Posto isso, os estudantes ficarão mais preparados para se adaptarem ao atual mercado competitivo, com maior potencial empreendedor e maior capacidade para desenvolver competências e habilidades empreendedoras (Acet et al., 2014; Lara-Bocanegra et al., 2020). Desta forma, poderão fortalecer o seu pensamento crítico e inovador, a sua capacidade de tomada de decisão e estimular o desenvolvimento de habilidades e atributos pessoais, como a

reflexão crítica, liderança, comunicação, cooperação, respeito e confiança, sendo assim, uma mais-valia para o país e para a sociedade em geral (Dutta et al., 2011; Grimaldi-Puyana et al., 2019; Miragaia & Soares, 2017).

Além disso, sugere-se que seja feito um trabalho de captação de jovens mulheres para o ingresso ao ensino superior, em particular para cursos de gestão do desporto, de modo a quebrar as tendências existentes de que determinados cursos são só para homens.

O próprio envolvimento na prática de atividade física também pode potencializar a intenção empreendedora, porque contribui para o desenvolvimento de algumas características pessoais, psicológicas e cognitivas. Tais como a autonomia, tolerância ao risco, habilidades de liderança, criatividade, inovação, proatividade, promoção de interações entre os indivíduos, incentivando redes e futuras parcerias, que estão diretamente relacionadas com um perfil empreendedor (Acet et al., 2014; do Paço et al., 2015; Rodrigues et al., 2019; Serrano et al., 2016).

Por sua vez, a articulação de várias ações estratégicas é fundamental, mesmo aquelas que pareçam ser aparentemente irrelevantes, como são os casos de conteúdos colocados nos manuais escolares. Ao olhar-se para a igualdade de género, pode verificar-se que os próprios livros devem ser alvo de debate. Os livros didáticos transmitem mensagens ricas em preconceitos e estereótipos de género, funcionando como canais culturais na construção de hierarquias de género no desporto, podendo desencorajar a participação feminina, quer ao nível desporto e atividade física, quer ao nível da gestão de organizações desportivas. A masculinidade hegemônica ainda é vista com normalidade, ainda é frequente ver que o género masculino prevalece na representação dos livros de uma ampla gama de desportos (Ullah & Skelton, 2016).

Também ao nível da educação das crianças, está enraizada a ideia de que os meninos podem correr, saltar, aventurar-se, arriscar e explorar o desconhecido, enquanto as meninas são sempre mais protegidas, são ensinadas a cuidar do próximo e a tratar das tarefas domésticas. Consequentemente isso reflete-se na capacidade de enfrentar os riscos da carreira empreendedora, onde os homens superam. Deste modo, a própria educação das crianças deve ser repensada desde cedo. Há muito trabalho que tem de ser feito desde a infância, para que se consiga ver uma evolução na vida adulta.

Para além da intervenção ao nível da educação, também é importante agir junto dos empresários já existentes no mercado, no sentido de os alertar para a questão da equidade de

género e igualdade de oportunidades de emprego, para que os estudantes e particularmente as mulheres sintam que o mundo empresarial também pode ser um caminho a explorar.

Por outro lado, quanto ao contexto social, é fundamental que a sociedade e a família direta, incentivem o empreendedorismo, principalmente o empreendedorismo feminino. Este tipo de apoio é crucial para que sintam o encorajamento e empoderamento necessário para avançar.

Ao nível de implicações políticas, sugere-se a realização de um debate ao nível do ensino superior com o objetivo de quebrar estereótipos existentes sobre as carreiras que são tipicamente para homens ou para mulheres. Se não houvesse uma imagem masculina pré-definida para o “modelo empreendedor”, as oportunidades seriam mais equitativas para ambos os géneros.

7. Conclusões, limitações e futuras linhas de investigação

Este estudo teve como objetivo analisar a intenção empreendedora de estudantes de ensino superior, particularmente da área do desporto, bem como analisar se essa intenção empreendedora é afetada pelo género.

Foi possível concluir que o controlo de comportamento empreendedor, as atitudes pessoais e a propensão ao risco são dimensões que influenciam a intenção empreendedora dos estudantes da área do desporto. O que quer dizer que a questão da confiança sobre as suas capacidades, conhecimentos e habilidades, bem como o facto de manterem uma atitude positiva sobre a carreira empreendedora e uma pré-disposição para assumir riscos associados ao negócio influenciam positivamente a intenção empreendedora. Pode também concluir-se que os estudantes estão dispostos a assumir e encarar riscos associados à atividade empreendedora. Apesar de os estudantes terem confiança nas habilidades empreendedoras e capacidade de assumir os riscos, curiosamente não demonstraram interesse em avançar com a criação de um negócio. Na generalidade os estudantes manifestaram falta de conhecimento sobre os procedimentos práticos que envolvem a criação de um negócio.

Face ao exposto é fundamental que as Instituições de Ensino Superior façam uma reflexão sobre a inclusão da abordagem empreendedora nos seus currículos, nomeadamente em cursos de desporto de âmbito geral. Desta forma, poderão contribuir para aumentar as taxas

de empreendedorismo, estimular novos horizontes profissionais, ou simplesmente consolidar competências fulcrais para o mercado de trabalho.

Foi ainda possível concluir que o género é um elemento que afeta a intenção empreendedora, particularmente nas dimensões de controlo de comportamento empreendedor e valorização da sociedade. Verificou-se que as jovens mulheres não são tão confiantes quanto às suas capacidades para desenvolver um projeto empreendedor e que existe um impacto significativamente inferior da sociedade sobre a sua intenção empreendedora. Do ponto de vista da sociedade, existe a perceção de que as mulheres não são tão capazes de empreender, quando comparadas com os homens.

Deste modo, é fundamental continuar a investigar a motivação para o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras dos alunos de desporto em geral, particularmente das estudantes mulheres. Esta análise é fundamental para se encontrarem estratégias que permitam aumentar o incentivo por esta abordagem profissional, nomeadamente por via do ajuste dos currículos educativos.

Face ao exposto, pode ser apontado como uma limitação deste estudo o facto de se terem agrupado vários cursos da área do desporto, não discriminando se existiam diferenças entre eles, nomeadamente os que são mais focados na componente de gestão desportiva. Posto isto, seria importante que em futuros trabalhos de investigação se analisasse essa diferença. Também seria interessante analisar se a intenção empreendedora difere em função da fase formativa em que os estudantes se encontram, para aferir se a expectativa que se tem sobre a intenção empreendedora no início do curso vai tendo variações à medida que estes vão tendo mais ferramentas e conhecimento. Para além disso, seria uma mais-valia estudar o impacto que o empreendedorismo desportivo vai tendo do ponto de vista social, percebendo a relação entre a prática de atividade física e a intenção empreendedora. Também seria curioso perceber se existe alguma relação entre os estudantes que não têm nenhum empresário na família e a sua preferência pela carreira empreendedora. Por fim, sugere-se que seja feito o levantamento sobre o que está a ser feito por parte das Instituições de Ensino Superior para promover o empreendedorismo desportivo, com particular enfoque no empreendedorismo feminino.

8. Referências Bibliográficas

- Acet, M., Serdar Yücel, A., Kalkavan, A., & Yilmaz, N. (2014). A field study aiming to determine entrepreneurial profiles of university students (Examples of Dumlupinar University - İnönü University). *Advances in Environmental Biology*, 8(12), 178-188.
- Almobaireek, W. N., & Manolova, T. S. (2013). Entrepreneurial motivations among female university youthin in Saudi Arabia. *Journal of Business Economics and Management*, 14(1), S56-S75. doi:10.3846/16111699.2012.711364
- Association, W. M. (2013). World Medical Association Declaration of Helsinki: Ethical Principles for Medical Research Involving Human Subjects. *JAMA*, 310(20), 2191-2194. doi:10.1001/jama.2013.281053
- Barroso, C., Carrión, G. C., & Roldán, J. L. (2010). Applying Maximum Likelihood and PLS on Different Sample Sizes: Studies on SERVQUAL Model and Employee Behavior Model. In V. Esposito Vinzi, W. W. Chin, J. Henseler, & H. Wang (Eds.), *Handbook of Partial Least Squares: Concepts, Methods and Applications* (pp. 427-447). Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg.
- Behrooz, M. (2012). Survey on university role in preparation graduated students in to entrepreneurs universities towards a conceptual framework: Iran's Perspective. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 46, 2414-2418. doi:10.1016/j.sbspro.2012.05.495
- Benitez, J., Henseler, J., Castillo, A., & Schuberth, F. (2020). How to perform and report an impactful analysis using partial least squares: Guidelines for confirmatory and explanatory IS research. *Information & Management*, 57(2), 103-168. doi:10.1016/j.im.2019.05.003
- Bretones, F. D., & Radrikan, M. (2018). Attitudes to entrepreneurship: The case of Chilean and Spanish university students. *Ciriec-Espana Revista De Economia Publica Social Y Cooperativa*, 94, 11-30. doi:10.7203/ciriec-e.94.12668
- Campos-Izquierdo, A., González-Rivera, M., & Taks, M. (2016). Multi-functionality and occupations of sport and physical activity professionals in Spain. *European Sport Management Quarterly*, 16(1), 106-126. doi:10.1080/16184742.2015.1108990
- da Costa, C. D. M., & Miragaia, D. A. M. (2022). A systematic review of women's entrepreneurship in the sports industry: has anything changed? *Gender in Management: An International Journal*, 37(8). doi:10.1108/GM-04-2021-0101
- do Paco, A., Ferreira, J. M., Raposo, M., Rodrigues, R. G., & Dinis, A. (2015). Entrepreneurial intentions: is education enough? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(1), 57-75. doi:10.1007/s11365-013-0280-5

- Dutta, D. K., Li, J., & Merenda, M. (2011). Fostering entrepreneurship: impact of specialization and diversity in education. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(2), 163-179. doi:10.1007/s11365-010-0151-2
- Escobar-Pérez, J., & Cuervo-Martínez, A. (2008). Validez de contenido y juicio de expertos: una aproximación a su utilización. *Avances en medición*, 6(1), 27-36.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating Structural Equation Models with Unobservable Variables and Measurement Error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50. doi:10.1177/002224378101800104
- Gavurova, B., Belas, J., Kotaskova, A., & Cepel, M. (2018). Management of education concepts in the field of entrepreneurship of university students in the Czech Republic. *Polish Journal of Management Studies*, 17(2), 52-62. doi:10.17512/pjms.2018.17.2.05
- González-Serrano, M. H., González-García, R. J., Carvalho, M. J., & Calabuig, F. (2021). Predicting entrepreneurial intentions of sports sciences students: A cross-cultural approach. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 29, 100322. doi:10.1016/j.jhlste.2021.100322
- Gonzalez-Serrano, M. H., González-García, R. J., & Moreno, F. C. (2019). Analysis of the effects of entrepreneurship in sport management. Is gender a conditioning factor? *Materiales Para La Historia Del Deporte*(18), 147-159.
- Grimaldi-Puyana, M., Gálvez-Ruiz, P., Sánchez-Oliver, A. J., & Fernández-Gavira, J. (2019). Intentions of entrepreneurship in sports science higher education: gender the moderator effect. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 8(1), 147-162. doi:10.1108/JEPP-03-2019-105
- Gutiérrez, P. I. R., Pérez, M. d. P. P., & Galicia, P. E. A. (2018). University entrepreneurship: how to trigger entrepreneurial intent of undergraduate students. *Journal of Science and Technology Policy Management*. doi:10.1108/JSTPM-04-2018-0037
- Hair, J. F., Howard, M. C., & Nitzl, C. (2020). Assessing measurement model quality in PLS-SEM using confirmatory composite analysis. *Journal of Business Research*, 109, 101-110. doi:10.1016/j.jbusres.2019.11.069
- Hair, J. F., Risher, J. J., Sarstedt, M., & Ringle, C. M. (2019). When to use and how to report the results of PLS-SEM. *European business review*, 31(1), 2-24. doi:10.1108/EBR-11-2018-0203
- Harriss, D. J., MacSween, A., & Atkinson, G. (2019). Ethical standards in sport and exercise science research: 2020 update. *International Journal of Sports Medicine*, 40(13), 813-817. doi:10.1055/a-1015-3123
- Hu, R., & Ye, Y. (2017). Do entrepreneurial alertness and self-efficacy predict Chinese sports major students' entrepreneurial intention? *Social Behavior and Personality*, 45(7), 1187-1196. doi:10.2224/sbp.6356

- Islam, M. M., Bokhari, A. A. H., & Abalala, T. S. (2018). Perceptions to Start up Business as a Career Choice among Saudi Female Higher Education Students. *Societies*, 8(2). doi:10.3390/soc8020031
- Koca, C., & Öztürk, P. (2015). Gendered perceptions about female managers in Turkish sport organizations. *European Sport Management Quarterly*, 15(3), 1-26. doi:10.1080/16184742.2015.1040046
- Lara-Bocanegra, A., Bohórquez, M. R., Grimaldi-Puyana, M., Gálvez-Ruiz, P., & García-Fernández, J. (2020). Effects of an entrepreneurship sport workshop on perceived feasibility, perceived desirability and entrepreneurial intentions: a pilot study in sports science students. *Sport in Society*. doi:10.1080/17430437.2020.1829596
- Lara-Bocanegra, A., García-Fernández, J., Gálvez-Ruiz, P., Grimaldi-Puyana, M., & Bohórquez Gómez-Millán, M. R. (2022). Does background matter? Analysis of the influence of sex, socioeconomic status and the existence of an entrepreneurial family member as a precursor to entrepreneurship in university students of Sport Sciences. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*, 31. doi:10.1016/j.jhlste.2022.100394
- Lim, S., & Envik, B. R. (2013). Gender and entrepreneurial orientation: a multi-country study. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 9(3), 465-482. doi:10.1007/s11365-011-0183-2
- Liñán, F. (2008). Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 4(3), 257-272. doi:10.1007/s11365-008-0093-0
- Liñán, F., & Chen, Y. W. (2009). Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593-617. doi:10.1111/j.1540-6520.2009.00318.x
- Marques, C., Santos, G., Galvão, A., Mascarenhas, C., & Justino, E. (2018). Entrepreneurship education, gender and family background as antecedents on the entrepreneurial orientation of university students. *International Journal of Innovation Science*, 10, 00-00. doi:10.1108/IJIS-07-2017-0067
- Miragaia, D. A. M., Ferreira, J. J. M., & da Costa, C. D. M. (2021). What Are Workers' Perceptions of Women's Organizational Leadership? *Journal of the Knowledge Economy*. doi:10.1007/s13132-021-00857-z
- Miragaia, D. A. M., & Soares, J. A. P. (2017). Higher education in sport management: A systematic review of research topics and trends. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 21, 101-116. doi:10.1016/j.jhlste.2017.09.001
- Ndofirepi, T. M., Dzansi, D. Y., & Rambe, P. (2018). An Exploratory Study on the Gender-Based Differences in Entrepreneurial Intention and Its Antecedents amongst

- Students of a South African University of Technology. *Southern African Business Review*, 22(1), 1-28. doi:10.25159/1998-8125/4345
- Ndou, V., Mele, G., & Del Vecchio, P. (2019). Entrepreneurship education in tourism: An investigation among European Universities. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 25, 100175. doi:10.1016/j.jhlste.2018.10.003
- Osituyo, O. O. (2018). Deliberate ceiling for career progress of female public service employees: A contemporary transformation trend in South Africa. *Journal of International Women's Studies*, 19(3), 172-186.
- Parris, D. L., Troilo, M. L., Bouchet, A., & Peachey, J. W. (2014). Action sports athletes as entrepreneurs: Female professional wakeboarders, sponsorship, and branding. *Sport Management Review*, 17(4), 530-545. doi:10.1016/j.smr.2013.12.005
- Patrisia, D., Abror, A., Doriza, S., & Maulida, E. (2019). The Entrepreneurial Attitudes of Higher Education Students.
- Ratten, V. (2010). The future of sports management: A social responsibility, philanthropy and entrepreneurship perspective. *Journal of Management & Organization*, 16(4), 488-494. doi:10.5172/jmo.2010.16.4.488
- Ratten, V., & Miragaia, D. (2020). Entrepreneurial passion amongst female athletes. *Journal of Small Business and Entrepreneurship*, 32(1), 59-77. doi:10.1080/08276331.2018.1551460
- Ringle, C. M., Wende, S., & Becker, J.-M. (2015). *SmartPLS 3*. Boenningstedt: SmartPLS GmbH. Retrieved from <http://www.smartpls.com>
- Rodrigues, R., Marques, C. S., Esteves, D., Brás, R., Santos, G., Gouveia, A., . . . Marques, V. (2019). Physical activity level as a booster of entrepreneurial intention: a social innovation approach. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, 17(1), 121 - 133. doi:10.1007/s12208-019-00227-1
- Sánchez-Oliver, A. J., Gálvez-Ruiz, P., Grimaldi-Puyana, M., Fernández-Gavira, J., & García-Fernández, J. (2019). New ways of sports entrepreneurship in the university. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 8(1), 5-21. doi:10.1108/JEPP-07-2019-110
- Santos, G., Marques, C. S., & Ferreira, J. J. M. (2018). What are the antecedents of women's entrepreneurial orientation? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 14(4), 807-821. doi:10.1007/s11365-017-0481-4
- Sarstedt, M., Hair, J. F., Cheah, J.-H., Becker, J.-M., & Ringle, C. M. (2019). How to specify, estimate, and validate higher-order constructs in PLS-SEM. *Australasian Marketing Journal (AMJ)*, 27(3), 197-211. doi:10.1016/j.ausmj.2019.05.003
- Sauder, M. H., Mudrick, M., & DeLuca, J. R. (2018). Perceived barriers and sources of support for undergraduate female students' persistence in the sport management

- major. *Sport Management Education Journal*, 12(2), 69-79. doi:10.1123/smej.2017-0025
- Serrano, M. H. G., Valantine, I., Campos, C. P., Berenguer, S. A., Moreno, F. C., & Hervas, J. J. C. (2016). The influence of gender and academic training in the entrepreneurial intention of physical activity and sport sciences students. *Intangible Capital*, 12(3), 759-788. doi:10.3926/ic.783
- Swanson, J. L., Daniels, K. K., & Tokar, D. M. (1996). Assessing Perceptions of Career-Related Barriers: The Career Barriers Inventory. *Journal of Career Assessment*, 4(2), 219-244. doi:10.1177/106907279600400207
- Swanson, J. L., & Tokar, D. M. (1991). Development and initial validation of the Career Barriers Inventory. *Journal of Vocational Behavior*, 39(3), 344-361. doi:10.1016/0001-8791(91)90043-L
- Torres, A. I. Z., & Garcia, A. M. V. (2017). Employment of Young University Students through Entrepreneurship. Paper presented at the Proceedings of the 13th European Conference on Management, Leadership and Governance, London, United Kingdom
- Ullah, H., & Skelton, C. (2016). Social reproduction of gender hierarchies in sports through schooling in Khyber Pakhtunkhwa. *Asia Pacific Journal of Education*, 36(1), 131-144. doi:10.1080/02188791.2014.924389
- Vlad, I. M., Toma, E., & Gavrută, A. (2020). Students' attitude on entrepreneurship in higher agricultural engineering education. *Scientific Papers Series-Management, Economic Engineering in Agriculture and Rural Development*, 20(1), 625-632.
- Wichaisri, S., & Sopadang, A. (2017). Integrating sustainable development, lean, and logistics concepts into a lean sustainable logistics model. *International Journal of Logistics Systems and Management*, 26(1), 85-104. doi:10.1504/IJLSM.2017.080631
- Zarate-Hoyos, G. A., & Larios-Meono, F. (2015). The role of universities and other institutions in successful entrepreneurship: Some insights from a literature review. *Propositos Y Representaciones*, 3(2), 289-317. doi:10.20511/pyr2015.v3n2.82

Capítulo 5. Ações Estratégicas Implementadas pelas Instituições de Ensino Superior para o Estímulo ao Empreendedorismo Desportivo.

Resumo

As Instituições de Ensino Superior têm um papel fundamental na dinâmica social e económica de qualquer país, sendo determinante a sua influência na carreira profissional dos seus estudantes, nomeadamente no estímulo ao empreendedorismo. O seu papel formativo é crucial, inclusivamente em questões estruturantes como a equidade de género no contexto empresarial. Assim sendo, este estudo tem como objetivo identificar e analisar as linhas de ação implementadas pelas Instituições de Ensino Superior com oferta formativa na área do desporto para promover o empreendedorismo desportivo, particularmente no âmbito do empreendedorismo feminino. Foi seguida uma abordagem qualitativa, através da aplicação de uma entrevista semiestruturada a 21 coordenadores de licenciatura da área do desporto, integrados em Instituições de Ensino Superior portuguesas de natureza pública e privada. Os resultados indicam que algumas Instituições de Ensino Superior têm vindo a demonstrar preocupação em aplicar estratégias de estímulo ao empreendedorismo desportivo, no entanto, quando o fazem é de forma aleatória. Além disso, os resultados sugerem a necessidade de se poderem readaptar os currículos formativos no sentido de promover mais o empreendedorismo desportivo através de diferentes ações estratégicas como: unidades curriculares específicas, atividades extracurriculares, disponibilização de um gabinete dedicado ao empreendedorismo desportivo, para além da necessidade de se criarem iniciativas específicas de estímulo ao empreendedorismo feminino. Sugere-se ainda otimizar a sinergia entre as Instituições de Ensino Superior, o meio laboral e o governo. A articulação destes *stakeholders* será uma mais-valia para contribuir para uma cultura mais empreendedora, em particular no que diz respeito ao empreendedorismo feminino no contexto desportivo.

Palavras-chave

Programas; Educação; Género; Feminino; Estudantes.

1. Introdução

O empreendedorismo tem sido considerado como uma peça chave para o desenvolvimento e crescimento económico de qualquer país. Por essa razão, esta temática tem vindo a despertar o interesse por parte da comunidade científica, no sentido de se encontrarem formas de otimizar as iniciativas e atividades empreendedoras (Bretones & Radrigan, 2018; Jardim, Bártolo, & Pinho, 2021). De acordo com a literatura, a intenção empreendedora pode ser influenciada por diversos fatores, nomeadamente de natureza pessoal, familiar, educacional, económico e sociocultural (Jardim et al., 2021). Para além disso, questões ligadas ao género têm merecido especial interesse, uma vez tratar-se de um elemento fortemente influenciador do comportamento empreendedor (Bretones & Radrigan, 2018; Gavurova et al., 2018).

Desta forma, a educação para o empreendedorismo por via das Instituições de Ensino Superior tem vindo a ganhar destaque, uma vez tratar-se de uma abordagem estratégica que pode influenciar positivamente a intenção empreendedora dos jovens estudantes (Bretones & Radrigan, 2018; da Costa et al., 2023; Torres & Garcia, 2017). De acordo com Oftedal, Iakovleva e Foss (2017), uma cultura empreendedora positiva pode incentivar e encorajar mais jovens a considerar a carreira empreendedora, permitindo que estes criem o seu próprio emprego e contribuam para uma maior e melhor dinamização económica dos seus países. Deste modo, as Instituições de Ensino Superior podem atuar como agentes de mudança de conduta (Bretones & Radrigan, 2018; da Costa et al., 2023; Renart Vicens et al., 2022), utilizando os seus currículos, programas educativos e práticas pedagógicas para estimular uma cultura mais empreendedora e equitativa, disponibilizando assim ferramentas teóricas e práticas que permitam estimular a intenção empreendedora, em particular no género feminino. Importa salientar que atualmente a desigualdade de género no envolvimento em atividades empreendedoras ainda é muito expressiva. No recente relatório do Monitor Global do Empreendedorismo (GEM, 2022), quando analisada a variável género em 47 economias mundiais, é notória a predominância do género masculino face às mulheres, no que diz respeito à taxa de atividade empreendedora.

Neste caso em concreto, a formação têm vindo a desempenhar um papel fundamental no que diz respeito ao aumento da autoestima das mulheres, da perceção que estas têm sobre as suas habilidades/capacidades empreendedoras, bem como da sua autoeficácia (Ndofirepi et al., 2018). Por sua vez, de acordo com a literatura, os estudantes do género masculino demonstram mais confiança, interesse e uma maior tendência para iniciar os seus próprios negócios (Ndofirepi et al., 2018; Vlad et al., 2020; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015).

Face ao exposto, é importante refletir sobre o que tem vindo a ser feito pelas Instituições de Ensino Superior ao longo dos últimos anos, no sentido de se caminhar para um futuro mais equitativo. Apesar de algumas Instituições de Ensino Superior já disponibilizarem disciplinas específicas sobre empreendedorismo e gestão de negócios, ou cursos relacionados não conferentes de grau académico, sente-se ainda a falta de um planeamento formativo mais especializado, sendo necessário atualizar os métodos de ensino e aprendizagem numa ótica mais criativa e inovadora (Ahmad & Buchanan, 2015; Boldureanu, Ionescu, Bercu, Bedrule-Grigoruță, & Boldureanu, 2020).

Deste modo, este estudo tem como objetivo identificar e analisar as linhas de ação implementadas pelas Instituições de Ensino Superior com oferta formativa na área do desporto, para promover o empreendedorismo desportivo, particularmente no âmbito do empreendedorismo feminino.

2. Enquadramento Teórico

Ao longo dos últimos anos a comunidade científica tem vindo a estudar a influência da educação na intenção empreendedora, apontando para um ensino fundamentalmente baseado numa abordagem muito teórica (Ahmad & Buchanan, 2015; Otache, Edopkolor, & Kadiri, 2022; Sendouw, Kairupan, & Mege, 2018). Por outro lado, de acordo com Wong e Chan (2021), apesar de os programas de ensino superior estarem muito focados em motivar os alunos para o desenvolvimento de uma identidade empreendedora, ainda assim, argumentam que existe um défice nos programas formativos com vista a abordarem objetivamente conteúdos sobre a criação de negócios. Consideram assim, que este desequilíbrio curricular, faz com que os alunos não se sintam preparados para iniciar a sua própria empresa após terminarem a sua formação. Por essa razão, de acordo com Sá e Holt (2019), é importante compreender qual é a motivação dos estudantes para frequentar cursos de empreendedorismo, quais os seus objetivos, as suas expetativas, o que valorizam, bem como os seus receios, pois só dessa forma será possível definir programas educativos mais eficientes.

Posto isto, a literatura tem sugerido que educação para o empreendedorismo deve ser uma experiência abrangente e diversificada, incluindo para além dos cursos mais tradicionais de empreendedorismo, programas de aprendizagem experimental, como são os casos dos estágios em contexto real de mercado (Eesley & Lee, 2021; Naqvi et al., 2022). Este tipo de diversidade formativa permite que os alunos adquiriram mais conhecimento sobre o contexto

dos negócios e respetivas competências, promovendo o desenvolvimento de habilidades, como a criatividade, inovação, proatividade e propensão ao risco, fortalecendo assim as suas emoções e atitudes, por via de uma aprendizagem mais prática (Dutta et al., 2011; Islam et al., 2018; Ndofirepi et al., 2018).

Por outro lado, no que diz respeito às qualificações dos professores, ainda é notória a falta de docentes especializados na educação para o empreendedorismo, que consigam abordar o empreendedorismo de uma forma mais operacional (Cualheta & Abbad, 2021; Mei & Symaco, 2022). De acordo com Sofian, Mukhtar, Setiawan e Ramli (2023), o sucesso da aprendizagem empreendedora depende também da motivação demonstrada pelos próprios professores, bem como das suas qualificações e experiência profissional neste âmbito.

Deste modo, é possível perceber que o incentivo ao empreendedorismo é um fenómeno bastante complexo e que envolve a articulação de *stakeholders* de diversos níveis. Para além dos alunos e dos professores já mencionados, de acordo com Eesley e Lee (2021), os programas de empreendedorismo implementados pelas Instituições de Ensino Superior muitas vezes seguem abordagens diferentes das orientações e estratégias governamentais. Deste modo, a diferença de perspetivas entre a componente formativa e todos os processos legais, regulamentares e fiscais, impostos pelos governos, podem afetar negativamente o estímulo para a iniciativa empreendedora, nomeadamente dos mais jovens. De acordo com os autores, em alguns casos verifica-se inclusivamente a falta de cooperação e comunicação entre os diversos *stakeholders* diretamente envolvidos, dificultando assim uma operacionalização mais eficiente. Por outro lado, de acordo com Mei e Symaco (2022), em alguns países, as próprias Instituições de Ensino Superior têm a ausência de uma cultura empreendedora, apresentando uma grande dificuldade em conciliar a formação com a prática do empreendedorismo.

Contudo, apesar da importância que tem vindo a ser dada à relação entre educação e a intenção empreendedora, este ainda é um fenómeno com necessidade de um estudo mais aprofundado (Eesley & Lee, 2021; Jardim et al., 2021). Pouco se sabe sobre o papel das Instituições de Ensino Superior na preparação dos seus alunos para uma carreira empreendedora (Eesley & Lee, 2021), bem como uma análise da eficácia dos programas de educação empreendedora (Jardim et al., 2021). Contudo, se em algumas áreas este fenómeno tem vindo a ser analisado, já o mesmo não acontece no âmbito do desporto, onde se verifica a existência de poucos estudos sobre o papel das Instituições de Ensino Superior no estímulo ao empreendedorismo desportivo (da Costa & Miragaia, 2022; da Costa et al., 2023; Sánchez-Oliver et al., 2019).

Note-se que atualmente é consensual a ideia de que o desporto tem uma forte capacidade de influenciar a qualidade de vida da população em geral (Bjarsholm, 2017; Hammerschmidt et al., 2022), nomeadamente pela sua capacidade de intervir ao nível da saúde, entretenimento, lazer, competição, turismo e educação. É indiscutível que a indústria do desporto é muito diversificada, tornando-se um contexto muito aliciante para o desenvolvimento de vários tipos de iniciativas empreendedoras, uma vez tratar-se de uma área intimamente associada à mudança e à evolução (Hemme et al., 2017; Hindle et al., 2021; Huertas González-Serrano et al., 2020; V. Ratten, 2011). Contudo, apesar de o contexto desportivo ser bastante atrativo para futuros empreendedores (Huertas González-Serrano et al., 2020; Pellegrini et al., 2020), também neste âmbito se verifica a necessidade de preparar os alunos para o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras, fornecendo-lhes as ferramentas necessárias para que sintam confiança para este tipo de abordagem profissional (Sánchez-Oliver et al., 2019; Serrano et al., 2016).

Deste modo, também neste contexto, são vários os autores que têm vindo a defender a necessidade de operacionalizar práticas pedagógicas mais amplas e diversificadas, próximas daquele que é o contexto real (Lara-Bocanegra et al., 2020; Miragaia & Soares, 2017). Algumas dessas abordagens passam por atividades que impliquem a criação de um plano de negócios, o convite a palestrantes e agências governamentais, métodos interativos como estudos de caso e simulações de negócios, bem como a inclusão de disciplinas específicas que promovam as habilidades e competências empreendedoras, permitindo que os estudantes fiquem mais familiarizados com os procedimentos, e conseqüentemente mais confiantes para tomar uma iniciativa empreendedora no futuro (Acet et al., 2014; Dutta et al., 2011; Miragaia & Soares, 2017; Otache et al., 2022).

Posto isto, é importante refletir sobre as ações estratégicas que têm sido implementadas pelas Instituições de Ensino Superior no sentido de estimular o empreendedorismo, particularmente o empreendedorismo feminino (da Costa & Miragaia, 2022; da Costa et al., 2023), uma vez que também no contexto desportivo os estudos têm indicado que as jovens mulheres não são tão confiantes quanto às suas capacidades para desenvolver um projeto empreendedor (Gutiérrez et al., 2018; Liñán, 2008; Torres & Garcia, 2017). Deste modo, a parca literatura desta temática no contexto desportivo tem sugerido a necessidade de se encontrarem outras formas de desenvolver o empoderamento das mulheres, no sentido de adquirirem aptidões técnicas e emocionais que lhes permitam aumentar a confiança para ousarem arriscar no desenvolvimento de uma carreira empreendedora (Almobaireek & Manolova, 2013; Bretones & Radrigan, 2018; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015).

Face ao exposto é possível identificar um *gap* na literatura, que sugere a falta de estudos sobre a identificação das ações estratégicas desenvolvidas por Instituições de Ensino Superior com formação específica na área do desporto, com vista ao estímulo do empreendedorismo desportivo dos seus estudantes, particularmente das mulheres.

3. Metodologia

3.1 Caracterização do contexto e amostra

A amostra deste estudo envolveu os responsáveis pela coordenação dos cursos de licenciatura ligados à área do desporto em Portugal, incluídos nas trinta e duas Instituições de Ensino Superior públicas e privadas que disponibilizam licenciaturas designadas por Ciências do Desporto, Gestão do Desporto, Atividade Física, ou similares. Relativamente aos critérios de seleção da amostra, foram incluídas instituições que disponibilizam oferta formativa na área do desporto, uma vez que para além das licenciaturas particularmente direcionadas para a Gestão do Desporto, também em alguns dos outros cursos, são incluídas nos seus currículos, unidades curriculares relacionadas com a gestão do desporto e/ou empreendedorismo. Deste modo, uma vez que a questão do empreendedorismo é transversal a várias áreas do desporto, nomeadamente pelas oportunidades empresariais ligadas aos ginásios, centros de treino, equipamentos desportivos, entre outras, considerou-se importante a inclusão da globalidade dos cursos neste estudo.

As Instituições de Ensino Superior foram contactadas, tendo sido obtida uma taxa de resposta de 66%, contando assim o presente estudo com a participação de 21 coordenadores de licenciaturas nas áreas do desporto (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização da amostra.

Código	Género	Ocupação
E1	F	Coordenador(a) Licenciatura em Desporto
E2	F	Coordenador(a) da Licenciatura em Ciências do Desporto
E3	F	Coordenador(a) da Licenciatura em Gestão do Desporto
E4	M	Coordenador(a) da Licenciatura em Desporto e Lazer
E5	M	Coordenador (a) Comissão do Curso de Licenciatura Ciências do Desporto
E6	M	Coordenador (a) do Curso de Licenciatura em Educação Física e Desporto
E7	M	Coordenador(a) da Licenciatura em Educação Física e Desporto
E8	F	Coordenador(a) da Licenciatura em Desporto
E9	M	Coordenador(a) do Departamento de Desporto e Expressões
E10	M	Coordenador(a) do Departamento de Desporto; Coordenador(a) da Licenciatura em Desporto
E11	M	Coordenador (a) do Curso de Licenciatura em Desporto
E12	M	Membro da comissão científico-pedagógica do Curso de Licenciatura em Desporto e Bem-Estar e docente responsável pela UC de Gestão e Empreendedorismo Desportivo
E13	M	Coordenador(a) da Licenciatura em Desporto e Lazer
E14	M	Coordenador(a) da Licenciatura em Desporto e Atividade Física
E15	F	Coordenador(a) da Licenciatura em Atividade Física e Estilos de Vida Saudáveis e Desporto, Condição Física e Saúde
E16	M	Coordenador(a) da Licenciatura em Gestão do Desporto
E17	F	Coordenador(a) da Licenciatura em Gestão do Desporto
E18	F	Coordenador(a) da Licenciatura em Educação Física e Desporto
E19	F	Coordenador(a) da Licenciatura em Ciências do Desporto
E20	F	Coordenador(a) da Licenciatura em Educação Física e Desporto
E21	M	Coordenador(a) da Licenciatura em Desporto, Condição Física e Bem-estar e Treino Desportivo

Nota: F= Feminino; M=Masculino.

3.2 Instrumento

Foi seguida uma abordagem qualitativa, através da aplicação de uma entrevista semiestruturada, tendo por referência vários estudos (Tabela 2; Apêndice 3). Foi seguida uma abordagem indutiva (Corbin & Strauss, 2015; Gioia, Corley, & Hamilton, 2013) e consideradas como referências as etapas apresentadas por Yin (2009), que ajudaram na preparação do guião para a entrevista. O guião da entrevista foi revisto por três investigadores, com vista a garantir a objetividade e estrutura das questões.

Tabela 2. Temas da Entrevista.

Tema	Nº Questões	Autores
Estímulo ao empreendedorismo desportivo	14	Acet et al. (2014); Cualheta e Abbad (2021); Eesley e Lee (2021); Jardim et al. (2021); Lara-Bocanegra et al. (2020); Mei e Symaco (2022); Miragaia e Soares (2017); Naqvi et al. (2022); Oftedal et al. (2017); Sá, Kretz, e Sigurdson (2014); Sá e Holt (2019); Sendouw (2019); Sofian et al. (2023); Renart Vicens et al. (2022); Wong e Chan (2021).
Estímulo ao empreendedorismo feminino no contexto desportivo	2	da Costa e Miragaia (2022) Ndofirepi et al. (2018) Sánchez-Oliver et al. (2019) Serrano et al. (2016)
Impacto da formação na intenção empreendedora dos jovens universitários	4	Boldureanu et al. (2020) Sá et al. (2014) Jardim et al. (2021)

As questões incluídas na entrevista foram agrupadas em três temas: i) estímulo ao empreendedorismo desportivo (14 questões); ii) estímulo ao empreendedorismo feminino no contexto desportivo (2 questões); e por fim iii) o impacto da formação na intenção empreendedora dos jovens universitários (4 questões).

3.3 Procedimento de recolha dos dados

Foi feita uma pesquisa no *website* da Direção Geral do Ensino Superior (DGES) em Portugal (janeiro 2023), para identificar as Instituições de Ensino Superior públicas e privadas que disponibilizam oferta formativa na área do desporto. Posteriormente, através do *site* oficial de cada instituição, foi identificado o contato de email de cada coordenador(a) de curso, com os quais se estabeleceu contato direto para aferir a disponibilidade e interesse para participar no estudo. Antes de iniciar cada entrevista, foi dada informação sobre o teor da investigação e garantida a confidencialidade dos dados. A entrevista só prosseguiu depois de ter sido dado o consentimento informado por parte de cada um dos participantes. O estudo seguiu as diretrizes de acordo com os critérios éticos da Declaração de Helsinki (Association, 2013) e os padrões éticos na pesquisa em Ciências do Desporto e do Exercício Físico (Harriss et al., 2019). Em consonância com as recomendações de Riessman (2008), os participantes foram encorajados a falar livremente e com o mínimo de interrupções.

No sentido de garantir o maior número de envolvidos, foi enviado em três momentos diferentes, um email de solicitação de entrevistas aos coordenadores de curso. Do total de 32 contactos, foram realizadas um total de 21 entrevistas através da plataforma online zoom, com duração de aproximadamente 30 minutos, no período entre janeiro e abril de 2023.

3.4 Análise de dados

As entrevistas foram gravadas, com a devida autorização dos participantes, para posteriormente serem transcritas. O conteúdo foi organizado de acordo com os três temas definidos, destacadas as frases mais representativas e sintetizadas em tabelas, com vista a permitir uma melhor clareza na visualização e interpretação dos conteúdos de cada um dos temas. Dada a natureza qualitativa do estudo, e com a preocupação de garantir a qualidade de interpretação dos dados, foi feita uma triangulação de investigadores, com a finalidade de ter análises independentes dos dados (Braun & Clarke, 2021; Smith & Caddick, 2012). Esta triangulação, para além de garantir a qualidade do estudo, também permite controlar a subjetividade associada a pesquisas desta natureza (Braun, Clarke, Boulton, Davey, & McEvoy, 2021; Didymus, 2017; Morrow, 2005; Patias & Hohendorff, 2019).

4. Resultados

A promoção do empreendedorismo através da educação no ensino superior tem sido uma estratégia que tem vindo a ganhar destaque, como forma de aumentar a intenção empreendedora dos estudantes dos cursos de desporto. Os dados obtidos indicam que são várias as instituições que têm vindo a ter essa preocupação, ainda que não exista de forma significativa uma operacionalização consistente para este efeito. Foi possível verificar que de um modo geral se considera importante a implementação de ações estratégicas nesse sentido.

Deste modo, os resultados referentes às entrevistas efetuadas foram organizados de acordo com os temas: estímulo ao empreendedorismo desportivo (Tabela 3); estímulo ao empreendedorismo feminino no contexto desportivo (Tabela 4); e ainda o impacto da formação na intenção empreendedora dos jovens universitários (Tabela 5).

Tabela 3. Estímulo ao empreendedorismo desportivo.

Perguntas e Respostas Representativas
Q1) Quais as saídas profissionais mais recorrentes dos alunos formados por este curso de desporto?
<i>“...aquilo que nós conseguimos perceber nestes últimos anos, talvez após a pandemia ou começou no ano da pandemia em 2020 é ... a procura pela criação do próprio local de trabalho, os estúdios associados a um treino personalizado...a pandemia abriu este mercado ... rentabilizam aquilo que faziam dentro de um ginásio por conta de outrem e agora trabalham por conta própria...” (E1)</i>
<i>“...para além dos ginásios já existentes e que foram também aumentando, temos agora mais ginásios, os ginásios clássicos e depois começaram a aparecer sim os estúdios, treino ao ar livre...” (E5)</i>
Q2) Considera que o empreendedorismo desportivo poderá ser uma boa alternativa de carreira profissional para os alunos com formação em desporto?
<i>“São raras as exceções, mas há sempre alunos que se destacam e estão presentes e são empreendedores são comprometidos na busca do conhecimento e da experiência, mas a grande maioria não, tenta passar entre os pingos da chuva e a adiar ao máximo o inadiável...” (E4)</i>
<i>“Pode, mas é um pau de dois bicos digamos assim, ... nós não temos em Portugal uma cultura de empreendedorismo... as pessoas não estão dispostas a pagar por um serviço ou produtos desportivos, nem para consumir... e nesse sentido qualquer projeto de empreendedorismo esteja relacionado com o género ou não, ... é difícil. Mas se nós soubermos marcar a diferença na área do empreendedorismo podemos ter algum sucesso” (E6)</i>
<i>“Sem dúvida! na criação desta licenciatura uma das grandes preocupações foi também perceber que há alunos que ou no momento ou mais tarde, ... que têm esse perfil de ser empreendedores e quererem criar o seu próprio negócio. Com base nos relatórios da GEM uma das grandes falhas para Portugal era a falta de unidades curriculares no âmbito do empreendedorismo, e com base nesta informação achámos que era importante que nesta licenciatura tivesse empreendedorismo e plano de negócios” (E17)</i>
Q3) Qual a sua opinião sobre a importância de estimular os alunos com formação nas áreas do desporto, para o desenvolvimento de iniciativas de empreendedorismo desportivo?

“...considero que é importante apesar de no plano de estudos em Portugal, as instituições que tem Ciências do Desporto não tem nenhuma unidade curricular que o faça de forma direta, não é?!... (E5)

“eles conseguem ser criativos quando são estimulados para tal...sente-se um grande défice de atenção. Numa aula por exemplo nós temos de mudar muito o nosso tipo de aulas, portanto em vez de ser tanta exposição tem de ser muito mais em grupo coisas dinâmicas analogias, brincadeiras para estarem atentos e acho que falta muito pensamento crítico e de facto saber integrar conhecimento financeiro são apenas de decorar e memorizar algo. Acho que falta muito essa competência de tentar perceber o porquê e de refletir sobre as coisas. E acho que são competências que de facto são importantes no empreendedorismo porque não é só executar” (E7)

“Sem dúvida, o problema é que é preciso que os professores estejam sensíveis também a isso. Esse é que é o grande problema. Se os professores não tiverem sensibilidade não é possível estimular estudantes... estímulo para o empreendedorismo é muito tarde, fazer-se só no ensino superior, enquanto há outros países que logo no primeiro ciclo básico procuram através de um conjunto de estratégias, de um conjunto de programas... uma promoção do espírito empreendedor...” (E9)

“Sem dúvida, haver alunos que tenham capacidade e competências mesmo que não seja para abrir o seu negócio, mas competências de liderança, de organização, de gestão de saber antecipar problemas, antecipar riscos é naturalmente uma grande mais-valia...” (E12)

“... o que nós ensinamos é realmente a proatividade dos alunos, mesmo que eles estejam a trabalhar para outros eles têm que ser proativos têm que criar valor isso é fundamental...” (E17)

Q4) Existem gabinetes dedicados especificamente ao desenvolvimento do empreendedorismo desportivo? (Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)

“internamente nós temos um gabinete de apoio à formação e projetos, não é um gabinete de empreendedorismo embora seja um gabinete que apoie projetos ...” (E12)

“...temos um gabinete de empreendedorismo... para além disso, no núcleo de desporto eles também têm uma atividade empreendedora...” (E11)

“Eu trabalhei noutra instituição que tínhamos..., mas aqui não temos esse gabinete. Nós tentamos fazer isso com a UCs, mas ter um gabinete focado no empreendedorismo do estudante, que os ajude a implementar o seu negócio, a angariar fundos para o projeto é muito importante” (E3)

“Não, não temos um gabinete específico de empreendedorismo...” (E7)

“Falta um gabinete de projetos e um gabinete de empreendedorismo” (E10)

Q5) Considera que se vive uma cultura empreendedora? (Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)

“...a nossa missão não é criar empreendedores, não é? A nossa missão Universitária é sobretudo formar técnicos superiores que sejam críticos que sejam conhecedores, pensadores e que também tenham uma visão de mercado, mas sobretudo serem capazes de se adaptarem de resolverem problemas e enfrentar os desafios da empregabilidade...” (E6)

“eu considero que se vive uma cultura empreendedora ainda que se calhar isso seja mais incentivo ao nível extracurricular, porque no curso nem uma unidade curricular vocacionada para isso temos porque tínhamos que retirar outra...” (E11)

“... possivelmente temos de melhorar esse método de ensino, mas eu não considero que os alunos são empreendedores. Acho que ainda estamos no método de ensino muito passivo ... não sei se este é o modelo mais eficaz para estimular os alunos...” (E17)

Q6) Que variedade e tipologia de ações estratégicas estão a ser desenvolvidas no sentido de promover o empreendedorismo desportivo, com a finalidade de desenvolver competências/habilidades para intervir neste âmbito?

(Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)

Exemplo: unidades curriculares específicas (empreendedorismo desportivo ou gestão desportiva), cursos extracurriculares, palestras, formações, workshops, estágios direcionados para o empreendedorismo, contacto direto com modelos empresariais de sucesso (*role models*).

“... No terceiro ano de curso nós temos então a unidade curricular de empreendedorismo nas organizações desportivas... para além disso foi proposto um curso de gestão e empreendedorismo, curso não conferente a grau...” (E2)

“Sim para além das Ucs sobre empreendedorismo e inovação, nós convidamos muito parceiros da prática para virem cá apresentar as suas organizações ou trajetos de vida ou experiências inovadoras...” (E3)

“Na área do empreendedorismo ... nós não temos nenhuma unidade curricular, mas temos essa preocupação de abrir a mentalidade dos estudantes ...” (E6)

“Temos um projeto que se chama Polo Empreende, temos unidades curriculares em que fazemos questão de abordar o empreendedorismo de forma mais prática, tentamos fazer workshops, conferências, pequenos seminários em que convidamos pessoas essencialmente do terreno ... essa questão do empreendedorismo é uma premissa que nós temos muito presente...” (E14)

“Compreendem a necessidade de aumentar o número de cadeiras nessas áreas sim, mas por outro lado eu vejo alguma resistência à mudança, por conflito de interesses nos nossos professores...” (E10)

Q6.1) As ações estratégicas apresentadas são aplicadas numa vertente teórica ou numa ótica mais prática?

“...em cada unidade curricular há muitas avaliações que são realizadas em formato de trabalho ou um projeto... eu tenho muitas disciplinas partilhadas onde eles desenvolveram um projeto de marketing... Na questão da participação feminina, não fazemos esse tipo de empreendedorismo...” (E4)

“Defendo que deve ser mais prático. Eu acho que a gestão do desporto e empreendedorismo estão totalmente ligados... tem de dar competências aos alunos para fazer muito mais. Não pode ser apenas teoria, power points ...” (E9)

“Sim é algumas disciplinas ainda é um pouco teórica. Eu também falo pelas minhas disciplinas que gostava que fossem mais práticas, mas o tamanho das turmas às vezes também dificulta, não é?... Que é mais interessante do meu ponto de vista e cativa mais em termos de motivação aos alunos do que propriamente uma exposição oral mais tradicional dos conteúdos, mas pronto às vezes na realidade não podemos fazer diferente...” (E11)

Q6.2) Quantos alunos frequentam esses programas específicos de empreendedorismo desportivo? (Programas formais (curriculares)? Outros?)

“...tentámos encontrar algumas estratégias que asseguram a participação ativa dos estudantes...” (E2)

“... quando se sentem-se envolvidos na organização acho que a participação também é completamente diferente do que se forem os professores isoladamente a promover a iniciativa.” (E11)

Q6.3) No que diz respeito aos programas de empreendedorismo desportivo, verifica-se uma maior afluência de estudantes do género masculino ou feminino?

“Não diria que as alunas mulheres sejam menos empreendedoras, mas talvez o descubram de forma diferente.” (E1)

“...o género feminino é mais dedicado e empenhado nos estudos e participa mais nos eventos também extracurriculares...” (E3)

“As raparigas são muito mais responsáveis e conscientes do ponto de vista social, estão muito mais preocupadas, são mais certinhas mais estudiosas, os rapazes são mais passivos... As raparigas são mais planeadas, são um pouco mais racionais, também no ensino superior... elas ... são um bocadinho passivas do ponto de vista da tomada de iniciativa relativamente aos rapazes. Gostava de ver as raparigas a tomar mais iniciativa, mas eu penso que talvez seja alguma vergonha, ou alguma timidez também por estarem bastante em minorias...” (E6)

“Sim, as raparigas são muito mais empenhadas em termos de produção académica, de resultados académicos...” (E8)

“Normalmente as meninas são mais proativas, são mais responsáveis, mais maduras. Logo à partida faz com que o interesse seja maior e seja mais fácil trabalhar com as meninas do que com os rapazes...” (E13)

Q6.4) Os estudantes participam nestes programas de forma voluntária, ou em regime de carácter obrigatório?

“...nós temos um passaporte para as competências e à medida que eles fazem ações, seja dos serviços de ação social, seja agora por exemplo na semana da empregabilidade acabam por ter uma componente que é o suplemento ao diploma...” (E1)

“...eles demonstram interesse, mas como nós sabemos há pouca participação...” (E3)

“Estas ações são sempre de carácter voluntário, não sinto uma grande relação dos alunos com este tipo de eventos, de iniciativas...” (E5)

Q6.5) Verificam que o facto de os alunos participarem em programas de empreendedorismo, aumenta as suas intenções empreendedoras?

“Essas experiências relacionadas com a aplicação de competência no mercado laboral são favoráveis e facilitadoras da integração no mercado profissional, disso não tenho dúvidas. Nós temos de desafiar, influenciar e formar os nossos estudantes para que o conhecimento seja sempre uma ferramenta para valorização da qualidade de intervenção das organizações e das pessoas, mas eu não tenho dados que comprovem, mas acho que sim, acredito que sim, acredito que consiga trazer skills que depois influenciem...” (E6)

“Sim, aumenta a sua intenção empreendedora, faz com que eles façam mais coisas, seja na sua universidade ou depois fora daqui...” (E17)

Q6.6) Qual é a sua perceção sobre a atual geração de alunos de desporto em relação a skills como criatividade, inovação, proatividade, propensão ao risco?

“... não os acho mais criativos do ponto de vista da empregabilidade ou de serem empreendedores, acho que são muito mais relaxados e, portanto, vivem com outras soluções. São criativos a arranjar soluções, não são criativos para arranjar o próprio emprego... eles hoje vão para os clubes que já existem. Não criam o próprio clube, isso é não criam coisas mais inovadoras...” (E1)

“... eu acho que alguns deles têm, mas não sabem que têm, não consideram que as têm e não as valorizam.... É importante estimular, na minha opinião, a autonomia e a criatividade. Nos na gestão planeamos muito e temos de planear, mas quando falha o plano A, o plano B e o plano C, temos que ter criatividade porque já não temos plano D... e o desporto acontece ao minuto, nos estamos a gerir um contexto dos mais imprevisíveis em toda a gestão, só uma coisa é certa, a imprevisibilidade.” (E3)

“...eu não tenho uma visão muito positiva e otimista do perfil dos nossos alunos, eles são conhecidos por muito imaturos... e são sobretudo muito passivos do ponto de vista da proatividade para projetos empreendedores.” (E6)

“... maioritariamente os alunos procuram um emprego estável ... Alguns já têm consciência que isso não vai ser propriamente possível e então têm que se auto empregar...” (E10)

“São muito passivos. Têm pouca iniciativa, mas acho que isso tem a ver com uma cultura geral do ensino em Portugal ...” (E11)

“...acho que o perfil tem mudado para pior na minha opinião, falta de responsabilidade, falta de comprometimento e curiosamente, não querem pensar não querem ser criativos...” (E13)

“eu noto que esta nova geração é cada vez menos resiliente, têm menos objetivos definidos... temos notado que há aqui uma instabilidade muito grande que afeta esta questão do espírito empreendedor...” (E14)

“menos criativos está tudo muito focado em si próprio e não olham para a sociedade ...” (E15)

Q6.7) Considera que os alunos do seu curso de desporto estão preparados para iniciar um negócio?

“Eu diria que estão mais preparados para integrar aquilo que é o mundo o mundo laboral...têm mais ferramentas para ir à procura daquilo que é o seu espaço no mercado de trabalho e, portanto, eu penso que também estejam mais preparados para ter enfim uma maior participação naquilo que é a criação da sua própria empresa” (E5)

“Aquilo que pelo menos os estudantes parecem querer mais é algo fixo, é terem uma segurança quando terminam aqui o curso. É sempre à procura da estabilidade, se é por falta de estímulo, se é por receio, se é pelo conforto, não tenho bem a certeza, mas a verdade é que é raro o estudante que eu vejo que de facto me diz: eu quero abrir o meu espaço, que é criar o meu negócio” (E7)

“acho que não, ou seja, aquela questão de construir um negócio de raiz isto só se aprende na prática ou seja quando estão envolvidos efetivamente na construção desse negócio... eu também acho que uma licenciatura não deve formatar os alunos para uma atividade. Tem de dar uma base geral de conhecimento de capacidade etc... e depois no ingresso no mercado de trabalho é que o aluno vai desenvolver essa capacidade...” (E11)

Q7) Os docentes do seu departamento, responsáveis pela leção das unidades curriculares de gestão do desporto/empreendedorismo, têm especialização no âmbito da educação para o empreendedorismo?

“...diria que o grande aspeto aqui na nossa licenciatura foi atrair docentes qualificados para dentro das instituições, ou seja, trazer os diplomados das diferentes áreas para as lições. Alguém que tenha um registo muito próximo do que é a criação de uma empresa, não só a teoria. Habitualmente era um professor que tirou o seu doutoramento e depois passa a ensinar gestão, ou projetos e eventos, mas nunca fez nenhum projeto, nunca teve na comunidade, não tem, nunca teve um registo empresarial do quer que seja... procurou-se trazer outros que são novos, mas que têm outra experiência no mercado de trabalho porque não é só teoria...” (E1)

“..., mas eu por mim falo, a nossa preocupação está mais relacionada com o nível da preparação dos nossos estudantes, ou seja, antes de ser um empreendedor tem que ser bom especialista...” (E2)

“Eu acho que era importantíssimo que os docentes de certa maneira tentassem mudar um bocadinho a sua abordagem a nível académico e na forma como dão as aulas para tentar estimular mais esse lado não só a parte criativa que eles têm...”(E7)

“há muito pouca sensibilidade para isso e falo também do caso dos professores do desporto. Na área do desporto, muitos deles nunca tiveram experiências para lá daquilo que é o contexto universitário...” (E9)

Tabela 4. Estímulo ao empreendedorismo feminino no contexto desportivo.

Perguntas e Respostas Representativas
<p>Q8) Tendo em conta que as mulheres enfrentam várias barreiras*. Considera que a sua instituição de ensino superior /departamento do curso de desporto, estão a trabalhar no sentido de resolver estas questões? Particularmente no âmbito do empreendedorismo desportivo?</p> <p>* ao nível social/cultural; legal, burocráticas e regulamentares; organizacionais; financeiras/económicas; individuais, educacionais e microambientais quando pretendem tomar uma iniciativa empreendedora.</p> <p><i>“Nunca pensamos nisso. Porque nunca houve a necessidade...” (E1)</i></p> <p><i>“...nós temos até uma iniciativa dentro das competências da comissão de curso de desporto... convidamos ex alunos que estão no mercado de trabalho com sucesso ... a vir cá e dão palestras e contam a sua experiência aos alunos...” (E11)</i></p> <p><i>“Ao nível do empreendedorismo que eu tenha conhecimento não, não me recordo assim de nenhuma ação específica relacionada só para raparigas...” (E5)</i></p>
<p>Q9) Existe alguma medida/ação preparada intencionalmente para promover o empreendedorismo feminino? Particularmente no âmbito do empreendedorismo desportivo? (Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)</p> <p><i>“Não temos essa preocupação estratégica e nem fazemos essa distinção entre rapazes e raparigas, mas acredito e a ciência também mostra isso que as mulheres tenham têm competências e qualidades de liderança, e são muito mais, se calhar resilientes e muito mais assertivas que os homens do ponto de vista da liderança de projetos nas empresas, e nesse sentido acredito que possam ser, mas é uma questão interessante a ser aprofundada” (E6)</i></p> <p><i>“Olhe por acaso não... nunca pensei nisso e realmente é um facto...” (E8)</i></p> <p><i>“Não fizemos, mas pensámos fazer... Normalmente nós manifestamos essa preocupação ou manifestamos essa evidência, essa realidade, mas depois acaba por competir ao gabinete de marketing e comunicação delinear estratégias e depois apresentar...” (E10)</i></p> <p><i>“...acabamos por obter presença feminina ao ter projetos liderados por mulheres. Acreditamos que isso é também um incentivo...” (E12)</i></p>

Tabela 5. Impacto da formação na intenção empreendedora dos jovens universitários.

Perguntas e Respostas Representativas
<p>Q10) Considera que existe uma articulação entre o estímulo ao empreendedorismo desenvolvido pelas Instituições de Ensino Superior e as orientações estratégicas impostas pelo governo?</p>
<p><i>“Acho que há aqui um aproveitamento das instituições em função daquilo que o governo disponibiliza. Se é suficiente ou não? Não sei...” (E1)</i></p> <p><i>“Devia existir uma maior articulação entre os estabelecimentos de ensino superior com entidades externas. No fundo mostrar que aquilo que fazemos nas faculdades pode ser verdadeiramente útil, não podemos manter o nosso meio universitário tão fechado...” (E2)</i></p>
<p>Q11) Como é que estão a medir o impacto dos programas implementados com vista a estimular o empreendedorismo desportivo? (Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)</p>
<p><i>“...especificamente o empreendedorismo não, mas na área da empregabilidade e do sucesso, onde é que estão os antigos estudantes, o que é que eles estão a fazer, sim... Nós temos antigos estudantes, licenciados, que são proprietários de ginásios com sucesso...” (E6)</i></p> <p><i>“Praticamente quase todos os ginásios aqui da região quem lá trabalha passou por aqui. Portanto é bom, mas são poucos alunos com essa capacidade empreendedora acho que ainda é residual, em Portugal também é tudo muito complicado a nível burocrático...” (E11)</i></p>
<p>Q12) Que sugestões de melhoria daria às Instituições de Ensino Superior e departamentos de desporto, com vista a estimular o empreendedorismo desportivo?</p>
<p><i>“Nós tentamos fazer isso com a UCs, mas ter um gabinete que os ajude a implementar o seu negócio é muito importante. Eu tenho experiência de outra instituição que fazia isso, diziam aos estudantes: nos estamos aqui para vos apoiar, têm ideias, venham ter connosco. E tive estudantes na altura que seguiam porque se sentiam apoiados, sentiam que não estavam sozinhos, que tinham apoio. Eu penso que o gabinete muito focado no empreendedorismo do estudante é fundamental, ajudam a implementar, a angariar fundos para o projeto...” (E3)</i></p> <p><i>“acho que vou aproveitar essa dica, chamar mulheres de sucesso para dar o seu testemunho...” (E8)</i></p> <p><i>“repensar os currículos é fundamental e criar um corpo de disciplinas que promovam o comportamento para uma perspetiva mais de inovação nas instituições...” (E16)</i></p> <p><i>“... era muito importante continuar a acompanhar os estudantes depois da licenciatura, perceber efetivamente o que é que eles estão a fazer, onde estão, eventualmente dificuldades que eles possam estar a ter no mercado para ajudar na inserção...” (E17)</i></p>
<p>Q13) Que sugestões de melhoria daria às Instituições de Ensino Superior e departamentos de desporto, com vista a estimular o empreendedorismo feminino no contexto desportivo?</p>
<p><i>“.... Uma vez mais, sair do nosso meio universitário. Isso para mim é absolutamente crucial, procurar parcerias, procurar envolver pessoas de fora no plano curricular por exemplo...” (E2)</i></p> <p><i>“Mais projetos são uma mais valia portanto tudo o que seja criar projetos de mentoria, tudo o que seja inspirar as pessoas para a ação eu acho que é importante porque por vezes as pessoas tem ideias mas têm medo de avançar, precisam de inspiração, saber como vão agir, sentem se inseguras, não tem confiança, e acho que tudo o que seja projetos para inspirar, seja com seminários em que se trate de mulheres de sucesso empreendedoras em algumas áreas, deem o seu testemunho e ajudem mesmo a dar algumas estratégias porque as vezes é esse clique, essa inspiração, aquele arranque. Depois a motivação acaba por vir pela própria ação. Temos cada vez mais mulheres CEOs de empresas, em todas as áreas inclusive no desporto. As minhas chefes diretas são todas mulheres e ainda bem que são, mais organizadas que nos, e ajuda nos em muita coisa, ainda bem. Eu acho que é isso, mais testemunhos. É mostrar que um líder, um Ceo não é sinónimo de ser homem...” (E7)</i></p> <p><i>“sensibilizar as pessoas do desporto e também de outras áreas porque eu acredito que os projetos têm mais potencial se forem multidisciplinares... Que as instituições olhem para o empreendedorismo de uma forma prioritária, diria eu decisiva dos alunos poderem explorar as suas futuras oportunidades profissionais...” (E9)</i></p>

“...de facto criar esse espírito empreendedor e dar competências aos alunos que lhes permita depois ser mais empreendedores quando saírem dos cursos e forem para o mercado de trabalho, falta aqui um bocadinho de mais envolvimento dos alunos ... nessas palestras e nessas iniciativas...” (E11)

“Sobre o feminino, obrigada por esta entrevista porque eu própria fiquei mais sensível. As vezes vê-se as coisas de forma tão natural, nem se pensa. Inclusive sou a subdiretora aqui da escola e vou tentar ter aqui mais alguns cuidados nestas questões, como por exemplo, convidar mais mulheres para virem cá falar. Há pessoas que para elas é muito importante essa questão do modelo, ver: olha ela conseguiu, também consigo” (E15)

“Da minha parte em termos de empreendedorismo feminino, eu acho que nós temos que estimular mais mulheres a entender que a gestão do desporto é um nicho de mercado muito importante para elas e cada vez mais as organizações do desporto são estimuladas a desenvolver iniciativas que permitam a equidade e acho que isso é fundamental e muito importante...” (E16)

5. Discussão

A educação para o empreendedorismo tem vindo a ganhar destaque pela importância que tem para a sociedade em geral, uma vez que permite a criação de novas oportunidades e inovação, dando a possibilidade aos alunos de gerarem a sua própria fonte de rendimento e contribuir para o desenvolvimento económico dos seus países (Din, Anuar, & Usman, 2016; Wong & Chan, 2021). Desta forma, é fundamental que as Instituições de Ensino Superior estejam devidamente organizadas e posicionadas para expor os seus alunos a ambientes que promovam uma mentalidade empreendedora, procurando otimizar a eficiência dos programas de empreendedorismo disponibilizados (Din et al., 2016; Wong & Chan, 2021). Assim sendo, verifica-se que já é visível a preocupação de algumas Instituições de Ensino Superior em promover o empreendedorismo desportivo: *“Sem dúvida! na criação desta licenciatura uma das grandes preocupações foi também perceber que há alunos que ou no momento, ou mais tarde... têm esse perfil de ser empreendedores e quererem criar o seu próprio negócio. Com base nos relatórios da GEM uma das grandes falhas para Portugal era a falta de unidades curriculares no âmbito do empreendedorismo, e com base nesta informação achámos que era importante que nesta licenciatura tivesse empreendedorismo e plano de negócios” (E17); “Sim para além das UCs sobre empreendedorismo e inovação, nós convidamos muito parceiros da prática para virem cá apresentar as suas organizações ou trajetos de vida ou experiências inovadoras...” (E3).*

Para além destas estratégias, é possível verificar que algumas Instituições de Ensino Superior já dispõem de gabinetes dedicados especificamente ao desenvolvimento do empreendedorismo, o que pode representar uma mais-valia: *“... temos um gabinete de empreendedorismo... para além disso, no núcleo de desporto eles também têm uma*

atividade empreendedora...” (E11). Contudo, tratam-se na maioria das vezes de gabinetes direcionados para o empreendedorismo em geral, sem foco específico no empreendedorismo desportivo.

Posto isto, nalguns estudos desenvolvidos em outras áreas foi verificado que os programas de incentivo ao empreendedorismo colocados em prática, acabaram por contribuir positivamente para um aumento do entusiasmo dos alunos na condução das atividades e habilidades empresariais (Jardim et al., 2021; Nabi, Walmsley, Liñán, Akhtar, & Neame, 2018; Sendouw, 2019). No entanto, no caso do desporto, o número de alunos que se tornam empreendedores ao fim de uma licenciatura parece ser ainda muito residual: *“Aquilo que pelo menos os estudantes parecem querer mais é algo fixo, é terem uma segurança quando terminam aqui o curso. É sempre à procura da estabilidade, se é por falta de estímulo, se é por receio, se é pelo conforto, não tenho bem a certeza, mas a verdade é que é raro o estudante que eu vejo que de facto me diz: eu quero abrir o meu espaço, que é criar o meu negócio”* (E7).

Sabe-se que a educação para o empreendedorismo resulta da aprendizagem de uma variedade de competências, sendo importante perceber quais as que devem ser ensinadas com vista a estimular o empreendedorismo desportivo (Wong & Chan, 2021). Posto isto, tentou perceber-se como se caracteriza a atual geração de alunos no que diz respeito a *skills* como a criatividade, inovação, proatividade e propensão ao risco. No entanto, o testemunho não é muito positivo, uma vez que os entrevistados afirmam que o perfil dos estudantes não tem evoluído de forma favorável, caracterizando-os como pouco curiosos, proativos, responsáveis e também pouco criativos: *“... eu não tenho uma visão muito positiva e otimista do perfil dos nossos alunos, eles são conhecidos por muito imaturos... e são sobretudo muito passivos do ponto de vista da proatividade para projetos empreendedores”* (E6).

Uma vez que a educação para o empreendedorismo parece estar positivamente correlacionada com as intenções empreendedoras (Bretones & Radrikan, 2018; Santos et al., 2018; Torres & Garcia, 2017), vários autores têm verificado que a intenção empreendedora e a motivação dos alunos aumenta significativamente após a exposição à educação empreendedora, permitindo que estes se tornem mais criativos, inovadores, proativos e tolerantes ao risco (Otache et al., 2022). No entanto, neste estudo não foram obtidos dados suficientes para suportar esta abordagem, uma vez que essa relação não é de todo controlada: *“Essas experiências relacionadas com a aplicação de competência no mercado laboral são favoráveis e facilitadoras da integração no*

mercado profissional, disso não tenho dúvidas. Nós temos de desafiar, influenciar e formar os nossos estudantes para que o conhecimento seja sempre uma ferramenta para valorização da qualidade de intervenção das organizações e das pessoas, mas eu não tenho dados que comprovem, mas acho que sim, acredito que sim, acredito que consiga trazer skills que depois influenciem...” (E6).

Por outro lado, é necessário ter em conta que os alunos que realizam cursos específicos de empreendedorismo de forma voluntária parecem demonstrar uma perceção positiva do apoio sentido no ambiente académico sobre o desafio ao espírito empreendedor. Contudo, com base no presente estudo, e de acordo com a perceção dos coordenadores das licenciaturas onde estes tipos de iniciativas são desenvolvidos, foi possível apurar que os alunos parecem interessados, mas são muito passivos quanto à sua envolvimento: *“...eles demonstram interesse, mas como nós sabemos há pouca participação...”* (E3); *“Estas ações são sempre de carácter voluntário, não sinto uma grande relação dos alunos com este tipo de eventos, de iniciativas...”* (E5). Pelo que, os docentes tentam de alguma forma apelar à participação dos estudantes nestes tipos de tarefas extracurriculares: *“... nós temos um passaporte para as competências e à medida que eles fazem ações, seja dos serviços de ação social, seja agora por exemplo na semana da empregabilidade acabam por ter uma componente que é o suplemento ao diploma...”* (E1).

Para além disso, as características dos professores também podem ser fundamentais para formar os alunos e prepará-los para o mercado de trabalho e para a vida. Deste modo, o perfil do docente deve assentar no estímulo de competências para a inovação, resolução de problemas complexos, empreendedorismo, colaboração, liderança e conexão com as necessidades da sociedade, para que desta forma proporcionem uma educação de qualidade e conectada com as exigências dos atuais mercados de trabalho (Ramírez-Montoya, Loaiza-Aguirre, Zúñiga-Ojeda, & Portuguez-Castro, 2021). Contudo, do ponto de vista das abordagens de ensino-aprendizagem, tem-se percebido a necessidade de readaptar e repensar os currículos formativos, promovendo mais o empreendedorismo desportivo através de unidades curriculares específicas, atividades extracurriculares e um gabinete dedicado ao empreendedorismo: *“... repensar os currículos é fundamental e criar um corpo de disciplinas que promovam o comportamento para uma perspetiva mais de inovação nas instituições...”* (E16).

No entanto, no presente estudo, essa necessidade ainda não é de todo bem aceite por todos os docentes: *“... há muito pouca sensibilidade para isso e falo também do caso*

dos professores do desporto. Na área do desporto, muitos deles nunca tiveram experiências para lá daquilo que é o contexto universitário...” (E9). A mesma tendência já se tinha verificado em outros estudos (Cualheta & Abbad, 2021; Mei & Symaco, 2022). De acordo com Sofian, Mukhtar, Setiawan e Ramli (2023), ainda se verifica alguma resistência por parte dos docentes no que diz respeito à especialização da educação para o empreendedorismo, numa perspetiva mais prática e inovadora: “...diria que o grande aspeto aqui na nossa licenciatura foi atrair docentes qualificados para dentro das instituições, ou seja, trazer os diplomados das diferentes áreas para as lições. Alguém que tenha um registo muito próximo do que é a criação de uma empresa, não só a teoria. Habitualmente era um professor que tirou o seu doutoramento e depois passa a ensinar gestão, ou projetos e eventos, mas nunca fez nenhum projeto, nunca teve na comunidade, não tem, nunca teve um registo empresarial do quer que seja... procurou-se trazer outros que são novos, mas que têm outra experiência no mercado de trabalho porque não é só teoria...” (E1).

Por outro lado, a literatura tem apontado para a importância de os alunos, particularmente as mulheres, no decorrer da sua formação académica experiencarem o contacto com histórias reais e de sucesso de mulheres empreendedoras. Essa abordagem aponta para uma influência positiva no aumento da intenção empreendedora (Almobaireek & Manolova, 2013; Bretones & Radrikan, 2018; Gutiérrez et al., 2018; Liñán, 2008; Ndofirepi et al., 2018; Torres & Garcia, 2017; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015). Os alunos que tenham experiência prática, para além da formação teórica são, por norma, mais preparados para seguir carreiras empreendedoras, devendo assim ser incentivados a participar em estágios curriculares (Sofian et al., 2023). De facto, essa é uma questão que tem sido muito debatida, tornando-se fulcral para que os alunos possam ter uma maior preparação para o mundo do trabalho: “Defendo que deve ser mais prático. Eu acho que a gestão do desporto e empreendedorismo estão totalmente ligados... tem de dar competências aos alunos para fazer muito mais. Não pode ser apenas teoria, power points...” (E9).

Tal como afirmava Mei e Symaco (2022), a ausência de uma cultura empreendedora pode dificultar a relação entre a formação e a prática do empreendedorismo. De acordo com os dados obtidos o método de ensino português e a cultura empreendedora em Portugal ficam muito aquém: “Sem dúvida, o problema é que é preciso que os professores estejam sensíveis também a isso. Esse é que é o grande problema. Se os professores não tiverem sensibilidade não é possível estimular estudantes... estímulo para o empreendedorismo é muito tarde, fazer-se só no ensino superior, enquanto há

outros países que logo no primeiro ciclo básico procuram através de um conjunto de estratégias, de um conjunto de programas... uma promoção do espírito empreendedor...” (E9).

No que diz respeito ao empreendedorismo feminino, de acordo com os participantes do estudo é curioso considerarem que apesar de as raparigas serem mais empenhadas e responsáveis, ainda assim, os rapazes têm uma maior tendência para iniciar negócios, demonstrando ter mais confiança e interesse (Ndofirepi et al., 2018; Vlad et al., 2020; Zarate-Hoyos & Larios-Meono, 2015). O mesmo se verifica no presente estudo: “... o género feminino é mais dedicado e empenhado nos estudos e participa mais nos eventos também extracurriculares...” (E3). No entanto, a questão não é apenas o interesse pelo empreendedorismo, há uma série de barreiras para a carreira empreendedora, que normalmente quando se trata do género feminino são ainda mais difíceis de ultrapassar (da Costa & Miragaia, 2022): “As raparigas são muito mais responsáveis e conscientes do ponto de vista social, estão muito mais preocupadas, são mais certinhas, mais estudiosas, os rapazes são mais passivos... As raparigas são mais planeadas, são um pouco mais racionais, também no ensino superior ... elas ... são um bocadinho passivas do ponto de vista da tomada de iniciativa, relativamente aos rapazes. Gostava de ver as raparigas a tomar mais iniciativa, mas eu penso que talvez seja alguma vergonha, ou alguma timidez também por estarem bastante em minorias...” (E6).

Foi ainda possível apurar que as próprias Instituições de Ensino Superior não promovem ações específicas para estimular o empreendedorismo feminino: “Olhe por acaso não... nunca pensei nisso e realmente é um facto...” (E8); “Nunca pensamos nisso. Porque nunca houve a necessidade...” (E1). Apesar dos baixos números de empreendedorismo feminino na indústria do desporto, pouco tem sido feito para empoderar mais mulheres, sendo que as próprias Instituições de Ensino Superior, na generalidade não demonstram essa preocupação.

Além disso, a articulação entre os diversos *stakeholders*, isto é, as Instituições de Ensino Superior e as orientações e estratégias governamentais, nem sempre estão em sintonia, o que pode condicionar de certa forma, a iniciativa empreendedora (Eesley & Lee, 2021). O mesmo se verifica no presente estudo, uma vez que parece existir alguma falta de uniformidade dos programas educativos nas diversas Instituições de Ensino Superior, com o governo e as entidades externas: “Acho que há aqui um aproveitamento das instituições em função daquilo que o governo disponibiliza. Se é

suficiente ou não? Não sei...” (E1); “Devia existir uma maior articulação entre os estabelecimentos de ensino superior com entidades externas. No fundo mostrar que aquilo que fazemos nas faculdades pode ser verdadeiramente útil, não podemos manter o nosso meio universitário tão fechado...” (E2).

Deste modo, é de notar que as Instituições de Ensino Superior têm vindo a demonstrar uma preocupação com a educação para o empreendedorismo, ainda que de forma pontual e aleatória. Face ao exposto, os sinais apontam para necessidade de otimizar a relação entre a educação e a intenção empreendedora, uma vez que os resultados que podem advir dessa relação poderão beneficiar a cultura empreendedora de um determinado país (Ahmad & Buchanan, 2015; Boldureanu et al., 2020; da Costa & Miragaia, 2022; da Costa et al., 2023).

6. Implicações Práticas e Recomendações

De facto, várias têm sido as ações estratégicas implementadas no sentido de promover o empreendedorismo desportivo e desenvolver competências/habilidades para intervir neste âmbito, no entanto, parece não ser suficiente. Deste modo, a criação de um centro de empreendedorismo inserido nas Instituições de Ensino Superior, que auxilie na preparação de projetos específicos de empreendedorismo desportivo, que proporcione seminários e faça mentoria aos estudantes, ainda que em regime extracurricular, pode gerar um impacto muito positivo no desenvolvimento do empreendedorismo desportivo (Sendouw, 2019).

Senali et al. (2022), sugeriram inclusivamente que a abordagem de uma aprendizagem invertida na educação para o empreendedorismo pode ser uma estratégia interessante. Esta abordagem consiste em converter a aprendizagem convencional, numa aprendizagem mais prática, criando atividades fora da sala de aula, nomeadamente através do fornecimento online de vídeos e livros didáticos. Esta abordagem pode influenciar positivamente o desempenho da aprendizagem, a motivação, o compromisso, a criatividade, e o desenvolvimento de *soft skills* essenciais para a iniciativa empreendedora. Para além disso, o contacto com “*role models*” e/ou empresas de sucesso nos programas educativos, pode estimular a confiança dos alunos na sua capacidade de iniciar um negócio (Ahmad & Buchanan, 2015). Estas abordagens permitirão também melhorar a atitude e compreensão dos estudantes em relação ao empreendedorismo, um maior domínio das suas aptidões a nível técnico e emocional, e

eventualmente um maior encorajamento para a criação do seu próprio negócio (Ahmad & Buchanan, 2015; Bretones & Radrikan, 2018; Ndofirepi et al., 2018; Otache et al., 2022).

Por outro lado, é importante que seja feito um acompanhamento mais detalhado do percurso dos alunos após a sua formação, para que com base nesses dados se possa intervir de forma mais eficaz. Deste modo, é fundamental monitorizar o impacto dos programas implementados com vista a estimular o empreendedorismo desportivo, para que desta forma se possa readaptar e repensar os currículos formativos, através de diferentes ações estratégicas como a inclusão de unidades curriculares específicas. Por outro lado, é de salientar que atualmente alguns governos já tornaram o ensino do empreendedorismo uma prioridade, procurando garantir que os programas curriculares tenham uma abordagem interdisciplinar (Jardim et al., 2021; Renart Vicens et al., 2022).

Face ao exposto, este estudo tem contribuições práticas e políticas que poderão ser muito úteis para as Instituições de Ensino Superior com formação específica na área do desporto, bem como para o governo, entidades externas e também para a sociedade em geral. É necessário um trabalho conjunto dos vários *stakeholders* para que de facto se consiga ter uma cultura mais empreendedora, particularmente no que diz respeito ao aumento dos níveis de empreendedorismo desportivo em geral e de empreendedorismo feminino em particular.

7. Conclusões, limitações e futuras linhas de investigação

Este estudo teve como objetivo analisar as linhas de ação implementadas pelas Instituições de Ensino Superior com oferta formativa na área do desporto, para promover o empreendedorismo desportivo, particularmente no âmbito do empreendedorismo feminino.

Foi possível concluir que ainda são muitas as Instituições de Ensino Superior com cursos nas áreas do desporto que não têm uma preocupação evidenciada sobre a abordagem do empreendedorismo, sendo que muitas vezes não dispõem de ações estratégicas para promover a iniciativa empreendedora nos seus departamentos e cursos de desporto, e quando o fazem é de forma esporádica. Além disso, ao nível das Instituições de Ensino Superior, só em alguns casos se verificou a existência de um

gabinete de empreendedorismo com o objetivo de apoiar os estudantes a implementar projetos inovadores, ainda que na sua maioria, não sejam direcionados especificamente para o empreendedorismo desportivo.

Pode também concluir-se que na maior parte dos casos, não há por parte das Instituições de Ensino Superior, um controlo sobre o impacto das ações estratégicas de promoção ao empreendedorismo implementadas, naquela que poderá ser, ou não, a intenção empreendedora dos estudantes que fazem parte dos cursos de desporto, em particular do género feminino. A ausência dessa monitorização não permite a definição de linhas de ação específicas e mais eficazes, pelo que é importante que essa avaliação seja feita de forma longitudinal.

No que diz respeito ao método de ensino, foi possível confirmar que os docentes percebem a importância de reestruturar os planos curriculares, bem como a forma como expõem os conteúdos e promovem o empreendedorismo, no entanto ainda oferecem alguma resistência à mudança. A educação através da exposição de conteúdos teóricos ainda é bastante frequente, no entanto, foi possível entender que o ensino numa vertente mais prática, criativa e inovadora poderá ser benéfico do ponto de vista empreendedor, em particular para o empreendedorismo feminino.

De acordo com os coordenadores dos cursos de desporto, relativamente ao empreendedorismo feminino, concluiu-se que as estudantes do género feminino não tomam tanta iniciativa do ponto de vista da atitude empreendedora, enquanto que os estudantes do género masculino são mais ativos, mais confiantes e mais propensos ao risco que a carreira empreendedora acarreta.

Por último, do ponto de vista governamental, foi possível concluir que seria desejável uma melhor articulação entre as Instituições de Ensino Superior e as orientações estratégicas impostas pelo governo.

Face ao exposto, pode ser apontado como uma limitação deste estudo o facto de o estudo não envolver a totalidade dos representantes dos cursos da área do desporto a nível nacional, pelo que se sugere que em futuros trabalhos de investigação seja feito um reforço de mais participantes. Além disso, foram analisados os vários cursos da área do desporto, não havendo discriminação sobre aqueles que são focados na gestão do desporto e empreendedorismo desportivo, pelo que no futuro se sugere uma análise sobre a intenção empreendedora em função da área disciplinar. Sugere-se ainda que

em futuros trabalhos de investigação se faça uma análise do comportamento dos alunos a nível profissional, com vista a identificar o impacto da sua formação na concretização de iniciativas empreendedoras, com especial atenção para o género feminino.

8. Referências Bibliográficas

- Acet, M., Serdar Yücel, A., Kalkavan, A., & Yilmaz, N. (2014). A field study aiming to determine entrepreneurial profiles of university students (Examples of Dumlupinar University - İnönü University). *Advances in Environmental Biology*, 8(12), 178-188.
- Ahmad, S. Z., & Buchanan, R. F. (2015). Entrepreneurship education in Malaysian universities. *Tertiary Education and Management*, 21(4), 349-366. doi:10.1080/13583883.2015.1106577
- Almobaireek, W. N., & Manolova, T. S. (2013). Entrepreneurial motivations among female university youth in Saudi Arabia. *Journal of Business Economics and Management*, 14(1), S56-S75. doi:10.3846/16111699.2012.711364
- Association, W. M. (2013). World Medical Association Declaration of Helsinki: Ethical Principles for Medical Research Involving Human Subjects. *JAMA*, 310(20), 2191-2194. doi:10.1001/jama.2013.281053
- Bjarsholm, D. (2017). Sport and Social Entrepreneurship: A Review of a Concept in Progress. *Journal of Sport Management*, 31(2), 191-206. doi:10.1123/jsm.2017-0007
- Boldureanu, G., Ionescu, A. M., Bercu, A.-M., Bedrule-Grigoruță, M. V., & Boldureanu, D. (2020). Entrepreneurship education through successful entrepreneurial models in higher education institutions. *Sustainability*, 12(3), 1267. doi:10.3390/su12031267
- Bretones, F. D., & Radrihan, M. (2018). Attitudes to entrepreneurship: The case of Chilean and Spanish university students. *Ciriec-Espana Revista De Economia Publica Social Y Cooperativa*, 94, 11-30. doi:10.7203/ciriec-e.94.12668
- Corbin, J., & Strauss, A. (2015). *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. 1942: Sage Publications.
- Cualheta, L. P., & Abbad, G. d. S. (2021). What does entrepreneurship education look like in Brazil? An analysis of undergraduate teaching plans. *Education + Training*, 63(7/8), 1043-1057. doi:10.1108/ET-05-2020-0106

- da Costa, C. D. M., & Miragaia, D. A. M. (2022). A systematic review of women's entrepreneurship in the sports industry: has anything changed? *Gender in Management: An International Journal*, 37(8). doi:10.1108/GM-04-2021-0101
- da Costa, C. D. M., Miragaia, D. A. M., & Veiga, P. M. (2023). Entrepreneurial intention of sports students in the higher education context - Can gender make a difference? *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 32, 100433. doi:10.1016/j.jhlste.2023.100433
- Din, B. H., Anuar, A. R., & Usman, M. (2016). Does the entrepreneurship education matters in enhancing entrepreneurial skill among students in Malaysian public universities? *International Review of management and Marketing*, 6(7), 107-111.
- Dutta, D. K., Li, J., & Merenda, M. (2011). Fostering entrepreneurship: impact of specialization and diversity in education. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(2), 163-179. doi:10.1007/s11365-010-0151-2
- Eesley, C. E., & Lee, Y. S. (2021). Do university entrepreneurship programs promote entrepreneurship? *Strategic Management Journal*, 42(4), 833-861. doi:10.1002/smj.3246
- Gavurova, B., Belas, J., Kotaskova, A., & Cepel, M. (2018). Management of education concepts in the field of entrepreneurship of university students in the Czech Republic. *Polish Journal of Management Studies*, 17(2), 52-62. doi:10.17512/pjms.2018.17.2.05
- GEM. (2022). *Global Entrepreneurship Monitor 2021/2022 Global Report: Opportunity Amid Disruption*. Retrieved from <https://www.gemconsortium.org/file/open?fileId=50900>
- Gioia, D. A., Corley, K. G., & Hamilton, A. L. (2013). Seeking Qualitative Rigor in Inductive Research: Notes on the Gioia Methodology. *Organizational Research Methods*, 16(1), 15-31. doi:10.1177/1094428112452151
- Gutiérrez, P. I. R., Pérez, M. d. P. P., & Galicia, P. E. A. (2018). University entrepreneurship: how to trigger entrepreneurial intent of undergraduate students. *Journal of Science and Technology Policy Management*. doi:10.1108/JSTPM-04-2018-0037
- Hammerschmidt, J., Kraus, S., & Jones, P. (2022). Sport Entrepreneurship: Definition and Conceptualization. *Journal of Small Business - Canada*, 32(2), 1-10. doi:10.53703/001c.31718
- Harriss, D. J., MacSween, A., & Atkinson, G. (2019). Ethical standards in sport and exercise science research: 2020 update. *International Journal of Sports Medicine*, 40(13), 813-817. doi:10.1055/a-1015-3123

- Hemme, F., Morais, D. G., Bowers, M. T., & Todd, J. S. (2017). Extending sport-based entrepreneurship theory through phenomenological inquiry. *Sport Management Review*, 20(1), 92-104. doi:10.1016/j.smr.2016.07.005
- Hindle, K., Viala, C., Hammerschmidt, J., Kraus, S., Jones, P., & Calabuig, F. (2021). Converting sporting capacity to entrepreneurial capacity: A process perspective. *European Journal of International Management*, 15(2/3), 197-213. doi:10.1504/EJIM.2021.10029617
- Huertas González-Serrano, M., Jones, P., & Llanos-Contrera, O. (2020). An overview of sport entrepreneurship field: a bibliometric analysis of the articles published in the Web of Science. *Sport in Society*, 23(2), 296-314. doi:10.1080/17430437.2019.1607307
- Islam, M. M., Bokhari, A. A. H., & Abalala, T. S. (2018). Perceptions to Start up Business as a Career Choice among Saudi Female Higher Education Students. *Societies*, 8(2). doi:10.3390/soc8020031
- Jardim, J., Bártolo, A., & Pinho, A. (2021). Towards a Global Entrepreneurial Culture: A Systematic Review of the Effectiveness of Entrepreneurship Education Programs. *Education Sciences*, 11(8), 398. doi:10.3390/educsci11080398
- Lara-Bocanegra, A., Bohórquez, M. R., Grimaldi-Puyana, M., Gálvez-Ruiz, P., & García-Fernández, J. (2020). Effects of an entrepreneurship sport workshop on perceived feasibility, perceived desirability and entrepreneurial intentions: a pilot study in sports science students. *Sport in Society*. doi:10.1080/17430437.2020.1829596
- Liñán, F. (2008). Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 4(3), 257-272. doi:10.1007/s11365-008-0093-0
- Mei, W., & Symaco, L. (2022). University-wide entrepreneurship education in China's higher education institutions: issues and challenges. *Studies in Higher Education*, 47(1), 177-193. doi:10.1080/03075079.2020.1735330
- Miragaia, D. A. M., & Soares, J. A. P. (2017). Higher education in sport management: A systematic review of research topics and trends. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 21, 101-116. doi:10.1016/j.jhlste.2017.09.001
- Nabi, G., Walmsley, A., Liñán, F., Akhtar, I., & Neame, C. (2018). Does entrepreneurship education in the first year of higher education develop entrepreneurial intentions? The role of learning and inspiration. *Studies in Higher Education*, 43(3), 452-467. doi:10.1080/03075079.2016.1177716

- Naqvi, S., Matriano, M. T., & Alimi, J. (2022). Student and faculty perceptions on an entrepreneurship course: an exploratory study from Oman. *Journal of Science and Technology Policy Management*. doi:10.1108/JSTPM-08-2021-0128
- Ndofirepi, T. M., Dzansi, D. Y., & Rambe, P. (2018). An Exploratory Study on the Gender-Based Differences in Entrepreneurial Intention and Its Antecedents amongst Students of a South African University of Technology. *Southern African Business Review*, 22(1), 1-28. doi:10.25159/1998-8125/4345
- Oftedal, E. M., Iakovleva, T. A., & Foss, L. (2017). University context matter: An institutional perspective on entrepreneurial intentions of students. *Education+ Training*. doi:10.1108/ET-06-2016-0098
- Otache, I., Edopkolor, J. E., & Kadiri, U. (2022). A serial mediation model of the relationship between entrepreneurial education, orientation, motivation and intentions. *The International Journal of Management Education*, 20(2), 100645. doi:10.1016/j.ijme.2022.100645
- Pellegrini, M. M., Rialti, R., Marzi, G., & Caputo, A. (2020). Sport entrepreneurship: A synthesis of existing literature and future perspectives. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16(3), 795-826. doi:10.1007/s11365-020-00650-5
- Ramírez-Montoya, M. S., Loaiza-Aguirre, M. I., Zúñiga-Ojeda, A., & Portuguese-Castro, M. (2021). Characterization of the Teaching Profile within the Framework of Education 4.0. *Future Internet*, 13(4), 91. doi:10.3390/fi13040091
- Ratten, V. (2011). Sport-based entrepreneurship: towards a new theory of entrepreneurship and sport management. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(1), 57-69. doi:10.1007/s11365-010-0138-z
- Renart Vicens, G., Vall-llosera Casanovas, L., Saurina Canals, C., & Serra, L. (2022). Entrepreneurship analysis in Spanish universities. *Higher Education, Skills and Work-Based Learning*, 12(1), 178-190. doi:10.1108/HESWBL-11-2020-0248
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*: Sage.
- Sá, C., & Holt, C. (2019). Profiles of entrepreneurship students: implications for policy and practice. *Education + Training*, 61(2), 122-135. doi:10.1108/ET-06-2018-0139
- Sá, C., Kretz, A., & Sigurdson, K. (2014). *The State of Entrepreneurship Education in Ontario's Colleges and Universities*.
- Sánchez-Oliver, A. J., Gálvez-Ruiz, P., Grimaldi-Puyana, M., Fernández-Gavira, J., & García-Fernández, J. (2019). New ways of sports entrepreneurship in the university. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 8(1), 5-21. doi:10.1108/JEPP-07-2019-110

- Santos, G., Marques, C. S., & Ferreira, J. J. M. (2018). What are the antecedents of women's entrepreneurial orientation? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 14(4), 807-821. doi:10.1007/s11365-017-0481-4
- Senali, M. G., Iranmanesh, M., Ghobakhloo, M., Gengatharen, D., Tseng, M.-L., & Nilsashi, M. (2022). Flipped classroom in business and entrepreneurship education: A systematic review and future research agenda. *The International Journal of Management Education*, 20(1), 100614. doi:10.1016/j.ijme.2022.100614
- Sendouw, R. H. (2019). Entrepreneurship development program in the higher education in Indonesia. *International Journal of Recent Technology and Engineering*, 8(2S9), 1006-1010. doi:10.35940/ijrte.B1022.0982S919
- Sendouw, R. H., Kairupan, S. B., & Mege, R. A. (2018). Applied entrepreneurship education at University of Manadonorth Sulawesi Indonesia. *International Journal of Engineering & Technology*, 7, 282-285.
- Serrano, M. H. G., Valantine, I., Campos, C. P., Berenguer, S. A., Moreno, F. C., & Hervas, J. J. C. (2016). The influence of gender and academic training in the entrepreneurial intention of physical activity and sport sciences students. *Intangible Capital*, 12(3), 759-788. doi:10.3926/ic.783
- Sofian, F., Mukhtar, D., Setiawan, M., & Ramli, H. (2023). Experience is the Best Teacher: Apprenticeship Based Learning in Entrepreneur Development (pp. 817-826).
- Torres, A. I. Z., & Garcia, A. M. V. (2017). Employment of Young University Students through Entrepreneurship. Paper presented at the Proceedings of the 13th European Conference on Management, Leadership and Governance, London, United Kingdom
- Vlad, I. M., Toma, E., & Gavrutã, A. (2020). Students' attitude on entrepreneurship in higher agricultural engineering education. *Scientific Papers Series-Management, Economic Engineering in Agriculture and Rural Development*, 20(1), 625-632.
- Wong, H. Y. H., & Chan, C. K. Y. (2021). A systematic review on the learning outcomes in entrepreneurship education within higher education settings. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 1-18. doi:10.1080/02602938.2021.2021583
- Yin, R. K. (2009). *Case study research: Design and methods* (Vol. 5): sage.
- Zarate-Hoyos, G. A., & Larios-Meono, F. (2015). The role of universities and other institutions in successful entrepreneurship: Some insights from a literature review. *Propósitos Y Representaciones*, 3(2), 289-317. doi:10.20511/pyr2015.v3n2.82

Capítulo 6. Considerações finais

6.1 Conclusões e principais implicações

Esta tese teve como objetivo global compreender as motivações, barreiras e desafios para o empreendedorismo desportivo, com especial enfoque nas questões do género. Deste modo, analisaram-se as motivações e barreiras que as mulheres encontram do ponto de vista da iniciativa empreendedora. Procurou ainda entender-se a intenção empreendedora dos estudantes de ensino superior após a conclusão da sua formação, bem como perceber de que forma as Instituições de Ensino Superior estão a desenvolver ações estratégicas para estimular o empreendedorismo desportivo, particularmente direcionado para as mulheres.

Neste capítulo serão apresentadas as principais conclusões deste estudo, destacadas as implicações teóricas e práticas para os diversos *stakeholders* envolvidos, bem como mencionadas as futuras linhas de investigação que resultaram da reflexão feita ao longo desta investigação.

Do levantamento do estado da arte, foi possível encontrar diversas lacunas na literatura, bem como identificar que este tópico está agrupado em quatro *clusters* temáticos: Formação & Empreendedorismo; Desporto & Desenvolvimento de Competências Empreendedoras; Barreiras ao Empreendedorismo e Empreendedorismo Social. Foi possível concluir que os estereótipos sociais continuam a ser um grande entrave para as mulheres empreendedoras, pelos costumes e tradições que lhes são socialmente atribuídos. Além disso, também se concluiu que o empreendedorismo social pode ser um caminho estratégico a seguir para a resolução de algumas barreiras sentidas pelas mulheres, nomeadamente pelo desenvolvimento de competências e habilidades que pode proporcionar. Por último, a educação para o empreendedorismo desportivo pode fazer a diferença no estímulo e na intenção empreendedora dos estudantes, em particular das estudantes do género feminino.

Foi também possível concluir que apesar das várias iniciativas que têm vindo a ser realizadas no sentido de promover a igualdade de género, estas ainda não são suficientes. Em pleno século XXI as barreiras enfrentadas pelas mulheres quando pretendem empreender no contexto desportivo ainda são imensas. Neste estudo concluiu-se que essas barreiras podem sistematizar-se em diferentes níveis (macro, meso e micro). A sistematização destas barreiras por diferentes níveis, evidencia de

forma mais objetiva os níveis de complexidade que cada uma delas pode ter na sua resolução. No caso das barreiras de nível macro, provavelmente estas serão as mais difíceis de quebrar, uma vez que modificar costumes e tradições enraizados na sociedade é um processo muito complexo e que poderá demorar anos a acontecer. No caso das barreiras de nível meso, estas estão mais relacionadas com o nível organizacional e pessoal, pelo que poderão ser de resolução mais simples, ainda que as mulheres continuem a verificar que não lhes é dada a devida credibilidade, quer do ponto de vista da sociedade em geral, quer ao nível do contexto das organizações. Conclui-se que a mulher empreendedora ainda não é vista com bons olhos, quando comparada com homens empreendedores. No caso das barreiras de nível micro, conclui-se também que ainda há um longo caminho a percorrer, no entanto, a formação em contexto de ensino superior pode ser uma alavanca estratégica relevante para atenuar estes entraves.

Foi ainda possível concluir que a questão educacional é fulcral e pode fazer a diferença no estímulo para a intenção empreendedora, ajudando assim a quebrar alguns estigmas. As Instituições de Ensino Superior podem ser vistas como um canal condutor para a mudança, uma vez que através dos seus planos de formação têm a possibilidade de desenvolver determinadas competências e quebrar estereótipos existentes na sociedade em geral e no contexto empresarial em particular, nomeadamente sobre as questões de género.

Conclui-se assim que a formação influencia a intenção empreendedora, tendo sido possível perceber que os estudantes da área do desporto têm confiança nas suas habilidades empreendedoras e capacidade de assumir os riscos, mas curiosamente não demonstram interesse em avançar com a criação de um negócio. De um modo global, os estudantes da área do desporto dizem não ter os conhecimentos práticos dos procedimentos a seguir para a criação de um negócio. Relativamente ao género feminino, as estudantes demonstram não ter tanta confiança para empreender, nem para tomar iniciativa do ponto de vista da atitude empreendedora, comparativamente ao género masculino.

Foi ainda possível concluir, que por parte das Instituições de Ensino Superior com oferta formativa na área do desporto, não há uma preocupação muito evidenciada sobre o estímulo ao desenvolvimento do empreendedorismo desportivo, em particular no âmbito do empreendedorismo feminino, e quando o fazem é de forma muito casual. Além disso, foi possível concluir que o próprio método de ensino necessita de uma

reestruturação, uma vez que a educação tradicional através da exposição de conteúdos teóricos ainda é bastante frequente, sugerindo-se que um ensino numa vertente mais prática, criativa e inovadora pode trazer imensos benefícios para a consolidação de competências dos estudantes no mercado de trabalho.

No que diz respeito às implicações práticas, para além da necessidade de mudanças na sociedade em geral, é necessária uma intervenção e um trabalho conjunto de vários *stakeholders*, nomeadamente entre o governo, as Instituições de Ensino Superior e entidades externas (empresários), para que se consiga uma cultura mais empreendedora e com uma maior igualdade de oportunidades de emprego. Este trabalho de cooperação é fundamental para desafiar os estudantes, particularmente as mulheres, a perceber que o mundo empresarial também pode ser um caminho a explorar nas suas carreiras profissionais. Por essa razão, a sistematização das barreiras por diferentes níveis pode ser uma mais-valia no processo de tomada de decisão dos diversos *stakeholders*, permitindo perceber a relação existente entre elas e possibilitando a criação de estratégias de intervenção mais objetivas e imediatas.

Este estudo oferece ainda orientações para a sociedade, para as organizações e para o mercado em geral, na medida em que reforça a necessidade de se desmistificarem os estereótipos existentes de que as mulheres não são capazes de empreender.

Deste modo, também ao nível político, os governos têm uma função fundamental neste trabalho de equilíbrio da equidade de género. Face ao exposto, o governo deve continuar a definir medidas estratégicas para o estímulo e desenvolvimento do empreendedorismo feminino, nomeadamente por via de incentivos financeiros, apoio logístico, legislação reguladora, de modo a incrementar a motivação das mulheres para empreender.

Neste estudo, sugerem-se várias estratégias que poderão ter implicações práticas e políticas nas Instituições de Ensino Superior, sendo crucial desenvolver valências como a autonomia, autoestima e liderança no sentido de empoderar os estudantes e fazê-los perceber que apesar das diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, por vezes equipas mistas podem trazer imensos benefícios. Para além disso, é sugerido readaptar os planos curriculares, reforçando os conteúdos relacionados com o empreendedorismo, adotar práticas pedagógicas mais práticas e próximas ao contexto real do mercado de trabalho, bem como sensibilizar o corpo docente para estas questões.

6.2 Futuras linhas de investigação

No que diz respeito às futuras linhas de investigação, seria interessante continuar a estudar o empreendedorismo desportivo, em particular o empreendedorismo feminino em contextos diferentes, como em outros países, culturas, tradições, sendo que esses aspetos podem fazer toda a diferença no que diz respeito à intenção empreendedora.

Relativamente às barreiras ao empreendedorismo feminino, seria uma mais-valia estudar se elas diferem de acordo com o tipo de empreendedorismo, ou seja, tratando-se de empreendedorismo comercial ou social e além disso se também se verificam diferenças de acordo com o contexto desportivo em que estão inseridas.

Adicionalmente, seria também interessante em futuros estudos, continuar a analisar a perceção dos homens sobre o empreendedorismo feminino no contexto desportivo. Por outro lado, uma vez que a literatura tem indicado que por vezes as mulheres não aceitam de bom grado uma chefia feminina, também seria interessante estudar qual a perceção que as mulheres têm sobre uma chefia do género feminino.

No que diz respeito à educação para o empreendedorismo no ensino superior, seria interessante perceber se a intenção empreendedora é maior nos cursos de desporto focados na componente de gestão desportiva, comparativamente com os restantes cursos de desporto. Além disso, será importante analisar se a fase formativa em que os estudantes se encontram, tem implicações na intenção empreendedora.

Sugere-se ainda que seja feita uma análise do comportamento dos alunos a nível profissional, durante e após a sua formação, para perceber qual o impacto da educação para o empreendedorismo na concretização de iniciativas empreendedoras, com especial atenção para o género feminino.

Seria igualmente relevante, analisar se o facto de se ter ou não empresários na família, tem influência na opção de seguir por uma carreira empreendedora.

Por fim, a literatura indica que a prática desportiva pode contribuir para o desenvolvimento de competências empreendedoras e sociais, pelo que seria interessante aferir se os praticantes de desporto sentem diferença no desenvolvimento de habilidades empreendedoras, comparativamente com aqueles que não praticam desporto regularmente.

7. Referências Bibliográficas Globais

- Acet, M., Serdar Yücel, A., Kalkavan, A., & Yilmaz, N. (2014). A field study aiming to determine entrepreneurial profiles of university students (Examples of Dumlupinar University - İnönü University). *Advances in Environmental Biology*, 8(12), 178-188.
- Adkins, C., Samaras, S., Gilfillan, S., & McWee, W. (2013). The Relationship between Owner Characteristics, Company Size, and the Work-Family Culture and Policies of Women-Owned Businesses. *Journal of Small Business Management*, 51(2), 196-214. doi:10.1111/jsbm.12014
- Agarwal, S. (2018). Why research is needed in women entrepreneurship in India: a viewpoint. *International Journal of Social Economics*, 45(7), 1042-1057. doi:10.1108/IJSE-07-2017-0298
- Agarwal, S., & Agrawal, V. (2018). Motivational and success factors: through the lens of women entrepreneurship. *International Journal of Management and Enterprise Development*, 17(4), 307-328. doi:10.1504/IJMED.2018.10017520
- Ahl, H. (2006). Why Research on Women Entrepreneurs Needs New Directions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(5), 595-621. doi:10.1111/j.1540-6520.2006.00138.x
- Ahl, H., & Marlow, S. (2012). Exploring the dynamics of gender, feminism and entrepreneurship: advancing debate to escape a dead end? *Organization*, 19(5), 543-562. doi:10.1177/1350508412448695
- Ahmad, S. Z., & Buchanan, R. F. (2015). Entrepreneurship education in Malaysian universities. *Tertiary Education and Management*, 21(4), 349-366. doi:10.1080/13583883.2015.1106577
- Akehurst, G., Simarro, E., & Mas-Tur, A. (2012). Women entrepreneurship in small service firms: Motivations, barriers and performance. *Service Industries Journal*, 32(15), 2489-2505. doi:10.1080/02642069.2012.677834
- Al-Ghazali, B. M., Yusoff, R. M., & Sadib, M. A. (2013). Women entrepreneurs in Bahrain: Motivations and barriers. *Jurnal Teknologi (Sciences and Engineering)*, 64(2), 139-143. doi:10.11113/jt.v64.2251
- Alam, S., Fauzi, M., Jani, M., & Omar, N. A. (2011). An Empirical Study of Success Factors of Women Entrepreneurs in Southern Region in Malaysia. *International Journal of Economics and Finance*, 3(2). doi:10.5539/ijef.v3n2p166

- Almobaireek, W. N., & Manolova, T. S. (2013). Entrepreneurial motivations among female university youth in Saudi Arabia. *Journal of Business Economics and Management*, 14, S56-S75. doi:10.3846/16111699.2012.711364
- Alstete, J. W. (2002). On becoming an entrepreneur: An evolving typology. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 8(4), 222-234. doi:10.1108/13552550210436521
- Anggahegari, P., Yudoko, G., Rudito, B., Mulyaningsih, H. D., & Ramadani, V. (2021). Female social entrepreneurship in Indonesia: a critical literature review. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 43(3), 315-331. doi:10.1504/WREMSD.2020.10032334
- Artamonov, D. V., Osipova, E. B., Averyasova, Y. O., Shutova, T. N., & Lubyshev, E. A. (2019). Benefits of kyokushinkai karate for business school students. *Teoriya i Praktika Fizicheskoy Kultury*, 2019(11), 37-39.
- Association, W. M. (2013). World Medical Association Declaration of Helsinki: Ethical Principles for Medical Research Involving Human Subjects. *JAMA*, 310(20), 2191-2194. doi:10.1001/jama.2013.281053
- Barbieri, P. (2003). Social Capital and Self-Employment. *International Sociology*, 18(4), 681-701. doi:10.1177/0268580903184003
- Barroso, C., Carrión, G. C., & Roldán, J. L. (2010). Applying Maximum Likelihood and PLS on Different Sample Sizes: Studies on SERVQUAL Model and Employee Behavior Model. In V. Esposito Vinzi, W. W. Chin, J. Henseler, & H. Wang (Eds.), *Handbook of Partial Least Squares: Concepts, Methods and Applications* (pp. 427-447). Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg.
- Behroozi, M. (2012). Survey on university role in preparation graduated students in to entrepreneurs universities towards a conceptual framework: Iran's Perspective. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 46, 2414-2418. doi:10.1016/j.sbspro.2012.05.495
- Benitez, J., Henseler, J., Castillo, A., & Schuberth, F. (2020). How to perform and report an impactful analysis using partial least squares: Guidelines for confirmatory and explanatory IS research. *Information & Management*, 57(2), 103-168. doi:10.1016/j.im.2019.05.003
- Benz, M. (2009). Entrepreneurship as a non-profit-seeking activity. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 5(1), 23-44. doi:10.1007/s11365-006-0031-y
- Bjarsholm, D. (2017). Sport and Social Entrepreneurship: A Review of a Concept in Progress. *Journal of Sport Management*, 31(2), 191-206. doi:10.1123/jsm.2017-0007

- Blanchard, L., Zhao, B., & Yinger, J. (2008). Do lenders discriminate against minority and woman entrepreneurs? *Journal of Urban Economics*, 63(2), 467-497. doi:10.1016/j.jue.2007.03.001
- Boldureanu, G., Ionescu, A. M., Bercu, A.-M., Bedrule-Grigoruță, M. V., & Boldureanu, D. (2020). Entrepreneurship education through successful entrepreneurial models in higher education institutions. *Sustainability*, 12(3), 1267. doi:10.3390/su12031267
- Bosma, N., & Kelley, D. (2019). *Global Entrepreneurship Monitor - GEM*. Retrieved from <https://www.gemconsortium.org/report/gem-2018-2019-global-report>
- Braun, V., & Clarke, V. (2021). To saturate or not to saturate? Questioning data saturation as a useful concept for thematic analysis and sample-size rationales. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 13(2), 201-216. doi:10.1080/2159676X.2019.1704846
- Braun, V., Clarke, V., Boulton, E., Davey, L., & McEvoy, C. (2021). The online survey as a qualitative research tool. *International journal of social research methodology*, 24(6), 641-654. doi:10.1080/13645579.2020.1805550
- Bretones, F. D., & Radrikan, M. (2018). Attitudes to entrepreneurship: The case of Chilean and Spanish university students. *Ciriec-Espana Revista De Economia Publica Social Y Cooperativa*, 94, 11-30. doi:10.7203/ciriec-e.94.12668
- Brinkley, A., McDermott, H., & Munir, F. (2017). What benefits does team sport hold for the workplace? A systematic review. *Journal of Sports Sciences*, 35(2), 136-148. doi:10.1080/02640414.2016.1158852
- Burton, L. J. (2015). Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research. *Sport Management Review*, 18(2), 155-165. doi:10.1016/j.smr.2014.02.004
- Burton, L. J., & Leberman, S. (2017). An evaluation of current scholarship in sport leadership: Multilevel perspective. In L. J. Burton & S. Leberman (Eds.), *Women in Sport Leadership: Research and practice for change* (pp. 16-32). NY: Routledge.
- Campos-Izquierdo, A., González-Rivera, M., & Taks, M. (2016). Multi-functionality and occupations of sport and physical activity professionals in Spain. *European Sport Management Quarterly*, 16(1), 106-126. doi:10.1080/16184742.2015.1108990
- Canizares, S. M. S., & Garcia, F. J. F. (2013). Women and Entrepreneurship: An Analysis in the Spanish University Context. *Revista De Ciencias Sociales*, 19(1), 140-153.

- Cardella, G. M., Hernández-Sánchez, B. R., & Sánchez-García, J. C. (2021). Entrepreneurship and sport: A strategy for social inclusion and change. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(9). doi:10.3390/ijerph18094720
- Chatterjee, N. (2019). A structural model assessing key factors affecting women's entrepreneurial success. *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies*, 11(1), 122-151. doi:10.1108/JEEE-08-2016-0030
- Chauhan, P. (2021). Gendering COVID-19: Impact of the pandemic on women's burden of unpaid work in India. *Gender Issues*, 38(4), 395-419. doi:10.1007/s12147-020-09269-w
- Constantin, P. N., Stanescu, R., & Stanescu, M. (2020). Social entrepreneurship and sport in Romania: How can former athletes contribute to sustainable social change? *Sustainability (Switzerland)*, 12(11). doi:10.3390/su12114688
- Cooke, F. L., & Xiao, M. (2020). Women entrepreneurship in China: where are we now and where are we heading. *Human Resource Development International*, 24(1), 104-121. doi:10.1080/13678868.2020.1842983
- Corbin, J., & Strauss, A. (2015). Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory. 1942: Sage Publications.
- Cualheta, L. P., & Abbad, G. d. S. (2021). What does entrepreneurship education look like in Brazil? An analysis of undergraduate teaching plans. *Education + Training*, 63(7/8), 1043-1057. doi:10.1108/ET-05-2020-0106
- da Costa, C. D. M., & Miragaia, D. A. M. (2022). A systematic review of women's entrepreneurship in the sports industry: has anything changed? *Gender in Management: An International Journal*, 37(8). doi:10.1108/GM-04-2021-0101
- da Costa, C. D. M., Miragaia, D. A. M., & Veiga, P. M. (2023). Entrepreneurial intention of sports students in the higher education context - Can gender make a difference? *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 32, 100433. doi:10.1016/j.jhlste.2023.100433
- de Bruin, A., Brush, C. G., & Welter, F. (2006). Introduction to the Special Issue: Towards Building Cumulative Knowledge on Women's Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(5), 585-593. doi:10.1111/j.1540-6520.2006.00137.x
- de Bruin, A., Brush, C. G., & Welter, F. (2007). Advancing a Framework for Coherent Research on Women's Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 31(3), 323-339. doi:10.1111/j.1540-6520.2007.00176.x

- Dean, H., Larsen, G., Ford, J., & Akram, M. (2019). Female entrepreneurship and the metanarrative of economic growth: A critical review of underlying assumptions. *International Journal of Management Reviews*, 21(1), 24-49. doi:10.1111/ijmr.12173
- Didymus, F. F. (2017). Olympic and international level sports coaches' experiences of stressors, appraisals, and coping. *Qualitative Research in Sport Exercise and Health*, 9(2), 214-232. doi:10.1080/2159676x.2016.1261364
- Din, B. H., Anuar, A. R., & Usman, M. (2016). Does the entrepreneurship education matters in enhancing entrepreneurial skill among students in Malaysian public universities? *International Review of management and Marketing*, 6(7), 107-111.
- do Paço, A., Ferreira, J. M., Raposo, M., Rodrigues, R. G., & Dinis, A. (2015). Entrepreneurial intentions: is education enough? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(1), 57-75. doi:10.1007/s11365-013-0280-5
- Dutta, D. K., Li, J., & Merenda, M. (2011). Fostering entrepreneurship: impact of specialization and diversity in education. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(2), 163-179. doi:10.1007/s11365-010-0151-2
- Eesley, C. E., & Lee, Y. S. (2021). Do university entrepreneurship programs promote entrepreneurship? *Strategic Management Journal*, 42(4), 833-861. doi:10.1002/smj.3246
- Egawa, J., Hochi, Y., Iwaasa, T., Togashi, E., Inaba, K., & Mizuno, M. (2020) The effects of university students' physical activity experience on communication skills and anxiety. *Vol. 970. AHFE International Conference on Social and Occupational Ergonomics, 2019* (pp. 358-366): Springer Verlag.
- EIGE. (2020). Gender Equality Index 2020 Digitalisation and the future of work.
- Escobar-Pérez, J., & Cuervo-Martínez, A. (2008). Validez de contenido y juicio de expertos: una aproximación a su utilización. *Avances en medición*, 6(1), 27-36.
- Eurostat. (2020). SDGs & me: Gender equality. Retrieved from <https://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-eurostat-news/-/edn-20210918-1>
- Eurostat. (2021). Ganhos brutos por hora das mulheres 14,1% abaixo dos homens Retrieved from <https://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-eurostat-news/-/edn-20210308-2>
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating Structural Equation Models with Unobservable Variables and Measurement Error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50. doi:10.1177/002224378101800104

- Gakhar, D. V., & Bhawna, D. (2020). Risk attitude and financial awareness of inter-collegiate athletes. *International Journal of Advanced Science and Technology*, 29(4 Special Issue), 1098-1106.
- Gavurova, B., Belas, J., Kotaskova, A., & Cepel, M. (2018). Management of education concepts in the field of entrepreneurship of university students in the Czech Republic. *Polish Journal of Management Studies*, 17(2), 52-62. doi:10.17512/pjms.2018.17.2.05
- GEM. (2019). *Estudo de avaliação sobre as dinâmicas empreendedoras de Portugal - Global Entrepreneurship Monitor*. Retrieved from <https://www.gemconsortium.org/file/open?fileId=50925>
- GEM. (2021). Global Entrepreneurship Monitor - Global Report.
- GEM. (2022). Global Entrepreneurship Monitor 2021/2022 Global Report: Opportunity Amid Disruption. Retrieved from <https://www.gemconsortium.org/file/open?fileId=50900>
- Gioia, D. A., Corley, K. G., & Hamilton, A. L. (2013). Seeking Qualitative Rigor in Inductive Research: Notes on the Gioia Methodology. *Organizational Research Methods*, 16(1), 15-31. doi:10.1177/1094428112452151
- González-Serrano, M. H., González-García, R. J., Carvalho, M. J., & Calabuig, F. (2021). Predicting entrepreneurial intentions of sports sciences students: A cross-cultural approach. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 29, 100322. doi:10.1016/j.jhlste.2021.100322
- Gonzalez-Serrano, M. H., González-García, R. J., & Moreno, F. C. (2019). Analysis of the effects of entrepreneurship in sport management. Is gender a conditioning factor? *Materiales Para La Historia Del Deporte*(18), 147-159.
- Gonzalez-Serrano, M. H., González-García, R. J., & Pérez-Campos, C. (2018). Entrepreneurial and intrapreneurial intentions of sports science students: What are their determinant variables? *Journal of Physical Education and Sport*, 18, 1363-1372. doi:10.7752/JPES.2018.S3202
- Greve, A., & Salaff, J. W. (2003). Social Networks and Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 28(1), 1-22. doi:10.1111/1540-8520.00029
- Grimaldi-Puyana, M., Gálvez-Ruiz, P., Sánchez-Oliver, A. J., & Fernández-Gavira, J. (2019). Intentions of entrepreneurship in sports science higher education: gender the moderator effect. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 8(1), 147-162. doi:10.1108/JEPP-03-2019-105
- Gutiérrez, P. I. R., Pérez, M. d. P. P., & Galicia, P. E. A. (2018). University entrepreneurship: how to trigger entrepreneurial intent of undergraduate

- students. *Journal of Science and Technology Policy Management*. doi:10.1108/JSTPM-04-2018-0037
- Hair, J. F., Howard, M. C., & Nitzl, C. (2020). Assessing measurement model quality in PLS-SEM using confirmatory composite analysis. *Journal of Business Research*, 109, 101-110. doi:10.1016/j.jbusres.2019.11.069
- Hair, J. F., Risher, J. J., Sarstedt, M., & Ringle, C. M. (2019). When to use and how to report the results of PLS-SEM. *European business review*, 31(1), 2-24. doi:10.1108/EBR-11-2018-0203
- Hammerschmidt, J., Kraus, S., & Jones, P. (2022). Sport Entrepreneurship: Definition and Conceptualization. *Journal of Small Business - Canada*, 32(2), 1-10. doi:10.53703/001c.31718
- Harriss, D. J., MacSween, A., & Atkinson, G. (2019). Ethical standards in sport and exercise science research: 2020 update. *International Journal of Sports Medicine*, 40(13), 813-817. doi:10.1055/a-1015-3123
- Hayhurst, L. M. C. (2014). The 'Girl Effect' and martial arts: social entrepreneurship and sport, gender and development in Uganda. *Gender, Place and Culture*, 21(3), 297-315. doi:10.1080/0966369X.2013.802674
- Hemme, F., Morais, D. G., Bowers, M. T., & Todd, J. S. (2017). Extending sport-based entrepreneurship theory through phenomenological inquiry. *Sport Management Review*, 20(1), 92-104. doi:10.1016/j.smr.2016.07.005
- Henry, C., Foss, L., & Ahl, H. (2016). Gender and entrepreneurship research: A review of methodological approaches. *International Small Business Journal*, 34(3), 217-241. doi:10.1177/0266242614549779
- Hindle, K., Viala, C., Hammerschmidt, J., Kraus, S., Jones, P., & Calabuig, F. (2021). Converting sporting capacity to entrepreneurial capacity: A process perspective. *European Journal of International Management*, 15(2/3), 197-213. doi:10.1504/EJIM.2021.10029617
- Hindman, L. C., & Walker, N. A. (2020). Sexism in Professional Sports: How Women Managers Experience and Survive Sport Organizational Culture. *Journal of Sport Management*, 34(1), 64-76. doi:10.1123/jsm.2018-0331
- Holt, N. L., Kingsley, B. C., Tink, L. N., & Scherer, J. (2011). Benefits and challenges associated with sport participation by children and parents from low-income families. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(5), 490-499. doi:10.1016/j.psychsport.2011.05.007
- Hu, R., & Ye, Y. (2017). Do entrepreneurial alertness and self-efficacy predict Chinese sports major students' entrepreneurial intention? *Social Behavior and Personality*, 45(7), 1187-1196. doi:10.2224/sbp.6356

- Huertas González-Serrano, M., Jones, P., & Llanos-Contrera, O. (2020). An overview of sport entrepreneurship field: a bibliometric analysis of the articles published in the Web of Science. *Sport in Society*, 23(2), 296-314. doi:10.1080/17430437.2019.1607307
- Hughes, K. D., & Jennings, J. E. (2019). A legacy of attention to embeddedness in gendered institutions. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 12(1), 53-76. doi:10.1108/IJGE-04-2019-0085
- Hums, M. A. (2010). The Conscience and Commerce of Sport Management: One Teacher's Perspective. *Journal of Sport Management*, 24(1), 1-9. doi:10.1123/jsm.24.1.1
- INE. (2022). *Desporto em Números 2022 - Instituto Nacional de Estatística* Retrieved from https://www.ine.pt/ine_novidades/DesportoEmNumeros2022/34/index.html
- Islam, M. M., Bokhari, A. A. H., & Abalala, T. S. (2018). Perceptions to Start up Business as a Career Choice among Saudi Female Higher Education Students. *Societies*, 8(2). doi:10.3390/soc8020031
- Jardim, J., Bártolo, A., & Pinho, A. (2021). Towards a Global Entrepreneurial Culture: A Systematic Review of the Effectiveness of Entrepreneurship Education Programs. *Education Sciences*, 11(8), 398. doi:10.3390/educsci11080398
- Jones, P., & Jones, A. (2014). Attitudes of Sports Development and Sports Management undergraduate students towards entrepreneurship: A university perspective towards best practice. *Education and Training*, 56, 716-732. doi:10.1108/ET-06-2014-0060
- Jones, S. (2011). Girls' secondary education in Uganda: assessing policy within the women's empowerment framework. *Gender and Education*, 23(4), 385-413. doi:10.1080/09540253.2010.499854
- Kauppinen, A., & Escamilla-Fajardo, P. (2020). Sport entrepreneurs' performance in business. *European Sport Management Quarterly*, 24. doi:10.1080/16184742.2020.1846577
- Klarin, A., & Suseno, Y. (2022). An Integrative Literature Review of Social Entrepreneurship Research: Mapping the Literature and Future Research Directions. *Business & Society*, 0(0), 1-47. doi:10.1177/00076503221101611
- Koca, C., & Öztürk, P. (2015). Gendered perceptions about female managers in Turkish sport organizations. *European Sport Management Quarterly*, 15(3). doi:10.1080/16184742.2015.1040046
- Lara-Bocanegra, A., Bohórquez, M. R., Grimaldi-Puyana, M., Gálvez-Ruiz, P., & García-Fernández, J. (2020). Effects of an entrepreneurship sport workshop on

- perceived feasibility, perceived desirability and entrepreneurial intentions: a pilot study in sports science students. *Sport in Society*. doi:10.1080/17430437.2020.1829596
- Lara-Bocanegra, A., García-Fernández, J., Gálvez-Ruiz, P., Grimaldi-Puyana, M., & Bohórquez Gómez-Millán, M. R. (2022). Does background matter? Analysis of the influence of sex, socioeconomic status and the existence of an entrepreneurial family member as a precursor to entrepreneurship in university students of Sport Sciences. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education*, 31. doi:10.1016/j.jhlste.2022.100394
- Lashgarara, F., Roshani, N., & Omidi, M. (2011). Influencing factors on entrepreneurial skills of rural women in Ilam City, Iran. *African journal of business management*, 5(14), 5536-5540. doi:10.5897/AJBM11.623
- Lau, H. H., Hsu, H. Y., Acosta, S., & Hsu, T. L. (2014). Impact of participation in extra-curricular activities during college on graduate employability: an empirical study of graduates of Taiwanese business schools. *Educational Studies*, 40(1), 26-47. doi:10.1080/03055698.2013.830244
- Lenka, U., & Agarwal, S. (2017). Role of women entrepreneurs and NGOs in promoting entrepreneurship: case studies from Uttarakhand, India. *Journal of Asia Business Studies*, 11(4), 451-465. doi:10.1108/jabs-07-2015-0088
- Lim, S., & Envick, B. R. (2013). Gender and entrepreneurial orientation: a multi-country study. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 9(3), 465-482. doi:10.1007/s11365-011-0183-2
- Liñán, F. (2008). Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 4(3), 257-272. doi:10.1007/s11365-008-0093-0
- Liñán, F., & Chen, Y. W. (2009). Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593-617. doi:10.1111/j.1540-6520.2009.00318.x
- Liu, J., Srivastava, A., & Seng Woo, H. (1998). Transference of skills between sports and business. *Journal of European Industrial Training*, 22(3), 93-112. doi:10.1108/03090599810207935
- Lockyer, J., & George, S. (2012). What women want: Barriers to female entrepreneurship in the West Midlands. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 4(2), 179-195. doi:10.1108/17566261211234661
- Marques, C., Ferreira, J. J., Rodrigues, R., & Ferreira, M. (2011). The contribution of yoga to the entrepreneurial potential of university students: A SEM approach.

- International Entrepreneurship and Management Journal*, 7, 255-278.
doi:10.1007/s11365-010-0157-9
- Marques, C., Santos, G., Galvão, A., Mascarenhas, C., & Justino, E. (2018). Entrepreneurship education, gender and family background as antecedents on the entrepreneurial orientation of university students. *International Journal of Innovation Science*, 10, 00-00. doi:10.1108/IJIS-07-2017-0067
- McSweeney, M. J. (2020). Returning the 'social' to social entrepreneurship: Future possibilities of critically exploring sport for development and peace and social entrepreneurship. *International Review for the Sociology of Sport*, 55(1), 3-21. doi:10.1177/1012690218784295
- Megheirkouni, M., Thirlwall, A., & Mejheirkouni, A. (2020). Entrepreneurial leadership in Middle East sport businesses The impact of gender differences in cultural values. *Gender in Management*, 35(2), 167-188. doi:10.1108/gm-01-2019-0006
- Mehtap, S., Pellegrini, M. M., Caputo, A., & Welsh, D. H. B. (2017). Entrepreneurial intentions of young women in the Arab world Socio-cultural and educational barriers. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 23(6), 880-902. doi:10.1108/ijebr-07-2017-0214
- Mei, W., & Symaco, L. (2022). University-wide entrepreneurship education in China's higher education institutions: issues and challenges. *Studies in Higher Education*, 47(1), 177-193. doi:10.1080/03075079.2020.1735330
- Micelotta, E., Washington, M., & Docekalova, I. (2018). Industry Gender Imprinting and New Venture Creation: The Liabilities of Women's Leagues in the Sports Industry. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 42(1), 94-128. doi:10.1177/1042258717732778
- Minniti, M., & Arenius, P. (2003). *Women in Entrepreneurship: The Entrepreneurial Advantage of Nations: First Annual Global Entrepreneurship Symposium : United Nations Headquarters, April 29, 2003*: Verlag nicht ermittelbar.
- Miragaia, D. A. M., Ferreira, J. J. M., & da Costa, C. D. M. (2021). What Are Workers' Perceptions of Women's Organizational Leadership? *Journal of the Knowledge Economy*. doi:10.1007/s13132-021-00857-z
- Miragaia, D. A. M., & Soares, J. A. P. (2017). Higher education in sport management: A systematic review of research topics and trends. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 21, 101-116. doi:10.1016/j.jhlste.2017.09.001
- Modarresi, M., Arasti, Z., Talebi, K., & Farasatkah, M. (2017). Growth barriers of women-owned home-based businesses in Iran: an exploratory study. *Gender in Management*, 32(4), 244-267. doi:10.1108/gm-03-2016-0069

- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS medicine*, 6(7), e1000097. doi:10.1371/journal.pmed.1000097
- Moore, D. P., & Buttner, E. H. (1997). *Women Entrepreneurs: Moving Beyond the Glass Ceiling*: SAGE Publications.
- Moreira, J., Marques, C. S., Braga, A., & Ratten, V. (2019). A systematic review of women's entrepreneurship and internationalization literature. *Thunderbird International Business Review*, 61(4), 635-648. doi:10.1002/tie.22045
- Morrow, S. L. (2005). Quality and trustworthiness in qualitative research in counseling psychology. *Journal of counseling psychology*, 52(2), 250-260. doi:10.1037/0022-0167.52.2.250
- Movahedi, R., & Yaghoubi-Farani, A. (2012). Analysis of the barriers and limitations for the development of rural women's entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 15(4), 469-487. doi:10.1504/IJESB.2012.046476
- Muhumad, A. (2016). Challenges and motivations of women entrepreneurs in somali region of Ethiopia. *Istanbul Journal of Sociological Studies-Sosyoloji Konferanslari*(54), 169-198.
- Munkwitz, E. (2018). Designing Diana: Female Sports Entrepreneurs and Equestrian Innovation. *International Journal of the History of Sport*, 35(7-8), 745-766. doi:10.1080/09523367.2018.1544125
- Nabi, G., Walmsley, A., Liñán, F., Akhtar, I., & Neame, C. (2018). Does entrepreneurship education in the first year of higher education develop entrepreneurial intentions? The role of learning and inspiration. *Studies in Higher Education*, 43(3), 452-467. doi:10.1080/03075079.2016.1177716
- Naqvi, S., Matriano, M. T., & Alimi, J. (2022). Student and faculty perceptions on an entrepreneurship course: an exploratory study from Oman. *Journal of Science and Technology Policy Management*. doi:10.1108/JSTPM-08-2021-0128
- Ndofirepi, T. M., Dzansi, D. Y., & Rambe, P. (2018). An Exploratory Study on the Gender-Based Differences in Entrepreneurial Intention and Its Antecedents amongst Students of a South African University of Technology. *Southern African Business Review*, 22(1). doi:10.25159/1998-8125/4345
- Ndou, V., Mele, G., & Del Vecchio, P. (2019). Entrepreneurship education in tourism: An investigation among European Universities. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 25, 100175. doi:10.1016/j.jhlste.2018.10.003
- Njaramba, J., Chigeza, P., & Whitehouse, H. (2018). Barriers and challenges experienced by migrant african women entrepreneurs in north Queensland,

- Australia. *Entrepreneurship and Sustainability Issues*, 5(4), 1054-1068. doi:10.9770/jesi.2018.5.3(25)
- Oftedal, E. M., Iakovleva, T. A., & Foss, L. (2017). University context matter: An institutional perspective on entrepreneurial intentions of students. *Education+ Training*. doi:10.1108/ET-06-2016-0098
- Orhan, M., & Scott, D. (2001). Why women enter into entrepreneurship: an explanatory model. *Women in Management Review*, 16(5), 232-247. doi:10.1108/09649420110395719
- Osituyo, O. O. (2018). Deliberate ceiling for career progress of female public service employees: A contemporary transformation trend in South Africa. *Journal of International Women's Studies*, 19(3), 172-186.
- Otache, I., Edopkolor, J. E., & Kadiri, U. (2022). A serial mediation model of the relationship between entrepreneurial education, orientation, motivation and intentions. *The International Journal of Management Education*, 20(2), 100645. doi:10.1016/j.ijme.2022.100645
- Pape, M. (2019). Gender Segregation and Trajectories of Organizational Change: The Underrepresentation of Women in Sports Leadership. *Gender & society*, 34(1). doi:10.1177/0891243219867914
- Parris, D. L., Troilo, M. L., Bouchet, A., & Peachey, J. W. (2014). Action sports athletes as entrepreneurs: Female professional wakeboarders, sponsorship, and branding. *Sport Management Review*, 17(4), 530-545. doi:10.1016/j.smr.2013.12.005
- Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em estudo*, 24. doi:10.4025/psicolestud.v24i0.43536
- Patra, B. C., & Lenka, U. (2020). Barriers to entrepreneurial intentions of women: Nominal group technique, analytic hierarchy process, and scientometric approach instigating the necessity of policy intervention. *Journal of Public Affairs*, 22(2), 1-12. doi:10.1002/pa.2429
- Patrisia, D., Abror, A., Doriza, S., & Maulida, E. (2019). *The Entrepreneurial Attitudes of Higher Education Students*.
- Pellegrini, M. M., Rialti, R., Marzi, G., & Caputo, A. (2020). Sport entrepreneurship: A synthesis of existing literature and future perspectives. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16(3), 795-826. doi:10.1007/s11365-020-00650-5
- Peterson, T., & Schenker, K. (2018). Social entrepreneurship in a sport policy context. *Sport in Society*, 21(3), 452-467. doi:10.1080/17430437.2017.1346618

- PORDATA. (2021). Fundação Francisco Manuel dos Santos - Estatísticas sobre Portugal e Europa. Retrieved from [https://www.pordata.pt/Europa/Mulheres+em+quadros+superiores+\(percentagem\)-3564-5124](https://www.pordata.pt/Europa/Mulheres+em+quadros+superiores+(percentagem)-3564-5124)
- Rabbani, M. R., Khan, S., Abey, J., & Rahiman, H. U. (2020). Analysis of critical barriers to women entrepreneurship in bahrain: An exploratory study. *International Journal of Scientific and Technology Research*, 9(3), 4044-4048.
- Ramírez-Montoya, M. S., Loaiza-Aguirre, M. I., Zúñiga-Ojeda, A., & Portuguese-Castro, M. (2021). Characterization of the Teaching Profile within the Framework of Education 4.0. *Future Internet*, 13(4), 91. doi:10.3390/fi13040091
- Ramoglou, S., Gartner, W. B., & Tsang, E. W. K. (2020). “Who is an entrepreneur?” is (still) the wrong question. *Journal of Business Venturing Insights*, 13, e00168. doi:10.1016/j.jbvi.2020.e00168
- Ratten, V. (2010). The future of sports management: A social responsibility, philanthropy and entrepreneurship perspective. *Journal of Management & Organization*, 16(4), 488-494.
- Ratten, V. (2011). Sport-based entrepreneurship: towards a new theory of entrepreneurship and sport management. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(1), 57-69. doi:10.1007/s11365-010-0138-z
- Ratten, V., & Miragaia, D. (2020). Entrepreneurial passion amongst female athletes. *Journal of Small Business and Entrepreneurship*, 32(1), 59-77. doi:10.1080/08276331.2018.1551460
- Rehman, L., & Frisby, W. (2000). Is self-employment liberating or marginalizing? The case of women consultants in the fitness and sport industry. *Journal of Sport Management*, 14(1), 41-62. doi:10.1123/jsm.14.1.41
- Renart Vicens, G., Vall-llosera Casanovas, L., Saurina Canals, C., & Serra, L. (2022). Entrepreneurship analysis in Spanish universities. *Higher Education, Skills and Work-Based Learning*, 12(1), 178-190. doi:10.1108/HESWBL-11-2020-0248
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*: Sage.
- Ringle, C. M., Wende, S., & Becker, J.-M. (2015). SmartPLS 3. *Boenningstedt: SmartPLS GmbH*. Retrieved from <http://www.smartpls.com>
- Rodrigues, R., Marques, C. S., Esteves, D., Brás, R., Santos, G., Gouveia, A., . . . Marques, V. (2019). Physical activity level as a booster of entrepreneurial intention: a social innovation approach. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, 17, 121 - 133. doi:10.1007/s12208-019-00227-1

- Rugina, S. (2019). Female entrepreneurship in the Baltics: formal and informal context. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 11(1), 58-74. doi:10.1108/IJGE-05-2018-0055
- Sá, C., & Holt, C. (2019). Profiles of entrepreneurship students: implications for policy and practice. *Education + Training*, 61(2), 122-135. doi:10.1108/ET-06-2018-0139
- Sá, C., Kretz, A., & Sigurdson, K. (2014). *The State of Entrepreneurship Education in Ontario's Colleges and Universities*.
- Sánchez-Oliver, A. J., Gálvez-Ruiz, P., Grimaldi-Puyana, M., Fernández-Gavira, J., & García-Fernández, J. (2019). New ways of sports entrepreneurship in the university. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 8(1), 5-21. doi:10.1108/JEPP-07-2019-110
- Santos, G., Marques, C. S., & Ferreira, J. J. M. (2018). What are the antecedents of women's entrepreneurial orientation? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 14(4), 807-821. doi:10.1007/s11365-017-0481-4
- Sarstedt, M., Hair, J. F., Cheah, J.-H., Becker, J.-M., & Ringle, C. M. (2019). How to specify, estimate, and validate higher-order constructs in PLS-SEM. *Australasian Marketing Journal (AMJ)*, 27(3), 197-211. doi:10.1016/j.ausmj.2019.05.003
- Sauder, M. H., Mudrick, M., & DeLuca, J. R. (2018). Perceived barriers and sources of support for undergraduate female students' persistence in the sport management major. *Sport Management Education Journal*, 12(2), 69-79. doi:10.1123/smej.2017-0025
- Schell, L. A. B., & Rodriguez, S. (2000). Our Sporting Sisters: How Male Hegemony Stratifies Women in Sport. 9(1), 15. doi:10.1123/wspaj.9.1.15
- Senali, M. G., Iranmanesh, M., Ghobakhloo, M., Gengatharen, D., Tseng, M.-L., & Nilsashi, M. (2022). Flipped classroom in business and entrepreneurship education: A systematic review and future research agenda. *The International Journal of Management Education*, 20(1), 100614. doi:10.1016/j.ijme.2022.100614
- Sendouw, R. H. (2019). Entrepreneurship development program in the higher education in Indonesia. *International Journal of Recent Technology and Engineering*, 8(2S9), 1006-1010. doi:10.35940/ijrte.B1022.0982S919
- Sendouw, R. H., Kairupan, S. B., & Mege, R. A. (2018). Applied entrepreneurship education at University of Manadonorth Sulawesi Indonesia. *International Journal of Engineering & Technology*, 7, 282-285.

- Serrano, M. H. G., Valantine, I., Campos, C. P., Berenguer, S. A., Moreno, F. C., & Hervas, J. J. C. (2016). The influence of gender and academic training in the entrepreneurial intention of physical activity and sport sciences students. *Intangible Capital*, 12(3), 759-788. doi:10.3926/ic.783
- Shakeel, M., Li, Y. K., & Gohar, A. (2020). Identifying the Entrepreneurial Success Factors and the Performance of Women-Owned Businesses in Pakistan: The Moderating Role of National Culture. *SAGE Open*, 10(2), 1-17. doi:10.1177/2158244020919520
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. *The Academy of Management Review*, 25(1), 217-226. doi:10.2307/259271
- Shastri, S. (2019). Motivations and challenges of women entrepreneurs. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 39(5/6), 338-355. doi:10.1108/IJSSP-09-2018-0146
- Singh, R. (2012). Women entrepreneurship issues, challenges and empowerment through self help groups: An overview of himachalparadesh. *International Journal of Democratic and Development Studies.*, 1(1), 45-58. doi:RCMSS/IJDDS/12004
- Smith, B., & Caddick, N. (2012). Qualitative methods in sport: A concise overview for guiding social scientific sport research. *Asia Pacific journal of sport and social science*, 1(1), 60-73. doi:10.1080/21640599.2012.701373
- Sofian, F., Mukhtar, D., Setiawan, M., & Ramli, H. (2023). Experience is the Best Teacher: Apprenticeship Based Learning in Entrepreneur Development (pp. 817-826).
- Stead, V. (2017). Belonging and women entrepreneurs: Women's navigation of gendered assumptions in entrepreneurial practice. *International Small Business Journal*, 35(1), 61-77. doi:10.1177/0266242615594413
- Steinbrink, K. M., Berger, E. S. C., & Kuckertz, A. (2020). Top athletes' psychological characteristics and their potential for entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16(3), 859-878. doi:10.1007/s11365-019-00612-6
- Swanson, J. L., Daniels, K. K., & Tokar, D. M. (1996). Assessing Perceptions of Career-Related Barriers: The Career Barriers Inventory. *Journal of Career Assessment*, 4(2), 219-244. doi:10.1177/106907279600400207
- Swanson, J. L., & Tokar, D. M. (1991). Development and initial validation of the Career Barriers Inventory. *Journal of Vocational Behavior*, 39(3), 344-361. doi:10.1016/0001-8791(91)90043-L

- Tanusia, A., Marthandan, G., & Subramaniam, I. D. (2016). Economic empowerment of malaysian women through entrepreneurship: Barriers and enablers. *Asian Social Science*, 12(6), 81-94. doi:10.5539/ass.v12n6p81
- Torres, A. I. Z., & Garcia, A. M. V. (2017). *Employment of Young University Students through Entrepreneurship*. Paper presented at the Proceedings of the 13th European Conference on Management, Leadership and Governance, London, United Kingdom
- Tripathi, K. A., & Singh, S. (2018). Analysis of barriers to women entrepreneurship through ISM and MICMAC: A case of Indian MSMEs. *Journal of Enterprising Communities-People and Places in the Global Economy*, 12(3), 346-373. doi:10.1108/jec-12-2017-0101
- Turkmen, M. (2015). The effect of women entrepreneur problems on self-entrepreneurship characteristics. *Anthropologist*, 20(3), 643-650. doi:10.1080/09720073.2015.11891768
- Ullah, H., & Skelton, C. (2016). Social reproduction of gender hierarchies in sports through schooling in Khyber Pakhtunkhwa. *Asia Pacific Journal of Education*, 36(1), 131-144. doi:10.1080/02188791.2014.924389
- Valero, J. N., Saitgalina, M., & Black, R. A. (2021). Understanding the Nature of Non-Profit Incubators with Other Sector Incubators in the Founding of Social Change Organisations by Social Entrepreneurs. *Journal of Social Entrepreneurship*, 1-20. doi:10.1080/19420676.2021.1977975
- Verduijn, K., & Essers, C. (2013). Questioning dominant entrepreneurship assumptions: the case of female ethnic minority entrepreneurs. *Entrepreneurship & Regional Development*, 25(7-8), 612-630. doi:10.1080/08985626.2013.814718
- Vlad, I. M., Toma, E., & Gavrută, A. (2020). Students' attitude on entrepreneurship in higher agricultural engineering education. *Scientific Papers Series-Management, Economic Engineering in Agriculture and Rural Development*, 20(1), 625-632.
- Waismel-Manor, R., Wasserman, V., & Shamir-Balderman, O. (2021). No Room of her Own: Married Couples' Negotiation of Workspace at Home During COVID-19. *Sex Roles*, 85(11-12), 636-649. doi:10.1007/s11199-021-01246-1
- Wichaisri, S., & Sopadang, A. (2017). Integrating sustainable development, lean, and logistics concepts into a lean sustainable logistics model. *International Journal of Logistics Systems and Management*, 26(1), 85-104. doi:10.1504/IJLSM.2017.080631

- Wong, H. Y. H., & Chan, C. K. Y. (2021). A systematic review on the learning outcomes in entrepreneurship education within higher education settings. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 1-18. doi:10.1080/02602938.2021.2021583
- Wu, J., Li, Y., & Zhang, D. (2019). Identifying women's entrepreneurial barriers and empowering female entrepreneurship worldwide: a fuzzy-set QCA approach. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 15(3), 905-928. doi:10.1007/s11365-019-00570-z
- Yadav, V., & Unni, J. (2016). Women entrepreneurship: research review and future directions. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 6(1), 12. doi:10.1186/s40497-016-0055-x
- Yaghoubi, N. M., & Ahmadi, F. (2010). Factors affecting the women entrepreneurship in industrial section. *European Journal of Social Sciences*, 17(1), 88-95.
- Yin, R. K. (2009). *Case study research: Design and methods* (Vol. 5): sage.
- Zahra, S. A., Gedajlovic, E., Neubaum, D. O., & Shulman, J. M. (2009). A typology of social entrepreneurs: Motives, search processes and ethical challenges. *Journal of Business Venturing*, 24(5), 519-532. doi:10.1016/j.jbusvent.2008.04.007
- Zahra, S. A., Wright, M., & Abdelgawad, S. G. (2014). Contextualization and the advancement of entrepreneurship research. *International Small Business Journal*, 32(5), 479-500. doi:10.1177/0266242613519807
- Zarate-Hoyos, G. A., & Larios-Meono, F. (2015). The role of universities and other institutions in successful entrepreneurship: Some insights from a literature review. *Propósitos Y Representaciones*, 3(2), 289-317. doi:10.20511/pyr2015.v3n2.82

Apêndices

Apêndice 1

Entrevista aplicada no estudo do Capítulo 3

Guião da Entrevista

I) Enquadramento do Estudo:

Este estudo é o sobre empreendedorismo feminino no contexto desportivo. Como sabemos é um tema atual e de extrema relevância, dado que as questões de equidade de género também se verificam a este nível.

No contexto desportivo, a equidade de género tem sido estudada fundamentalmente no âmbito do envolvimento das mulheres em diferentes modalidades, mas no que diz respeito ao empreendedorismo feminino e no contexto desportivo, verifica-se que, a literatura ainda é muito escassa.

Deste modo, o objetivo é o de analisar as barreiras sentidas pelas mulheres empreendedoras no sentido de se continuarem a desenvolver mecanismos que permitam alcançar a equidade de género, particularmente no âmbito das organizações em contexto desportivo.

II) Procedimento:

- Consentimento informado

A entrevista só será feita mediante o consentimento informado de todas as participantes. Informar que os dados são confidenciais e destinam-se exclusivamente para fins de estudos académicos.

- Gravação da entrevista

Dadas as restrições da Pandemia COVID 19, as entrevistas serão feitas em formato online (utilizando a plataforma zoom). Antes de ser iniciada cada uma das entrevistas, foi solicitar a autorização da sua gravação, com vista a garantir um maior rigor no processo de transcrição.

III) Participantes

Esta entrevista destina-se a mulheres empreendedoras no contexto desportivo.

IV) Estrutura da entrevista:

PARTE A – Caracterização da Amostra

PARTE B - Motivação

PARTE C – Barreiras

PARTE A - Caracterização da Amostra

1) Qual a sua idade? ___

2) Habilitações académicas:

Ensino médio ou profissional ___

Licenciatura ___

Mestrado ___

Doutoramento ___

Outro ___ Qual? ___

3) Área de formação:

Desporto ___

Economia, Finanças, Gestão e afins ___

Outra(s) ___ Quais? ___

4) Estado civil:

Solteira ___

Casada ___

Divorciada ___

Viúva ___

União de facto ___

5) Localidade/Concelho:

6) Qual a sua função dentro da empresa/organização?

7) Descreva o tipo de empresa/organização onde exerce as suas funções?

8) O que fazia antes de iniciar o seu negócio (antes de ocupar esta função)?

8.1) Está envolvida neste negócio (nesta função) há quanto tempo?

9) Na sua família, tem empresários? Eles influenciaram a sua tomada de decisão ao nível do empreendedorismo?

10) A pandemia COVID-19 afetou o seu negócio (a sua organização)? Sentiu que o facto de ser mulher trouxe mais desvantagens?

10.1) Trabalhou em regime de teletrabalho?

10.2) Como lidou/lida com a questão do teletrabalho? Estando a trabalhar em casa teve/tem dificuldade em dividir o tempo para o trabalho e para a família?

PARTE B - Motivação

11) Existiu algum evento crítico ou significativo que tenha sido o catalisador para iniciar seu próprio negócio (função/cargo)? O que a motivou para tal?

a) Pressão para empreender:

11.1) Desemprego?

11.2) Insatisfação com o emprego existente?

b) Motivação para conseguir:

11.3) Autorrealização?

11.4) Autonomia?

11.5) Ter um trabalho agradável?

11.6) Adquirir riqueza?

c) Empreendedora por natureza (inata):

11.7) Desenvolver as suas capacidades de negócio (capacidades de empreendedora)?

11.8) Ter independência profissional?

11.9) Trabalhar por conta própria?

11.10) Gostar de assumir riscos?

11.11) Gostar de desafios?

11.12) Contribuir com coisas úteis para a sociedade (ex.: criar emprego, criação de ideias inovadoras para proporcionar bem-estar para a sociedade)?

d) Reconhecimento e herança:

11.13) Ter mais reconhecimento (estatuto social e poder)?

11.14) Ter mais prestígio social?

11.15) Para que os seus filhos possam herdar o seu negócio (cargo)?

11.16) Para conciliar a vida profissional e familiar com mais facilidade. Tendo em conta que possivelmente terá uma maior flexibilidade de horário (desejo de um horário mais flexível)?

e) Ambição econômica e profissional:

11.17) Para obter uma maior fonte de rendimento (necessidade de ganhar mais dinheiro)?

11.18) Para progredir profissionalmente, em vez de trabalhar para outros?

f) Habilidades gerenciais:

11.19) Tinha experiência anterior deste setor?

11.20) Não estava feliz no seu trabalho anterior?

PARTE C – Barreiras

I) Barreiras de Nível Macro

a) Barreiras sociais (socioculturais)

12) Em algum momento, sentiu que a sociedade e a nossa cultura (crenças, normas e valores) foram um entrave na criação do seu negócio (para o cargo que ocupa)?

13) A comunidade onde está inserida (ex.: família, amigos, colegas, vizinhos, conhecidos) fez com que se tenha sentido insegurança ou tenha sentido falta de aceitação pública, para avançar com a criação seu negócio (assumir este cargo)?

14) Considera que existem costumes e tradições, que não são a favor das mulheres empreendedoras no que diz respeito à igualdade de género?

15) Considera que o homem tem papéis sociais dominantes sobre as mulheres, isto é, mantém uma posição dominante na sociedade que leva à subordinação das mulheres? Principalmente no que diz respeito ao empreendedorismo feminino?

16) Considera que ainda existe discriminação de género? Em que sentido? Tem alguma(s) experiência(s) pela(s) quais tenha passado que sejam uma representação dessa opinião?

17) Considera que existe uma descrença/desvalorização das mulheres, no que diz respeito à sua capacidade empreendedora? Fazendo com que, elas sintam menos apoio (ex.: menos incentivos; menos encorajadas, menos valorizadas...) na sociedade para a criação de novos negócios (ocupação de funções de gestão de topo)? Porquê?

18) Considera que as mulheres encontram mais dificuldades do que os homens para criar uma empresa (ocupar funções de gestão de topo)? Porquê?

19) Como lidou e ultrapassou as barreiras na fase inicial do seu negócio?

20) Ao longo da sua carreira, verificaram-se outras barreiras sociais, que não tenham sido faladas?

b) Barreiras burocráticas (legais)

21) Quem a apoiou nesta iniciativa e de que forma? (ex.: governo, ONGs, instituições financeiras, família, vizinhos, amigos; que tipo de apoios foram: apoio financeiro, emocional, logístico, contactos, etc)

22) Considera que existe muita legislação e burocracia para abrir um negócio?

23) Considera que existe um excesso de deveres e obrigações fiscais?

24) A sua empresa tem redução de impostos pelo facto de ser mulher? Em caso afirmativo, considera que esta medida é suficiente? Porquê?

25) Ao longo da sua carreira, verificaram-se outras barreiras burocráticas/legais, que não tenham sido faladas?

II) Barreiras de Nível Meso

a) Barreiras organizacionais (dificuldades com infraestruturas / formação)

26) Considera que os homens têm dificuldade em reconhecer e aceitar a coordenação e comunicação colocada pelas mulheres? Isto faz com que, sinta barreiras ao nível da comunicação e coordenação da sua equipa?

27) Sentiu que estava preparada para atividade a que se dedicou? Ou necessitava de mais informação/formação empresarial? De mais competências?

28) Tinha muita/pouca experiência de trabalho na área, quando decidiu criar o seu empreendimento (iniciar esta função)? Isso refletiu-se na facilidade/dificuldade ao nível da gestão global da empresa/organização (área financeira, recursos humanos, infraestruturas)?

29) Ao longo da sua carreira, verificaram-se outras barreiras organizacionais que não tenham sido faladas?

b) Barreiras financeiras/económicas

30) Como financiou seu empreendimento inicialmente? Foi com as suas próprias poupanças? Ou empréstimo bancário?

31) Teve apoio financeiro de familiares?

32) Sentiu dificuldade em obter financiamento/apoios financeiros? Teve dificuldades para aceder a empréstimos e créditos bancários? Se sim, acha que essa dificuldade tem a ver com o facto de ser mulher? Acha que essa dificuldade é por ser uma pequena empresa?

33) Considera que o rendimento familiar está muito dependente dos homens, tornando-os dominantes?

34) Considera que muitas vezes, as mulheres dependem, financeiramente, do suporte financeiro do marido ou do pai?

35) Conhece alguma situação em que os salários das mulheres eram mais baixos do que os dos homens, para as mesmas funções? Se sim, pode falar um pouco sobre isso?

36) Já passou pela experiência de sentir falta de credibilidade por parte dos fornecedores, por se tratar de uma mulher?

37) Alguma vez sentiu falta de credibilidade por parte dos patrocinadores, por se tratar de uma mulher?

38) Ao longo da sua carreira, verificaram-se outras barreiras financeiras/económicas, que não tenham sido faladas?

III) Barreiras de Nível Micro

a) Barreiras Individuais (pessoais)

39) Considera que o empreendedorismo é uma atividade masculina? Porquê?

40) Acha que são necessárias competências específicas para se ser empreendedora (ex: confiança na sua eficácia, na sua capacidade de tomada de decisão, pensamento inovador, capacidades psicológicas, serem pró-ativas, resilientes, persistentes, lutadoras e sem medo de discriminação quanto ao género etc.)? Quais?

41) Considera que as seguintes competências alguma vez representaram uma barreira à sua iniciativa empreendedora? Barreiras psicológicas (ex.: falta de autoconfiança)?; Falta de capacidade de tomada de decisão?; Falta de capacidade de assumir riscos elevados?; Falta de pensamento inovador?

42) Em algum momento sentiu conflito entre as suas funções de trabalho e as suas funções familiares?

43) Tem conhecimento de alguma organização/associação que possa consultar para solicitar algum tipo de ajuda?

44) Indique o motivo pelo qual continua a ser atualmente proprietária de uma empresa (continua a exercer funções nesta organização)?

45) Após este tempo, o facto de ser uma empreendedora de sucesso, mudou a forma como você se vê? Pode falar um pouco sobre isso?

46) Desde que iniciou o seu negócio em algum momento se sentiu desmotivada? Pode falar um sobre isso?

47) Ao longo da sua carreira, verificaram-se outras barreiras individuais/pessoais, que não tenham sido faladas?

b) Barreiras educacionais (Conhecimento e educação)

48) Sente que as mulheres têm menos acesso à educação, comparativamente com os homens?

49) Considera que as suas responsabilidades familiares a impediram/impedem de investir mais na sua formação? Se respondeu sim à questão anterior, considera que isso faz com que tenha um currículo menos enriquecedor e menos experiência de trabalho?

50) Considera que existe falta de apoio de organizações como ONGs (ex.: ONU; EIGE ; GEM) na disponibilização de formações direcionadas ao empreendedorismo feminino?

51) Qual a sua opinião sobre falta de apoio das mulheres para com outras mulheres?

52) Considera que existe partilha de conhecimento e experiências de mulheres empreendedoras para com outras mulheres? Isso poderia fazer a diferença em termos de incentivo ao empreendedorismo feminino?

53) Caso tenha tido formação no âmbito do empreendedorismo, considera que reuniu as competências necessárias para responder aos desafios que tem de enfrentar diariamente?

54) Ao longo da sua carreira, verificaram-se outras barreiras educacionais, que não tenham sido faladas?

c) Barreiras Microambientais

55) Inicialmente, teve dificuldade em conciliar o seu trabalho/atividade empresarial com a sua vida familiar?

56) Sentiu falta de apoio do cônjuge para iniciar o negócio?

57) Sentiu falta de apoio da família (cônjuge, filhos) na partilha das tarefas familiares/domésticas?

58) Tem filhos?

59) O facto de ter filhos, interfere na gestão da sua carreira? Se sim, de que forma?

60) Quando os filhos ficam doentes, é você que tem de ficar em casa a cuidar deles?

61) Existem outros aspetos familiares que interferem na sua carreira?

62) Dedica a mesma quantidade de tempo para cuidar da família tal como o seu parceiro?

63) Sente que, por ser mulher tem responsabilidades familiares acrescidas?

64) Verificaram-se mais desentendimentos familiares desde que iniciaram o negócio (ocupa essa função)? Se sim, porquê?

65) Sente que vivemos numa sociedade em que ainda é necessário a permissão do homem da casa para participar em atividades de empreendedorismo?

66) Concorda que há ausência de mulheres empreendedoras como modelo para outras mulheres? De que forma isso poderá ser prejudicial?

67) Que recomendações daria a outras mulheres para lidar/ultrapassar com os obstáculos que descreveu? Ao longo da sua carreira, verificaram-se outras barreiras microambientais, que não tenham sido aqui faladas?

Apêndice 2

Questionário aplicado no estudo do Capítulo 4

Guião do Questionário

I) Enquadramento do Estudo:

Este estudo tem como objetivo identificar e analisar a intenção empreendedora dos alunos de 1º ciclo em Desporto de acordo com o género e o impacto que a formação tem sobre a mesma.

II) Procedimento:

- Consentimento informado

O questionário só foi realizado mediante aceitação do consentimento informado de todos os participantes. Informar que os dados são confidenciais e destinam-se exclusivamente para fins de estudos académicos.

- Recolha de dados

O questionário foi disponibilizado em regime online através da aplicação do google forms, em que as respostas foram posteriormente gravadas num ficheiro Microsoft Excel.

III) Participantes

Esta entrevista destina-se aos estudantes do 1º ciclo dos cursos de licenciatura em Desporto.

IV) Estrutura da entrevista:

PARTE A – Caracterização da Amostra

PARTE B – Dimensões do questionário

Parte A – Caracterização da amostra:

1- Idade? _____

2- Género? (Feminino; Masculino)

3 – Qual a instituição onde está a fazer a sua licenciatura? (Universidade da Beira Interior; Universidade de Coimbra; Universidade de Évora; Universidade de Lisboa;

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Universidade do Porto; Universidade da Madeira; Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada; Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes; Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões; Universidade da Maia; Universidade Europeia; Universidade Lusíada; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Universidade Lusófona do Porto; Instituto Politécnico da Guarda; Instituto Politécnico de Beja; Instituto Politécnico de Bragança; Instituto Politécnico de Castelo Branco; Instituto Politécnico de Coimbra; Instituto Politécnico de Leiria; Instituto Politécnico de Portalegre; Instituto Politécnico de Santarém; Instituto Politécnico de Setúbal; Instituto Politécnico de Tomar; Instituto Politécnico de Viana do Castelo; Instituto Politécnico de Viseu; Instituto Politécnico do Cávado e do Ave; Instituto Politécnico do Porto; Universidade do Algarve; Escola Superior de Educação de Fafe; Instituto Politécnico da Maia; Instituto Politécnico de Saúde do Norte – CESPU; Instituto Politécnico Jean Piaget do Norte; Instituto Politécnico Jean Piaget do Sul; Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração; Instituto Superior de Ciências Educativas do Desporto; ISCE – Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo; Outra opção.

3.1- Se selecionou “outra opção” na questão anterior, indique qual a instituição onde está a fazer a sua licenciatura. _____

4- Em que ano da licenciatura se encontra? (1º ano; 2ºano; 3ºano; Outro).

Qual? _____

5- No seu curso tem alguma(s) Unidade Curricular no âmbito da Gestão Desportiva? (1 Unidade Curricular; 2 Unidades Curriculares; 3 ou mais Unidades Curriculares; Nenhuma)

6 – Se respondeu sim à pergunta anterior, indique se já frequentou essa(s) Unidade(s) Curricular(es) (Sim; Não)

7- No seu curso tem alguma Unidade Curricular específica de empreendedorismo? (Sim; Não)

8- Indique o seu nível de concordância com as seguintes afirmações.
(Total desacordo 1 – 5 Total acordo)

8.1- O conhecimento adquirido na minha universidade vai ajudar-me se eu quiser criar o meu próprio negócio.

8.2 Se tivesse a oportunidade, estaria disposto a investir tempo e dinheiro para participar num curso de empreendedorismo?

9- Já estive envolvido(a) em algum negócio/empreendimento? (Sim; Não)

10- Na sua família próxima, existem empresários? Assinale todas as opções aplicáveis. (Mãe; Pai; Irmãos; Avó/Avô; Tios; Outros; Não se aplica)

PARTE B - As próximas questões estão organizadas por diferentes dimensões, no sentido de identificar a intenção empreendedora e as variáveis que a podem influenciar, tais como: controlo de comportamento empreendedor; as atitudes pessoais; normas subjetivas; capacidade de inovação; necessidade de realização; propensão ao risco e por fim, a valorização dada pela sociedade.

INTENÇÃO EMPREENDEDORA

Indique o seu nível de concordância sobre o seu desejo em tornar-se um empreendedor(a)?

(Total desacordo 1 – 5 Total acordo)

11- Estou pronto(a) para fazer qualquer coisa para ser empreendedor(a)

12- O meu objetivo profissional é tornar-me empreendedor(a)

13- Farei todos os esforços para iniciar e administrar a minha própria empresa

14- Estou determinado(a) a criar uma empresa no futuro

15- Já pensei muito seriamente em começar uma empresa

16- Desejo enfrentar novos desafios

17- Desejo proporcionar a criação de empregos para terceiros

18- Pretendo ser o meu próprio patrão (ter independência)

19- Neste período o empreendedorismo é uma preocupação para mim

20- Se alguém me desse 50.000€ de presente para gastar, investia esse valor em uma das seguintes opções?

Um negócio; Casa; Carro; Férias; Bens pessoais; Outro

CONTROLO DE COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR

Indique o seu nível de concordância sobre sua capacidade empreendedora?

(Total desacordo 1 – 5 Total acordo)

- 21- Começar uma empresa e mantê-la em funcionamento seria fácil para mim
- 22- Estou preparado(a) para iniciar uma empresa
- 23- Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa
- 24- Conheço os detalhes práticos necessários para iniciar uma empresa
- 25- Sei como desenvolver um projeto empreendedor
- 26- Se eu tentasse iniciar uma empresa, teria uma alta probabilidade de sucesso
- 27- Acredito que posso criar maneiras de melhorar os produtos/serviços existentes para um novo negócio
- 28- Acredito que posso criar produtos/serviços que satisfaçam necessidades não atendidas dos clientes
- 29- Acredito que posso inspirar aqueles com quem trabalho ao compartilhar minha visão de negócios
- 30- Acredito que posso realizar análises de mercado relacionadas com o início de um novo negócio
- 31- Acredito que consigo identificar oportunidades de financiamento para um novo empreendimento
- 32- Acredito que consigo identificar uma boa equipa de gestão para desenvolver um negócio
- 33- Acredito que posso construir uma equipa para me auxiliar no desenvolvimento de um negócio
- 34- Acredito que posso desenvolver relações comerciais com pessoas chave
- 35- Acredito que sou tolerante a mudanças inesperadas que podem ocorrer na gestão de negócios
- 36- Acredito que sou persistente perante contratempos que possam ocorrer na gestão de negócios
- 37- Acredito que posso trabalhar de forma produtiva, mesmo em situações de pressão
- 38- Tenho confiança na minha capacidade de realização de tarefas/objetivo
- 39- Tenho fraquezas e medos que estão longe de serem resolvidos

ATITUDES PESSOAIS

Indique o seu nível de concordância sobre as suas atitudes pessoais perante o empreendedorismo?

- 40- Ser empreendedor(a) implica mais vantagens do que desvantagens para mim
- 41- A carreira de empreendedor(a) é atraente para mim
- 42- Ser empreendedor(a) me traria uma grande satisfação
- 43- Entre várias opções profissionais, prefiro ser empresário(a)
- 44- Em situações pouco claras, gosto de tomar decisões e assumir a “liderança”

NORMAS SUBJETIVAS

Se decidisse criar uma empresa, as pessoas em seu ambiente próximo aprovariam essa decisão?

45- Sua família próxima

46- Seus amigos

47- Seus colegas

INOVAÇÃO

Indique o seu nível de concordância sobre as seguintes habilidades para a inovação?

48- Gosto de mudar a forma como as coisas são feitas

49- Enquanto os outros não veem nada de anormal no meio envolvente, eu consigo identificar oportunidades de negócios

50- Sou capaz de contornar as dificuldades através de habilidades estratégicas

51- Acredito sempre que há maneiras novas e melhores de fazer as coisas

52- Acho difícil ter ideias novas, loucas ou até malucas

53- Acredito que posso pensar de forma criativa e inovadora nos negócios

NECESSIDADE DE REALIZAÇÃO

Indique o seu nível de concordância com as seguintes necessidades de realização pessoal?

54- Tenho prazer em responder aos desafios, pois a competição faz-me trabalhar mais arduamente

55- Eu não gosto de um trabalho bem pago, se não posso obter dele um sentimento de realização e satisfação

56- Quero ganhar apenas o máximo possível para alcançar um modo de vida confortável

57- Não me importo com o trabalho rotineiro e sem desafios se o salário for bom

58- Quando faço algo, não quero apenas que seja feito, mas feito com excelência

PROPENSÃO AO RISCO

Indique o seu nível de concordância sobre a forma como se posiciona perante o risco?

59- Eu não me importo se o lucro é pequeno, desde que seja seguro e constante

60- Estou disposto(a) a assumir altos riscos para altos retornos

61- Não me importo de trabalhar em condições de incerteza, desde que isso me traga uma probabilidade razoável de ganhos

62- Não tenho medo de investir o meu dinheiro em um empreendimento cujos dividendos eu calculei

63- Estou disposto a correr um risco, apenas se a probabilidade de sucesso for de 60% ou mais

64- Tenho medo de me mudar para um novo empreendimento sobre o qual nada sei

65- A estabilidade no trabalho é extremamente importante para mim

VALORIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Indique o seu nível de concordância sobre os valores que a sociedade atribui ao empreendedorismo?

(Total desacordo 1 – 5 Total acordo)

66- A cultura do meu país é altamente favorável à atividade empreendedora

67- No meu país, o papel do empreendedor na economia é geralmente subvalorizado

68- A maioria das pessoas no meu país considera inaceitável ser um empreendedor

69- No meu país, considera-se que a atividade empresarial vale a pena, apesar dos riscos

70- No meu país, é comum pensar-se que os empresários tiram vantagem dos outros

Apêndice 3

Entrevista aplicada no estudo do Capítulo 5

Guião da Entrevista

I) Enquadramento do Estudo:

Este estudo tem como objetivo identificar e analisar as linhas de ação implementadas pelas Instituições de Ensino Superior com oferta formativa na área do desporto, para promover o empreendedorismo desportivo, particularmente no âmbito do empreendedorismo feminino.

A educação para o empreendedorismo por via das Instituições de Ensino Superior tem vindo a ganhar destaque, uma vez tratar-se de uma abordagem estratégica que pode influenciar positivamente a intenção empreendedora dos jovens estudantes, em particular no género feminino.

II) Procedimento:

- Consentimento informado

A entrevista só será feita mediante o consentimento informado de todas as participantes. Informar que os dados são confidenciais e destinam-se exclusivamente para fins de estudos académicos.

- Gravação da entrevista

Por uma questão de logística, as entrevistas serão feitas em formato online (utilizando a plataforma zoom). Antes de ser iniciada cada uma das entrevistas, foi solicitar a autorização da sua gravação, com vista a garantir um maior rigor no processo de transcrição.

III) Participantes

Esta entrevista destina-se a coordenadores do curso de licenciatura em Desporto.

IV) Estrutura da entrevista:

PARTE A – Estímulo ao empreendedorismo desportivo

PARTE B – Estímulo ao empreendedorismo feminino no contexto desportivo

PARTE C – Impacto da formação na intenção empreendedora dos jovens universitários

PARTE A – Estímulo ao empreendedorismo desportivo

- 1) Quais as saídas profissionais mais recorrentes dos alunos formados por este curso de desporto?
- 2) Considera que o empreendedorismo desportivo poderá ser uma boa alternativa de carreira profissional para os alunos com formação em desporto?
- 3) Qual a sua opinião sobre a importância de estimular os alunos com formação nas áreas do desporto, para o desenvolvimento de iniciativas de empreendedorismo desportivo?
- 4) Existem gabinetes dedicados especificamente ao desenvolvimento do empreendedorismo desportivo? (Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)
- 5) Considera que se vive uma cultura empreendedora? (Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)
- 6) Que variedade e tipologia de ações estratégicas estão a ser desenvolvidas no sentido de promover o empreendedorismo desportivo, com a finalidade de desenvolver competências/habilidades para intervir neste âmbito? (Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)
Exemplo: unidades curriculares específicas (empreendedorismo desportivo ou gestão desportiva), cursos extracurriculares, palestras, formações, workshops, estágios direcionados para o empreendedorismo, contacto direto com modelos empresariais de sucesso (*role models*).
- 6.1) As ações estratégicas apresentadas são aplicadas numa vertente teórica ou numa ótica mais prática?
- 6.2) Quantos alunos frequentam esses programas específicos de empreendedorismo desportivo? (Programas formais (curriculares)? Outros?)
- 6.3) No que diz respeito aos programas de empreendedorismo desportivo, verifica-se uma maior afluência de estudantes do género masculino ou feminino?
- 6.4) Os estudantes participam nestes programas de forma voluntária, ou em regime de carácter obrigatório?
- 6.5) Verificam que o facto de os alunos participarem em programas de empreendedorismo, aumenta as suas intenções empreendedoras?
- 6.6) Qual é a sua perceção sobre a atual geração de alunos de desporto em relação a skills como criatividade, inovação, proatividade, propensão ao risco?
- 6.7) Considera que os alunos do seu curso de desporto estão preparados para iniciar um negócio?

7) Os docentes do seu departamento, responsáveis pela lecionação das unidades curriculares de gestão do desporto/empreendedorismo, têm especialização no âmbito da educação para o empreendedorismo?

PARTE B – Estímulo ao empreendedorismo feminino no contexto desportivo

8) Tendo em conta que as mulheres enfrentam várias barreiras* Considera que a sua instituição de ensino superior /departamento do curso de desporto, estão a trabalhar no sentido de resolver estas questões? Particularmente no âmbito do empreendedorismo desportivo? *ao nível social/cultural; legal, burocráticas e regulamentares; organizacionais; financeiras/económicas; individuais, educacionais e microambientais quando pretendem tomar uma iniciativa empreendedora.

9) Existe alguma medida/ação preparada intencionalmente para promover o empreendedorismo feminino? Particularmente no âmbito do empreendedorismo desportivo?

(Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)

PARTE C – Impacto da formação na intenção empreendedora dos jovens universitários

10) Considera que existe uma articulação entre o estímulo ao empreendedorismo desenvolvido pelas Instituições de Ensino Superior e as orientações estratégicas impostas pelo governo?

11) Como é que estão a medir o impacto dos programas implementados com vista a estimular o empreendedorismo desportivo? (Ao nível da instituição? Ao nível do departamento do curso de desporto?)

12) Que sugestões de melhoria daria às Instituições de Ensino Superior e departamentos de desporto, com vista a estimular o empreendedorismo desportivo?

13) Que sugestões de melhoria daria às Instituições de Ensino Superior e departamentos de desporto, com vista a estimular o empreendedorismo feminino no contexto desportivo?